

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PGLetras

FLÁVIA PEREIRA SERRA

**“EU NÃO DIGO ‘NÃO’ DUAS VEZES NÃO”: USOS E
PERCEPÇÕES AVALIATIVAS SOBRE A DUPLA NEGAÇÃO
NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO**

SÃO LUÍS

2018

FLÁVIA PEREIRA SERRA

**“EU NÃO DIGO ‘NÃO’ DUAS VEZES NÃO”: USOS E PERCEPÇÕES
AVALIATIVAS SOBRE A DUPLA NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS FALADO NO
MARANHÃO**

Dissertação apresentada Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão – PGLetras UFMA para obtenção do título de mestre em Letras.

Área de Concentração: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Orientadora: Profa. Dra. Conceição de Maria de Araujo Ramos

SÃO LUÍS

2018

Serra, Flávia Pereira. "Eu não digo 'não' duas vezes não": usos e percepções avaliativas sobre a dupla negação no português falado no Maranhão / Flávia Pereira Serra. - 2018.
190 f.

Orientador(a): Conceição de Maria de Araujo Ramos.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Crenças e Atitudes Linguísticas. 2. Dupla Negação.
3. Percepção Linguística. 4. Português Maranhense. I. Ramos, Conceição de Maria de Araujo. II. Título.

**“EU NÃO DIGO ‘NÃO’ DUAS VEZES NÃO”: USOS E PERCEPÇÕES
AVALIATIVAS SOBRE A DUPLA NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS FALADO NO
MARANHÃO**

FLÁVIA PEREIRA SERRA

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Conceição de Maria de Araujo Ramos (UFMA)

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Vanderci de Andrade Aguilera (UEL)

Examinador Externo

Prof^a. Dr^a. Cibelle Corrêa Béliche Alves (UFMA)

Examinador Interno

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA)

Membro Suplente

SÃO LUÍS

2018

*A Deus, meu melhor amigo e maior
companheiro durante essa árdua missão.*

AGRADECIMENTOS

Durante esses dois anos, os aprendizados que tive foram muito além dos conhecimentos advindos dos estudos e discussões de textos teóricos. Hoje, posso dizer que concluí uma das etapas mais árduas que já enfrentei e que isso não seria possível sem o apoio e suporte de algumas pessoas, às quais dedico essa dissertação.

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ser/ter sido minha maior companhia durante esses meses; por ter me apoiado, enxugado cada lágrima e por ter me dado ânimo e força para sempre seguir em frente.

A minha família, meus pais e meus irmãos, por todo suporte, compreensão, carinho e amor demonstrados durante toda minha vida. Sou grata a Deus por ter escolhido cada um de vocês para fazer parte da minha história.

Aos amigos de escola, em especial Neylla e Nayara, por serem as irmãs que Deus enviou para cuidar de mim. Obrigada pelas conversas, saídas, conselhos e apoio, que foram fundamentais em mais em mais uma etapa da minha vida.

Aos amigos GPS, em especial Gabriel, por ter me acompanhado durante os momentos finais do mestrado. Obrigada pelas conversas, “brigas” e risadas que foram essenciais para suavizar os dias tensos de escrita e estudo. Agradeço a todos pelas orações, companheirismo e por sempre me acolherem com tanto carinho.

A minha querida orientadora, professora Conceição Ramos, por todas as conversas, reuniões e momentos de orientação que foram essenciais para o bom andamento deste trabalho. Agradeço não só a orientação, como também pelos momentos de aprendizado durante toda minha trajetória no Projeto ALiMA.

A Layane, por ter sido uma verdadeira companheira durante meu mestrado. Reconheço você em cada pedacinho dessa dissertação. Obrigada pela companhia e ajuda durante as entrevistas – etapa que nos proporcionou uma viagem ao quilombo, passeios de pau-de-arara e visitas aos mais diversos bairros de São Luís – e durante as transcrições, nas quais você também teve grande participação. Agradeço à UFMA, ao PGLetras e ao Projeto ALiMA, por terem proporcionado essa parceria entre o Mestrado e a Graduação, que nos permitiu enriquecer não só academicamente, mas nos deu também a oportunidade de estreitar nossa amizade.

A Theciana, por ser uma das minhas maiores incentivadoras durante toda minha trajetória acadêmica. Obrigada pelos conselhos, pelo apoio e por me encorajar a superar os

medos e as barreiras que enfrentei durante esses anos. Encontrei em ti uma amiga/irmã, que às vezes parece me conhece melhor do que eu mesma. Não posso deixar de agradecer também por ter me adotado, junto com o Roger, durante os dias que passei em São Carlos. Vocês foram ótimos pais postíços.

Aos queridos Daniel, Neylla, Luana, e em especial, Mylena, que, juntamente com Layane, ajudaram a transcrever as entrevistas realizadas para esta pesquisa.

A Lindionora, Darlene e toda família de Jamary dos Pretos, por terem recebido a mim e a Layane com tanto carinho, nos ajudando em tudo que precisamos durante nossos dias no quilombo.

Ao Celso Vasconcelos e sua esposa, que, mesmo sem nos conhecer, nos levaram a Turiaçu e nos abrigaram em sua casa. Agradeço o carinho e a preocupação de pais que tiveram conosco durante a viagem.

Aos informantes desta pesquisa, que separaram um tempo para conversar conosco e para colaborar com o trabalho realizado aqui. Vocês foram de fundamental importância.

Ao professor Tácito Borralho e sua aluna, por terem se disponibilizado a participar das gravações dos áudios utilizados em um de nossos testes.

Ao professor Luís, pela ajuda, apoio e incentivo, principalmente nos períodos iniciais do mestrado.

Ao professor Mendes e os demais amigos/colegas do projeto ALiMA, em especial Amanda, Eric e Gabriel, que me fizeram companhia e me proporcionaram boas risadas em nossas tardes no Projeto.

A todos que se fizeram presentes em minha vida, mesmo que indiretamente, e que contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

**“EU NÃO DIGO ‘NÃO’ DUAS VEZES NÃO”: USOS E PERCEPÇÕES
AVALIATIVAS SOBRE A DUPLA NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS FALADO NO
MARANHÃO**

A negação, um universal linguístico, tem sido foco de muitos estudos, tendo em vista que as línguas naturais a representam de diferentes formas. O Português Brasileiro (PB) se destaca como a única língua românica a apresentar três estruturas negativas, a saber: a negação pré-verbal (NÃO + sintagma verbal), a dupla negação (NÃO + sintagma verbal + NÃO) e a negação pós-verbal (sintagma verbal + NÃO). O presente trabalho, de orientação Sociolinguística, tem por objetivo investigar as crenças e atitudes acerca da dupla negação que reverberam no imaginário de falantes maranhenses, relacionando-as com o uso real da estrutura no português falado no Maranhão, em especial nas localidades investigadas, a saber São Luís e Jamary dos Pretos. Estas foram escolhidas a fim de observarmos se há diferença entre a realidade urbana e rural quanto à realização da estrutura e das crenças a respeito desta. Um teste de atitudes aplicado por Roncarati (1996) mostrou que essa estrutura negativa, assim como a negação pós-verbal, foi identificada por falantes cearenses como um caso de *nordestinismo*, e com características discursivo-pragmáticas específicas. Com base nesses resultados e em outros estudos a respeito da estrutura, buscamos observar: (i) a influência de aspectos sociais e discursivos que condicionam a expressão da dupla negação nas localidades investigadas; (ii) quais crenças a respeito do uso da dupla negação os falantes maranhenses apresentam; (iii) se as atitudes refletidas por essas crenças são mais de natureza negativa ou positiva. Como aporte teórico para o exame dessas questões, baseamo-nos nos estudos de Labov (1966, 1972), Tarallo (1983, 1997), no que concerne à Sociolinguística; de Lambert & Lambert (1968), Moreno Fernández ([1998] 2009), López Morales ([1989] 2004), Botassini (2015), no que diz respeito a percepções e atitudes linguísticas; e nos trabalhos de Schwegler (1991), Roncarati (1996), Furtado da Cunha (2001), Schwenter (2005), para questões acerca do fenômeno no PB. Para constituição da amostra, aplicamos Testes Produção e Percepção e um Roteiro de Discurso Semidirigido a falantes naturais da capital do Estado, São Luís, e de Jamary dos Pretos, uma das maiores e mais antigas comunidades quilombolas do Maranhão, de níveis de escolaridade diferentes – nível fundamental e nível superior – e de duas faixas etárias – 20 a 40 anos e 55 ou mais. O *corpus* da pesquisa é constituído por dados de fala de 24 informantes, sendo 16 naturais de São Luís e oito, de Jamary dos Pretos. A análise dos dados apontou que a dupla negação é a segunda estrutura negativa mais recorrente nas duas localidades investigadas – em São Luís, foram computadas 19% das realizações e, em Jamary, 13% –, proferidas por 19 – 12 de São Luís e sete de Jamary – dos 24 informantes selecionados para a pesquisa. Durante o Teste de

Produção, a dupla negação foi realizada por 16 informantes, apesar de a maioria destes considerar seu uso inadequado, e, durante o Teste de Percepção, foi escolhida 108 vezes como a mais adequada nas situações-estímulo (SE) apresentadas. Por meio da aplicação desse teste, foi possível identificar 36 crenças a respeito do uso da dupla negação no PB, sendo 10 de natureza estrutural, nove contextuais/discursivas e 17 de natureza social. Dessas 36 crenças, 24 evidenciaram atitudes negativas dos falantes. Por meio desta pesquisa, concluímos que, apesar de a maioria dos informantes ser usuária da estrutura e alguns deles nem se reconhecerem como tal, a dupla negação é, ainda assim, caracterizada de forma majoritariamente negativa pelos falantes, sendo considerada como erro gramatical, característica do falar interiorano, caipira.

Palavras-Chave: Percepção Linguística. Crenças e Atitudes Linguísticas. Dupla negação. Português Maranhense.

"EU NÃO DIGO 'NÃO' DUAS VEZES NÃO" (I DO NOT SAY 'NO' TWO TIMES IN A SENTENCE (NOT))": USES AND EVALUATION PERCEPTIONS ON DOUBLE NEGATION IN PORTUGUESE SPOKEN IN MARANHÃO

Negation, a linguistic universal, has been the focus of many studies, mainly because it is represented in different ways on natural languages. The Brazilian Portuguese (BP) stands out as the only Romance language to present three negative structures, namely: pre-verbal negation (NO + verbal syntagma), double negation (NO + verbal syntagma + NO), and post-verbal (verbal syntagma + NO). The present work, that has a sociolinguistic orientation, aims to investigate the beliefs and attitudes about the double negation that reverberate in the imaginary of Maranhão speakers, relating them to the real use of the structure in Portuguese spoken in Maranhão. For this research, we considered speakers of São Luís and Jarmy dos Pretos in order to observe if there are differences related to the expression and beliefs about double negation in urban and rural reality. A test of attitudes applied by Roncarati (1996) showed that this negative structure, as well as post-verbal negation, was identified by Ceará speakers as a case of *nordestinism*, with specific discursive-pragmatic characteristics. Based on these results and other studies about the structure, we sought to observe: (i) the influence of social and discursive aspects that influence the expression of double negation on the two localities; (ii) which beliefs speakers of Maranhão have; (iii) if the attitudes reflected by these beliefs are more positive or negative. As a theoretical support to the examination of these questions, we are based on the studies and studies of Labov ([1966] 2006, [1972] 2008), Tarallo (1983, 1997), regarding Sociolinguistics; of Lambert & Lambert (1968), Moreno Fernández ([1998] 2009), López Morales ([1989] 2004), Botassini (2015), with regard to linguistic perceptions and attitudes; and in the works of Schwegler (1991), Roncarati (1996), Furtado da Cunha (2001), Schwenter (2005), for questions about the phenomenon in PB. For the constitution of the sample, we applied Production and Perception Tests and a Semi-Directed Speech Script to natural speakers from the state capital, São Luís, and from Jarmy dos Pretos, one of Maranhão's largest and oldest quilombola communities. The speakers are distributed in levels of schooling – elementary and senior - and of two age groups - 20 to 40 years and 55 or more. The corpus of the research is constituted by speech data of 24 informants, 16 being natural from São Luís and eight from Jarmy dos Pretos. Data analysis showed that double negation is the second most recurrent negative structure in the two locations investigated – in São Luís, 19% of the accomplishments were computed and in Jarmy, 13% - performed by 19 – 12 from São Luís and seven from Jarmy dos Pretos – of the 24 informants selected for the research. During the Production Test, the double negation was performed by 16 informants, although most of them

considered their improper use, and during the Perception Test, 108 times were chosen as the most adequate in the stimulus situations (SE) presented. Through the application of this test, it was possible to identify 36 beliefs about the use of double negation in BP, being 10 of a structural nature, nine contextual / discursive, and 17 of a social nature. Of these 36 beliefs, 24 showed negative attitudes of the speakers. Through this research, we noticed that, although most of the informants are users of the structure and some of them do not even recognize themselves as such, the double negation is nevertheless characterized in a negative way by the speakers, being considered as a grammatical error, characteristic of the inner, country speech.

Key words: Linguistic Perception. Beliefs and Linguistic Attitudes. Double negation. Portuguese Spoken in Maranhão.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 --Relação entre crenças e atitudes, segundo López Morales.....	29
Figura 2 - Mapa de São Luís	49
Figura 3 - Mapa de Turiaçu com a localização da comunidade rural Jamary dos Pretos	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Status informacional do discurso, segundo Schwenter (2005).....	35
Quadro 2 – Distribuição de estruturas negativas no PB em diferentes pesquisas	38
Quadro 3 - A negação nas gramáticas e em outras obras que têm como foco a língua portuguesa e seus apontamentos acerca da negação e dupla negação.	41
Quadro 4 - Níveis de estímulos presentes nos instrumentos de pesquisa utilizados	48
Quadro 5 - Informantes considerados para a pesquisa	52
Quadro 6 - Perguntas do Teste de Falsos Pares distribuídas por campos aspectuais	66
Quadro 7 - Variáveis consideradas para análise	69
Quadro 8 - Realizações de Neg2 por pergunta/tópico do Teste de Produção	96
Quadro 9 - Realização/escolha de estruturas negativas por parte dos informantes	97
Quadro 10 – Escolhas dos falantes nas 14 situações-estímulos do Teste de Percepção	99
Quadro 11 - Distribuição total de crenças por estrutura negativa	101
Quadro 12 - Crenças a respeito das estruturas negativas.....	101
Quadro 13 - Crenças e atitudes sobre Neg2 demonstradas pelos informantes e as SE que suscitaram seu aparecimento.	104
Quadro 14 - Distribuição de crenças por informante e nível de consciência linguística.....	166

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição geral das estruturas negativas por localidade	85
Gráfico 2 - Distribuição de Neg2 segundo a variável sexo	87
Gráfico 3 - Distribuição de Neg2 segundo a variável faixa etária.....	88
Gráfico 4 - Distribuição de Neg2 por faixa etária, considerando as duas localidades investigadas separadamente	89
Gráfico 5 - Distribuição de Neg2 por grau de escolaridade	91
Gráfico 6 - Distribuição de Neg2 segundo a variável ativação da proposição.....	93
Gráfico 7 - Distribuição de Neg2 por tipo de sequência discursiva	94
Gráfico 8 - Distribuição das realizações de estruturas negativas durante o Teste de Produção	Erro! Indicador não definido.
Gráfico 9 - Distribuição das crenças por campo aspectual em cada uma das localidades	107
Gráfico 10 - Distribuição das atitudes por campo aspectual	108

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição geral das ocorrências das três estruturas negativas considerando as localidades investigadas (SOUSA, 2016).....	40
Tabela 2 - Distribuição geral das ocorrências de estruturas negativas, considerando realizações de Neg1 em contextos de informação nova.....	82
Tabela 3 - Distribuição geral das ocorrências de estruturas negativas, considerando apenas realizações nas quais as três estruturas são intercambiáveis	82

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	PERCEPÇÃO E CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA	21
2.1	A perspectiva sociolinguística: o caminho até a consciência linguística	21
2.2	Crenças e atitudes: panorama geral.....	24
3	DUPLA NEGAÇÃO: A ESTRUTURA EM FOCO	33
3.1	Negação: diálogo entre perspectivas funcionalista e pragmática	33
3.2	A dupla negação sob a perspectiva sociolinguística	38
3.3	A dupla negação em gramáticas e outras que têm como foco a língua portuguesa	41
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	47
4.1	<i>Locus</i> da pesquisa.....	48
4.2	Perfil dos informantes.....	51
4.3	Instrumentos da pesquisa.....	53
4.3.1	Roteiro de Discurso Semidirigido	54
4.3.2	Testes.....	55
4.3.2.1	Produção.....	56
4.3.2.2	Percepção	59
4.3.2.3	Teste de falsos pares.....	65
4.4	Pesquisa de campo	67
4.5	Escolha das variáveis a serem analisadas	68
4.5.1	Variáveis sociais.....	69
4.5.2	Variáveis discursivo-pragmáticas	71
4.5.3	Variáveis de reação subjetiva.....	Erro! Indicador não definido.
4.6	Constituição do <i>corpus</i> da pesquisa.....	78
5	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	81
5.1	A dupla negação no português falado no Maranhão: análise dos dados relativos ao nível 1 de estímulo	81
5.1.1	Distribuição geral dos dados	82
5.1.2	Variáveis sociais.....	84
5.1.3	Variáveis discursivo-pragmáticas	92
5.2	Teste de Produção: análise dos dados relativos ao nível 2 de estímulo	94
5.3	Teste de Percepção: análise dos dados relativos aos níveis 3 e 4 de estímulo	98
5.3.1	Crenças a respeito de estruturas negativas no português	100
5.3.1.2	Crenças contextuais/discursivas acerca da dupla negação	129
5.3.1.3	Crenças sociais acerca da dupla negação	142

5.3.2 O nível de consciência dos falantes e suas crenças	165
5.3.3 Teste de Falsos Pares: alguns comentários	167
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
REFERÊNCIAS	171
APÊNDICES	177
ANEXOS	187

1 INTRODUÇÃO

A negação, um universal de linguagem, tem despertado o interesse dos estudiosos da área, sendo um constante tópico de discussões e análises. O PB destaca-se entre as línguas românicas por ser a única desse grupo a apresentar três possibilidades em sua estrutura¹, sendo elas:

- (i) a negação pré-verbal, denominada Neg1, formada pela junção do advérbio de negação **NÃO** + sintagma verbal, como, por exemplo:

Trecho 1:

DOC.: Ah, você é filho único?

INF.: Sim. **Não gosto muito disso**, mas sim.²

(Inf. 5, mulher, faixa 1, grau 2 de escolaridade, São Luís)

- (ii) a dupla negação, denominada Neg2, formada pelo advérbio de negação **NÃO** + sintagma verbal + advérbio de negação **NÃO**.

Trecho 2:

DOC.: E a senhora é membro de alguma associação aqui do bairro?

INF.: Já fui, **hoje não sou mais não**.

(Inf.8, homem, faixa 1, grau 2 de escolaridade, São Luís)

- (iii) a negação pós-verbal, denominada Neg3, formada por um sintagma verbal + advérbio de negação **NÃO**.

Trecho 3:

DOC.: Uh... e a senhora se considera uma pessoa supersticiosa, por exemplo, de não passar por debaixo de uma escada...

INF.: Ah, **tenho essas coisas não**.

(Inf.8, homem, faixa 1, grau 2 de escolaridade, São Luís)

¹ Schwegler (1991) mostra que as línguas Proto-Indo-Europeias (PIE) seguem o padrão XV, isto é, apresentam partícula negativa em posição pré-verbal; podendo apresentar ainda uma segunda partícula – geralmente posicionada logo após o verbo – acrescentada para tornar a negação enfática. Em 2013, Lindblom realizou um estudo micro-tipológico da negação em línguas românicas, mostrando estruturas negativas de onze línguas diferentes. Destacamos aqui o Catalão, o Francês, o Italiano, o Lombardo, o Occitano e o Vêneto, que apresentam duas possibilidades de negação, uma com uma partícula pré-verbal e outra com duas partículas negativas (com exceção do Francês, cuja partícula negativa opcionalmente apagada é a pré-verbal *ne*); o Franco-provençal, o Friuliano, o Piemontês, que apresentam apenas uma partícula negativa na estrutura, podendo estar em posição pré ou pós verbal; e o Ladino, que possui duas partículas negativas, *ne* e *mia*, a primeira anteposta ao verbo e a segunda, posposta.

O Catalão, por exemplo, realiza a negação acrescentando a partícula pré-verbal *no* e, nos casos em que se deseja expressar ênfase, uma segunda partícula, *pas*, é acrescentada. Sendo assim, a língua apresenta duas possíveis estruturas negativas (Ex. Joan no menja (pas) peix).

² As normas adotadas para transcrição encontram-se no Apêndice 4.

Segundo (ILARI; BASSO, 2016), a estrutura Neg1 costuma ser descrita como a mais comum e preferida na norma culta e em textos escritos, e Neg2 e Neg3 parecem ser mais comuns na língua falada e em registros menos formais, sendo assim consideradas estruturas não-canônicas no PB.

Escolhemos investigar o uso de Neg2 por ser esta uma estrutura que vem ganhando espaço no cenário de pesquisas sobre o PB. A considerável frequência de uso da estrutura tem sido comprovada em outras regiões do País, o que nos faz refletir acerca de seu *status* de marca do falar nordestino (RONCARATI, 1996). No que tange a investigação da estrutura na variedade maranhense, há apenas o estudo de Sousa (2016), de natureza sociolinguística, que visa a descrição do uso da dupla negação segundo variáveis sociais, linguística e discursivo-pragmáticas. Nosso estudo, no entanto, além de observar esse uso, enfoca principalmente as variáveis de reação subjetiva, que abrangem outra dimensão dos estudos sociolinguísticos: a da percepção linguística (*cf.* TARALLO, 1997).

Os estudos sobre percepção linguística tornam-se relevantes uma vez que possibilitam avaliar/observar o nível de consciência linguística dos falantes, suas atitudes e crenças perante a dupla negação, estrutura foco deste trabalho; esses fatores podem influenciar diretamente no processo de mudança linguística, já que atitudes e crenças negativas a respeito de determinada forma podem levar ao rechaço desta, enfraquecendo seu uso e possibilitando seu desaparecimento. Dessa forma, torna-se possível examinar o encaixamento não só linguístico, mas também social dos fenômenos em foco. Assim, é possível Como aporte teórico para o exame dessas questões, baseamo-nos nos estudos e apontamentos de Labov ([1966] 2006, [1972] 2008), Lambert & Lambert (1968), Moreno Fernández ([1998] 2009), López Morales ([1989] 2004), Aguilera (2008), Botassini (2015), entre outros.

Nosso objeto de estudo, a dupla negação – estudada sob diferentes vieses linguísticos, como o gerativismo, funcionalismo, sociolinguística e pragmática, tem seu uso e origem por vezes justificados por questões de ênfase, reforço, caráter pressuposicional, ativação discursiva. A fim de respaldar-nos teoricamente acerca do fenômeno, nos valem os estudos de Givón ([1979] 2012), Schwegler (1991), Roncarati (1996), Furtado da Cunha (2001) e Schwenter (2005), que enfocam o estudo das estruturas negativas relacionando-as com fatores sociais, discursivos e/ou pragmáticos.

A pesquisa, de caráter quali-quantitativo, encontra sua motivação na ideia de estudar a dupla negação sob uma perspectiva ainda pouco explorada pelos estudos da área, perspectiva esta que privilegia a produção e percepção dos falantes a respeito da estrutura. Assim,

levantamos os seguintes questionamentos: (i) os maranhenses se reconhecem como usuários da dupla negação? (iii) o que pensam acerca do seu uso? (iv) consideram-no adequado? em qual/quais circunstâncias?

Com isso, estabelecemos como objetivo geral investigar as crenças apresentadas por falantes maranhenses a respeito da dupla negação, relacionando-as ao uso real da estrutura no português falado no Estado; e, como objetivos específicos: (i) observar a influência de aspectos sociais e discursivos que condicionam a expressão da dupla negação nas localidades investigadas; (ii) observar quais crenças a respeito do uso da dupla negação os falantes maranhenses apresentam; (iii) observar se as atitudes refletidas por essas crenças são mais de natureza negativa ou positiva.

Para discutir essas questões, desenvolvemos uma metodologia baseada nos postulados da Sociolinguística e da Psicologia Social, que nos auxiliaram na elaboração de três instrumentos de pesquisa utilizados para a coleta de dados, a saber: Roteiro de Discurso Semidirigido, Teste de Produção e Teste de Percepção, que estão organizados em níveis escalares de estímulos, de modo a permitir a observação da dupla negação tanto em seu contexto real de uso, que se caracteriza como um uso inconsciente da estrutura, como em relação à percepção do falante acerca das estruturas, por meio de perguntas diretas a respeito da estrutura negativa.

Pretendemos com isso contribuir para a descrição do português falado no Estado e para o aprofundamento do conhecimento acerca do uso da dupla negação no PB, ressaltando, contudo, que o foco principal da nossa investigação não é a frequência de uso e sim a observação da estrutura por meio dos olhos dos próprios falantes, ou seja, com base em sua produção, percepções, crenças e atitudes.

A fim de explicitarmos os processos e resultados que culminaram nesta dissertação, organizamos o trabalho da seguinte forma: (i) a presente Introdução, na qual, em linhas gerais, apresentamos o objeto de estudo, os objetivos da pesquisa e principais questionamentos; (ii) Fundamentação Teórica, dividida em dois capítulos, o primeiro referente à consciência linguística, atitudes e crenças dentro da Sociolinguística, e o segundo sobre a dupla negação, enfocando perspectivas teóricas e o panorama dos estudos da variante no cenário brasileiro; (iii) Análise dos dados e resultados, na qual apresentamos as crenças e atitudes dos falantes acerca da dupla negação no português maranhense; (iv) Considerações Finais.

2 PERCEPÇÃO E CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA

2.1 A perspectiva sociolinguística: o caminho até a consciência linguística

Segundo Calvet (2002), ao observarmos a concepção de língua adotada pela Sociolinguística, verificamos que esta vai muito além da noção de instrumento e sistema de comunicação, uma vez que, se considerarmos essa concepção, seus falantes não exerceriam influência sobre a língua. No entanto, a língua, que está inserida em um meio social, é construída e constantemente modificada mediante também a influência de fatores sociais, sendo ainda capaz de “transmitir significados ou conotações sociais, além de valores sentimentais” (MORENO FERNÁNDEZ, [1998] 2009, p.178).

Assim, sob a visão sociolinguística, os fenômenos linguísticos são estudados em diversos níveis, correlacionados a fatores de natureza interna e externa, que podem condicionar ou não seu uso em determinado grupo social. Esses fenômenos, que sofrem variação, podem ser expressados de diferentes formas, diferenciando-se em aspectos fonético-fonológicos, morfológicos e/ou também morfossintáticos. A essas diferentes formas de se expressar a mesma variável, isto é, o mesmo fenômeno linguístico, é dado o nome de *variante linguística*. As variantes, segundo Labov ([1972] 2008), devem ter o mesmo valor de verdade, de modo a ser intercambiáveis no mesmo contexto, sem alterar o sentido do que está sendo dito. Assim, é possível compreender, por meio da análise quantitativa dessas variantes, seus padrões de uso em uma comunidade de fala.

Entretanto, Lavandera (1978) ressalta que este conceito de variante foi proposto com base em variáveis fonético-fonológicas, e que alterações nesse nível da língua não causam grandes prejuízos semânticos, porém, quando se trata de variáveis pertencentes a níveis mais profundos, como o morfossintático, encontramos dificuldades em relação à equivalência semântica de suas variantes.

A autora sugere então substituir o conceito de equivalência semântica por compatibilidade funcional, uma vez que, dessa maneira, as variáveis sintáticas, que, segundo ela, não apresentam o mesmo significado, poderiam ser incluídas no conceito de variante sem considerar equivalência semântica. Labov (1978), no entanto, responde ressaltando que esse princípio não deve ser desconsiderado, pois ele crê ser essencial que os contextos nos quais as variantes (sintáticas ou não) estão inseridas devem ser levados em conta³.

³ É importante ressaltar que consideramos essa discussão entre Lavandera (1978) e Labov (1978) a respeito do conceito de variante para refletir sobre o caso das três estruturas negativas no PB. Neste trabalho, seguimos o que

Vale ressaltar que as variantes apresentam significado não só linguístico, como também social. Observando os exemplos retirados de Coelho *et al* (2010) – *A gente vamos sair/ Nós vai sair/ Tu vai sair?* –, constatamos que todos apresentam o mesmo fenômeno: ausência de concordância verbal. No entanto, apesar de semanticamente transmitirem a mesma informação, elas têm significados sociais distintos. A última construção é mais aceitável no Sul do país, como também no Maranhão, Estado onde o uso do *tu* sem concordância é frequente, enquanto as duas primeiras são comumente associadas a grupos sociais específicos: pessoas de nível de escolaridade mais baixo e/ou de baixa renda⁴. Vale ressaltar, no entanto, que esses valores são atribuídos pela própria sociedade, e não têm relação direta com o fenômeno em si. Dessa forma, não existe uma forma melhor que a outra, mas sim formas mais aceitas em determinados grupos sociais.

Essas atribuições sociais podem ocorrer tanto dentro como fora do nível de consciência dos falantes. No entanto, elas geralmente são feitas fora deste nível de consciência, como sugere Labov (1974), ao afirmar que “(...) as pessoas reagem como um todo, e raramente têm consciência do que gostam ou não gostam no padrão de fala dos outros.” (LABOV, 1974, p. 60).

Para o autor, as pessoas apresentam níveis de consciência dos fenômenos linguísticos que nos permitem classificá-los em três categorias:

Indicadores, que mostram a variação social, mas geralmente não a estilística, e têm pouco efeito sobre o julgamento do ouvinte quanto ao status social do falante;
Marcadores, que mostram tanto a variação social quanto a estilística, e têm efeitos consistentes sobre o julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o *status* do falante;
Estereótipos, que são os tópicos externos de impacto social na comunidade de fala, e podem ou não corresponder ao comportamento linguístico real. (LABOV, 1974, p. 82)

Os indicadores são os casos nos quais há pouca força de avaliação, mas que podem apresentar variação correlacionada a fatores sociais, como idade, sexo, estrato social. Um exemplo é a monotongação dos ditongos /ey/ e /ow/, como em *peixe* e *couro*. Já os casos de marcadores linguísticos são aqueles que evidenciam estratificação social e estilística e que

postula Rocha (2013) a respeito do assunto. Norteados pelos estudos pragmáticos de Schwenter (2005), Rocha assume que há contextos nos quais as três estruturas não são intercambiáveis, como nos casos em que não há ativação prévia da proposição negada (*cf.* Cap. 4 desta dissertação). Assim, de modo a permitir uma análise quantitativa coerente, dentro dos preceitos da Sociolinguística, consideramos também apenas esses contextos na análise da dupla negação em discursos livres.

⁴ Acerca do uso de pronome TU no Sul do País, conferir Coelho *et al* (2010), e no Maranhão, conferir Alves (2015).

podem ser medidos por meio da aplicação de testes de atitudes e avaliação; no entanto, ainda assim, o julgamento das variantes é, por vezes, feito inconscientemente, haja vista que muitos demonstram sensibilidade ao uso destas como “errado” ou “feio”, apesar de usarem-nas. É o caso do alternância entre *tu* e *você*, uma vez que a primeira forma é, no geral, associada a pessoas que possuem uma relação mais próxima, isto é, de mais intimidade, enquanto a segunda parece característica de um falar mais formal, além de ainda existir a variação diatópica. Por último, os estereótipos são os casos que são marcados socialmente de maneira consciente (*cf.* COELHO *et al.*, 2010).

Assim, esses julgamentos, que podem estereotipar ou não uma variante, só são possíveis por meio da consciência linguística que os falantes de uma comunidade de fala têm. Dessa forma, apesar de não serem plenamente conscientes de cada fenômeno linguístico realizado, existem aqueles fenômenos acerca dos quais o falante apresenta maior sensibilidade.

O falante demonstra consciência linguística quando percebe as opções que a língua lhe oferece, a partir do momento em que tem contato com outras variedades além da sua; é capaz de perceber diferenças, fazer comparações entre tais variedades e julgá-las, independentemente do conhecimento linguístico, teórico, acadêmico que possa ter. Corroborando essa ideia, Hora Henrique (2015, p. 101) afirmam que “os ouvintes leigos são conscientes da variação linguística à medida que eles podem imitá-la, usá-la para identificar de onde são as pessoas e fazer julgamentos sobre as características sociais dos falantes.”.

Essa consciência linguística, segundo López Morales ([1989] 2004), é perceptível quando o falante tem conhecimento da existência de diferentes formas variantes e opta pelo uso de uma delas. Para fazer essa escolha, “o falante necessita partir de um determinado conhecimento do panorama sociolinguístico para poder atuar de acordo com suas restrições e imposições.” (LÓPEZ MORALES, [1989] 2004, p. 257). A variante é eleita geralmente por ser considerada mais adequada e não por ser, coincidentemente, na maioria das vezes, a forma de prestígio. Labov ([1972] 2008) afirma que esse é um processo natural da língua e que essa “escolha” contribui grandemente para o processo de mudança linguística, uma vez que o rechaço de uma variante pode enfraquecer seu uso e possibilitar seu desaparecimento. Para explicar essa escolha, López Morales afirma:

A eleição de uma forma linguística prestigiosa A (por exemplo, a forma *-ste* como marca da pessoa verbal *tu*, do pretérito perfeito *comiste* (em espanhol)), diante de outra estigmatizada B (*-stes*: *comistes*– (em espanhol)), implica, pelo menos, duas circunstâncias; uma é de um inventário: conhecimento da existência de ambas variantes; e a outra aponta diretamente à consciência sociolinguística, ao *saber* que a

comunidade prefere uma a outra, geralmente por ser aquela que caracteriza os socioletos elevados do espectro. (LÓPEZ MORALES, [1989] 2004, p. 257)⁵.

O autor ainda sugere que a maneira de falar dos sujeitos funciona como um índice classificatório na maioria dos casos, pois muitos falantes têm consciência da variação linguística e de suas implicações sociais. Vale ressaltar que, além de se levar em consideração a escolha pela provável variante de prestígio, o falante pode ainda optar por uma das variantes por questões de intencionalidade, isto é, escolher determinada variante pensando no impacto que esta pode causar em seu interlocutor.

Essas escolhas estão relacionadas diretamente com a percepção que os falantes têm acerca das variantes, e essa percepção, por sua vez, é construída com base nas crenças individuais de cada falante e compartilhadas pela sua comunidade de fala. Dessa forma, com base nessas crenças, os falantes podem ter atitudes negativas ou positivas acerca das variantes.

2.2 Crenças e atitudes: panorama geral

Conforme lembra Cargile *et al* (1994), os estudos sobre o que chamamos hoje de atitude iniciaram há muitos anos, com Aristóteles (1253) ao afirmar que “o tipo de linguagem que os falantes utilizam tem efeito em sua credibilidade ou *ethos*”⁶ (CARGILE *et al*, 1994, p. 212). Com o passar dos anos, o estudo das atitudes ganhou espaço em diversas áreas, como a Psicologia Social, Sociologia da Linguagem, Sociolinguística, Antropologia Linguística, Comunicação, Análise do discurso, que trouxeram significativas contribuições.

No entanto, foi na Psicologia Social que o estudo sobre atitudes ganhou ênfase e começou a ser sistematizado. Com os estudos de Lambert & Lambert (1968), as atitudes são apresentadas como componentes que influenciam diretamente no comportamento social dos indivíduos, além de estarem diretamente relacionadas com as crenças que estes têm a respeito de fenômenos sociais – linguísticos ou não –, uma vez que dependem destas para se manifestar em sociedade. No entanto, como lembra Botassini (2015), não há consenso quanto à definição

⁵ Tradução livre de: “La elección de una forma lingüística prestigiosa A (por ejemplo, el formante *-ste* como marca de persona verbal tú del indefinido: *comistes*, frente a otra estigmatizada B (-stes: *comistes*), implica al menos dos circunstancias; una es de inventario: conocimiento de la existencia de ambas variantes; la otra apunta directamente a la conciencia sociolingüística, al *saber* que la comunidad prefiere una a la otra, generalmente por ser la que caracteriza a los socioletos altos del espectro”.

⁶ Tradução livre de: “(...) the type of language which speakers used had an effect upon their credibility or *ethos*”.

desses termos, talvez devido à pouca exploração do termo crença, e maior atenção voltada para termo atitude.

Em um contexto inicial, atitudes linguísticas foram definidas por Lambert & Lambert, ainda no âmbito da Psicologia Social, como

(...) uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir, reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. (LAMBERT & LAMBERT, 1968, p. 77-78)

Dessa forma, as atitudes abrangem uma forma de pensar, que está relacionada com o que o falante sente em relação a determinada situação e que, conseqüentemente, resulta em uma reação, que externaliza esse modo de pensar, comprovando assim que as atitudes são, segundo esta visão, uma atividade processual que interfere em nosso comportamento social, uma vez que podem afetar nossos julgamentos e percepções a respeito dos demais e ajudar a definir nossas escolhas no meio social, como os grupos nos quais nos inserimos, as profissões que exercemos e até nossas convicções (*cf.* LAMBERT & LAMBERT, 1968).

Bem (1973), outro psicólogo social, define atitudes como:

(...) os gostos e as antipatias. São as nossas afinidades e aversões a situações, objetos, grupos ou quaisquer aspectos identificáveis do nosso meio, incluindo idéias abstratas e políticas sociais (...) nossos gostos e antipatias têm raízes nas nossas emoções, no nosso comportamento e nas influências sociais que são exercidas sobre nós. Mas também repousam em bases cognitivas. (BEM. 1973, p. 29)

Os conceitos propostos por essa linha de pesquisa foram utilizados como base para os estudos de atitudes e crenças no âmbito da Sociolinguística. Os estudos, no geral, têm comprovado que atitudes e crenças presentes no imaginário de uma comunidade têm relação direta com o processo de variação e mudança linguística, além de afetarem a eleição de uma língua em detrimento de outra em comunidades bilíngues e o ensino-aprendizagem de línguas nas comunidade em geral (*cf.* CORBARI, 2013).

Nessa perspectiva, as atitudes são definidas como uma

resposta emocional e intelectual dos membros da sociedade às línguas, dialetos, sotaques, formas linguísticas concretas e a seus próprios falantes em seu ambiente social que constitui um aspecto importante da complexa psicologia social das comunidades linguísticas (TRUDGILL, CAMPOY, 2007, p.26)⁷.

Diante de línguas, socioletos, estilos e variantes, o falante é capaz de reagir emocional e intelectualmente, emitindo acerca desses tópicos, juízos de valor e, conseqüentemente, expressando atitudes, que podem ser negativas ou positivas. Essas atitudes podem ser ainda compreendidas como uma “(...) manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz em sociedade.”⁸ (MORENO FERNÁNDEZ, [1998] 2009, p. 177).

Percebemos assim uma relação direta entre o meio social e a atitude dos falantes perante a língua/variedade adotada na comunidade, conforme sugere Pastorelli (2012), ao ressaltar que as atitudes que se têm em relação a um grupo de determinada identidade estão relacionadas às variedades linguísticas por ele usadas, uma vez que “(...) normas, regras e características culturais de um grupo são transmitidas ou sedimentadas pela língua, modificada, de maneira particular, na fala de cada pessoa” (PASTORELLI, 2012 p. 252).

Uma atitude é demonstrada/formada, como sugere Lambert & Lambert (1968), quando os falantes partilham de pensamentos e crenças acerca da língua, do dialeto, da variante sobre os quais estão emitindo juízo de valor. Dessa forma, as crenças se tornam um componente necessário para que as atitudes sejam formadas. Segundo Amaral (2016, p. 83), crenças são “(...) um conjunto de verdades culturais impostas a cada indivíduo desse grupo”; já Labov ([1972] 2008, p. 176), retoma o conceito adotado por Lambert & Lambert (1968) definindo-a como “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são partilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão”.

Segundo Sabadin (2013, p.58), “as crenças que um falante tem de sua língua, isto é, se ele a considera apropriada perante outras variedades, farão com que ele a utilize e de certa forma propague sua maneira de falar”. Isto é, as crenças são determinantes quando se trata de reforçar ou rechaçar o uso de uma variante em uma comunidade de fala. As crenças, assim como já

⁷ Tradução livre de: Respuesta emocional e intelectual de los miembros de la sociedad a las lenguas, dialectos, acentos, formas lingüísticas concretas y sus propios hablantes en su entorno social que constituye un aspecto importante de la compleja psicología social de las comunidades lingüísticas. Diccionario de Sociolingüística.

⁸ Tradução livre de: La actitud lingüística es una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad”

afirmava Lambert & Lambert (1968), na Psicologia Social, são um dos fatores que compõem as atitudes, formadas por três componentes principais: crenças, emoções e comportamento.

Na Sociolinguística, conforme explica Moreno Fernández ([1998] 2009), os estudos das atitudes podem ocorrer sob dois pontos de vista distintos: um *mentalista* e outro *comportamentalista*. O primeiro interpreta as atitudes linguísticas sob uma perspectiva psicológica e mental, tratando-as como um estado interno do indivíduo e um ponto intermediário entre um estímulo e o comportamento ou ação individual; já o segundo as interpreta como um comportamento, uma “reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua, uma situação ou umas características sociolinguísticas determinadas”⁹ (MORENO FERNÁNDEZ, [1998] 2009, p. 181).

Quanto aos fatores que compõem a atitude, Moreno Fernández ([1998] 2009) destaca que, para o método mentalista, a atitude é formada por três componentes: *avaliação* – componente afetivo –, *saber* ou *crença* – componente cognitivo – e um *comportamento* – componente conativo.

O componente afetivo está relacionado a emoções e sentimentos; aos juízos de valor atribuídos pelo indivíduo sobre sua própria fala e sobre a fala do outro (cf. SILVA-PORELI, 2012). Já o componente cognitivo está relacionado à consciência linguística do falante, corresponde ao conhecimento – crenças e estereótipos – e os valores – ascensão social e personalidade. Segundo Gómez Molina (1998), é o componente mais importante por ter o poder de interferir no pré-julgamento dos falantes, suas expectativas sociais (prestígio e ascensão) e o grau de bilinguismo. O componente conativo, por sua vez, se refere às escolhas que os indivíduos fazem diante das situações com as quais se defrontam.

Apesar de haver um consenso quanto à presença desses três elementos para a composição das atitudes, pesquisadores da área parecem divergir, por um lado, quanto à maneira como esses elementos se interrelacionam e, por outro, como se relacionam com a própria atitude. Assim, dentre as propostas psicossociológicas existentes a fim de analisar essas relações, destacamos as de:

- Lambert & Lambert (1968): os três elementos – a crença, a avaliação e o comportamento – que compõem a atitude se encontram no mesmo nível, sendo, então, “(...) a atitude linguística de um indivíduo o resultado da soma de suas

⁹ Tradução livre de: “(...) una reacción o respuesta a un estímulo, esto es, a una lengua, una situación o unas características sociolinguísticas determinadas”.

crenças e conhecimentos, seus afetos e, finalmente, sua tendência a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou uma situação sociolinguística”¹⁰. (MORENO FERNÁNDEZ, [1998] 2009, p. 181);

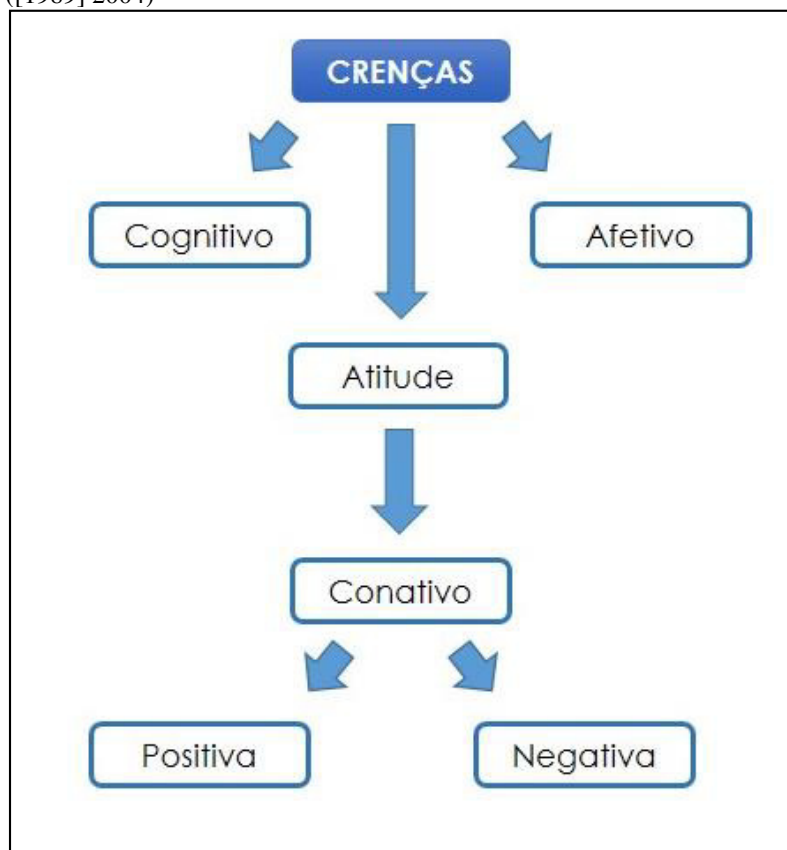
- Milton Rokeach (1968): a atitude é um conjunto de crenças, ou seja, depende unicamente do que um indivíduo pensa acerca de um objeto sociolinguístico. No entanto, cada crença é formada por um componente cognitivo, afetivo e conativo;
- Fishbein (1965): crenças e atitudes são vistas como conceitos independentes, que se situam em níveis diferentes. As atitudes são formadas por apenas um componente, que é de natureza afetiva; enquanto as crenças são formadas por dois componentes: um cognitivo e outro conativo.

Desde uma perspectiva fundamentalmente sociolinguística, López Morález ([1989] 2004) postula que a atitude é formada por apenas um único componente: o conativo. Assemelhando-se à proposta de Fishbein, ele separa o conceito de atitude do de crença, situando-os em dois níveis diferentes: “as crenças dão lugar a atitudes diferentes; estas, por sua vez, ajudam a formar as crenças, junto aos elementos cognitivos e afetivos, considerando-se que as crenças podem estar embasadas em fatos reais ou podem não estar motivadas empiricamente”¹¹ (MORENO FERNÁNDEZ, [1998] 2009, p. 182) Para melhor compreensão, a figura a seguir mostra a concepção do autor.

¹⁰ Tradução livre de: “(...) la actitud lingüística de un individuo es la resultante de sumar sus creencias y conocimientos, sus afectos y, finalmente, su tendencia a comportarse de una forma determinada ante una lengua o una situación sociolingüística”.

¹¹ Tradução livre de: “(...) las creencias, dan lugar a actitudes diferentes; éstas, a su vez, ayudan a conformar las creencias, junto a los elementos cognoscitivos y afectivos, teniendo en cuenta que las creencias pueden estar basadas en hechos reales o pueden no estar motivadas empiricamente.”

Figura 1 --Relação entre crenças e atitudes, segundo López Morales ([1989] 2004)



Fonte: MORENO FERNÁNDEZ ([1998] 2009, p. 183)

López Morález ([1989] 2004) explica que as atitudes, por serem formadas por comportamentos, podem ser *positivas* ou *negativas*: as positivas geralmente reforçam o uso linguístico em foco, enquanto as negativas, por vezes associadas a fenômenos rurais ou vulgares, produzem rechaço. Há ainda os casos em que as crenças não produzem atitudes, conhecidos como *atitude neutra*.

Quando um falante apresenta uma atitude positiva em relação ao seu modo de falar, diz-se que ele é seguro linguisticamente; no entanto, quando este apresenta atitude negativa, de vergonha ou rechaço diante do seu próprio uso linguístico, diz que ele mostra-se inseguro. Acerca da segurança linguística, Calvet (2002, p. 63-64) diz:

Fala-se de *segurança linguística* quando, por razões sociais variadas, os falantes não se sentem questionados em seu modo de falar, quando consideram *sua* norma *a* norma. Ao contrário, há *insegurança linguística* quando os falantes consideram seu modo de

falar pouco valorizador e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam.

A forma de medição das atitudes nas duas perspectivas também difere entre si: enquanto no método comportamentalista são utilizadas formas de avaliação mais diretas e objetivas e, portanto, mais seguras; o viés mentalista se vale de formas de avaliação mais complexas, que se propõem avaliar praticamente um estado mental, que é de acesso mais difícil e não pode ser avaliado diretamente, o que pode justificar a escassa quantidade de estudos nesta perspectiva. Essas formas de avaliação podem ser tanto *diretas* como *indiretas*.

As formas diretas lançam mão de entrevistas ou de questionários, que podem ser de estrutura aberta – quando o informante responde às perguntas conforme achar mais adequado – ou fechada – quando são oferecidas aos informantes possibilidades limitadas de respostas. Como exemplos de pesquisas realizadas com questionários de estrutura aberta, destacamos: os estudos desenvolvidos com dados de atlas linguísticos brasileiros (*cf.* AGUILERA, 2008; GUEDELHA, 2011); trabalhos no âmbito da Linguística Aplicada, nos quais são avaliados impressões e julgamentos acerca da língua em foco, sob diferentes perspectivas (SILVA & BOTASSINI, 2015); trabalhos que buscam investigar situações de línguas em contato (SILVA-PORELI, 2012; BOTASSINI, 2011).

As formas de avaliação indiretas são aquelas em que o falante não tem consciência do foco da pesquisa, isto é, do objeto que está sendo investigado. Dentre as formas de avaliação dessa natureza, destacamos a técnica *matched guise* ou *falsos pares*, proposta Lambert & Lambert (1968). A técnica consiste na avaliação da percepção sociolinguística de 130 estudantes universitários – anglófonos e francófonos – acerca das línguas inglesa e francesa. Para isso, Lambert utilizou como estímulo a gravação da leitura de um texto, originalmente escrito em francês e traduzido para o inglês, feita por quatro falantes bilíngues. Aos informantes da pesquisa, eram expostas as gravações dos dois textos lidos pelo mesmo falante, para que, a partir da disso, eles emitissem julgamentos e opiniões sobre o falante, a respeito de sua aparência, personalidade, profissão, entre outros. Os informantes expressavam suas opiniões sem serem informados de que se tratava do mesmo falante, e os resultados mostravam que eles não percebiam tal fato, o que levou os pesquisadores a concluir que os informantes não avaliavam as gravações, mas sim a língua. Os resultados apontaram que tanto os falantes anglófonos como os francófonos avaliavam a língua inglesa mais positivamente do que a língua francesa.

Essa técnica tem sido utilizada com frequência nos estudos sociolinguísticos (cf. OUSHIRO, 2015) e é avaliada por Giles & Billings (2004), segundo Oushiro (2015, p. 268), “como um método rigoroso e elegante que, ao controlar uma série de variáveis com a criação de estímulos comparáveis, permite investigar apropriadamente o papel da linguagem na formação de impressões e julgamentos sociais”. No entanto, levantamos um questionamento: essa técnica talvez não seja a mais eficaz quando o fenômeno em análise é de natureza morfossintática, retomando assim a inquietação de Lavandera (1978) acerca do conceito de variante aplicado a fenômenos que se encontram fora do nível fonético-fonológico. As “variantes” desse tipo de variável, vale destacar, carregam matizes de natureza pragmática e discursiva, que podem influenciar na escolha de uma estrutura em detrimento de outra. Assim, o julgamento de fenômenos morfossintáticos por meio da técnica de falsos pares poderia não abarcar o fator intencionalidade, de natureza pragmática.

Além da técnica de falsos pares, há também as *provas de autoavaliação*, que objetivam investigar o grau de insegurança linguística dos falantes. Nesses testes, os falantes são indagados a respeito das formas utilizadas por eles mesmos e, conseqüentemente, suas respostas apontam para as atitudes que têm acerca do fenômeno em questão.

Diante desse panorama, vale ressaltar que, para este estudo, nos valem do viés sociolinguístico apresentado por López Morales ([1989] 2004), para quem a atitude é formada por um comportamento, estimulado por uma crença, um saber, formado por componentes afetivos e cognitivos. Assumimos, portanto, que crenças são formadas por saberes, juízos de valor e sentimentos dos falantes perante uma língua, uma variedade linguística ou um fenômeno linguístico e, a partir dessas crenças, atitudes positivas ou negativas podem ser externalizadas.

Conforme explanado no decorrer deste capítulo, a avaliação que os falantes fazem acerca de sua própria fala e da fala do outro é muito importante para se compreender, de forma mais completa, processos linguísticos de natureza social, uma vez que este tópico – a avaliação – é destacado por Weinreich, Labov e Herzog (1968) como um dos fundamentais para compreensão da teoria da variação e da mudança relacionada a contextos sociais.

Os estudos que focam a análise da consciência linguística dos falantes vêm trazendo contribuições principalmente no que tange à análise do processo de mudança e variação linguísticas, à eleição de uma língua em contexto de comunidades bilíngues e à análise de métodos de ensino a fim de melhorar o processo ensino-aprendizagem. Observamos, com esses estudos, que atitudes positivas e negativas dos falantes podem ter impacto social.

Síntese conclusiva

No presente capítulo, apresentamos pressupostos teóricos que norteiam a pesquisa no âmbito da Sociolinguística, principalmente no que tange à análise de crenças e atitudes linguísticas. Lambert & Lambert (1968), Calvet (2002), López Morales ([1989] 2004), Moreno Fernández ([1998] 2009) fundamentam as ideias desenvolvidas ao longo do capítulo. Tomamos em particular Moreno Fernández ([1998] 2009) para definir consciência linguística como a percepção que o falante tem acerca das possibilidades que a língua põe a sua disposição. Com base nessas possibilidades, ele realiza escolhas considerando seus interlocutores e o meio social no qual está inserido.

Ainda, segundo o autor, o falante, geralmente, opta pela forma de prestígio, uma vez que esta tende a ser mais aceita em sociedade. Isso pode ser um indício de atitude positiva perante essa forma, e provável atitude negativa em relação às demais, uma vez que estas não foram escolhidas como apropriadas num dado contexto.

O conceito de consciência linguística está relacionado com as noções de *atitude* e *crençalinguística*, fundamentais para o estudo da percepção. As atitudes podem estar relacionadas com crenças que o falante pode apresentar em relação à língua, às variantes linguísticas, a fenômenos linguísticos. Conceituamos crenças como julgamentos e avaliações, socialmente construídos, feitos sobre nós mesmos ou sobre o mundo que nos rodeia (YERO, 2010 *apud* BOTASSINI, 2015; BARCELOS, 2007). Crenças e atitudes evidenciam ainda, segundo López Morales ([1989] 2004), o nível de segurança linguística do falante, que pode mostrar-se seguro, quando é usuário da forma de prestígio, ou inseguro, quando não o é. Atitudes podem ainda ser avaliadas e interpretadas sob duas perspectivas diferentes: a mentalista e a condutivista ou comportamentalista.

Esses conceitos vêm sendo constantemente explorados em pesquisas sociolinguísticas, principalmente no que tange à análise de fenômenos fonético-fonológicos e também morfossintáticos. Sobre a negação, alguns pesquisadores já investigaram a percepção linguística que têm os falantes acerca das três estruturas negativas citadas. Então, visando a dar mais subsídios para nossa análise, comentaremos, no capítulo seguinte, brevemente os trabalhos de Roncarati (1996), Alkmim (2001), Furtado da Cunha (2001) elaborados com base em dados de fala do português, o que nos possibilita estabelecer um paralelo entre os resultados obtidos nessas pesquisas e os nossos resultados, além de apresentar um quadro-síntese composto por comentários feitos acerca da negação, e especialmente, a dupla negação, em gramáticas e obras específicas sobre a língua portuguesa.

3 DUPLA NEGAÇÃO: A ESTRUTURA EM FOCO

3.1 Negação: diálogo entre perspectivas funcionalista e pragmática¹²

Conforme dito na Introdução, a dupla negação, estrutura negativa não-canônica mais recorrente no PB, tem sido alvo de diversos estudos, principalmente sob os vieses da Sociolinguística, do Funcionalismo e da Pragmática. Esses estudos têm apresentado avanços que se completam e, conseqüentemente, contribuem para melhor compreensão da negação no português.

No que tange as ideias funcionalistas a respeito da negação, Givón ([1979] 2012) propõe, baseado nos preceitos da Lógica, que, para que a negação seja permitida no discurso, a proposição afirmativa correspondente, acreditada pelo interlocutor, deveria existir como fundo. Dessa forma, a negação – qualquer estrutura negativa – representaria uma quebra de expectativa, uma contraposição a uma crença do interlocutor:

(...) um contexto discursivo adequado para a negativa é a menção prévia da afirmativa correspondente, ou, alternativamente, a convicção do falante de que o ouvinte ouviu a possibilidade de que a afirmativa correspondente seja verdadeira e, de fato, tenha *sugerido sua convicção* na verdade daquela afirmativa correspondente. (GIVÓN, [1979]2012, p. 140)

Para exemplificar sua asserção, o autor compara duas situações (GIVÓN, [1979] 2012):

- a) Nós vimos um filme ontem.
- b) Nós não vimos um filme ontem.

A primeira apresenta uma informação nova, de sentido completo, que não necessita de mais informações contextuais, apesar da probabilidade de que o interlocutor busque mais informações como “qual filme? era bom? em qual cinema?”, que, no entanto, não são necessárias para fazer com que *a* tenha sentido dentro de um contexto.

No entanto, apesar de *b* ser gramatical, para que seja permitida no discurso, é necessário que haja um contexto favorável, no qual a informação negada deve ter sido mencionada anteriormente, ou que os falantes compartilhem desse conhecimento em um plano de fundo. Do contrário, é provável que o falante rejeite a proposição e exija o contexto ausente,

¹²Nesta síntese, não adotamos uma perspectiva cronológica com relação aos estudos sobre a negação.

fazendo indagações como “Vocês esperavam/iam/planejavam ver um filme?”. Dessa forma, a negação, para Givón, é pressuposicional, pois nega uma correspondente afirmativa, que está, de certa forma, pressuposta.

Tomando como base essa asserção, Schwegler (1991) realiza um estudo das estruturas negativas considerando os falares de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. Em primeira instância, o autor percebe que existem contextos nos quais Neg2 e Neg3 não são permitidas; assim, ele demarca os tipos de oração nos quais as três estruturas são intercambiáveis, a saber: declarativas em resposta a uma pergunta, declarativas espontâneas, interrogativas e imperativas. Na Bahia, as estruturas não-canônicas se mostraram mais recorrentes que a negação pré-verbal, o que poderia ser um indício de que o caráter enfático da segunda partícula poderia ter se perdido. A respeito dos tipos de sentença, o autor conclui que o fato de haver pouca incidência de negativas não canônicas poderia estar ligado a uma distinção pragmática: o caráter pressuposicional seria obrigatório apenas para Neg2 e Neg3, enquanto Neg1 é neutra pressuposicionalmente (*cf.* LIMA, 2010). Assim, as duas negativas não canônicas são usadas para rejeitar uma expectativa (implícita ou explícita) no discurso, o que contrasta com o que foi postulado por Givón, que afirma que *todas* as estruturas negativas possuem caráter pressuposicional.

Para comprovar sua colocação, Schwegler (1991) apresenta como exemplo duas orações:

- a) Quando estive no Rio, não fui na praia.
- b) Quando estive no Rio, (não) fui na praia não.

Para ele, em *a* não há pressuposição, enquanto *b* tem caráter pressuposicional, pois apresenta uma correspondente afirmativa.

Para Schwenter (2005), no entanto, o caráter pressuposicional não seria o essencial para permitir o uso de estruturas negativas não canônicas no discurso, assim como as noções de ênfase, reforço, contra expectativa, que se caracterizam como postulações intuitivas não suficientes para explicar o uso dessas estruturas.

Observando dados de fala do Rio de Janeiro, o autor sinaliza que o fator determinante para a permissão da dupla negação e da negação pós-verbal é a ativação prévia da proposição no discurso. Segundo Schwenter, a negação pré-verbal não necessariamente precisa ser ativada, diferentemente das outras duas estruturas negativas.

Uma proposição é ativada no discurso quando é citada anteriormente por um dos interlocutores ou inferida por meio do contexto. Chama-se de *informação velha* aquela que já foi ativada anteriormente e *informação nova* quando não houve ativação. Para exemplificação, o autor apresenta o seguinte exemplo:

Ex.(1):

[o falante está andando pela rua e de repente se lembra que esqueceu de desligar o fogão]

Nossa! Eu não desliguei o fogão (não*)!¹³

Nesse caso, como não há interlocutor e, consequentemente, um diálogo prévio, a informação fornecida pelo falante é nova no discurso. Dessa forma, a dupla negação não seria adequada, uma vez que não houve ativação da proposição. No entanto, se a situação for levemente modificada, Neg2 passa a ser aceitável:

Ex. (2):

[mesma situação do Ex. 1]¹⁴

A: Você desligou o fogão, né?

B: Nossa! Não desliguei não!

Ao acrescentarmos um interlocutor que ativa diretamente a proposição no discurso, a informação passa a ser *velha*, de modo que a dupla negação se torna aceitável nesse contexto. Além desse tipo de ativação, a proposição pode ser ainda ativada indiretamente no discurso, por meio de estímulos situacionais, como ruídos, gestos etc., e por meio de inferências que podem ocorrer durante o momento de interação. Para o autor, Neg2 é possível em contextos nos quais há ativação direta ou indireta da proposição, enquanto Neg3 só é permitida quando a proposição é ativada diretamente, como podemos observar no quadro a seguir:

Quadro 1 – Status informacional do discurso, segundo Schwenter (2005)

	Não ativação (informação nova)	Ativação direta (informação velha)	Ativação indireta (informação velha)
Neg1	X	X	X
Neg2		X	X
Neg3		(X) ¹⁵	X

¹³ Tradução livre de: [speaker walking down the street and suddenly remembers she forgot to turn off the stove] Nossa! Eu não desliguei o fogão (#não)! (SCHWENTER, 2005, p. 1434).

¹⁴ Exemplo extraído de Schwenter (2005, p. 1435)

¹⁵ Apesar de afirmar que Neg3 só seria permitida no discurso se houvesse ativação direta da proposição, mais a frente, no mesmo artigo, Schwenter (2005) relata uma ocorrência de Neg3 ativada indiretamente no discurso, em dados de fala da Bahia, local onde a estrutura tem maior índice de ocorrência.

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com o autor, as três estruturas só são intercambiáveis em situações nas quais há ativação indireta da proposição. Vale ressaltar que os trabalhos de Schwenter representaram um grande avanço nos estudos da negação, principalmente no âmbito das pesquisas sociolinguísticas, uma vez que se tornou possível identificar, de forma mais eficaz, os contextos nos quais as três estruturas representam variantes da mesma variável, conforme a noção apresentada por Labov (2008).

No que tange ao surgimento das estruturas negativas em questão, não há um consenso acerca do assunto. Alguns autores (*cf.* MELLO *et al*, 1998; BONVINI, 2008; LUCCHESI & BAXTER, 2009) sugerem que as negativas não canônicas poderiam ter sido incorporadas ao português por meio do contato entre línguas africanas e as línguas gerais falada no Brasil, no período escravagista; entretanto, outros defendem que essas estruturas já estavam presentes na língua portuguesa antes mesmo desse contato ocorrer, e que são uma consequência da evolução natural da língua.

Sob a perspectiva funcionalista, Furtado da Cunha (2001) afirma que a dupla negação, estrutura foco deste trabalho, surgiu por meio do processo de gramaticalização, uma vez que a segunda partícula negativa ultrapassa o plano discursivo e passa a pertencer ao plano gramatical. O processo acontece da seguinte forma: a segunda partícula negativa é adicionada à estrutura, primeiramente, como um reforço da negação, e, posteriormente, se torna necessária na oração, uma vez que a primeira partícula sofre desgaste semântico e fonológico e passa a não mais ser suficiente para negar.

Esse processo corresponde a uma das etapas do Ciclo de Jespersen ([1917] 2012), o qual explica o surgimento das estruturas negativas Neg1, Neg2 e Neg3. Utilizando como base o francês, Jespersen afirma que, em um primeiro momento, há apenas a negação pré-verbal [*ne V*] e, posteriormente, uma segunda partícula é adicionada por motivos de ênfase [*ne V (pa)*]; esta partícula torna-se obrigatória na estrutura [*ne V pa*], uma vez que a primeira perde propriedades semânticas e fonológicas e, conseqüentemente, torna-se opcional [(*ne*) *V pa*]; em sua última fase, apenas a segunda partícula negativa é suficiente e a primeira é apagada [*V pa*]. O francês estaria em uma fase intermediária, na qual a quarta e a quinta estruturas supracitadas coexistem.

No que tange à aplicação desse ciclo ao PB, acredita-se que a negação esteja passando por um processo de mudança linguística, como afirma Furtado da Cunha, (2007, p. 1640):

No caso da negação no Português Brasileiro, parece que temos um processo de mudança linguística em curso. Assim, as negações pré-verbal, pós-verbal e dupla negação estão em variação, considerando que a variação é uma consequência necessária da gradualidade da mudança linguística (cf. LICHTENBERK, 1991). Essas três formas se originaram em momentos diferentes da história: a negação pré-verbal é a mais antiga/primária, seguida pela dupla negação e, finalmente, da negação pós-verbal (cf. JESPERSEN, 1917; HORN, 1989; CROFT, 1991; DAHL, 1979).¹⁶

Para a autora, essa trajetória de mudança é comprovada pelo fato de a negação pré-verbal ser mais gramatical, isto é, não apresentar restrições discursivas; enquanto a dupla negação as apresenta e a negação pós-verbal é ainda mais restritiva (cf. FURTADO DA CUNHA, 2001). No entanto, Schwenter (2006) ressalta que a frequência das três estruturas nos estudos sociolinguísticos é bem semelhante, o que poderia ser um contraindicador para essa afirmação. Segundo o autor, a dupla negação geralmente apresenta frequência de, em média, 20% das realizações de estruturas negativas, enquanto a frequência da negação pós-verbal não ultrapassa 5% das realizações. Com isso, ele sugere que o que poderia ser realmente determinante no uso das estruturas não seriam fatores sociais, mas sim discursivo-pragmáticos.

Acerca dos contextos nos quais a dupla negação seria favorecida, Furtado da Cunha (2007), observando o *corpus* de sua pesquisa, sugere que esta seria mais comum em contextos nos quais “o falante momentaneamente interrompe o tema ou tópico central de uma conversa, fazendo uma digressão que corresponde a uma pausa temática”¹⁷. (FURTADO DA CUNHA, 2007, p. 1643), enquanto Roncarati (1996), pesquisadora que também utiliza princípios funcionalistas para análise da negação, apoiada nos preceitos de Schwegler, afirma que

Um dos contextos que engatilha a dupla negação NEG₂, em contraposição à NEG₁, é aquele que se insere no discurso, de modo intencionalmente explícito, construções que desacreditam pressuposições contrárias e induzem o interlocutor a se sentir naturalmente desafiado ou desacreditado. (ROCARATI, 1996, p. 98).

Além de observações sobre os contextos que favorecem o uso da dupla negação, Furtado da Cunha também faz apontamentos de natureza sociolinguística a respeito da estrutura. Observando dados orais e escritos da cidade de Natal, ela conclui que a dupla negação não é recorrente na segunda modalidade citada, uma vez que, em textos escritos, há registro apenas da negação pré-verbal. Outro fator relevante apontado foi a escolaridade: avaliando três

¹⁶ Tradução livre de: “In the case of negation in Brazilian Portuguese it seems that we have a linguistic change in progress. Thus, the preverbal, postverbal and double negatives are in variation, assuming that variation is a necessary consequence of the gradualness of language change (see Lichtenberk, 1991). These three forms originated at different times in the past: the preverbal negative is the oldest one, followed by the double negative and finally the postverbal negative (see Jespersen, 1917; Horn, 1989; Croft, 1991; Dahl, 1979).”

¹⁷ Tradução livre de: “The speaker momentarily interrupts the theme or central topic of the conversation, making a digression which corresponds to a thematic pause.”

níveis de escolaridade – 9º ano do ensino fundamental, 3ª ano do ensino médio e universitário –, a autora observou que de 158 ocorrências de dupla negação, apenas 39 foram realizadas por universitários, enquanto 67 foram realizadas por alunos do 9º ano. A partir disso, autora concluiu que quanto maior o nível de escolaridade dos falantes, menor o uso de dupla negação.

Roncarati (1996), ao analisar dados de Fortaleza, constata que a dupla negação é a segunda estrutura mais recorrente, contabilizando 149 ocorrências (18%) em um total de 813 estruturas negativas. Além de analisar fatores linguísticos e sociais, a autora também aplicou um teste de atitudes a fim de observar as impressões dos falantes acerca das estruturas. Sobre a dupla negação, Roncarati (1996, p. 101) afirma que “Muito embora no teste de atitudes, os informantes tenham associado a dupla negação a contextos enfáticos, segundo Schwegler (comunicação pessoal), a presença da ênfase é tão-somente efeito marginal da causa real, i. é, a rejeição de uma assumpção prévia.”

3.2 A dupla negação sob a perspectiva sociolinguística

Além dos trabalhos de cunho funcionalista e pragmático, existem ainda as pesquisas de natureza sociolinguística que têm contribuído para mostrar a expressão da negação no português brasileiro como um todo. Para que seja possível observar essa expressão de forma sintética, elaboramos um quadro que mostra dados de localidades onde a negação já foi investigada. Após breves comentários sobre os dados apresentados, comentamos a pesquisa de Iniciação Científica realizada no âmbito do português maranhense, vinculada a esta pesquisa de Mestrado, cujo foco também é a dupla negação. A seguir, o quadro-síntese.

Quadro 2 – Distribuição de estruturas negativas no PB em diferentes pesquisas

LOCALIDADES	Neg1	Neg2	Neg3
Fortaleza (RONCARATI, 1996)	625 (77%)	149 (18%)	39 (5%)
Mariana/MG (ALKMIM, 2001)	1787 (71,5%)	489 (19,5%)	40 (1,5%)
São Paulo – Amostra geral (ROCHA, 2013)	5279 (94%)	324 (5,8%)	4 (0,2%)
Rio de Janeiro (NUNES, 2014)	616 (73,1%)	214 (25,4%)	13 (1,5%)
Vitória/ES (NASCIMENTO, 2014)	1751 (77,4%)	478 (21,1%)	34 (1,5%)

Fonte: elaborado pela autora.

A fim de compor um quadro-síntese da negação no PB, identificamos 14 trabalhos de natureza sociolinguística, dos quais cinco foram selecionados, com o intuito de mostrar um panorama da negação em diferentes localidades brasileiras, em especial da dupla negação.

Observando essas pesquisas, verificamos que, como afirma Schwenter (2005), a frequência das estruturas negativas segue um padrão de realização no PB: há maior realização da negação pré-verbal – uma média de 78,6% das realizações –, seguida da dupla negação – média 18% – e, por fim, a negação pós-verbal – média de 2% das realizações. Isso mostra que, apesar de a dupla negação, ser apontada por muitos falantes como uma marca do falar nordestino, sua frequência acaba sendo semelhante aos números obtidos em localidades de outras regiões brasileiras.

Vale ressaltar ainda que poucos são os estudos que enfocam especificamente a dupla negação. Dos trabalhos apresentados acima, apenas o de Rocha (2013) investiga especificamente essa estrutura, enquanto os outros analisam as três estruturas negativas.

Quanto à expressão da dupla negação no português maranhense, há registro de apenas um trabalho que visa analisar a estrutura. Em um trabalho vinculado a essa pesquisa de Mestrado, utilizando como amostra o banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), Sousa (2016), em sua pesquisa de Iniciação Científica, analisa a dupla negação, considerando fatores sociais – sexo, faixa etária e escolaridade –, linguístico – tempo verbal – e discursivo-pragmático – ativação da proposição.

Para análise, a autora considera cinco das 17 localidades que compõem a rede de pontos do projeto ALiMA, distribuídos entre as cinco mesorregiões do Estado: São Luís, capital do Estado (Mesorregião Norte), Alto Parnaíba (Mesorregião Sul), Brejo (Mesorregião Leste), Bacabal (Mesorregião Centro), e Turiaçu (Mesorregião Oeste).

Ao realizar uma análise quantitativa, com dados de fala de 24 informantes, distribuídos igualmente entre as localidades¹⁸ – considerando os fatores sexo e faixa etária –, Sousa (2016) constata também que a dupla negação é a segunda estrutura mais recorrente, contabilizando 181 realizações (19,1%) de um total de 915 estruturas negativas.

Quanto à questão diatópica, a autora observou que a dupla negação se mostrou mais recorrente nos municípios de Alto Parnaíba (37,6%) e Bacabal (32,7%), enquanto na capital do

¹⁸ São Luís é a única localidade a apresentar oito informantes, uma vez que somente na capital o fator escolaridade foi considerado.

Estado, São Luís, a estrutura apresentou menor frequência (9,7%), como mostra a tabela a seguir:

Tabela 1 - Distribuição geral da ocorrência das três estruturas negativas considerando as localidades investigadas (SOUSA, 2016).

LOCALIDADES	VARIANTES		
	<i>Neg.1</i>	<i>Neg.2</i>	<i>Neg.3</i>
<i>São Luís</i>	295 (89,7%)	32 (9,7%)	2 (0,6%)
<i>Brejo</i>	42 (66,7%)	16 (25,4%)	5 (7,9%)
<i>Bacabal</i>	93 (47,4%)	64 (32,7%)	39 (19,9%)
<i>Turiação</i>	145 (84,8%)	19 (11,1%)	7 (4,1%)
<i>Alto Parnaíba</i>	76 (57,1%)	50 (37,6%)	29 (5,3%)
<i>Total</i>	651 (71,1%)	181 (19,8%)	83 (9,1%)

Fonte: Sousa (2016, p. 20).

Vale ressaltar que, nessa análise, Sousa considerou oito informantes para São Luís e apenas quatro nas demais localidades. O resultado é interessante, pois indica que, ainda assim, na capital do Estado, talvez pela presença de mais agências de monitoramento da língua e melhores condições de ensino, a negação canônica foi a mais recorrente, enquanto em todas as outras localidades, houve maior incidências das estruturas não-canônicas.

Quanto ao fator sexo, a dupla negação apresentou maior frequência entre os homens (61,3%), o que corrobora o que é postulado pela Sociolinguística Variacionista: as mulheres usam mais a forma padrão, devido à cobrança social que impõe um comportamento compatível com as regras impostas pela sociedade (*cf.* CEZÁRIO & VOTRE, 2015). Já no que tange ao fator escolaridade, a dupla negação mostrou-se mais recorrente entre os falantes com ensino fundamental (72%), apesar da pouca quantidade de dados, o que aponta para o que postula Labov acerca do uso da variante inovadora ser mais frequente entre os falantes com menor nível de escolaridade.

A respeito dos fatores linguístico – Tempo Verbal – e discursivo-pragmático – Ativação da Proposição –, a estrutura foi mais recorrente em orações que estavam no presente do indicativo (92,3%) e não mostrou diferenças significativas entre as ativações direta (59,6%, das realizações) e indireta (40,4%) das proposições.

3.3 A dupla negação em gramáticas e outras que têm como foco a língua portuguesa

A dupla negação, conforme visto anteriormente, é uma das estruturas coloquiais de negação no PB, que se mostra pouco recorrente na variedade escrita da língua, provavelmente por não ser a estrutura padrão e, conseqüentemente, não fazer parte da norma padrão do português.

Ao aplicarmos o Teste de Percepção, como veremos no Capítulo 5, muitos falantes mostraram uma atitude negativa em relação à estrutura por terem a crença de que se trata de um *erro de português*, sendo, portanto, seu uso não adequado. Motivados por esse pensamento, resolvemos investigar o que gramáticas e outros materiais que têm como foco o estudo da língua portuguesa¹⁹ comentam a respeito da estrutura, uma vez que essa crença se mostrou uma das mais recorrentes entre os falantes maranhenses.

Assim, organizamos um quadro-síntese no qual apresentamos, em ordem cronológica, o que cada obra consultada informa a respeito da negação e, mais especificamente, da dupla negação. O quadro está organizado da seguinte forma: na primeira coluna, constam o título da obra, o autor e o ano de publicação; na segunda, estão registrados o título do capítulo, a seção ou tópico dedicado à negação e, em alguns casos, comentários relevantes feitos pelos autores acerca de estruturas negativas, em especial, a negação canônica pré-verbal; na terceira, transcrevemos o que cada autor diz a respeito da estrutura foco deste trabalho, seja sob o título de dupla negação ou de qualquer outra nomenclatura, e também demais comentários que se aproximem ao tema, como, por exemplo, reforço da negação com outros itens negativos, entre outros. Vale ressaltar que as linhas que estão destacadas com a cor cinza referem-se às obras que, de fato, discorrem acerca da dupla negação.

Quadro 3 - A negação nas gramáticas e em outras obras que têm como foco a língua portuguesa e seus apontamentos acerca da negação e dupla negação.

GRAMÁTICA	SOBRE NEGAÇÃO	SOBRE DUPLA NEGAÇÃO
<i>Gramática Metódica da Língua Portuguesa</i> (ALMEIDA, [1911] 1975)	Capítulo Morfologia: Advérbio, Tópico Negação Em uma nota de rodapé, o autor fala dos diversos usos do advérbio <i>não</i> , principalmente em situações nas quais esse advérbio perde seu valor negativo. No entanto, nada é dito a respeito da dupla negação (p. 287)	

¹⁹ O quadro-síntese (cf. Quadro 3) que apresentamos inclui gramáticas normativas, descritivas, históricas, de uso.

<i>O dialeto caipira</i> (AMARAL, [1920] 1976)	Seção Negativas	“A negativa <i>não</i> repetida depois do verbo: não quero não, não vou não, parece puro brasileiro” (p. 80)
<i>Gramática Histórica da Língua Portuguesa</i> (SAID ALI, [1931] 1965)	Seção A negação	“Diferentemente de nós, e de acordo com a linguagem vulgar, os escritores antigos, e ainda alguma vez os quinhentistas, empregavam sem restrições a negação dupla, e até triplice, com efeito reforçativo. Ex.: <i>Nem eu nem</i> vos faço prazer (Canc. Aj. 6) (...)” (p. 199) Percebemos que negação dupla comentada pelo autor refere-se ao uso de duas palavras negativas diferentes em uma mesma estrutura, uma vez que os exemplos citados não incluem Neg2.
<i>Escrever Certo: principais dificuldades</i> (MACHADO FILHO, [1935] 1966)	Capítulo Reforço da negativa	“Em português, porém, desde que <i>não</i> abra o período, pode reforçar-se a negativa, repetindo <i>não</i> ou empregando outra palavra negativa. (...) Duas negativas, ao contrário de valerm por uma afirmação, representam elegante torneio enfático, muito útil à energia da linguagem. São frases recorrentes a toda hora: ‘Não quero não’, ‘não quis nunca’ (...)” (p. 108)
<i>Gramática normativa da Língua Portuguesa: Curso Superior</i> (SILVEIRA BUENO, [1944] 1973)	Seção A negação em português	Apesar de não apresentar exemplos com Neg2, o autor fala de reforço da negativa com outros itens negativos. “Dependendo a negação da linguagem afetiva, podemos empregar a negativa simples <i>não</i> , <i>nunca</i> , mas, em geral, reforçamos a idéia pelo acréscimo de outras palavras de igual significado: <i>nunca</i> , <i>jamais em tempo algum</i> ”. (p. 344) “Ensinam alguns que não podemos empregar, na mesma frase, duas negativas juntas porque, dizem eles, formam uma afirmação. Tal doutrina é insustentável (...) Ex.: A linha <i>não</i> respondia <i>nada</i> ” (p. 345).
<i>O fator psicológico na evolução sintática</i> (JUCÁ, 1953)	Seção Teoria das Negações	“É intolerável a negação pleonástica, redundante; mas todas as vezes que a palavra negativa ocorre depois do verbo, é preciso que haja uma antecipação” (p. 187). O autor, no entanto, não apresenta exemplos de dupla negação.
<i>Pontos de Gramática Histórica</i> (COUTINHO, 1969)	Cita exemplo de Neg1 e fala da existência de duas partículas negativas pré-verbais no português arcaico	
<i>Gramática da Língua Portuguesa</i> (CUESTA; LUZ, [1971] 1980)	Capítulo Sintaxe: o Advérbio, tópico Advérbios de negação.	“O advérbio <i>não</i> vai normalmente, neste idioma, a seguir à forma negativa do verbo, em vez de ir só ou precedê-la, como em espanhol. Ex.:

		Achou a corrida melhor que a do ano passado? – Não achei, não” (p. 546).
<i>Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do Português Arcaico</i> (MATTOS E SILVA, [1984] 1989)	Seção A ordem dos sintagmas em enunciados principais negativos “Regra geral a negação está expressa por <i>non</i> e vem imediatamente antes do verbo”. (p. 795)	
<i>Gramática do Português Antigo</i> (HUBER, [1986] 2006)	Seção “Advérbios de negação (negações)”	Apesar de apresentar uma nota falando de negação pleonástica de <i>nom</i> , o autor apenas cita o aparecimento de outras formas negativas na mesma estrutura, mas nenhuma dela é o <i>nom</i> duplicado (p. 261).
<i>Gramática descritiva do português</i> (PERINI, 1995)	Capítulo Oração simples, seção Negação verbal. À luz da Teoria Gerativa, o autor versa sobre os traços pertencentes ao constituinte negativo de uma oração. Não há referência, no entanto, à dupla negação.	
<i>Gramática do português falado</i> (CASTILHO, 1996)	Seção “A negação”, subseção “Advérbios não-predicativos”. Negação pré-verbal: “A posição habitual do advérbio de negação por excelência, não, é imediatamente pré-verbal, e seu deslocamento para outras posições aparece na maioria dos casos como impossível, de modo que a construção mais habitual da negação em português poderia justificadamente ser caracterizada como uma construção quase-clítica.” (p. 131)	Reduplicação da negação: negação reforçada por <i>outros itens negativos</i> . “Não é claro o limite que passa entre esses tipos e o emprego mais típico de não (...) frequentemente, a negação que precede o verbo é reforçada por palavras negativas ocorrendo após o verbo, e que algumas dessas palavras negativas podem ser antepostas dispensando a própria ocorrência de <i>não</i> ” (p. 132).
<i>Gramática de usos do português</i> (NEVES, 2000)	Capítulo A negação, seção Reforço da negação	“O reforço da negação pode também ser feito pela repetição da partícula NÃO no final do enunciado, seja asseverativo (Não estou caçando briga com ninguém não), seja interrogativo (Você não tem vergonha, não?)” (p. 318-319)
<i>Gramática do Português Falado</i> (ABAURRE, 2002)	Capítulo Itens negativos em <i>corpus</i> do português brasileiro	“Itens negativos ocorrendo no final da sentença parecem funcionar como uma reafirmação da negação: a realização do operador negativo <i>não</i> em posição pós-verbal, como em (Ninguém ia saindo assim não), é corroborada pela introdução de um outro item negativo no final da sentença” (p. 357) No entanto, não são apresentados exemplos de Neg2
<i>Gramática da língua portuguesa (Português Europeu)</i> (MATEUS, 2003)	Capítulo “Aspectos sintáticos da negação”. Seção “Colocação do NÃO”: Neg1: “Na negação frásica, a posição canônica do marcador de negação	Seção “Colocação do NÃO”: “O marcador de negação frásica <i>não</i> pode ser redobrado. Assim, em frases exclamativas, uma nova ocorrência de não pode surgir numa posição

	<i>não</i> é no início do constituinte que exprime o predicado.” (p. 774)	periférica pós-frásica. Ex. O António não diria isso à Maria, não!” (p. 776)
<i>Gramática do Português, v. 1</i> (RAPOSO <i>et al</i> , 2003)	Capítulo Negação, seção Aspectos particulares da negação oracional, subseção Construções especiais de negação oracional, tópicos Dupla negação e Negação reforçada	Para os autores, Dupla Negação é quando dois operadores negativos ocorrem em sequência, anulando-se mutuamente. Ex.: Vou responder, <i>não sem</i> antes consultar um jurista. Já a Negação Reforçada, apresentada por eles, é o que nos referimos por dupla negação: “O fenómeno da negação reforçada, em que se usa um operador negativo para reforçar o valor de negação já expresso por um outro operador negativo, é atestado por frases do tipo <i>não sei, não</i> (por exemplo, como resposta à pergunta <i>sabe que horas são?</i>)” (p. 480)
<i>O português brasileiro: formação e contrastes</i> (NOLL, 2008)		Capítulo A formação das peculiaridades brasileiras, seção O verbo: “A negação repetitiva na língua coloquial brasileira (<i>não quero não</i>) é também um arcaísmo, que ocorre em épocas antigas do português. A construção exercia originalmente uma ênfase, por meio da repetição pós-verbal, atuante no francês antigo. Corresponde também ao princípio da dupla negação do português que destaca um pronome indefinido negativo, por meio da anteposição do advérbio <i>não</i> (<i>não sei nada, não vi ninguém</i>).” (p. 252)
<i>Nova gramática do português contemporâneo</i> (CUNHA; CINTRA, 2007)	Na seção Colocação dos advérbios, “o de negação antecede sempre o verbo: Então não se cava a terra?” (p. 560)	
<i>Gramática Houaiss da Língua Portuguesa</i> (AZEREDO, 2008)	Seção A negação Ao falar sobre a polaridade das frases, que pode ser tanto positiva (Os cachorros estão soltos) como negativa (Os cachorros não estão soltos), o autor afirma: “Estes exemplos ilustram o mecanismo sintático típico de expressão da negação em português: posicionamento da palavra ‘não’ imediatamente antes da forma verbal” (p. 78)	
<i>Gramática do português culto falado no Brasil</i> (CASTILHO, 2008)	Capítulo O advérbio, seção Advérbios de Negação	“Freqüentemente, as sentenças negativas do português comportam, além do <i>não</i> que aparece imediatamente antes do verbo, outras expressões usadas a título de reforço, como <i>nada, nem um pouco, de maneira nenhuma</i> , ou mesmo uma segunda ocorrência de <i>não</i> . O que conta é que, em sentenças como (Ex. [tem hora que] sai uma briga <i>não é não</i> não sai <i>não</i> ?), as duas ocorrências de <i>não</i> realizam um único ato de

		negação, ou seja, não se anulam reciprocamente.” (p. 462)
<i>Gramática do português brasileiro</i> (PERINI, 2010)	Capítulo Construções Interrogativas e Negativas, Seção Negativas, Subseção Dupla negação	Dupla negação: características sintáticas da estrutura “A maneira mais comum de negar um verbo é colocar <i>não</i> antes dele e outro <i>não</i> no final do período. Ex.: Eu não vou lá não.” (p. 128).
<i>Gramática comparativa: Houaiss: quatro línguas: português, espanhol, italiano, francês</i> (BRITO et al, 2010)	Seção A negação e a Afirmação, subseção A negação proposicional e predicativa	“No uso coloquial do português brasileiro, a negação tende a ser reforçada com a repetição da partícula <i>não</i> após o verbo. Ex.: Não sei, não. Ninguém veio, não.” (p. 247)
<i>Nova gramática do português brasileiro</i> (CASTILHO, 2012)	Seção Asseverativas Negativas e Seção Advérbios de afirmação e negação	Redobramento da negação: “Em (Não tá gostando não?), o redobramento se dá através da repetição da palavra, no esquema ‘não + verbo + não’” (p. 576) O autor ainda explica que a primeira partícula pode sofrer um processo de desgaste fonológico e semântico até ser completamente apagada, dando origem à estrutura Neg3.

Fonte: elaborado pela autora

Das 24 obras examinadas, 11 mencionaram diretamente o que chamamos de dupla negação, mesmo que não tenham utilizado essa nomenclatura. É interessante ressaltar que, nas duas obras mais antigas que citam a estrutura (AMARAL, 1976 [1920]; MACHADO FILHO, [1935]1966), a dupla negação é retratada positivamente, sendo reconhecida como “puro brasileirismo”, o que pode estar relacionado ao fato de a estrutura ser pouco recorrente no português europeu, aparecendo apenas em situação de reforço, ou retratada como um “elegante torneio enfático muito útil à energia da linguagem”. Machado Filho ressalta ainda que esta é uma estrutura bastante comum e recorrente no português. Vale reforçar ainda que, apesar de a primeira obra tratar de uma descrição do falar caipira, o que poderia nos fazer pensar que a estrutura é valorizada apenas em um contexto de falar interiorano, a segunda obra citada, *Escrever Certo* (1966 [1935]), é o primeiro volume de uma Coletânea que visa sanar dificuldades e dúvidas existentes a respeito da língua portuguesa, o que nos mostra que a estrutura pode ser vista positivamente mesmo em meio normativo.

As demais obras que discorrem a respeito da dupla negação apresentam o uso do segundo NÃO como um reforço à proposição negada, sem retratar negativamente o uso da estrutura.

Considerando o exposto no quadro-síntese, observamos que, mesmo sendo a dupla negação uma estrutura pouco recorrente na escrita, as gramáticas e demais obras citadas têm-

se preocupado em registrar o uso da estrutura, recorrente no PB, sem associá-lo à noção de erro gramatical, o que mostra que, apesar de esta crença estar presente no imaginário dos falantes, ela não se confirma quando observamos essas obras.

Síntese do capítulo

Neste capítulo, enfocamos a dupla negação, apresentando, primeiramente, uma breve discussão sobre o que vertentes linguísticas como o funcionalismo e a pragmática discorrem acerca da estrutura. Assim, respaldados em Givón ([1979] 2012), Schwegler (1991), Schwenter (2005), Roncarati (1996, 1997), Furtado da Cunha (2001, 2006), apresentamos as ideias de ênfase, reforço e ativação da proposição, geralmente associadas à dupla negação.

Para melhor entendimento a respeito da realização da dupla negação no PB, comentamos pesquisas já realizadas sobre essa estrutura. Trabalhos como o de Cavalcante (2009), Rocha (2013), Nascimento (2014), Nunes (2014) e Alkmim (2001) foram citados para exemplificar o panorama da dupla negação no PB.

Posteriormente, enfocamos o percurso seguido por gramáticas e outras obras que têm como foco o português, de modo a observar se a dupla negação vem sendo abordada ao longo dos anos, pois, apesar de haver registros do uso dessa estrutura no português já no século XVI, em textos de Gil Vicente (NOLL, 2008), verificamos que só recentemente essa estrutura vem ganhando espaço nas gramáticas do português, em especial nas que se voltam para a língua falada. Por conta disso, um percurso histórico da dupla negação nas gramáticas do português faz-se necessário para entendermos de forma mais completa a expressão e aceitação dessa estrutura no PB. Até o presente momento, encontramos referência à estrutura nos trabalhos de Jucá (1953), Said Ali (1965), Castilho (1996, 2008), Neves (2000), Abaurre & Rodrigues (2002), Raposo *et al* (2003), Brito *et al* (2010), Perini (2010) e Mateus *et al* (2003).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme explanado na Introdução, o fato de haver registro de apenas um trabalho que trata da dupla negação no português maranhense foi um dos fatores que nos motivou a desenvolver a presente dissertação, o que nos levou a realizar uma investigação do uso geral da dupla negação no Estado, considerando fatores sociais e discursivo-pragmáticos, uma vez que estudos a respeito dessa estrutura negativa, em variedades do PB, têm apontado esses fatores como relevantes para realização da negação (cf. SCHWENTER, 2005; GOLDNADEL *et al* 2013; ROCHA, 2013). Esse panorama geral servirá de subsídio para o nosso foco de análise: as crenças presentes no imaginário dos falantes maranhenses, bem como suas atitudes perante o uso da estrutura.

Assim, a pesquisa é orientada pelos preceitos teórico-metodológicos da Sociolinguística (LABOV, [1966] 2006; [1972] 2008; TARALLO, 1983, 1997), área de estudo que observa a língua como um sistema relacionado diretamente com o meio social em que está inserida. Dessa forma, adotamos a visão de que a língua é um fato social, isto é, -construída por seus falantes reunidos em sociedade, tendo sua história, cultura, hábitos refletidos por meio da linguagem. Observamos, pois, a língua em seu uso real, considerando a influência tanto de aspectos linguísticos como extralinguísticos.

Conforme essa vertente, variáveis sociais, como localidade, sexo, faixa etária, estrato social, entre outras, influenciam diretamente a língua falada. Neste trabalho, analisamos a atuação dos três primeiros fatores na realização da dupla negação.

Os estudos sobre a negação apontam ainda os fatores discursivo-pragmáticos como alguns dos mais relevantes para a análise do fenômeno, uma vez que a observação do uso real de construções possíveis em uma língua implica também o estudo das funções que estas ocupam. Assim, observando as pesquisas já realizadas na área (cf. RONCARATI, 1996; FURTADO DA CUNHA, 2001; LIMA, 2010; ROCHA, 2013; NASCIMENTO, 2014), selecionamos, como variáveis a serem analisadas, a *ativação da proposição* e o *tipo de contexto discursivo*.

Considerando ainda que concebemos a língua como um instrumento de interação social e que os sujeitos que a usam se inserem em uma diversidade de situações comunicativas, com propósitos diversos e percepções acerca do uso da língua também diversas, cremos ser necessário analisar a língua em situações reais de uso, observando também a avaliação que os próprios falantes fazem acerca desse uso.

Para a coleta da amostra, utilizamos instrumentos que foram elaborados segundo níveis escalares de estímulos, para que pudéssemos avaliar a dupla negação desde a ausência de estímulo para sua realização, até o nível máximo de estímulo, quando perguntamos diretamente sobre essa construção. A seguir, apresentamos um quadro com os níveis de estímulos:

Quadro 4 - Níveis de estímulos presentes nos instrumentos de pesquisa utilizados

NÍVEL DE ESTÍMULO	INSTRUMENTO DE PESQUISA	OBJETIVO
Nível 1	Roteiro de Discurso Semidirigido	Estimular a produção de relatos, tendo como tópicos orientadores do discurso: a história e a cultura da localidade, hábitos e experiências pessoais, sem necessariamente provocar o uso da negação.
Nível 2	Teste de Produção	Motivar o falante a responder os questionamentos propostos utilizando uma das estruturas negativas possíveis no PB.
Nível 3	Teste de Percepção: situações-estímulo	Confrontar o falante com situações-estímulo que representam contextos discursivos, para que ele escolha uma das opções de resposta (cada uma com uma estrutura negativa) e justifique sua escolha.
Nível 4	Teste de Percepção: perguntas abertas	Questionar o falante a respeito do uso da dupla negação, dos contextos favoráveis ao emprego dessa estrutura e dos perfis de seus usuários.

Fonte: Elaborado pela autora

Em consonância com nossa proposta, estruturamos o presente capítulo da seguinte forma: (i) delimitação/seleção das localidades investigadas; (ii) delimitação do perfil dos informantes; (iii) descrição do processo de elaboração e aprimoramento dos instrumentos da pesquisa; (iv) pesquisa de campo; (v) variáveis analisadas; e (vi) constituição do *corpus* da pesquisa.

4.1 *Loci* da pesquisa

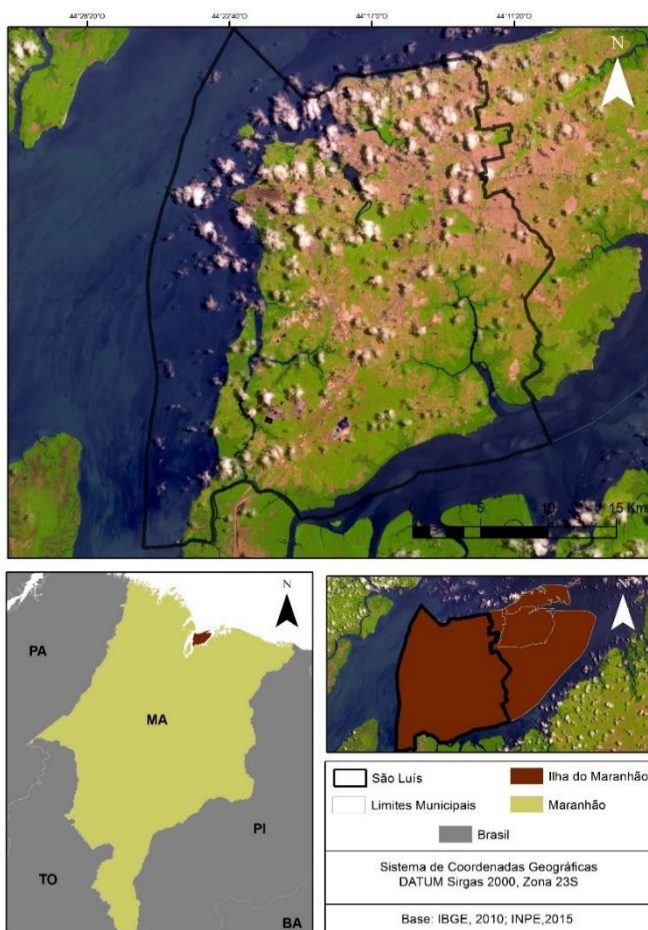
Para fazer uma investigação da dupla negação no português falado no Maranhão, escolhemos duas localidades para análise: a capital do Estado, São Luís, e a comunidade quilombola Jamary dos Pretos.

Escolhemos essas duas localidades, pois buscamos verificar o uso da dupla negação no Maranhão, comparando o meio urbano e o rural, para verificar se o tipo de localidade – isolada geográfica e socialmente (comunidade rural de difícil acesso e com pouco contato com

meios de comunicação externos e com a escola, por um lado, fonte primordial do letramento em nossa sociedade e, por outro, agência padronizadora da língua) ou mais acessível (meio urbano, formado por diversas influências e maior contato com meio externo) – influencia o uso e a percepção que os falantes têm acerca do fenômeno.

São Luís é uma cidade situada na mesorregião do Norte Maranhense, microrregião Aglomeração Urbana de São Luís, com extensão de 834,785 km², é um dos principais polos urbanos do Estado. Recebe imigrantes vindos tanto dos interiores do Maranhão, como de outros estados, em busca de oportunidades de estudo e trabalho e, segundo o IBGE (2015), tem como principais atividades econômicas agricultura, pecuária e extrativismo vegetal. A cidade, que já tem 405 anos, apresenta uma história recheada de influências de grandes povos colonizadores, como portugueses, franceses e holandeses. Considerando que a história de uma língua é reflexo da história de seu povo, a variedade do português maranhense é marcada por grandes contribuições, principalmente de línguas indígenas e africanas. A seguir, apresentamos o mapa de São Luís com a demarcação gráfica da cidade.

Figura 2 - Mapa de São Luís



Fonte: INPE. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Catálogo de Imagens, 2015

A segunda localidade selecionada para a realização desta pesquisa é Jamary dos Pretos, uma comunidade rural do município de Turiaçu, situado na mesorregião Oeste Maranhense, na microrregião Gurupi, na Baixada Ocidental maranhense, a 467 km de São Luís. A comunidade fica a 60 km da sede do município e a 18 km do trecho da rodovia estadual MA-209, a partir do qual se segue um caminho que leva diretamente ao quilombo. Esse acesso, no entanto, é bastante precário, facilitado apenas pelo desmatamento manual da área. O tráfego de veículos automotivos é bastante limitado e impraticável em períodos chuvosos. Para chegar ao quilombo, a comunidade utiliza como meios de transportes mais comuns paus-de-arara e motocicletas, que realizam percursos apenas uma vez ao dia, de segunda a sexta-feira.

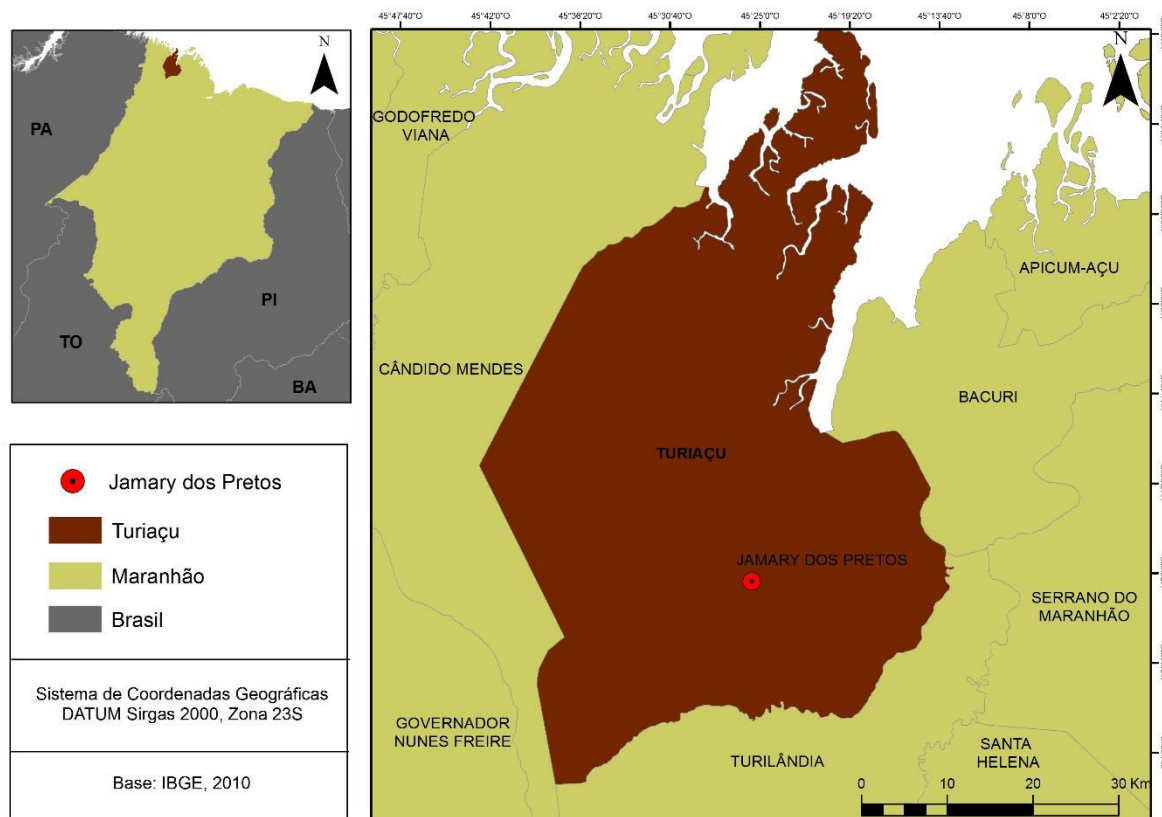
A economia do município é baseada na lavoura, mais especificamente na plantação de milho, arroz, maxixe, banana, fava, batata e mandioca. Esta última parece envolver grande parte das atividades dos quilombolas. Muitos trabalham nas chamadas “casas de forno”, na fabricação de farinha e de tapioca, que, além de servirem para o consumo próprio, sendo consideradas pelos quilombolas a base de sua alimentação, são comercializadas, gerando uma fonte de renda. Basicamente, a ocupação diária de quase todos os moradores do quilombo, em especial pelos mais velhos, está relacionada com atividades na roça. Poucas são as atividades que não envolvem trabalhos braçais. As oportunidades de emprego, portanto, são bastante limitadas. Os quilombolas relatam que, além da atividade na lavoura, os únicos trabalhos que conseguem dentro da comunidade são serviços gerais na escola municipal do quilombo, apenas quando ela não está desativada.

Jamary possui duas escolas: uma municipal, que oferece turmas do Ensino Fundamental, e outra estadual, onde estudam os alunos do Ensino Médio. No período em que realizamos a pesquisa de campo no quilombo, a escola estadual encontrava-se desativada há vários meses, segundo nos informaram os moradores da localidade. Apesar dos esforços de alguns líderes da comunidade para estimular os moradores, principalmente os mais jovens, a lutar pela educação, as condições reais não são favoráveis. O funcionamento irregular das escolas e as escassas oportunidades de trabalho fora da lavoura são fatores desmotivadores do ingresso na escola e de sua permanência nela e assim se explicam tanto o significativo índice de analfabetismo da população como seu baixo grau de escolarização.

Jamary é uma comunidade bastante fechada, isto é, com pouco contato com o meio exterior. Trata-se de uma área rural, com casas de taipa e algumas de alvenaria; não possui cobertura telefônica; o sinal de internet só é acessível em apenas em uma das escolas; só

possuem aparelhos de televisão em algumas casas, e o rádio sintoniza apenas as estações mais próximas da região.

Figura 3 - Mapa de Turiaçu com a localização da comunidade rural Jamary dos Pretos.



Fonte: INPE. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Catálogo de Imagens, 2010.

4.2 Perfil dos informantes

Nossa amostra é composta por dados de 32 sujeitos, sendo 20 de São Luís e 12 de Jamary. Dessa amostra, selecionamos para compor nosso *corpus* os dados de 24 informantes, pelo fato de se tratar de uma pesquisa quanti-qualitativa e, por isso, não necessitamos de uma grande quantidade de dados para fazer generalizações acerca do uso da variante. Dessa forma, consideramos que apenas dois informantes de cada célula são suficientes para nossa análise.

Para a pesquisa que deu origem à presente dissertação, selecionamos dados de fala de 24 informantes, sendo 16 de São Luís e oito de Jamary dos Pretos, divididos igualmente entre os dois sexos – masculino e feminino – e duas faixas etárias – faixa I, 20 a 45 anos, e faixa II, de 55 ou mais. Os informantes são naturais da localidade pesquisada ou nela vivem há, no mínimo, um terço de suas vidas.

O fator escolaridade também foi considerado, uma vez que buscamos investigar se o conhecimento da língua padrão influencia diretamente nas crenças e atitudes que os falantes entrevistados podem ter acerca da estrutura. No entanto, devido ao baixo grau de escolarização dos moradores de Jamary dos Pretos, optamos por analisar os níveis de escolaridade – ensino fundamental (Grau I) e ensino superior (Grau II) – apenas na capital do Estado, São Luís.

A seguir, um quadro com a identificação dos informantes e seus respectivos códigos.

Quadro 5 - Informantes considerados para a pesquisa

SÃO LUÍS			
Informante	Faixa etária	Escolaridade	Sexo
1	Faixa I	Grau I	Mulher
2			Homem
3			Mulher
4			Homem
5		Grau II	Mulher
6			Homem
7			Mulher
8			Homem
9	Faixa II	Grau I	Mulher
10			Homem
11			Mulher
12			Homem
13		Grau II	Mulher
14			Homem
15			Mulher
16			Homem
JAMARY DOS PRETOS			
Informante	Faixa etária	Escolaridade	Sexo
17	Faixa I	Grau I	Mulher
18			Homem
19			Mulher
20			Homem
21	Faixa II		Mulher
22			Homem
23			Mulher
24			Homem

Fonte: elaborado pela autora

Como critério de seleção dos informantes, optamos por utilizar as entrevistas em que:

(i) ocorreu maior uso de estruturas negativas em discursos livres, a saber: negativa pré-verbal,

dupla negação e negação pós-verbal, para que pudéssemos observar a expressão da dupla negação em relação às outras estruturas; (ii) os informantes foram mais espontâneos e desinibidos em sua fala.

4.3 Instrumentos da pesquisa

Após o momento inicial de busca em livros, teses, dissertações e artigos científicos sobre a temática da pesquisa, partimos para a construção dos instrumentos da pesquisa, a saber: Ficha de Localidade, Ficha de Informante, Ficha de Acompanhamento, Roteiro de Discurso Semidirigido, Teste de Produção, Teste de Percepção.

A Ficha de Localidade (*cf.* Anexo 1) é um documento que tem como finalidade registrar informações de cunho geográfico, histórico, social, que reúnem um panorama geral das principais características das localidades. É uma ficha que deve ser preenchida antes do momento das entrevistas, de modo a fornecer informações que poderão ser úteis na elaboração dos materiais de apoio a serem utilizados, como roteiros e questionários. Foi elaborada com base na ficha utilizada pelo Projeto ALiMA.

A Ficha do Informante (*cf.* Anexo 2) foi elaborada com base na Ficha de Informante usada pelo projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)²⁰ e reúne informações gerais acerca dos falantes, como sexo, faixa etária, nível de escolaridade, diversões e lazer. Há ainda um campo para observações para que o entrevistador possa explicitar suas impressões acerca da entrevista (*cf.* CARDOSO, 2010).

A Ficha de Acompanhamento (*cf.* Apêndice 1) é uma ficha de controle, preenchida durante a entrevista, como monitoramento das realizações de estruturas negativas e demais observações que possam ser relevantes para a pesquisadora, como impressões e principais ideias apresentadas pelo falante.

A elaboração dos demais instrumentos (*cf.* Apêndice 2) – Roteiro para Discursos Semidirigidos e Teste de Produção e Percepção, no entanto, aconteceu de forma processual,

²⁰ O Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) é um projeto que se insere na área da sociolinguística e dialetológica e tem como objetivo primeiro investigar as particularidades do português maranhense nos diversos níveis de análise linguística. O ALiMA segue a mesma orientação teórico-metodológica do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), usando, portanto, os mesmos instrumentos de pesquisa elaborados pelo ALiB, mas com algumas modificações, de modo a dar conta das particularidades linguístico-culturais do Estado. A equipe de pesquisadores do atlas estadual também integra a equipe de pesquisadores da nacional.

pois foram necessárias atualizações para que estes se tornassem mais eficazes e de fácil compreensão para os informantes.

Além dos instrumentos que serviram de apoio para a recolha dos dados analisados neste trabalho, elaboramos ainda um teste de falsos pares, a fim de observar se este seria um instrumento válido para alcançarmos nossos objetivos, tendo em vista que esse é um dos testes mais utilizados em análises de crenças e atitudes linguísticas (*cf.* Apêndice 3).

4.3.1 Roteiro de Discurso Semidirigido

Uma vez que um de nossos objetivos é investigar um fenômeno morfossintático da língua em seu contexto real de uso, fez-se necessária a utilização de um instrumento que possibilitasse tal coleta. Assim, elaboramos um Roteiro de Discurso Semidirigido, com 17 tópicos, que permite ao falante discorrer, de forma espontânea, sobre assuntos como hábitos diários, cultura local e infância. Vale ressaltar que, apoiados nos resultados apontados na pesquisa de Nascimento (2014), tentamos manter, ao máximo, o contexto dialogal com os entrevistados, uma vez que foi comprovado em sua pesquisa que esse tipo de contexto favorece o uso da dupla negação. Apoiados também nas pesquisas de Furtado da Cunha (2001), que sugere que essa estrutura negativa é mais recorrente em determinados contextos, tentamos estimulá-los, sempre que possível, fazendo perguntas sobre os assuntos comentados previamente, de modo a manter o contexto dialogal com vistas a incitar de maneira sutil o uso de estruturas negativas. Vale ressaltar que, apesar de nossos esforços, nem sempre foi possível manter esse diálogo com os falantes, pois alguns não permitiam troca de turno, fazendo com que as intervenções do pesquisador fossem, majoritariamente, referentes a estímulos e mudança de tópico/assunto.

O material coletado, portanto, não constitui, essencialmente, conversas espontâneas, e alguns fatores evidenciam isso: o falante sabia que estava sendo gravado, por vezes não conhecia o entrevistado e o ambiente de entrevista, em alguns casos, não foi favorável a uma postura mais espontânea por parte do entrevistado, o que é comum nesse tipo de pesquisa (*cf.* TARALLO, 1997).

Verificando os estudos linguísticos já realizados sobre o português falado em Jamary, encontramos apenas o estudo de Santos (2013), que investigou a visão de mundo dos moradores do quilombo sob uma perspectiva etnoterminológica. Para a coleta de dados, observamos que a autora fez uso de um Roteiro Etnolinguístico/Etnoterminológico, de elaboração própria.

O roteiro é composto por 48 tópicos, distribuídos em duas partes. A primeira, é uma reunião de 23 questionamentos que envolvem os hábitos diários dos falantes e seus conhecimentos gerais sobre a comunidade; e a segunda, formada por 25 perguntas específicas, enfoca o objeto de estudo do trabalho. Considerando os objetivos de nossa pesquisa, observamos que esse primeiro momento do roteiro poderia servir como ponto de partida para elaboração do nosso próprio instrumento, que foi pensado considerando a realidade quilombola e a urbana.

Vale lembrar que outro critério utilizado para a seleção das perguntas foi a predisposição à realização da negação; para isso, buscamos manter os temas que poderiam suscitar o aparecimento de estruturas negativas no discurso.

Após esses ajustes, a versão final do Roteiro utilizado para esta pesquisa (*cf.* Apêndice 2) apresenta 17 tópicos/questionamentos que possibilitam ao informante discorrer sobre suas experiências pessoais e opiniões a respeito de assuntos específicos. Segundo Tarallo (1997, p. 23), esse modelo de entrevista, que permite ao falante relatar suas experiências, é bastante eficaz na investigação de fenômenos linguísticos, pois envolve o falante em suas memórias e sentimentos, fazendo-o voltar sua atenção para o que diz e não para a forma como diz.

A utilização desse tipo de roteiro é bastante recorrente em estudos sociolinguísticos, principalmente na investigação de fenômenos morfossintáticos, como a negação. Pesquisas como a de Nascimento (2014), Rocha (2013), Soares (2009), entre outras, atestam essa afirmação.

As pesquisas supracitadas buscaram investigar a influência de variáveis de natureza linguística, social e/ou discursivo-pragmática. Porém, para este estudo conforme citado anteriormente, investigamos tanto essas variáveis, como a consciência que o falante tem a respeito da dupla negação, e suas atitudes e crenças com relação a essa estrutura. Por isso, elaboramos mais dois instrumentos que possibilitaram essa investigação: um Teste de Produção e um de Percepção.

4.3.2 Testes

A utilização de testes de Produção e Percepção tem sido cada vez mais frequente em pesquisas sociolinguísticas, principalmente na análise de fenômenos fonético-fonológicos (*cf.* LABOV, 1966; SILVA, 2005; BATTISTELLA, 2010; SANTOS, 2014). A pesquisa de Labov (1966), na qual o autor investiga a variação dos ditongos /ay/ e /aw/ na comunidade de Martha's

Vineyard, é uma das pesquisas que mais se destaca neste meio, pois foi ele um dos pioneiros a sugerir a investigação da consciência sociolinguística dos falantes, isto é, do saber que a comunidade tem ao preferir uma forma em detrimento de outra(s), geralmente quando aquela se caracteriza por ser uma forma pertencente a um espectro mais elevado. (cf. LÓPEZ MORALES, [1989] 2004).

Gómez Molina (1998, p. 25) ressalta os benefícios desse tipo de investigação para os estudos sociolinguísticos, afirmando que há diversas contribuições da análise de atitudes linguísticas relacionadas com o comportamento interativo e social do falante, como, por exemplo,

atua de forma bastante ativa nas mudanças de código ou alternância de línguas; é um fator decisivo, junto à consciência linguística, na explicação da competência dos falantes; permite aproximar-nos do conhecimento das reações subjetivas perante a língua ou línguas utilizadas pelos falantes; influencia na aquisição de segunda língua, etc.²¹ (GÓMEZ MOLINA, 1998, p. 25).

Entendemos que, para que esse tipo de análise seja possível, é necessária a aplicação de testes de produção e percepção. Tarallo (1983), em sua tese de doutorado intitulada *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*, utilizou testes com o intuito de coletar informações que pudessem substantiar suas análises. Em seu livro *A pesquisa sociolinguística*, o autor comenta que, “(...) ao submeter seus informantes a testes, você estará definitivamente embutindo as variantes no meio social em que elas coexistem.” (TARALLO, 1997, p. 54). Portanto, considerar a opinião do falante na pesquisa amplia a visão do pesquisador a respeito do fenômeno estudado, de modo a acrescentar uma nova dimensão ao trabalho.

Assim, considerando o objetivo desta pesquisa, fez-se necessária a aplicação desses testes para que pudéssemos investigar a percepção do falante, suas atitudes linguísticas, entre outros fatores, acerca da dupla negação.

4.3.2.1 Produção

Inicialmente, o Teste de Produção foi elaborado com o intuito de observar como o falante se comporta ao ser estimulado a fazer uso de uma estrutura negativa em um contexto de

²¹ Tradução livre de: “actúa de forma muy activa en los cambios de código o alternancia de lenguas; es un factor decisivo, junto a la conciencia lingüística, en la explicación de la competencia de los hablantes; permite aproximarnos al conocimiento de las reacciones subjetivas ante la lengua o lenguas que usan los hablantes; influye en la adquisición de segundas lenguas, etc.” (GÓMEZ MOLINA, 1998, p. 25)

resposta, com vistas a simular um momento de interação real entre ele e um interlocutor que é, no caso, o pesquisador.

Caracterizamos as perguntas feitas no teste como um estímulo de ordem indireta, de modo que o falante, a partir do pedido da negação, ficasse livre para responder os questionamentos utilizando qualquer uma das estruturas negativas presentes no PB, como por exemplo:

Trecho 4:

DOC.: Ei, V., e tu achas que existe vida na Lua?

INF.: Não, tem não. Só aluados.

(inf. 5)

No entanto, conforme avançávamos em nossos estudos, sentimos a necessidade de expandir o teste e acrescentar tópicos que, motivados pelos estudos de Furtado da Cunha (2001) e Roncarati (1996), poderiam suscitar a realização de contextos propícios para o uso da dupla negação. O teste contou, então, com duas versões.

Na primeira versão, o teste continha apenas cinco questionamentos, a maioria de ordem direta, que aparentemente poderiam ser facilmente respondidas de forma afirmativa, pois não pareciam suscitar o uso imediato da negação²². Verificamos ainda que o processo mental de negar algo que é verdadeiro para si mostrou ser um grande desafio, pois os falantes sentiram bastante dificuldade de realizar a negação, principalmente quando as perguntas feitas os envolviam emocionalmente.

Um exemplo prático dessa situação encontra-se na primeira pergunta do teste: “*Você tem filhos?*”. Ao entrevistar uma mulher grávida, esta pergunta lhe pareceu quase impossível de ser respondida negativamente. Ela relatou que, como mãe e grávida, negar a existência de um filho geraria um sentimento de rejeição em relação à criança, o que lhe causaria grande desconforto. Por isso, na atualização do teste, substituímos a palavra *filhos* por *primos*, pois

²²As perguntas iniciais do teste eram:

- 1) Você tem filhos?
- 2) Eu gosto de dançar. E você?
- 3) Já viajou para fora do Maranhão? Já viajou para o Amazonas? (Outro lugar que a pessoa provavelmente não visitou)
- 4) Eu comprei umas bananas que não estão mais onde deixei. Você comeu minhas bananas que estavam ali?
- 5) Você brincava de peão quando era criança?

Essas perguntas foram pensadas com base em nossas observações a respeito dos contextos/situações em que se observa a realização da dupla negação, e nos estudos de Schwenter (2005); Furtado da Cunha(2001) e Roncarati (1996) sobre a negação.

acreditamos que a relação entre primos não é tão forte quanto a de uma mãe e seu filho e, assim, o sentimento de rejeição não aconteceria ou seria atenuado.

Como mais uma tentativa para atenuar essa situação de desconforto, no momento da explicação do teste, dissemos aos informantes que naquele momento participaríamos de uma brincadeira, um jogo descontraído durante o qual eles teriam que responder a questionamentos negativamente. Utilizando essa estratégia, percebemos que os entrevistados começaram a se sentir mais confortáveis.

Na segunda e última atualização do teste, optamos por expandi-lo, acrescentando outras perguntas similares. As perguntas foram pensadas com o intuito de estimular o uso da negação, de modo que a resposta esperada já fosse negativa.

O teste é formado por 10 perguntas principais, seguidas de algumas relacionadas com tópicos que possam estimular o entrevistado a discorrer mais sobre os assuntos comentados. Para incitar o uso da negação, as 10 perguntas feitas nesta etapa do teste foram pensadas para serem respondidas automaticamente de forma negativa. São perguntas que, considerando a realidade socioeconômica dos falantes, teriam grandes possibilidades de levar a respostas negativas. Um dos questionamentos, inclusive, foi retirado do Questionário Morfossintático usado pelo ALiMA (pergunta 45): *Você acha que tem vida na Lua?*²³.

Ainda com relação a essa questão, convém ressaltar que, embora a tipologia das perguntas não tenha sido selecionada como uma das variáveis em nossa pesquisa, usamos perguntas de sim/não e perguntas indiretas, por crermos que esses tipos de estrutura propiciam o uso da negação. De acordo com Roncarati (1996), as variantes não-canônicas de negação têm frequência mais baixa em respostas a perguntas indiretas, nas quais o verbo não é empregado no questionamento, principalmente no que tange à negação pós-verbal.

Assim, perguntas como “Eu adoro sushi. E você?” – pergunta indireta – não suscitaria tanto a realização da negação não-canônica como em “Você gosta de cultura japonesa?” – pergunta direta –, em que o verbo aparece explicitamente, motivando o uso da construção.

Vale ressaltar que, para que o informante não fosse influenciado pela fala do entrevistador, tivemos o cuidado de explicar o teste sem utilizar o advérbio de negação “não”.

No entanto, convém destacar que nem todos os informantes responderam aos questionamentos de forma satisfatória. Alguns não conseguiram realizar a negação em todas as

²³ Essa pergunta faz parte da subseção *Colocação do NÃO em respostas negativas* da seção *Advérbio* do Questionário Morfossintático usado pelo ALiMA.

respostas, o que evidencia a dificuldade de alguns sujeitos a negar conscientemente quando as respostas lhes são verdadeiras. Ao longo da entrevista, alguns esqueciam que deveriam utilizar a negação e, algumas vezes, respondiam às perguntas sem o uso de negativas. Para não interromper o momento espontâneo de fala dos informantes, não fizemos intervenções. Esses acontecimentos, no entanto, não foram recorrentes, provavelmente devido ao caráter “improvável” das perguntas.

4.3.2.2 Percepção

Para que fosse possível analisar a percepção dos falantes, isto é, como o falante avalia o uso da dupla negação, seus níveis de consciência linguística, atitudes e crenças, fez-se necessário aplicar um Teste de Percepção.

Fizemos um levantamento dos testes já realizados e optamos por nos basear, *a priori*, no trabalho de Nunes (2014), por também ser uma pesquisa que visa ao estudo da dupla negação, apesar de apresentar objetivos diferentes dos nossos²⁴. Esse teste serviu como ponto de partida para a elaboração das situações que foram utilizadas como estímulo neste trabalho. Vale destacar também os estudos de Roncarati (1996) a respeito da negação, uma vez que a autora contou com testes de atitudes para observar a avaliação dos falantes a respeito das estruturas negativas. No entanto, não tivemos acesso a esse material e nem sobre a forma como ele foi aplicado.

Como aporte para a construção do presente teste, consideramos os estudos de Labov (1966), Alves (1979) Tarallo (1983), López Morales ([1989] 2004), a fim de decidir o tipo de medição da crenças e o tipo de estrutura adotada. Dessa forma, optamos por elaborar um teste de medição direta, com estrutura fechada, para investigar crenças e atitudes de falantes maranhenses acerca da dupla negação.

Segundo López Morales (2004) e Moreno Fernández ([1998] 2009), há duas vertentes na questão das atitudes: mentalistas e comportamentalistas. A primeira se caracteriza por definir atitude como uma disposição mental, enquanto a segunda observa a atitude como comportamento em resposta a estímulos, analisando as respostas de falantes diante de determinadas situações sociais. Adotamos para a pesquisa a segunda definição, que permite

²⁴O trabalho de Nunes visa ao estudo da dupla negação nas posições de tópico e comentário em contextos discursivos.

investigar atitudes linguísticas por meio da aplicação de questionários e testes de medição direta de comportamentos.

A estrutura dos materiais de medição direta pode ser tanto fechada – quando são oferecidas ao informante opções limitadas de respostas – quanto aberta – no caso em que o falante responde como lhe convém, da maneira que considera mais adequada. (cf. MORENO FERNÁNDEZ, [1998] 2009, p. 185). No teste de percepção, trabalhamos com os dois tipos de estrutura. (cf. Apêndice 2).

Nomeamos os estímulos elaborados para esta pesquisa como *situações-estímulo* (SE), que se desenvolveram da seguinte forma: apresentamos, primeiramente, ao falante contextos que lhe foram explicados espontaneamente pelo entrevistador e, a seguir, solicitamos a ele que ouvisse o áudio com as opções de cada SE, para então indicar a resposta que lhe parecessem adequada. As SE foram elaboradas com base no que os estudos sobre a negação apontam como contextos propícios para a realização (ou não) da dupla negação (cf. RONCARATI (1996), FURTADO DA CUNHA (2001), SCHWENTER (2005)). Além das SE, elaboramos perguntas a respeito da dupla negação que poderiam ser respondidas livremente pelos falantes. Tais perguntas constituem a parte aberta do teste (cf. MORENO FERNÁNDEZ, [1998] 2009).

Adotamos, para efeito desta pesquisa o conceito de atitudes linguísticas como apresentado por Moreno Fernández ([1998] 2009, p. 177), que as define como uma “manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto a uma língua como ao uso que dela se faz em sociedade”²⁵. Como visto no Capítulo 3, para este autor, as atitudes são formadas por três componentes: avaliação (componente afetivo), crença (componente cognitivo), conduta (componente conativo). Neste trabalho, selecionamos o componente cognitivo, referente “[a] crenças, pensamentos, conhecimentos que se tem em relação a um objeto social definido” (BOTASSINI, 2015, p. 114).

Para a elaboração das SE, partimos do pressuposto de que as estruturas de negação apresentam funções distintas, determinadas pelo contexto em que estão inseridas (cf. Capítulo 3). Buscamos, assim, observar se os falantes têm consciência desse uso/escolha em contextos similares aos de uso real da língua; e de suas crenças e percepções acerca da estrutura de negação, valendo-nos do método de medição direta, proposto por Moreno Fernández (2009).

²⁵ Tradução livre de: “manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad” (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p. 177)

Os contextos foram elaborados pensando em situações que poderiam ser adaptáveis às realidades dos falantes. Pensamos ainda que os contextos deveriam representar relações sociais diferentes, pois, com isso, seria possível observar se o falante associa o uso da dupla negação – construção coloquial – a uma fala menos monitorada, característica da interação entre pessoas mais próximas.

Para as SE, adotamos uma estrutura fixa: um contexto, explicitado oralmente; a fala de uma pessoa; e três opções de réplica de outra. Cada uma dessas três opções segue uma estrutura negativa distinta, para que o falante possa escolher a estrutura que considera mais adequada ao contexto. Dependendo da resposta do falante, perguntamos por que ele optou ou não pelo uso da dupla negação.

Além das entrevistas experimentais, conversamos também com alunos do curso de Letras, que nos forneceram opiniões que foram por nós utilizadas como parâmetro para verificar a eficácia/utilidade das situações. Dessa forma, apresentamos algumas situações a eles e pedimos que opinassem a respeito destas. Grande parte mostrou consciência linguística, percebendo diferenças pragmáticas entre as opções. Nos contextos 8 e 9, por exemplo, alunos comentaram que o uso da dupla negação poderia causar efeitos diferentes nas duas situações²⁶.

Após a elaboração das situações, fizemos as gravações dos áudios que serviram como estímulo. Os áudios foram gravados em formato .mp3 com auxílio de um telefone celular e de um gravador portátil. No momento da gravação, entregamos um roteiro previamente elaborado ao falante e pedimos que lesse as situações e depois as reproduzisse da forma mais espontânea possível.

Primeiramente, selecionamos aleatoriamente alguns moradores de São Luís para fazer a gravação dos áudios, no entanto, percebemos que eles se sentiam inibidos diante do gravador e não conseguiam reproduzir as situações de forma espontânea. Então, pedimos auxílio a duas pessoas da área do Teatro, um homem na faixa dos 60 anos (segunda faixa-etária da pesquisa) e uma mulher na faixa dos 25 anos (primeira faixa-etária), para que reproduzissem as situações de forma espontânea. Procuramos profissionais dessa área, pois acreditávamos que eles não se sentiriam inibidos ao gravar e fariam com que os diálogos parecessem espontâneos.

Em um primeiro momento, escolhemos utilizar, na aplicação do teste, as gravações que continham os contextos e as opções de estruturas negativas, porém, em uma das entrevistas

²⁶ Para os estudantes de Letras consultados, a dupla negação seria mais adequada na SE 8, pois, segundo eles, seria mais amena, menos cortante; enquanto a negação pré-verbal seria mais adequada na SE 9, pois, por parecer mais ríspida, demonstraria a chateação da namorada.

experimentais, um informante relatou que o áudio com a reprodução dos contextos lhe causou estranhamento, pois pareciam situações informais, mas que estavam retratadas com uma linguagem relativamente formal. Por isso, optamos por retirar os contextos dos áudios e deixar apenas as opções com estruturas negativas. Assim, no momento da aplicação, o entrevistador explicaria o contexto de forma espontânea e reproduziria apenas as opções de estruturas negativas nos áudios.

Para que chegássemos à versão final do teste, foram necessárias seis atualizações, pois várias modificações foram feitas a partir das entrevistas experimentais que foram realizadas com o propósito de verificar a eficácia dos testes e, principalmente, dos estímulos gravados. Para que fiquem claras todas as etapas de elaboração, comentamos brevemente cada uma das versões, justificando as alterações feitas.

A versão inicial continha quatro situações com apenas uma opção de resposta, que continha uma estrutura com dupla negação²⁷. Inicialmente, pensamos em não apresentar as outras estruturas negativas, pois buscávamos investigar apenas a percepção do falante a respeito da dupla negação. Os contextos, nesse caso, serviriam apenas de apoio para a realização da negação. Porém, posteriormente, pensamos que seria oportuno fornecer aos informantes opções com as três estruturas negativas características do PB, o que lhes permitiria optar ou não pela dupla negação. Dessa forma, ampliaríamos nosso *corpus* e a extensão de nossas análises. Considerando os estudos de Roncarati (1996), Furtado da Cunha (2001), Schwenter (2005), que afirmam que há contextos discursivos em que a dupla negação – e a negação pós-verbal – não podem ser empregadas, buscamos verificar se o falante tem consciência dessa propriedade das estruturas.

Os contextos desse primeiro momento foram elaborados com base no teste de Nunes (2014), uma vez que ainda estávamos em uma fase bastante inicial da pesquisa e ainda não tínhamos muita leitura sobre percepção, atitudes e crenças linguísticas.

²⁷A seguir, as situações- estímulo da primeira versão do teste:

1. Em uma festa de aniversário, os pais do aniversariante/donos da casa perguntam: Quer um pedaço de bolo?

Não quero não. Já comi.

2. Mas tu vais ou não pro cinema?

Não vou não. Tenho muita matéria pra estudar.

3. Estudou para prova de literatura?

Ah, fiquei tanto tempo fazendo aquela atividade que não tive tempo. **Não estudei não.**

4. Já entrevistou a Luíza?

Já sim. **Até que ela não é ruim não.** É muito esforçada.

Na segunda versão do teste, acrescentamos as três estruturas negativas como opções de resposta no momento de interação representado nas situações, para que o informante pudesse escolher quais das opções seriam mais adequadas em determinados contextos e justificasse as suas respostas²⁸. O número de situações também aumentou de quatro para 10. Retiramos as situações 3 e 4 da versão anterior (*cf.* nota 8) e acrescentamos as situações de 3 a 10 que compõem a versão final.

Nesse momento também pensamos em fazer duas vias do teste: uma para o entrevistador, contendo os contextos e as opções, e outra para o entrevistado, com apenas as opções de resposta, intitulada *Via do falante*. O objetivo dessa segunda via era facilitar o acompanhamento do teste para o entrevistado, uma vez que ficaria claro para ele quais estruturas estavam sendo analisadas. No entanto, na entrevista experimental em que esse instrumento foi utilizado, percebemos que a entrevistada não apresentou uma boa reação, o que causou o comprometimento da coleta de dados. A dupla negação na escrita parece lhe ter causado estranhamento: segundo ela, é estranho ver uma frase escrita com dois advérbios de negação, como evidencia o trecho a seguir:

Trecho 5:

(Falante: mulher, primeira faixa etária, ensino superior, São Luís. Nesse momento, ela responde a indagações sobre a situação-estímulo1)

DOC.: Qual dessas tu responderias?

INF.: “Quero não, já comi”.

DOC.: Assim que tu falarias?

INF.: Ahn rã.

DOC.: Por quê?

INF.: Num sei, parece que eu falaria isso. Me imaginei dizendo e imaginei dizendo “quero não”.

DOC.: “Quero não”...

INF.: Em vez de negar duas vezes...

DOC.: Uhn run. Mas por que tu não negarias duas vezes?

INF.: Fica esquisito.

DOC.: Tu achas estranho negar duas vezes?

INF.: É... “Não. quero. não” (pausadamente).

DOC.: **Mas tu não falas assim?** “Não quero não”, “não sei não”?

INF.: **Eu falo! Mas olhando assim, no papel, fica esquisito.**

A afirmação da falante corrobora as colocações feitas por Furtado da Cunha (2001) a respeito da frequência nula de estruturas negativas não-canônicas em textos escritos. Em sua pesquisa, a autora comparou a realização das estruturas negativas em textos orais e escritos e,

²⁸ Vale ressaltar que, no momento das entrevistas, alguns falantes não conseguiram explicar o motivo de suas escolhas. Acreditamos que, nesses casos, o informante apresenta um baixo nível de percepção da variante, já que não consegue informar características específicas da negação que o fizeram optar por essa forma. Outros ainda relataram que não percebiam diferenças entre as opções, o que demonstra nenhuma consciência acerca das estruturas, porém essas questões serão explicitadas no momento da análise.

por unanimidade, a negação pré-verbal, estrutura canônica, foi a escolhida pelos informantes, com 184 realizações. Para a autora, isso ocorre devido aos estágios iniciais de gramaticalização em que as duas estruturas não-canônicas se encontram. Interessante observar que o falante não demonstrou incômodo em relação à negação pós-verbal em sua forma escrita, mesmo sendo esta, também, uma estrutura de uso coloquial. Com base nessas observações, decidimos não mais apresentar o texto sob a forma escrita.

Na terceira versão do teste acrescentamos a SE 11, pois acreditávamos ser necessário representar um momento de interação entre familiares, em um ambiente descontraído e sem pressões sociais, para observar se, nesse tipo de contexto, o informante percebe a dupla negação como apropriada ou não.

Na quarta versão, acrescentamos mais duas situações para verificar o uso da dupla negação em frases interrogativas, que foram encaixadas logo no início do teste. A primeira foi baseada em exemplos dados por Cavalcante (2007), que afirma que, em frases interrogativas em que a proposição não foi ativada anteriormente, as estruturas com dupla negação se tornam agramaticais. Buscamos, com essa situação, investigar se nossos informantes partilham da mesma opinião. Já a segunda foi adicionada por evidenciar um momento de surpresa, que favorece o uso da estrutura, conforme Furtado da Cunha (2001).

Na quinta versão do teste, deslocamos a situação 14, até então posicionada no início do teste. Ela foi inserida para que pudéssemos verificar se os informantes optariam pela dupla negação em um contexto no qual o interlocutor – no caso, a mãe –, mostra-se contrariada com o fato da filha que não queria ser medicada.

Na sexta e última versão do teste, decidimos transferir as três primeiras situações, nas quais a dupla negação aparecia em frases interrogativas, para o final do teste, pois consideramos que seria mais fácil para o leitor começar observando o uso da dupla negação em frases declarativas, contextos mais favoráveis à sua ocorrência.

Vale lembrar que, no momento de aplicação do teste em Jamary dos Pretos, foi necessário adaptar algumas situações, para que pudessem condizer com a realidade dos moradores do quilombo. Como sabido, para que possamos observar as atitudes dos falantes em relação à estrutura em estudo, é importante que estes se identifiquem com as situações a fim de sinalizar como responderiam se estivessem inseridos nos contextos. Não consideramos, no entanto, essa adaptação como uma atualização do teste, pois os contextos continuaram basicamente os mesmos e as interferências foram mínimas.

Antes, contudo, de iniciar a aplicação do teste, pedimos a nosso interlocutor que observasse atentamente tanto as perguntas como as respostas contidas nesse diálogo, para verificar: se reconhecia as construções usadas; se algo lhe parecia estranho, se percebia diferença entre as formas usadas, qual/quais das opções seria mais adequada para a situação, e qual/quais forma(s) ele usaria nos contextos em que as formas foram apresentadas. Com essas informações, buscamos investigar o nível de consciência linguística e as percepções do falante a respeito das estruturas negativas, enfocando principalmente a dupla negação.

4.3.2.3 Teste de falsos pares

As pesquisas que visam à análise de atitudes e crenças a respeito de fenômenos linguísticos por vezes fazem uso de testes de falsos pares, uma técnica desenvolvida por Lambert & Lambert (1968) ainda na Psicologia Social, que se tem mostrado efetiva, em especial quando se trata de estudos de fenômenos fonético-fonológicos.

Considerando essa realidade, elaboramos um teste de falsos pares a fim de observar se, por meio desse instrumento, seria possível identificar crenças e atitudes a respeito do uso da dupla negação. Para isso, dois diálogos que foram respondidos de duas formas diferentes: uma, utilizando a negação pré-verbal e outra, com a dupla negação, a fim de confrontarmos a estrutura padrão com a estrutura foco de nossa pesquisa. Consideramos também como fator linguístico a presença de complemento após a estrutura negativa, uma vez que esse fator mostrou-se relevante no que tange ao uso das estruturas negativas. Dessa forma, quatro áudios, transcritos a seguir, foram gravados para serem utilizados como estímulo para o teste.

ÁUDIO 1

Você viu o copo que estava em cima da mesa?

Não vi não, mas eu acho que tá em cima do armário.

ÁUDIO 2

Tu sabes onde fica o mercado?

Não sei, mas deve ter um aqui perto.

ÁUDIO 3

Você viu o copo que estava em cima da mesa?

Não vi não.

ÁUDIO 4

Tu sabes onde fica o mercado?

Não sei.

Para a avaliação, elaboramos 12 perguntas divididas em cinco campos aspectuais: *inteligência/aparência, social, fala, caráter e estado emocional*; e uma pergunta aberta (*Qual profissão essa pessoa exerce?*) (cf. Apêndice 3), que representam características tanto positivas como negativas da pessoa que fala. Para melhor compreensão, a seguir, os campos aspectuais e as respectivas perguntas que os compõem, seguidos dos indicativos de característica positiva (+) ou negativa (-):

Quadro 6 - Perguntas do Teste de Falsos Pares distribuídas por campos aspectuais

CAMPOS ASPECTUAIS	PERGUNTAS
<i>Inteligência/aparência</i>	1. A pessoa que respondeu à pergunta é INTELIGENTE? (+) 10. é FEIA? (-)
<i>Social</i>	2. é DO INTERIOR? (-) 6. tem BOA CONDIÇÃO FINANCEIRA? (+) 7..... tem ESTUDO? (+) 9. exerce qual PROFISSÃO?(?) ²⁹
<i>Fala</i>	8. FALA CORRETAMENTE? (+) 11. SENTE VERGONHA DE FALAR ASSIM? (-)
<i>Caráter</i>	3. é GROSSEIRA? (-) 5. é DELICADA? (+)
<i>Estado emocional</i>	4. está CHATEADA? (-) 12. GOSTA DE CONVERSAR? (+) 13. SOFRE PRECONCEITO SOCIAL? (-)

Fonte: elaborado pela autora

Como nosso interesse é apenas verificar se tal instrumento aponta para os mesmos resultados encontrados em nossa pesquisa, por meio da aplicação do Teste de Percepção, aplicamos o Teste de Falsos Pares a apenas cinco falantes maranhenses, nos quais apenas um deles – informante 6 – coincide com os demais informantes maranhenses selecionados para a pesquisa.

²⁹A pergunta 9, por se tratar de uma pergunta aberta, não pode ser classificada como indicador de característica positiva ou negativa.

4.4 Pesquisa de campo

A pesquisa de campo nas duas localidades investigadas foi realizada com o apoio dos instrumentos elaborados previamente – Ficha do Informante, Ficha de Acompanhamento, Roteiro de Discurso Semidirigido, Teste de Produção, Teste de Percepção –, dois gravadores, uma caixa de som e um pen-drive que continha os áudios a serem reproduzidos no momento do segundo teste.

O ambiente escolhido para a realização das entrevistas foi a residência dos próprios informantes ou algum ambiente que lhes fosse familiar, uma vez que é de extrema importância que o falante se sinta confortável para que possa se expressar da forma mais natural possível. Considerando ainda o Paradoxo do Observador (TARALLO, 1997), tentamos minimizar ao máximo as interferências negativas que a nossa presença poderia causar durante a entrevista. Quase todas as entrevistas, com exceção das experimentais, foram realizadas com o auxílio de uma bolsista do Programa de Iniciação Científica, da aluna Layane Sousa, da graduação do Curso de Letras e auxiliar do Projeto ALiMA. Vale lembrar que essa aluna também desenvolveu uma pesquisa acerca da dupla negação no português maranhense (SOUSA, 2016), cujos dados foram comentados no Capítulo 3 desta dissertação.

A estratégia para encontrar os informantes para a pesquisa foi o “amigo de um amigo” (cf. MILROY & GORDON, 2008). Dessa forma, contactamos uma pessoa da própria comunidade para intermediar nosso contato com o informante. Em São Luís, contamos com a ajuda de amigos próximos e na comunidade quilombola Jamary dos Pretos, tivemos o auxílio de uma das líderes juvenis de Jamary e professora da escola estadual que funciona na comunidade, e de duas moradoras do quilombo que nos abrigaram no período em que lá estivemos.

Antes de iniciar as entrevistas, dissemos aos entrevistados que estávamos fazendo um trabalho da universidade e que buscávamos conhecer um pouco da história de cada um e da localidade em que viviam, portanto não informamos que se tratava de uma pesquisa linguística para não provocar monitoramento da fala.

Postas as questões preliminares sobre a entrevista, convém assinalar que, primeiramente, foram realizadas as entrevistas de caráter experimental, necessárias para que testássemos os instrumentos de pesquisa. Nesse sentido, realizamos seis entrevistas com moradores da cidade de São Luís – cinco mulheres e um homem – que foram escolhidos

aleatoriamente. Nesta etapa, essas pessoas não só responderam às perguntas, como também foram solicitadas a emitir opiniões acerca da forma como o teste estava sendo aplicado.

Vale ressaltar que, além das entrevistas experimentais, conversamos também com alunos de graduação do curso de Letras para verificar se estes compartilhavam das mesmas suposições que nos motivaram a criar algumas situações-estímulo, principalmente no que tange ao fator intencionalidade.

Concluída a versão final dos testes, partimos para a realização das entrevistas definitivas em São Luís. Entrevistamos 22 informantes na localidade, entretanto, dessa amostra, 16 foram considerados para compor o *corpus* da pesquisa. Para a seleção, levamos em conta o número de realizações de estruturas negativas em discursos livres e a espontaneidade do sujeito da pesquisa no momento da fala.

Após a realização das entrevistas em São Luís, viajamos para Jarmy dos Pretos para a coleta dos dados na comunidade. Passamos lá quatro dias e entrevistamos 12 quilombolas para a composição da amostra. Destes, selecionamos oito informantes para constituição do *corpus*, seguindo os mesmos critérios adotados em São Luís, com exceção do nível de escolaridade, tendo em vista que, em Jarmy, como assinalado anteriormente, trabalhamos apenas com informantes com escolaridade de nível fundamental.

As entrevistas definitivas realizadas nas duas localidades ocorreram no período de janeiro a março de 2017. Após esse momento, foram feitas as transcrições grafemáticas, uma vez que não enfocamos fenômenos fonético-fonológicos para análise, razão por que apenas alguns fatos fonêmicos foram considerados, como, por exemplo, aspiração de segmentos consonantais fricativos, alternância de “não” para “num”. O conjunto completo com as orientações adotadas para a transcrição compõe o Apêndice 4.

4.5 Escolha das variáveis a serem analisadas

Conforme explanado no início deste capítulo, a Sociolinguística, corrente linguística na qual fundamentamos este estudo, apoia sua análise na influência de fatores linguísticos e extralinguísticos que podem condicionar o uso de determinadas variantes do mesmo fenômeno linguístico. Além desses fatores, a Sociolinguística interessa-se também pela análise do próprio falante a respeito da língua que fala, isto é, sua percepção acerca de sua língua. Consideramos, assim, para esta pesquisa, a análise de fatores sociais e discursivo-pragmáticos, uma vez que buscamos relacionar a frequência desses fatores à percepção dos falantes.

Quadro 7 - Variáveis consideradas para análise

TIPO DE VARIÁVEIS	VARIÁVEIS A SEREM ANALISADAS
Sociais	Localidade (São Luís e Juary dos Pretos)
	Sexo (homem e mulher)
	Faixa Etária (Faixa I – 18 a 30 anos; Faixa II – 55 a 85 anos)
	Escolaridade (Grau I – ensino fundamental; Grau II – ensino superior)
Discursivo-pragmáticas	Ativação da proposição (não ativada, ativada diretamente e ativada indiretamente)
	Tipo de sequência discursiva (sequência dialogal, sequência avaliativa, narrativa de fatos pessoais, narrativa de fatos não-pessoais)
Reação Subjetiva	Nível de consciência linguística (níveis de 0 a 3)
	Crenças
	Atitudes (negativa, positiva, neutra)

Fonte: Elaborado pela autora

4.5.1 Variáveis sociais

a) Localidade

Fenômenos linguísticos podem se comportar de diferentes maneiras conforme os espaços sociais e geográficos nos quais uma língua está inserida. Apesar de já existirem trabalhos sobre a negação no PB, optamos por investigar a expressão da dupla negação no português maranhense, uma vez que não existem pesquisas que investigam o fenômeno no português falado no Estado. Conforme explanado no tópico 4.1, escolhemos as localidades de São Luís e Juary dos Pretos para investigar se há diferenças em relação à frequência de uso, a produção e a avaliação entre uma localidade com maior contato com o meio externo, isto é, com mais acesso a meios de comunicação, diferentes culturas e demais variedades linguísticas, e uma localidade mais isolada, de linguagem provavelmente mais preservada devido ao pouco contato com outras variedades.

b) Sexo

É notório que há diferenças entre homens e mulheres que vão além da fisiologia. Suas posições na sociedade implicam distinções em comportamentos não só sociais, como também linguísticos. Labov ([1966] 2006, [1972] 2008) sinaliza que as mulheres, por exemplo, tendem a realizar formas menos estigmatizadas que os homens em contextos monitorados, pois se parte do pressuposto, dentre outros, de que o meio social geralmente cobra da mulher um comportamento mais formal, rígido, em diversas áreas, incluindo a linguística. (cf. CEZARIO & VOTRE, 2015).

No que tange à análise desse fator em estruturas negativas, os estudos divergem quanto à frequência de dupla negação entre os dois sexos. Apesar de esse fator não ter sido considerado relevante em pesquisas quantitativas já realizadas a respeito da dupla negação, consideramos analisá-lo a fim de verificar se o pressuposto de Labov ([1966] 2006, [1972] 2008) se confirmaria: o uso da variante não-padrão – neste caso, a dupla negação – seria ou estigmatizado pelas mulheres.

c) Faixa Etária

A idade também se mostra frequentemente relevante nesse tipo de análise, principalmente no que tange à atestação de processos de variação e mudança linguísticas (cf. TARALLO, 1997). Os mais jovens são geralmente apontados como usuários das variantes menos prestigiadas por apresentarem menor compromisso com a correção linguística, sendo mais livres para utilizar variantes inovadoras (cf. PAIVA & SCHERRE, 1999).

Apesar de algumas pesquisas variacionistas a respeito da negação indicarem essa variável como não relevante estatisticamente (cf. NASCIMENTO, 2014; ROCHA, 2013), Souza e Lucchesi (2004), ao analisar dados do falar de uma comunidade rural afro-brasileira, afirmam que a variável é mais recorrente entre idosos e adultos, apontando o uso de negação pré-verbal entre os mais jovens, provavelmente por conta da escolarização e acessibilidade a meios de comunicação³⁰.

Buscamos verificar se os dados das localidades investigadas, principalmente no que tange aos coletados em Jamary, corroboram os resultados de Souza e Lucchesi (2004) e correspondem à percepção dos falantes. Para tanto, selecionamos duas faixas etárias: faixa I (18 a 30 anos) e faixa II (55 a 85 anos).

³⁰ Vale ressaltar que, na análise feita por Souza e Lucchesi (2004), os autores amalgamaram as estruturas dupla negação e negação pós-verbal, considerando a segunda uma variação fonética da primeira.

d) Escolaridade

O fator escolaridade é constantemente apontado como um fator relevante nas análises sociolinguísticas, pois se atribui o uso/domínio da norma padrão ao tempo que o falante passou na escola.

Considerando que a dupla negação, geralmente, é atribuída à língua falada e não à escrita, sendo uma variante de uso coloquial, podemos supor que os falantes de maior nível de escolaridade realizam menos a negação e, como buscamos relacionar este uso às atitudes e percepções dos falantes, apoiamo-nos em Paiva e Scherre (1999, p. 8), que afirmam que “a escolarização continuada, refinando a consciência linguística e insistindo na necessidade de padronização, favorece o emprego de determinadas variantes linguísticas, em especial das que estão sujeitas a uma avaliação social positiva”, para formular a hipótese de que os falantes de nível superior, contrapostos aos de nível fundamental, realizariam menos a dupla negação e teriam uma atitude negativa perante a variante.

Verificamos, também, se os dados coletados por meio da aplicação dos nossos testes corroboram os resultados de Alkmim (2001) que, ao realizar uma pesquisa ~~com aplicação~~ por meio de testes de atitudes a falantes de Ouro Preto, observou que, aos usuários de negação pós verbal – outra variante não-canônica atribuída ao uso coloquial da língua –, foram atribuídos empregos/ocupações associadas a *status* social mais baixo, levando-nos a deduzir que o uso dessa estrutura é de menor prestígio social.

Assim, selecionamos dois graus de escolaridade para serem avaliados nesta pesquisa: Grau I – falantes que estudaram até o ensino fundamental –, e grau II – falantes que estão cursando ou já completaram um curso de nível superior.

4.5.2 Variáveis Discursivo-pragmáticas

a) Ativação da proposição

A variável ativação da proposição é apontada como uma das mais relevantes para o estudo da realização das estruturas negativas não-canônicas. Schwenter (2005) defende a hipótese de que, para que a dupla negação seja permitida no discurso, a proposição negada tem que ser ativada anteriormente no discurso. Isto é, a proposição é ativada quando está inserida de alguma forma no discurso, no processo de comunicação verbal. Essa propriedade não deve ser

confundida com o caráter pressuposicional do discurso, sendo este o conteúdo compartilhado pelos interlocutores envolvidos no processo interacional (cf. GOLDNADEL *et al*, 2013).

A proposição pode ser ativada tanto por meio de uma referência explícita à informação negada, ou seja, pode ser proferida verbalmente por um dos envolvidos no processo interacional, como também pode ser inferida durante o diálogo, por meio de gestos, olhares, entre outros fatores não verbalizados no discurso.

Assim, a ativação da proposição seria um licenciador para o uso das negativas não-canônicas, por isso resolvemos testar essa hipótese, verificando se a variante apresenta ocorrência sem que a proposição esteja ativada e se, quando ativada, esse processo acontece de forma direta ou inferencialmente. Sendo assim, a negação pré-verbal seria a única possível em contextos nos quais a informação fosse nova, isto é, quando a proposição não for ativada. A seguir, apresentamos os exemplos 6, 7 e 8, retirados de nossa amostra:

Proposição não-ativada (informação nova)

Trecho 6:

DOC.: E essas manifestações folclóricas? A senhora costuma ir, assistir quando tem...
 INF.: Só pela televisão.
 DOC.: Só pela televisão, né?
 INF.: **Primeiro, você não pode mais estar no meio de muita multidão.**
 AUX.: É verdade...
 (Inf.8)

Proposição ativada indiretamente

Trecho 7:

DOC.: Mas a senhora conhece, assim, alguém próximo [casados com primos]...
 INF.: Da minha família, não.
 DOC.: Não, amigos, amigas suas assim...
 INF.: Deixa eu ver...
 DOC.: Conhece?
 INF.: **Agora eu não lembro não**, mas deve ter mais distante.
 (Inf.8)

Proposição ativada diretamente

Trecho 8:

DOC.: Ai ai... E a senhora é membro de alguma associação aqui do bairro?
 INF.: Já fui, **hoje não sou mais não.**
 (Inf.8)

Buscamos ainda verificar se o falante percebe que, em contextos nos quais não há ativação da proposição, a dupla negação não seria adequada e se ele consegue justificar sua resposta. Os trabalhos de Furtado da Cunha (2001) e Rocha (2013), Goldnadel *et al* (2013) ratificam essa ideia.

b) Tipo de contexto discursivo

O estudo de Nascimento (2014) sobre a negação no português falado em Vitória/MG aponta o tipo de contexto discursivo como um fator relevante para a análise da ocorrência de estruturas negativas no português. Baseada no tipo de entrevista utilizada para a construção do banco de dados da pesquisa, a autora selecionou seis tipos de sequências discursivas para sua análise, apresentados a seguir e ilustrados com exemplo extraídos do *corpus*.

- (i) *sequências dialogais* – aquelas em que há maior troca de turno entre os interlocutores, geralmente em um contexto de perguntas e respostas;

Trecho 9:

DOC.: E... é... per aí que eu me perdi. E tu lembras de algum grupo do teu bairro?
 INF.: Não, odeio meu bairro. Odeio esse pessoa do meu bairro.
 DOC.: Menino, mas tu eras até amigo das velhinhas marocas do teu bairro?
 INF.: Eu era. Não, essas são minhas amigas.
 DOC.: Elas são novas? Elas são mais velhas?
 INF.: Elas são mais novas que eu um ano só. A gente tem amizade de infância.
 DOC.: Ah, é? Eu jurava que eram pessoas bem velhinhas.
 INF.: Não, não. A gente é amigo desde criança.
 DOC.: Aí ficam só vocês na porta marocando?
 INF.: **E não é só a gente não.** A rua toda é assim.
 (Inf.5)

- (ii) *sequências avaliativas* – aquelas em que o interlocutor expressa uma opinião ou avaliação sobre determinado assunto, nas quais há geralmente o emprego de verbos de percepção, sentimento, entre outros.

Trecho 10:

DOC.: Então a senhora acha que tá melhor hoje comparado com antigamente?
 INF.: Minha filha, tá a mesma coisa. Está melhor por ter mais lugar de consultas, mas que seja legal, **não é não.**
 (Inf.8)

- (iii) *sequências narrativas de fatos pessoais* – aquelas em que o falante narra acontecimentos por ele vivenciados.

Trecho 11:

DOC.: A senhora falou que costumava brincar de amarelinha, de chuchu... mas alguma coisa que a senhora fazia na sua infância, alguma outra brincadeira?

INF.: Olha, a noite, meu pai, minha mãe, **não ficava muito não**, porque ela era costureira e era eu, meu pai e meu irmão. A história, a gente contava histórias no meio da noite. Tinha muito esse costume. Quando os meus filhos era pequenos também, quando eu chegava do colégio umas 6 horas, tomava meu banho, jantava, via as lições deles e tudo, aí a gente ia contar história. Quando dava pro lado, um já tava dormindo, outro num demorava, o outro dormia também e a contadora já tava dormindo também.

(Inf. 8)

- (iv) *sequências narrativas de fatos não pessoais* – aquelas em que o falante narra fatos ou histórias;

Trecho 12:

DOC.: (risos) E de amarelinha? A senhora costumava brincar?

INF.: Jogar bola, chuchu... tudo isso eu brinquei. Hoje você não vê ninguém brincando, às vezes a gente ainda faz alguma coisa assim, quando eu ensinava o quinto ano, a escola é muito grande, a gente ia empinar papagaio lá na quadra.

DOC.: Uhn run.

INF.: Cansada de fazer isso.

DOC.: E hoje...

INF.: Não, **hoje não tem não**. E mesmo menino **não quer mais isso não**. Menino que quer é menino pequenino, mas esses outra já do quinto, sexto ano, **num querem não**.

(Inf. 8)

O trabalho de Nascimento (2014), além de auxiliar na elaboração de nossos instrumentos de pesquisa, serviu como base para investigarmos se no português falado no Maranhão temos resultados próximos aos seus, com a dupla negação mais recorrente em sequências dialogais (48% das realizações, PR .78). Assim, consideramos para nossa análise os seis tipos de sequências discursivas analisados pela autora.

As variáveis de reação subjetiva foram selecionadas para que pudéssemos verificar se o falante tem consciência da realização da variante e como ele a percebe em seu meio social. Assim, analisamos suas percepções diante do uso real da variante, o que nos possibilitou fazer uma análise mais aprofundada da expressão da dupla negação no português falado no Estado. Os fatores selecionados aqui, apesar de estarem bastante relacionados, são explanados separadamente por questões metodológicas. Vale lembrar que essa análise foi feita com base nos dados coletados por meio da aplicação do Teste de Percepção.

a) **Nível de consciência sociolinguística**

O nível de consciência que os falantes apresentam em relação à sua própria língua torna-se relevante nos estudos sociolinguísticos, uma vez que estes constituem tanto para ampliação do conhecimento acerca de determinado fenômeno linguístico, como também nos auxiliam a compreender processos de mudanças linguísticas, uma vez que, ao elegerem uma

forma em detrimento da outra, os falantes diminuem o uso de uma variante e, conseqüentemente, passam a utilizar com mais frequência a variante valorizada socialmente em seu grupo. Assim, a variante estigmatizada pode cair em desuso, enquanto a de prestígio passa a ser a de maior frequência, ocasionando o processo de mudança. Esse fator está diretamente relacionado com as crenças e atitudes do falante em relação à variável.

Consideramos que o falante pode apresentar os seguintes níveis de consciência linguística: (i) *Zero* – o falante não tem consciência de que realiza o fenômeno e não vê diferenças entre as variantes apresentadas; (ii) *Um* – o falante percebe a existência do fenômeno, mas tem dificuldades para identificar diferenças entre as variantes. Ele sinaliza a opção que, a seu ver, considera mais adequada, mas não consegue justificar suas escolhas de forma satisfatória; (iii) *Dois* – o falante não se reconhece como usuário da variante em destaque, mas a percebe em sua comunidade de fala e consegue fazer julgamentos a respeito de seu(s) uso/usuários; (iv) *Três* – o falante percebe que realiza o fenômeno e faz suas escolhas durante o teste, de forma consciente, geralmente justificando suas respostas. Os exemplos, a seguir, ilustram tais níveis:

(i) Nível Zero

Trecho 13:

DOC: **Tu percebeste alguma diferença entre essas três opções?**

INF: **Não.**

DOC: Não?

INF: Não.

DOC: Tu falarias dessa forma, “Eu não sei não”?

INF: Acho que não.

(Inf. 2)

(ii) Nível Um

Trecho 14:

DOC: Tu percebeste alguma diferença entre essas três?

INF: Sim.

DOC: Qual foi a diferença que tu percebeste?

INF: Na hora de fazer a pergunta **ela troca a posição do NÃO. A segunda eu acho que é mais adequada.** (“Por que você não gosta da Maria?”)

DOC: Tu disseste que a letra B é mais adequada?

INF: Uhn run.

DOC: Por quê?

INF: Porque a posição do NÃO nas outras perguntas, eu num achei que é muito adequado...

(...)

DOC: Mas as pessoas costumam falar assim? Tu já ouviste alguém falando assim?

INF: Já, já... **eu mesmo já falei assim em algum momento.**
(Inf. 8)

(iii) Nível Dois

Trecho 15:

AUX.: Na escola os meninos falam?

INF.: Não, é muito difícil. **Geralmente é quando eles vêm de outros lugares assim, aí a gente vai dando um jeitinho aqui pra ele ir conversando melhor.** Mas a gente conversa, tem gente que conversa é muito!

AUX.: Uhn run. Outros lugares como, assim?

INF.: **Interior.** Muito, muito...

(...)

AUX.: A senhora não falaria “Não fui eu não”?

INF.: Não. **Não falo assim essas coisa não.** L. brinca muito comigo. “Poxa, mãe! A senhora presta atenção...”, “Mas, minha filha! Como é que eu não vou prestar atenção?”

(Inf. 5)

(iv) Nível Três

Trecho 16:

INF.: A primeira.

DOC.: A primeira?

INF.: Sim.

DOC.: “Ixe, desliguei o fogão não”, é?

INF.: Uhn run.

DOC.: Por quê?

INF.: **Porque eu estaria respondendo só a pergunta que ela fez diretamente.**

(Inf. 6)

A partir dessa delimitação, buscamos verificar se os falantes têm consciência da realização da variante em sua comunidade de fala, se se consideram seus usuários, se há uma relação entre o uso real que eles fazem da variante e o que declaram sobre esse uso. Nossa hipótese é que a dupla negação é mais recorrente entre falantes do nível Um.

b) Atitudes linguísticas

Conforme comentado no Capítulo 2, a atitude que o falante tem em relação a uma variante se dá devido ao conhecimento que ele tem a respeito desta, uma vez que a aceitabilidade ou não de uma forma só é possível a partir do conhecimento que o falante tem sobre suas opções na língua. Assim, a falta desse conhecimento linguístico o impossibilita de

realizar escolhas e, conseqüentemente, de reagir emocional ou intelectualmente às opções que lhe são apresentadas.

Essas reações – as atitudes dos falantes – podem ser tanto positivas, negativas ou neutras (que caracteriza a ausência de atitude), como evidenciadas nos exemplos a seguir:

(i) Atitude positiva

Trecho 17:

INF: ficaria com a B (“Não quero não”)

DOC: - Por quê?

INF: **Porque geralmente eu falo assim “Não quero não”. Eu acho que é mais completinha essa resposta.**

DOC: Você acha essa resposta mais completa?

INF: É. Eu acredito que... eu uso muito assim.

DOC: E tu escutas as pessoas usando muito assim?

INF: Escuto, escuto falando.

(Inf. 5)

(ii) Atitude negativa

Trecho 18:

DOC: A senhora acha essa resposta, ela é natural pra senhora (Não quero não. Já comi), é estranha, ela é comum?

INF: É, ela é comum, porque as pessoas aqui... **elas têm essa mania de negar**. Não, de repeti o NÃO duas vezes. Dizer: Eu não quero não.

DOC: Ah tá.

INF: Isso aí é um hábito que as pessoas têm, um... Eu não sei nem como te explicar. Dizer o nome disso, mas elas sempre falam assim.

DOC: Uhn... tá. A senhora acha que isso acontece muito aqui, em São Luís.

INF: Acontece muito. **Inclusive eu falo assim.**

(...)

INF: É... **Eu sei que não é certo, mas digamos que é o comum as pessoas falarem assim.**

DOC: Certo. **A senhora acha comum, né?**

INF: **Eu acho.**

(Inf. 8)

(iii) Atitude neutra

Trecho 19:

DOC.: Acha estranha?

INF.: Eu não sei... Quando ele diz “E tu não fez não” ele tá afirmando que não fez?

DOC.: Tá afirmando? E quando pergunta “E tu não fez?”

INF.: Tá só perguntando.

DOC.: E se ele falar só “E tu fez não?” A senhora acha...

INF.: Num sei, tá estranho.

DOC.: A senhora falaria desse jeito?

INF.: Não!

DOC.: Qual desses três jeitos a senhora acha que falaria numa situação dessa?

INF.: Acho que “E tu não fei não!” (risos)

DOC.: **Porque a senhora falaria assim?**

INF.: **Porque eu ia perguntar quase com certeza que ele não tinha feito, porque já faz tanto tempo, né?**

(Inf.9)

Com base nesses pressupostos, avaliamos as atitudes dos falantes como positivas ou negativas, com vistas a observar se a dupla negação é estigmatizada pelos falantes entrevistados para a pesquisa. Nossa hipótese é que os falantes apresentam atitude negativa perante a variante, por não esta não ser a variante padrão,

d) Crenças

Crenças, formas de pensamento construídas socialmente, estão relacionadas diretamente com o nível de consciência linguística dos falantes, uma vez que, a partir da percepção da existência de determinado fenômeno linguístico e das formas variantes que o materializam, os falantes, inseridos em um grupo social, desenvolvem crenças a respeito das formas que motivam suas atitudes.

Assim, quando o falante diz que percebe a realização da dupla negação e não se reconhece como usuário por achar que esta se refere à fala típica de pessoas interioranas (*cf.* Exemplo 17), observamos que a opinião emitida por ele reflete sua crença a respeito da variante, evidenciada também por meio de sua atitude negativa, ao rechaçar o uso do que considera incorreto, inadequado.

Com isso, buscamos verificar quais são as crenças dos falantes a respeito da dupla negação e se estas condizem com a realidade de uso da variante. Relacionamos também essas crenças com o nível de consciência e o tipo de atitudes adotado por eles.

4.6 Constituição do *corpus* da pesquisa

Como visto no item 4.2, nosso *corpus* foi extraído de uma amostra formada por dados de 32 sujeitos, sendo 20 de São Luís e 12 de Jarmy dos Pretos. Dessa amostra, selecionamos dados de 24 sujeitos, sendo 16 de São Luís e oito de Jarmy. O *corpus* é constituído por: (i) um conjunto de realizações da dupla negação de níveis de estímulo 1 e 2, extraídas de discursos livres, conforme indicado no início deste capítulo, que foram analisadas conforme as variáveis

sociais e discursivo-pragmáticas selecionadas; e (ii) as impressões/percepções que os falantes demonstraram a respeito do uso dessa estrutura.

Para que fosse possível comparar o uso da dupla negação com as percepções que os usuários têm a respeito da variante, reunimos em nosso *corpus* dados que foram catalogados segundo níveis de estímulo, conforme indicado no início deste capítulo. Com isso, os dados foram organizados em um arquivo Excel, dividido em quatro planilhas, nomeadas conforme os instrumentos de pesquisa e suas respectivas etapas. São elas: *Discurso livre*, *Teste de Produção*, *Teste de Percepção I* e *Teste de Percepção II*.

Na primeira planilha, incluímos as ocorrências de dupla negação realizadas espontaneamente pelo falante. A planilha foi organizada em dez colunas, nas quais classificamos as ocorrências de acordo com os fatores sociais e discursivo-pragmáticos selecionados para a pesquisa. São elas: *informante*, *amálgama*, *estrutura negativa*, *localidade*, *sexo*, *idade*, *escolaridade*, *ativação da proposição*, *tipo de sequência discursiva* e *contexto*; este último correspondendo ao trecho da entrevista no qual a dupla negação aparece.

A segunda planilha apresenta uma organização parecida com a da primeira; no entanto, acrescentamos a coluna *Pergunta*, que corresponde à questão do teste à qual o trecho destacado se refere.

A terceira planilha, que contém as escolhas e justificativa dos informantes a respeito das situações-estímulo do Teste de Percepção, divide-se em nove colunas: *informante*, *situação-estímulo*, *estruturas(s) negativa(s) escolhida(s)*³¹, *justificativa*, *estrutura(s) considerada(s) inadequada(s)*; *justificativa*, *nível de consciência* (cf. alínea a, seção 4.5.3), *contexto*, *comentário*.

A quarta planilha, na qual organizamos as crenças e atitudes dos falantes perante as estruturas negativas, é formada por 12 colunas, a saber: *informante*, *estrutura negativa*, *situação-estímulo*, *atitude positiva ou negativa*, *crença do falante a respeito da variável*³², *nível de consciência*, *local*, *sexo*, *idade*, *escolaridade*, *contexto* e *observações da pesquisadora* feitas no momento da entrevista, que destacam gestos, expressões faciais do entrevistado, timbre de voz, desconforto, dentre outros apontamentos relevantes para nossa análise, uma vez que estes fatores são essenciais para análise de atitudes linguísticas.

³¹Nas situações em que o falante indicou mais de uma estrutura adequada para os contextos que lhe foram apresentados, todas as suas respostas foram incluídas na planilha. O mesmo procedimento foi adotado para os casos de inadequação apontados pelo falante.

³² As crenças a respeito da dupla negação foram destacadas em vermelho.

Vale ressaltar que optamos por não fazer uma análise puramente quantitativa, pois nosso foco não é apenas mostrar frequência de uso das variantes de acordo com os fatores selecionados, mas analisar os dados mais profundamente, relacionando-os com as percepções dos falantes, de modo a nos permitir enxergar o fenômeno tanto sob os olhos do pesquisador, como dos pesquisados/falantes em evidência.

Síntese do capítulo

Este capítulo apresentou uma explicação detalhada das etapas necessárias para o desenvolvimento da pesquisa que deu origem à dissertação. Aqui, explicitamos a elaboração dos instrumentos da pesquisa, escolha das localidades, delimitação do perfil dos informantes, organização dos dados dentre outros passos. Após a conclusão dessas etapas, seguimos para descrição e análise dos dados, como mostra o capítulo a seguir.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Depois de organizados os dados, iniciamos a análise focando primeiramente o uso da variante conforme as variáveis sociais e discursivo-pragmáticas selecionadas. Relacionamos nossa análise com dados de outras pesquisas sobre a dupla negação no PB a fim de verificar se os nossos resultados confirmam os de pesquisas desenvolvidas com base na fala de outras localidades.

Posteriormente, verificamos as ocorrências de dupla negação diante dos questionamentos apresentados no Teste de Produção. Assim, observamos se, quando o informante entende que deve realizar a negação, ele opta por Neg2, evidenciando que reconhece a estrutura como possível de ser empregada diante dos questionamentos apresentados, mesmo que de forma inconsciente.

Por fim, analisamos os comentários feitos pelos falantes a respeito da dupla negação no momento da aplicação do Teste de Percepção. Observamos as crenças que demonstram e suas atitudes perante o emprego da estrutura. Esses dados foram cotejados com o uso real que eles fazem da dupla negação.

A análise dos dados está organizada em níveis de estímulo. Dessa forma, podemos, primeiramente, observar as ocorrências da dupla negação em uso real e, a seguir, fazer uma análise gradativa, relacionando esses resultados com as demais escolhas feitas pelos informantes ao longo das entrevistas.

5.1 A dupla negação no português falado no Maranhão: análise dos dados relativos ao nível 1 de estímulo

Neste tópico, verificamos a realização da dupla negação primeiramente relacionando-a com outras estruturas negativas e, posteriormente, avaliando seu uso segundo variáveis sociais e discursivo-pragmáticas. Para isso, consideramos o uso da estrutura em seu contexto real de uso, isto é, consideramos as realizações de dupla negação em discursos livres, com vistas a verificar a negação em um nível em que há pouca motivação, para, posteriormente, comparar os dados aqui elencados com as crenças e atitudes dos falantes.

5.1.1 Distribuição geral dos dados

Apesar de não se tratar de uma pesquisa puramente quantitativa, consideramos relevante fazer o levantamento geral dos dados a fim de observarmos a frequência de dupla negação em relação às outras estruturas negativas, nas duas localidades investigadas.

Inicialmente, computamos um total de 1.159 estruturas negativas proferidas em discursos livres pelos 24 informantes, conforme mostra a Tabela 1. No entanto, considerando a discussão entre Lavandera (1978) e Labov (1978) a respeito do conceito de variante (*cf.* Capítulo 2), decidimos desconsiderar, para esse cômputo, as realizações de Neg1 nas quais não seria possível o intercâmbio das três estruturas negativas. Para isso, consideramos os estudos de Scwenter (2005), que afirma que as estruturas negativas presentes no PB só são intercambiáveis em contextos nos quais a proposição fora ativada anteriormente, de forma direta ou indireta (*cf.* Capítulo 3).

Tabela 2 - Distribuição geral das ocorrências de estruturas negativas, considerando realizações de Neg1 em contextos de informação nova

<i>Neg1</i>	<i>Neg2</i>	<i>Neg3</i>
1009 (87%)	133 (11,5%)	17 (1,5%)

Fonte: elaborada pela autora.

Dessa forma, realizamos um novo cômputo no qual foram consideradas realizações de Neg1 apenas em contextos de informação velha no discurso, assim, as 389 realizações de Neg1 cuja proposição não foi ativada no discurso não foram contabilizadas, resultando em 620 ocorrências da estrutura com ativação prévia da proposição, conforme mostra a Tabela 2.

Tabela 3 - Distribuição geral das ocorrências de estruturas negativas, considerando apenas realizações nas quais as três estruturas são intercambiáveis

<i>Neg1</i>	<i>Neg2</i>	<i>Neg3</i>
620 (80,5%)	133 (17,3%)	17 (2,2%)

Fonte: elaborada pela autora

No geral, foram realizadas 770 estruturas negativas, em contexto de discurso livre, proferidas, em sua maioria, durante a primeira fase da entrevista, realizada com o auxílio do Roteiro de Discurso Semidirigido.

Verificamos que as frequências de Neg1 e Neg2 se assemelham aos dados levantados por Sousa (2016) a respeito da realização da estrutura no português maranhense (*cf.* Capítulo 3), nos quais a negação pré-verbal reúne 77,1% das realizações, enquanto a dupla negação reúne 19,1%. Assim como na maioria dos trabalhos realizados sobre a negação no PB (*cf.* FURTADO DA CUNHA, 2001; ROCHA, 2013; NASCIMENTO, 2014), observamos que majoritariamente a negação pré-verbal se destaca como a mais recorrente dentre as realizações. Em nossa pesquisa, essa estrutura, com 620 ocorrências com ativação prévia, reúne 81% das realizações.

Quanto à dupla negação, registramos apenas 133 ocorrências, num universo de 770 estruturas, contabilizando 17% das realizações. Schwenter (2005) observa que essa estrutura geralmente é apontada como a segunda estrutura mais frequente nos estudos sobre a negação no PB, apesar de sua frequência atingir em média 30%, o que não chega a ser nem metade das realizações. No trabalho de Rocha (2013), por exemplo, a frequência de Neg2 não ultrapassa 15% das realizações em nenhuma das amostras consideradas para a pesquisa – Amostra Geral: 5,8%; Amostra Geração: 6,2%; Amostra Região: 5%; Amostra Geral 2: 13,9%.

A mesma observação pode ser feita a respeito dos demais estudos que enfocam a negação no português falado, principalmente em localidades das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Estudos considerando o português falado em Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre, registram frequência de 4,4%, 2,6% e 0,6% de dupla negação, respectivamente (*cf.* GOLDNADEL *et al.*, 2013). Essa frequência se torna relativamente maior quando considerados os estudos realizados na Região Nordeste do país, como nos trabalhos de Roncarati (1996), sobre o português falado em Fortaleza (18%), e o de Furtado da Cunha (2001), sobre o português falado em Natal (20,6%).

No que tange à realização de Neg3, constatamos que, assim como na maioria dos estudos já realizados sobre essa estrutura, sua frequência é bastante baixa: das 511 estruturas negativas identificadas nesta pesquisa, apenas 17 delas foram realizações de negação pós-verbal, reunindo apenas 6% das realizações. Observamos frequência similar no estudo de Rocha (2013), cujo registro é de 0,5%, na cidade de São Paulo, e no de Nascimento (2014), com 1,5%, no português falado em Vitória.

Ao fazermos estas comparações, verificamos que os resultados obtidos em nosso estudo, apesar de não se tratar de uma pesquisa quantitativa, se assemelham ao que geralmente vemos nos estudos sobre a negação no PB. É claro que não podemos esquecer que muitas dessas pesquisas foram realizadas por meio de gravações de entrevistas e não em contextos espontâneos de uso da língua, o que, como assinalam Furtado da Cunha (2001) e Nascimento (2014), pode contribuir para um número reduzido de dados. Os contextos dialogais, segundo as autoras, são os mais propícios ao aparecimento de estruturas não-canônicas de negação. Nossa pesquisa também foi realizada por meio de entrevistas com auxílio de um roteiro e, apesar dos esforços do entrevistador, houve momentos de pouca troca de turno entre ele e o entrevistado.

Como dito anteriormente, apesar de já existirem vários trabalhos acerca da dupla negação no PB, estes geralmente estão concentrados nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. Para que possamos ter uma noção do panorama geral da expressão da dupla negação no português falado no País, é necessário que essa investigação alcance outras regiões. Talvez, dessa forma, a visão de que a dupla negação é caso de *nordestinismo* (RONCARATI, 1996) seja desmistificada ou comprovada, uma vez que conheceremos sua expressão real no PB.

5.1.2 Variáveis sociais

a) *Localidade*

Os trabalhos que investigam a dupla negação no PB vêm sendo desenvolvidos tanto em áreas urbanas como também em áreas rurais, estas últimas concentrando-se principalmente em comunidades quilombolas. O interesse por essas áreas se dá, em sua maioria, devido ao fato de existir uma hipótese, dentre outras, acerca da origem das estruturas não-canônicas no PB, que defende que essas variantes podem ter sido incorporadas a essa variedade do português como herança do contato entre línguas africanas e a língua falada no País durante o período colonial.

Careno (1997), pesquisadora na área de linguística histórica, investigou a comunidade rural negra Vale do Ribeira, localizada na região sul do Estado de São Paulo. Em seus estudos, a autora registra a grande incidência do fenômeno na região e, apoiando-se nos estudos de Germán de Granda e de outros pesquisadores, assume a suposta origem africana da dupla negação.

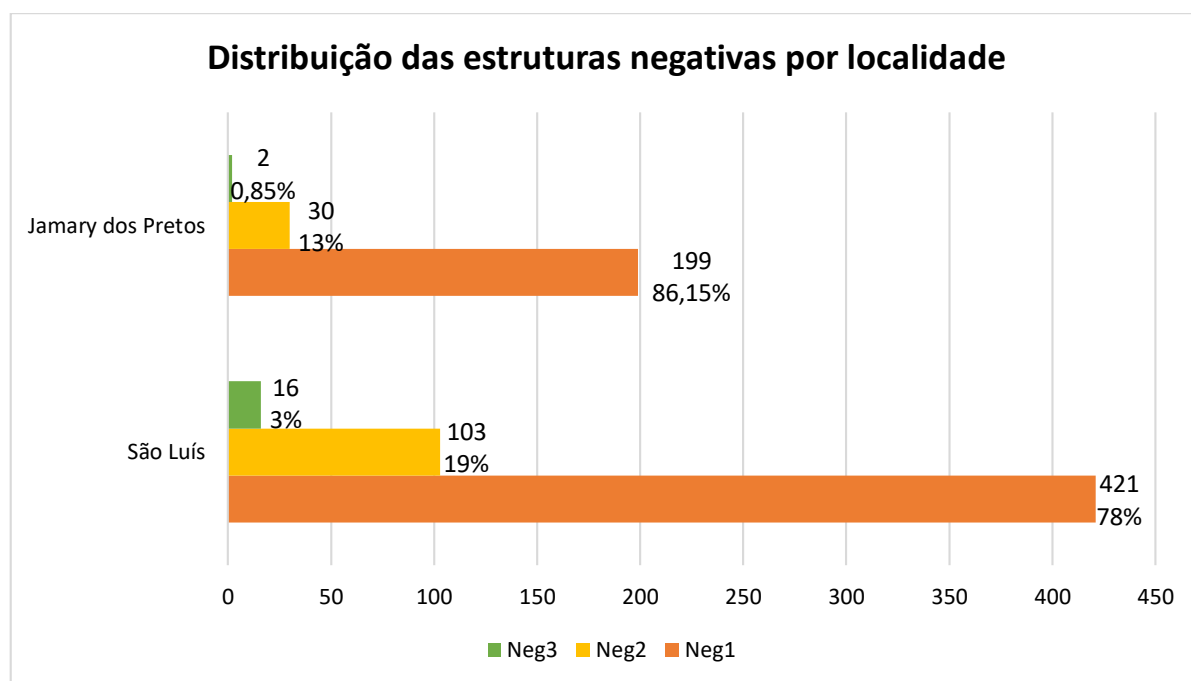
Usualmente, pesquisas realizadas em comunidades afro-brasileiras registram frequência relativamente alta de estruturas negativas não-canônicas. O trabalho de Souza &

Lucchesi (2004), por exemplo, desenvolvido em Helvécia, comunidade localizada na Bahia, mostra uma frequência de 33% de ocorrências dessas estruturas no português falado na comunidade; e o de Cavalcante (2007), por sua vez, registra a dupla negação com uma frequência de 28% em três comunidades rurais baianas: Cinzento, Rio das Contas e Sapé.

Considerando que há trabalhos que estudam a negação tanto na realidade rural quanto urbana, buscamos com este estudo fazer uma comparação entre essas realidades tomando para tanto as localidades Jarmy dos Pretos e São Luís, para representarem o português falado no Maranhão. Vale ressaltar, no entanto, que nosso objetivo com esta comparação não é verificar a suposta origem africana da estrutura, mas sim verificar o comportamento da dupla negação em duas realidades sociais distintas.

No Gráfico 1-podemos observar a realização da dupla negação no universo das demais estruturas negativas, considerando as duas localidades separadamente³³.

Gráfico 1 - Distribuição geral das estruturas negativas por localidade



Fonte: Elaborado pela autora.

³³ Vale ressaltar que não usamos o programa GoldVarb para a análise, pois, após a primeira rodada de dados, o programa não selecionou nenhum dos fatores como relevante para análise, o que fortalece a observação de Schwenter (2005), ao ressaltar que a realização da dupla negação independe de fatores sociais, sendo uma escolha guiada principalmente por questões pragmáticas.

Por meio da observação dos dados apresentados no Gráfico 1, constatamos que a frequência das três estruturas negativas nas duas localidades é semelhante à encontrada nas demais localidades brasileiras, nas quais a negação já foi investigada. Dessa forma, considerando apenas o percentual, é possível verificar que não há grande diferença na realização de dupla negação nas realidades urbana e rural, uma vez que, na primeira, a estrutura reúne 19% das realizações enquanto na segunda, 13%.

Vale ressaltar que, para este cômputo, não houve uma divisão igualitária de informantes entre as duas localidades, uma vez que, em São Luís, foram considerados 16 informantes e, em Jamary, apenas oito, totalizando os 24 informantes selecionados para este estudo.

No entanto, os dados aqui apresentados sinalizam que a dupla negação é a segunda estrutura negativa mais recorrente nas duas localidades, apesar de alguns informantes crerem que esta não é realizada em São Luís ou em Jamary (*cf.* Crenças 34 e 35), como podemos ver a seguir, na análise de crenças a respeito da estrutura.

b) Sexo

Nas pesquisas a respeito das estruturas negativas no PB, nem sempre a variável sexo é considerada relevante. Para Alkmim (2001), por exemplo, os dados não mostraram diferenças significativas entre os dois sexos e, por isso, não foi considerado. A pesquisa de Nascimento (2014), no entanto, considera esta variável e a aponta como relevante no que tange à realização da negação pré-verbal, favorecida pelos homens (PR .53), e a dupla negação, pelas mulheres, com mesmo peso relativo. Segundo a autora, esse resultado não corrobora a proposta laboviana de que a variante padrão seria mais frequente entre as mulheres, em fenômenos em situação de variação estável.

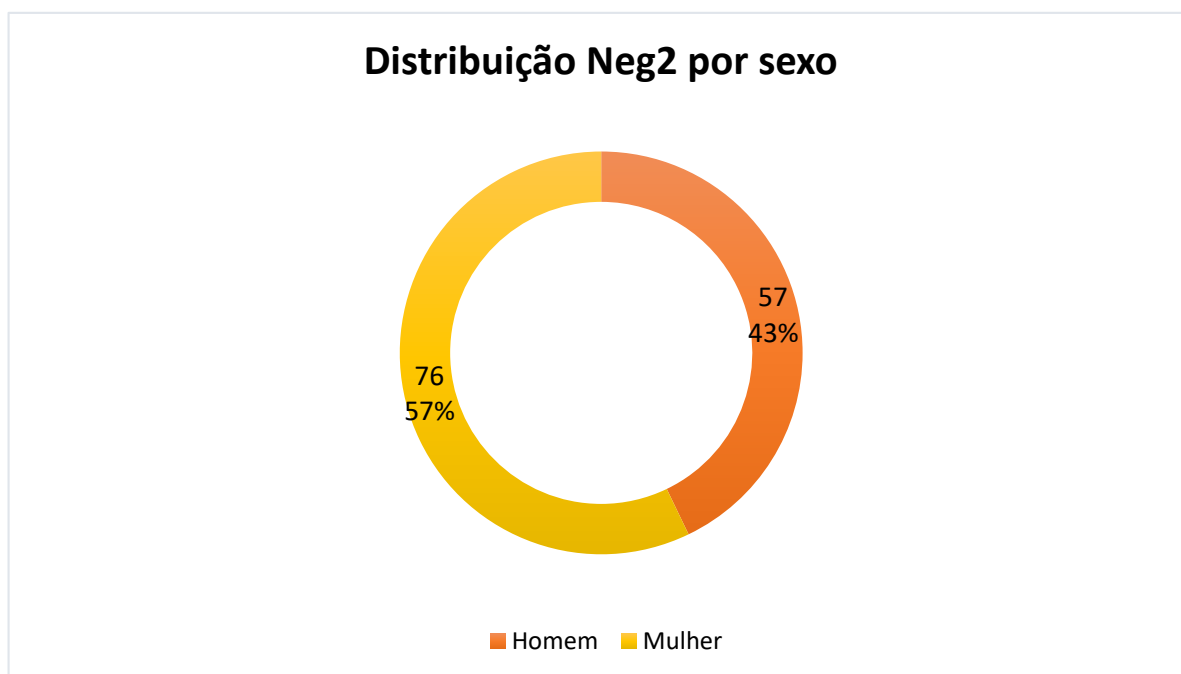
Já no trabalho de Rocha (2013), a variável mostrou resultados diferentes em cada amostra analisada pelo autor. Na Amostra Geração, as ocorrências de dupla negação foram favorecidas pelas mulheres (PR .54), na Amostra Região, a estrutura foi favorecida por homens (PR .56) e na Amostra Geral 2, a variável não se mostrou relevante.

Em Sousa (2016), é possível verificar que, no contexto do português maranhense, a dupla negação se mostrou mais frequente entre os homens (61,3%), o que, para a autora, corrobora o postulado da sociolinguística: as mulheres usariam mais a variante padrão –

negação pré-verbal – devido à cobrança social que impõe um comportamento compatível com as regras determinadas pela sociedade.

Apesar de não haver um consenso quanto ao resultado dessa variável nas pesquisas que concernem à dupla negação, optamos por considerar a variável sexo a fim de observar o comportamento da estrutura diante dessa variável. O gráfico 2 mostra apenas as realizações de Neg2 por parte dos 24 informantes.

Gráfico 2 - Distribuição de Neg2 segundo a variável sexo



Fonte: elaborado pela autora.

Por meio do Gráfico 2, verificamos uma distribuição quase igualitária entre os dois sexos, sendo a realização da dupla negação levemente favorecida pelas mulheres, reunindo 57% das realizações. Observamos que esse resultado se distancia, mesmo que de forma discreta, dos resultados apontados por Sousa (2016), que também analisa a estrutura no português maranhense. Apesar desta não ser uma pesquisa quantitativa, consideramos esses resultados a fim de se ter um panorama geral do uso da estrutura nas localidades investigadas. Vale lembrar que os dados coletados durante o Teste de Percepção não evidenciaram crenças relacionadas com o fator sexo.

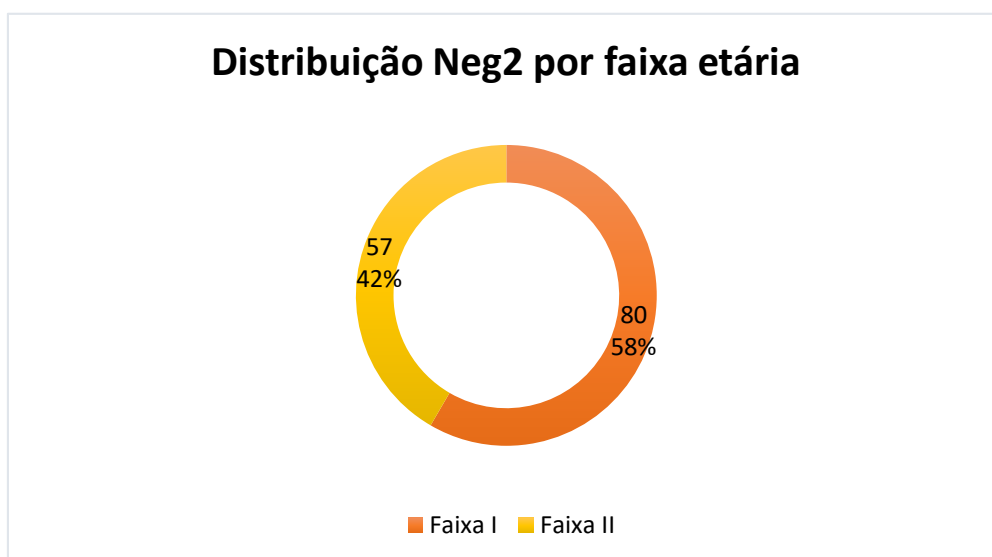
c) Faixa etária

Entre as pesquisas de orientação Sociolinguística, é comum a análise da variável faixa etária, a fim de verificar indícios de mudanças ou variação linguística. No que tange à análise da expressão da negação no PB, não há consenso quanto aos resultados obtidos. Na pesquisa de Alkmim (2001), o uso da dupla negação é favorecido pelos mais jovens (PR .60) e desfavorecido pelos idosos (PR .39), o que, para ela, é um indício de mudança linguística. Já na pesquisa Rocha (2013), a dupla negação é levemente favorecida pelos mais velhos (PR .54) e desfavorecida pelos mais jovens (PR .45). Para Nascimento, no entanto, essa variável não se mostrou relevante.

Sousa (2016), em sua pesquisa, constata que a realização da dupla negação entre as duas faixas não se mostrou relevante ao considerar o cômputo dos dados de todas as localidades reunidas, uma vez que a dupla negação foi realizada por 44,8% dos informantes da Faixa I e por 55,2% dos informantes da Faixa II. No entanto, ao observar cada localidade isoladamente, a pesquisadora percebeu que, em São Luís, houve considerável diferença em relação ao uso de Neg2 nas duas faixas: 28% das realizações ocorreram entre os mais jovens e 72%, entre os mais velhos.

Diante disso, optamos por observar a distribuição das realizações nas duas faixas etárias selecionadas para a pesquisa, conforme consta no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Distribuição de Neg2 segundo a variável faixa etária

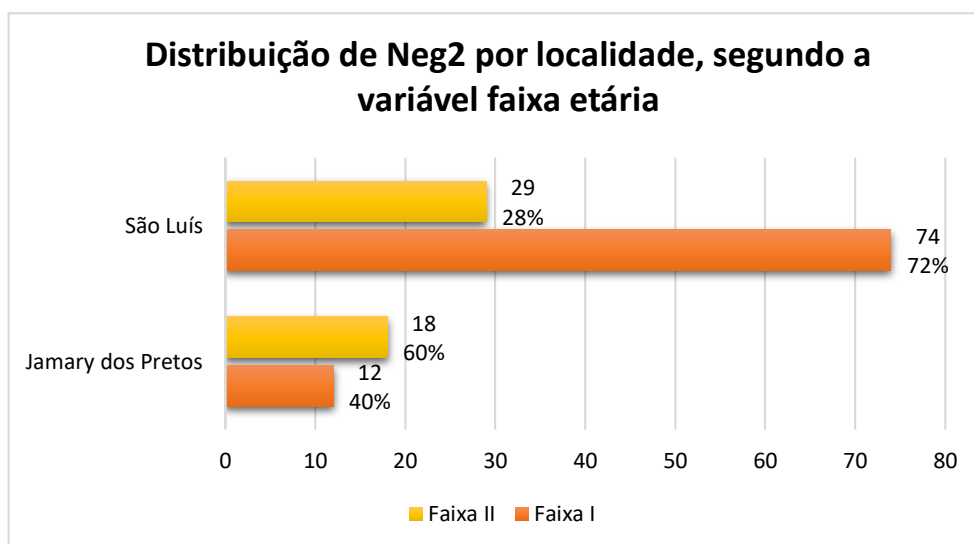


Fonte: elaborado pela autora.

Ao observarmos as ocorrências da dupla negação nas duas faixas etárias, verificamos um leve favorecimento do uso da estrutura entre os informantes da Faixa I, reunindo 58% das realizações, o que poderia ser um indício de mudança linguística, como postula a sociolinguística. No entanto, a pouca quantidade de dados nos impede de fazer, com segurança, tal afirmação.

Assim como fez Sousa (2016), decidimos observar este fator considerando as duas localidades separadamente, a fim de verificar se os resultados seriam diferentes. A seguir, o gráfico 4 mostra essa distribuição.

Gráfico 4 - Distribuição de Neg2 por faixa etária, considerando as duas localidades investigadas separadamente



Fonte: elaborado pela autora.

Ao observarmos os dados distribuídos por localidade, verificamos que, em São Luís, houve grande diferença entre as duas faixas etárias, sendo a estrutura mais recorrente entre os informantes da faixa I, com 74% das realizações, diante de 28% de realizações da faixa II. Vale notar que essa frequência se assemelha à obtida por Sousa (2016), em relação aos dados coletados na capital do Estado, o que evidencia certa estabilidade da estrutura na localidade, no que concerne a essa variável. Já em Jarmy dos Pretos, as poucas ocorrências de dupla negação apresentam frequência semelhante entre as duas faixas etárias.

Pelos dados do Teste de Percepção, notamos a existência de cinco crenças que reverberam no imaginário de informantes, que relacionam a realização das estruturas negativas com a idade dos falantes. Quatro sujeitos – informantes 4, 7, 13 e 15 –, todos naturais de São Luís, apontam que a dupla negação não é recorrente entre os mais velhos, mas sim entre os mais

jovens (*cf.* Crenças 23 e 24), como a informante 15, que é da segunda faixa etária, grau II de escolaridade, e se declara não-usuária da estrutura, apesar de sê-lo.

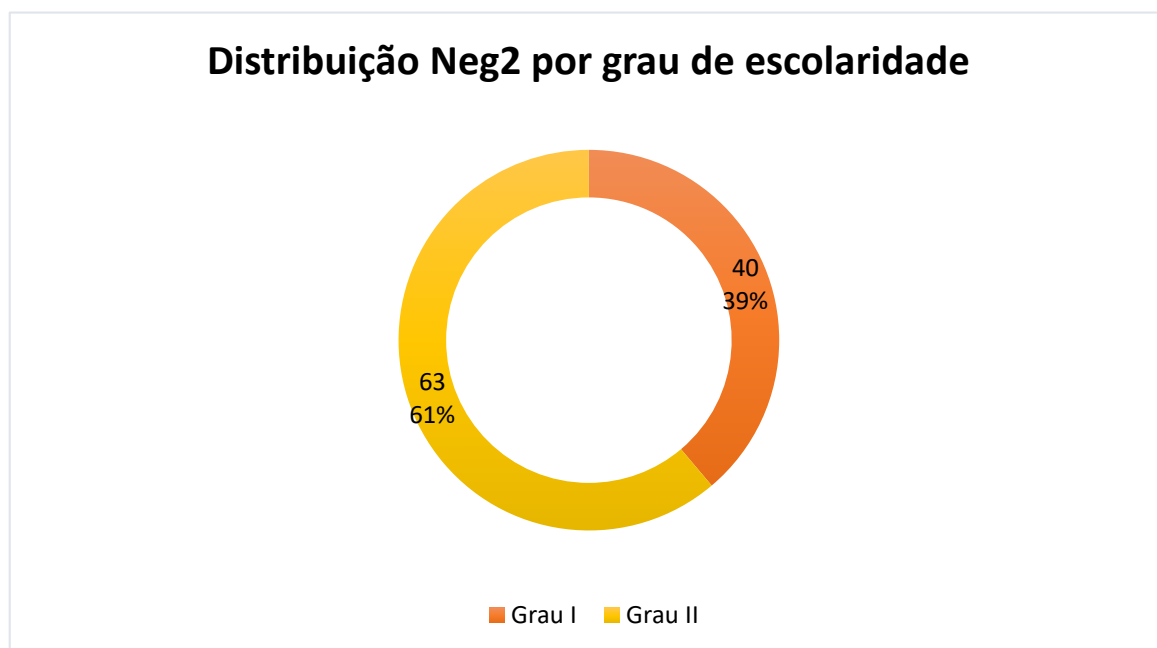
d) Escolaridade

Selecionamos a variável escolaridade para a nossa análise por ser este um fator geralmente considerado nas pesquisas que têm a negação como objeto de estudo. Presume-se que o maior contato do falante com a variedade padrão da língua influencia-o a optar por formas que dela se aproximem. Assim, quanto menor o nível de escolaridade do falante, maior seria sua opção por variantes coloquiais, que, neste caso, seriam a dupla negação e a negação pós-verbal.

Cavalcante (2007) comenta essa hipótese e informa que, apesar da escolaridade não ter sido selecionada pelo VARBRUL como relevante no processamento quantitativo dos dados de sua pesquisa, os resultados apontam que falantes com nível mais baixo de escolaridade realizaram menos a estrutura canônica do que se costuma observar nas pesquisas (59,2%) e a dupla negação apresentou percentual pouco mais alto que o usual (34,3%), enquanto os falantes com nível de escolaridade um pouco mais alto fizeram maior uso da negação canônica (71%) e menor uso da dupla negação (24%). Nos trabalhos de Rocha (2013) e Nascimento (2014), também verificamos que os falantes com menor nível de escolaridade foram os que mais realizaram a dupla negação.

Em nosso estudo, como consideramos dois níveis de escolaridade apenas em São Luís, fizemos a análise desse fator com dados de fala dos 16 informantes da localidade. Dessa forma, consideramos dois informantes de grau I – falantes que estudaram até o nível fundamental – e dois de informantes de grau II – falantes que estão cursando ou já concluíram um curso de nível superior. No Gráfico 5 observamos esse uso considerando as ocorrências de dupla negação distribuídas entre os dois graus de escolaridade.

Gráfico 5 - Distribuição de Neg2 por grau de escolaridade



Fonte: elaborado pela autora

As ocorrências de dupla negação, segundo o grau de escolaridade dos informantes, demonstram que houve um leve favorecimento da estrutura entre falantes com grau II de escolaridade, sendo este um resultado contrário à nossa hipótese. Os informantes com grau II de escolaridade reuniram 61% das realizações, enquanto os informantes de grau I, apenas 39%. Apesar da pouca quantidade de dados, constatamos que o emprego da variante não canônica acabou sendo maior entre os informantes que, teoricamente, tiveram/têm maior contato com a língua padrão, contrariando nossa hipótese inicial.

É válido ressaltar que essas escolhas estão refletidas na avaliação que os próprios falantes fazem da estrutura. As crenças 5, 25, 26, 27 (*cf.* seção 5.3.1) fazem referência ao grau de escolaridade dos falantes, além de todas retratarem negativamente a dupla negação.

Vale lembrar que as informantes 13 e 15, duas mulheres da Faixa II, com grau II de escolaridade, demonstraram atitude negativa perante a estrutura ao se declararem não-usuárias, apesar de sê-lo, além de crerem que a dupla negação representa um erro de português (*cf.* Crença 4) característico de uma fala rudimentar (*cf.* Crença 26) e interiorana (*cf.* Crença 27). Com isso, supomos que, de certa forma, as informantes relacionam o uso da dupla negação ao nível de instrução/escolaridade dos falantes. O fato de serem usuárias inconscientes que rechaçam o uso da estrutura nos remete ao que postula Labov (1966): as mulheres tendem a fazer uma autoavaliação que não condiz com sua realidade linguística, uma vez que acreditam ser mais

usuárias da variante padrão do que realmente o são. Em contrapartida, os homens tendem a não se autodeclarar usuários da variante padrão quando, de fato, não o são. Como podemos observar, apesar de informantes relacionarem o uso da estrutura à falta de instrução, leitura, fala interiorana e caipira, a dupla negação é, na verdade, de acordo com nossos dados, mais realizada pelos informantes com maior grau de ensino.

5.1.3 Variáveis discursivo-pragmáticas

Além das variáveis sociais, avaliamos também variáveis discursivo-pragmáticas, que têm sido constantemente apontadas como relevantes nos estudos da negação. Neste estudo, optamos por investigar apenas as variáveis ativação da proposição e tipo de sequência discursiva.

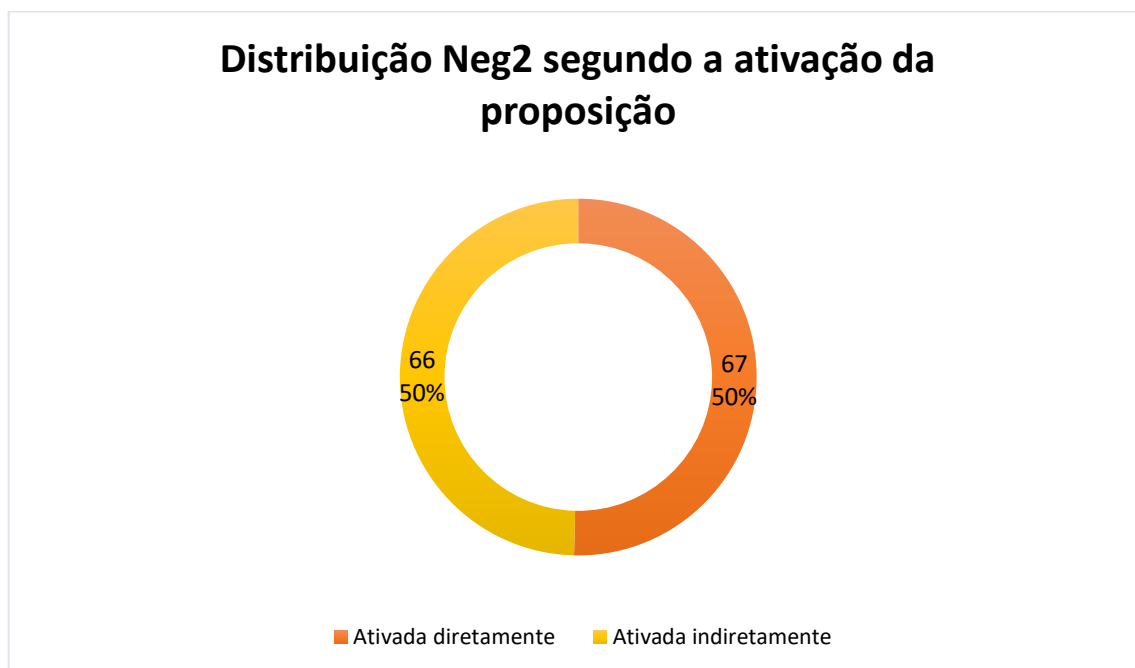
a) Ativação da proposição

A variável ativação da proposição tem sido constantemente apontada como uma das mais relevantes nos estudos da negação, uma vez que, segundo Schwenter (2005), este é o único fator necessário para licenciar o uso da variante. Assim, para que a dupla negação seja permitida no discurso, é necessário que esta seja ativada previamente, seja de forma direta ou indireta.

Em seus dados, Rocha (2013), ao analisar esta variável, que foi selecionada como relevante em todas as suas amostras, verifica que a porcentagem de proposições ativadas diretamente (.73) é maior que as ativadas indiretamente (.47). Os dados de Goldnadel *et al* (2013) corroboram esses resultados, enquanto os de Nascimento (2014) mostram que a variável não foi estatisticamente relevante.

O Gráfico 6 mostra a divisão dos dados considerando este fator.

Gráfico 6 - Distribuição de Neg2 segundo a variável ativação da proposição



Fonte: elaborado pela autora.

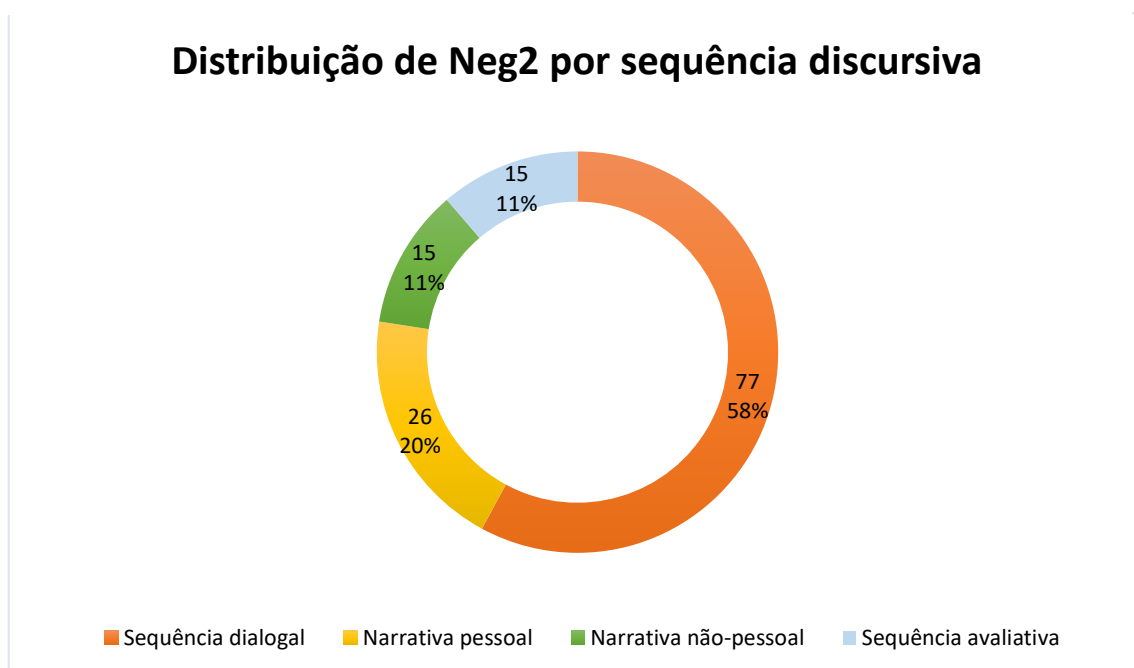
Os dados apontam que há uma distribuição praticamente igualitária entre as duas formas de ativação da proposição. Considerando que a pesquisa de Rocha foi realizada em (2013), podemos inferir que essa distribuição pode mostrar um avanço no que tange a questões contextuais relacionadas com a estrutura, uma vez que, anteriormente, a ativação direta das proposições era a mais recorrente dentre as realizações de Neg2 e, principalmente, Neg3. Com este estudo, constatamos, ao observar estudos anteriores, um acréscimo na realização dessas estruturas em contextos nos quais a ativação da proposição ocorreu de forma indireta.

b) Tipo de sequência discursiva

Nascimento (2014), baseada nos trabalhos de Furtado da Cunha (2001) e Goldnadel *et al* (2013), analisa a variável sequência discursiva, ao considerar que estudos apontam a dupla negação como mais recorrente em contextos nos quais há maior troca de turno por parte dos falantes. Em seus dados, a pesquisadora apontou esta variável como extremamente significativa para a realização de estruturas negativas, uma vez que foi a única a ser selecionada pelo VARBRUL como relevante para as três estruturas nas três rodadas de análise. Seus dados apontaram sequências dialogais como mais relevantes (PR .78) para a realização da dupla negação – como sugerem os estudos nos quais ela se baseou – seguido de sequências avaliativas (PR .54).

Em nossos dados, apesar das poucas ocorrências de dupla negação, observamos que, assim como no estudo de Nascimento (2014), a dupla negação também se mostrou mais recorrente em contextos nos quais houve maior troca de turno (sequência dialogal), com frequência de 58%, como mostra o Gráfico 7.

Gráfico 7 - Distribuição de Neg2 por tipo de sequência discursiva



Fonte: elaborado pela autora

O segundo tipo de sequência discursiva em que a estrutura se mostrou mais recorrente foi a narrativa pessoal, que reuniu 20% das realizações. Conforme supúnhamos, a dupla negação é favorecida em momentos em que o informante discorre sobre fatos pessoais, pois esse tipo de assunto favorece menor monitoramento da fala, o que resulta em maior número de realizações de estruturas não-padrão. As sequências avaliativas, diferentemente do trabalho de Nascimento (2014), não se mostraram significativas, assim como as narrativas não-pessoais.

5.2 Teste de Produção: análise dos dados relativos ao nível 2 de estímulo

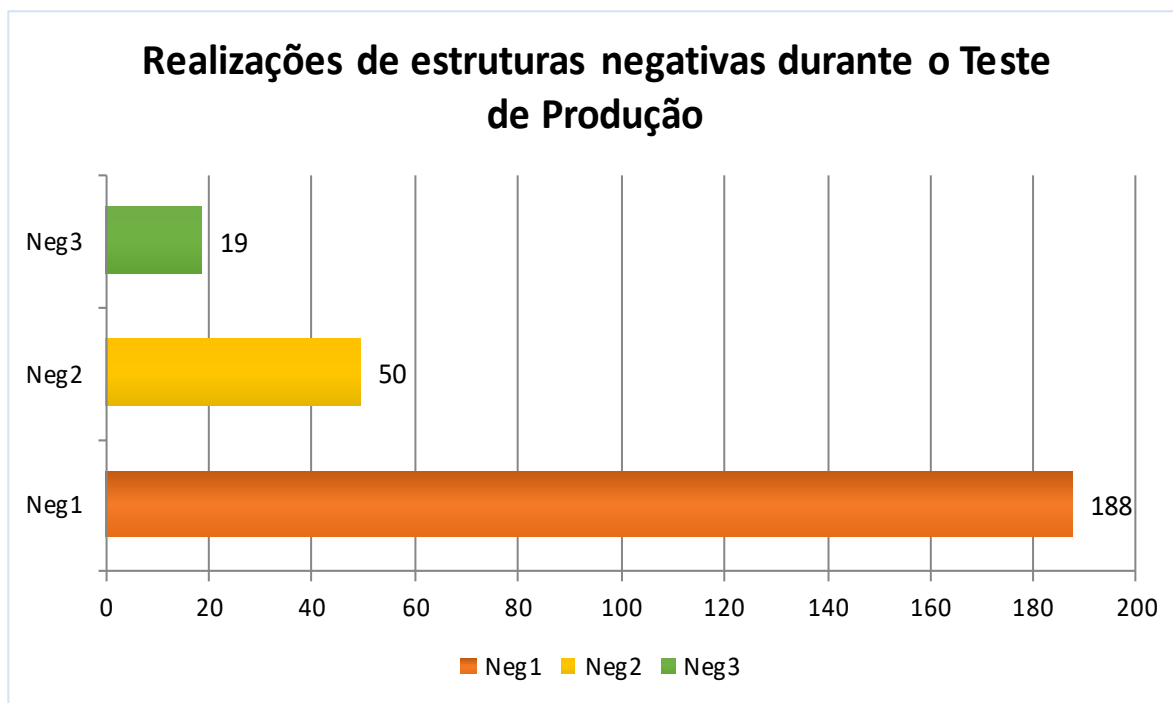
A análise apresentada nesta seção corresponde aos dados coletados por meio da aplicação do Teste de Produção (*cf.* Apêndice 2), no qual solicitamos ao informante que respondesse às perguntas negativamente. Partimos da suposição de que, se ele fosse usuário da

dupla negação, poderia optar pelo uso da estrutura, uma vez que todas as opções preenchem os requisitos para a realização de tal variante³⁴.

Apesar de o teste conter 10 questionamentos principais, seguidos de questionamentos secundários (*cf.* seção 4.3.2.1), nem todos foram respondidos satisfatoriamente. Ao pedirmos ao informante para responder às perguntas negativamente, constatamos que muitos apresentaram dificuldades em fazê-lo espontaneamente, pois, diante do desafio de negar uma proposição que poderia lhes ser verdadeira, responderam aos questionamentos de forma um tanto mecânica, utilizando simplesmente o advérbio de negação **não**, sem nenhum complemento³⁵.

A fim de observar a frequência da realização da dupla negação durante a aplicação do Teste de Produção, organizamos a distribuição desses dados no Gráfico 8.

Gráfico 8 - Distribuição das realizações de estruturas negativas durante o Teste de Produção



Fonte: elaborado pela autora

O Gráfico 8 mostra que a dupla negação foi a segunda estrutura negativa mais recorrente, reunindo 20% das realizações, sendo esta uma frequência semelhante à obtida em

³⁴ Embasamo-nos, aqui, na hipótese levantada por Schwenter (2005), segundo a qual, para que a dupla negação seja possível em determinado contexto, é necessário que a proposição tenha sido ativada anteriormente no discurso. Em todos os questionamentos presentes no teste, as proposições a serem negadas foram ativadas diretamente.

³⁵ Vale lembrar que, conforme explicado no Capítulo 4, solicitamos ao falante que respondesse aos questionamentos da forma espontânea/natural e que, sempre que possível, complementassem suas respostas.

discursos livres. A negação pré-verbal se manteve como estrutura mais recorrente, computando 73% das realizações.

Das 10 perguntas/tópicos que compõem o teste, todas foram respondidas em algum momento utilizando a dupla negação e a negação pré-verbal. A fim de observar a distribuição da realização da estrutura de acordo com as perguntas que compõem o teste, elaboramos o Quadro 7 que possibilita visualizar com maior clareza quais perguntas mais suscitarão o aparecimento de Neg2.

Quadro 8 - Realizações de Neg2 por pergunta/tópico do Teste de Produção

Nº da pergunta/tópico	Nº de realizações de Neg2
P. 1	7 (14%)
P. 2	1 (2%)
P. 3	3 (6%)
P. 4	3 (6%)
P. 5	7 (14%)
P. 6	2 (4%)
P. 7	7 (14%)
P. 8	5 (10%)
P. 9	11 (22%)
P. 10	4 (8%)
TOTAL	50 (100%)

Fonte: elaborado pela autora

Conforme evidencia o Quadro 8, a pergunta que mais suscitou o aparecimento de dupla negação – 11 ocorrências – foi a pergunta 9 – *E festas? Você gosta? E de dançar e beber?*. Supomos que a alta frequência da estrutura nessa pergunta/tópico se deu pelo fato de que a dupla negação pode ser motivada em contextos nos quais se busca uma mudança temática (cf. FURTADO DA CUNHA, 2001). Vale ressaltar que notamos certo incômodo por parte de alguns informantes ao falar sobre o hábito de beber e frequentar festas.

As outras perguntas que também propiciaram consideravelmente o aparecimento de Neg2 foram as perguntas 1, 5 e 7, com sete realizações de Neg2, cada. Enquanto as perguntas 2 e 6 foram as que menos suscitarão a ocorrência da estrutura, com apenas uma realização na primeira e seis na segunda.

Além do total de realizações de Neg2 durante o teste, é válido observar a realização das estruturas negativas por parte de cada informante, a fim de verificar quais deles optaram pela dupla negação e quais mostraram maior diversidade de estruturas negativas diante do pedido de negação.

Quadro 9 - Realização/escolha de estruturas negativas por parte dos informantes

	<i>Nº do informante</i>
<i>Infs. que realizaram Neg1, Neg2 e Neg3</i>	4, 5, 6, 7, 8, 9, 15, 16, 21 e 23
<i>Infs. que realizaram apenas Neg1</i>	3, 10, 12, 17, 18 e 22
<i>Infs. que realizaram apenas Neg1 e Neg2</i>	2, 13 e 14
<i>Inf. que realizou apenas Neg1 e Neg3</i>	1
<i>Inf. que realizou apenas Neg2 e Neg3</i>	24
<i>Não realizaram nenhuma das estruturas</i>	19 e 20

Fonte: elaborado pela autora

O Quadro 9 demonstra que 10 dos 24 informantes realizaram as três estruturas negativas em algum momento do teste, o que evidencia o conhecimento da diversidade das estruturas por parte destes. Vale lembrar que oito desses 10 informantes são naturais de São Luís, enquanto apenas dois são de Jamary dos Pretos e, dentre estes oito informantes ludovicenses, seis tem grau II de escolaridade, fato que evidencia mais uma vez que a realização da estrutura não é maior entre as pessoas com baixa escolaridade ou do interior. A diversidade de estruturas negativas por parte dos informantes de São Luís pode também estar relacionada com o fato de se tratar de uma localidade urbana que tem maior contato com maiores variedades linguísticas, tanto pelo maior contato com pessoas de outras localidades, como também por conta do acesso mais fácil a diferentes meios de comunicação.

Houve ainda seis informantes que usaram apenas a Neg1. Destes seis, três são da capital do Estado e três de Jamary dos Pretos. Os informantes 10 e 12, incluídos neste grupo, não realizaram a dupla negação nem em discursos livres nem durante o Teste de Produção, e, durante o Teste de Percepção, foram taxativos ao afirmar que para eles a dupla negação é uma questão de erro gramatical, que faz parte do falar de pessoas sem instrução/caipiras (*cf.* Crenças 25 e 27), razão por que não são usuários dessa estrutura.

Já a informante 17, que também não realizou a Neg2, nem mesmo nos discursos livres, afirmou que esta estrutura não é utilizada em Jamarý e se declarou não usuária de construções com dupla negação. No entanto, é válido observar que a informante se mostrou pouco confortável durante a entrevista, o que pode ter contribuído para a não-realização da estrutura. Supomos que esse comportamento possa ter facilitado o uso de estruturas não-canônicas, uma vez que notamos que, quando há maior monitoramento da fala nesse teste, há maior realização da estrutura padrão e/ou respostas mais simples/curtas, com apenas o uso do advérbio de negação NÃO.

Vale lembrar que o não-uso de estruturas negativas não significa, necessariamente, que os informantes não sejam seus usuários. Este fato pode ser notado quando observamos o informante 22 que, apesar de não ter realizado a dupla negação durante o Teste de Produção, mostrou atitude positiva perante a estrutura no Teste de Percepção, afirmando que esta faz parte do falar de sua comunidade, além de ser um costume herdado dos mais antigos (*cf.* Crença 20). A informante 19, também de Jamarý dos Pretos, declarou-se usuária da estrutura e mostrou atitude positiva perante realização desta, apesar de não tê-la realizado nenhuma vez durante o Teste de Produção.

Após observar as escolhas feitas pelos falantes nesta etapa da pesquisa, pudemos comparar essas realizações com suas percepções a respeito da dupla negação, inseridas em diversos contextos, a fim de verificarmos se os sujeitos reconhecem a dupla negação como possível nessas situações e, conseqüentemente, quais suas atitudes e crenças a respeito da estrutura em foco. Esses dados poderão ser observados na seção a seguir.

5.3 Teste de Percepção: análise dos dados relativos aos níveis 3 e 4 de estímulo

Neste tópico, avaliamos as respostas dadas pelos falantes diante dos estímulos de nível 3 e 4. Com isso, buscamos verificar, primeiramente, se os falantes consideram a dupla negação adequada aos contextos apresentados no momento de aplicação do Teste de Percepção. Para isso, apresentamos a eles situações-estímulo (SE), nas quais foram inseridas opções com as três estruturas negativas presentes no PB, para que indicassem qual seria mais adequada. Com base em suas escolhas e justificativas, avaliamos quais atitudes/crenças eles têm a respeito da dupla negação.

No Quadro 3, a seguir, apresentamos as escolhas dos informantes diante das SE. Vale ressaltar que houve situações em que o informante escolheu mais de uma estrutura como

adequada, já em outras considerou como inadequadas todas as estruturas que lhe foram apresentadas. Por isso, o cômputo das escolhas dos falantes resultará em 14, que é o número de SE que compõem o teste.

Quadro 10 – Escolhas dos falantes nas 14 situações-estímulos do Teste de Percepção

SÃO LUÍS			
<i>Informante</i>	<i>Neg1</i>	<i>Neg2</i>	<i>Neg3</i>
Inf. 1	12/14	2/14	0/14
Inf. 2	4/14	10/14	0/14
Inf. 3	9/14	3/14	3/14
Inf. 4	10/14	4/14	1/14
Inf. 5	3/14	9/14	2/14
Inf. 6	6/14	5/14	6/14
Inf. 7	9/14	5/14	0/14
Inf. 8	10/14	9/14	0/14
Inf. 9	9/14	4/14	1/14
Inf. 10	13/14	2/14	0/14
Inf. 11	9/14	7/14	1/14
Inf. 12	8/14	0/14	0/14
Inf. 13	13/14	0/14	4/14
Inf. 14	11/14	7/14	4/14
Inf. 15	14/14	1/14	0/14
Inf. 16	11/14	5/14	1/14
JAMARY DOS PRETOS			
Inf. 17	13/14	1/14	0/14
Inf. 18	11/14	3/14	1/14
Inf. 19	9/14	4/14	2/14
Inf. 20	9/14	5/14	0/14
Inf. 21	10/14	5/14	0/14
Inf. 22	2/14	11/14	1/14
Inf. 23	11/14	3/14	0/14
Inf. 24	9/14	3/14	0/14

Fonte: elaborado pela autora

Conforme mostra o Quadro 3, a dupla negação foi escolhida como mais adequada em pelo menos um das SE por 22 dos 24 informantes selecionados para esta pesquisa. Os informantes 12 e 13 foram os únicos que não escolheram a estrutura em nenhuma das situações. Vale lembrar que os dois foram taxativos ao afirmar que não são usuários da estrutura e que a consideram um erro gramatical (*cf.* Crença 4). O informante 12, de fato, não realizou a estrutura durante os discursos livre e o Teste de Produção, no entanto a informante 13 fez uso da dupla

negação tanto em discursos livres como no Teste de Produção, além de, por vezes, justificar suas escolhas durante o Teste de Percepção fazendo uso, inconscientemente, da estrutura.

Em contrapartida, o informante 10 foi o que mais escolheu a dupla negação como adequada nos contextos apresentados. Ele apontou a estrutura como melhor opção em 11 das 14 SE, alegando tratar-se de uma marca da fala de sua localidade. Apesar de pensar que se trata de um erro, ele alega que a variante faz parte de um costume que iniciou com os mais velhos e vem sendo passado de geração em geração (*cf.* Crença 20).

O informante 2 também se destaca por ter apontado a dupla negação como mais adequada em 10 das 14 SE que compõem o teste, apesar de se encaixar no nível 0 de consciência linguística. Supomos que ele optou pela estrutura por esta ser comum e bastante utilizada por ele espontaneamente, uma vez que foi ele um dos informantes que mais realizou a dupla negação em discursos livres. Por vezes, apesar de não ter indicado especificamente a opção com dupla negação como mais adequada, consideramos essa resposta pelo fato de ele reformular as opções respondendo de sua própria maneira, fazendo uso da estrutura.

Durante as escolhas das opções, os informantes foram motivados a justificar suas respostas e, com base nessas justificativas, foi possível identificar quais crenças e atitudes eles demonstram a respeito das estruturas, em especial, da dupla negação. Essas crenças poderão ser observadas na seção a seguir.

5.3.1 Crenças a respeito de estruturas negativas no português

Apesar de a negação ser um fenômeno morfossintático, isto é, que se insere em um nível mais profundo da língua, foi possível identificar um número significativo de crenças a respeito das estruturas negativas. Dos 24 informantes considerados para esta análise, 22 emitiram, em algum momento da entrevista, opiniões a respeito de, pelo menos, uma das estruturas negativas.

Apesar de apresentarmos as três estruturas como opções nas SE, o que permitia a comparação destas e a manifestação de crenças e juízos de valor a respeito de todas, dirigimos nossa atenção mais detidamente para a identificação de crenças a respeito da dupla negação, uma vez que este é o foco de nossa análise e, por isso, insistimos mais a respeito dessa estrutura especificamente. O quadro, a seguir, apresenta o número total de crenças que identificamos sobre as estruturas negativas.

Quadro 11 - Distribuição total de crenças por estrutura negativa

Nº crenças – Neg1	Nº crenças – Neg2	Nº crenças – Neg3
13	36	32
TOTAL GERAL: 81³⁶		

Fonte: elaborado pela autora

Embora o nosso objeto de estudo seja a dupla negação, organizamos, no quadro 11, as crenças a respeito de Neg1, Neg2 e Neg3, divididas nos seguintes campos aspectuais: estrutural, contextual/discursivo e social a fim de termos um panorama geral a respeito das crenças existentes sobre as demais estruturas.

Quadro 12 - Crenças a respeito das estruturas negativas

NEGAÇÃO	CAMPOS ASPECTUAIS	CRENÇAS
Neg1	<i>Estrutural</i>	1. Mais adequada para perguntas, sendo esta a forma correta. 2. Mais adequada à modalidade escrita. 3. Correta gramaticalmente. 4. Boa sonoridade. 5. “Pronúncia correta”.
	<i>Contextual/Discursivo</i>	6. Afirma com veemência, ênfase. 7. Mais grosseira, muito direta. 8. Mais direta e certa; não deixa lacunas no discurso. 9. Possível de ser contestada por ser muito direta. 10. Mais calma, demonstra menos chateação. 11. Permite a continuação do diálogo; não é cortante. 12. Opção mais adequada quando a falante quer se esquivar de uma situação.
	<i>Social</i>	13. Característica do falar urbano.
Neg2	<i>Estrutural</i>	1. Denota uma afirmação: duas negações que resultam em uma afirmação. 2. Inadequada às estruturas interrogativas. 3. Não tem boa sonoridade, é esquisito, estranho, anormal. 4. É um erro gramatical. 5. Erro gramatical, resultado de pouca leitura. 6. Errado para a Linguística. 7. Não é um erro. 8. Inaceitável na modalidade escrita e característica, portanto, da língua oral. 9. Repetição desnecessária, negação excessiva.

³⁶Vale lembrar que algumas crenças foram atribuídas a mais de uma estrutura negativa. Nesses casos, foram consideradas no cômputo geral separadamente, isto é, quando repetidas, foram contabilizadas uma vez para cada estrutura negativa.

		10. É um vício de linguagem, mania.
	<i>Contextual/Discursivo</i>	11. Encerra o assunto, indica que a pessoa não quer conversar, o que pode denotar certo aborrecimento. 12. Em contextos de perguntas, é utilizada quando já se presume uma resposta. 13. É utilizada como mecanismo para convencer o interlocutor. 14. É grosseira. 15. A dupla negação é mais leve, suave. 16. É um mecanismo de ênfase, reforço, reafirmação. 17. Costume, hábito. 18. É utilizada na linguagem coloquial, espontânea. 19. É inadequada quando o contexto exige estilo mais formal.
	<i>Social</i>	20. Costume herdado dos mais velhos. 21. É realizada por pessoas mais velhas, não sendo tão recorrente entre os jovens, pois a fala destes se aproxima mais à variedade padrão. 22. Não realizada entre os mais velhos. 23. Mais recorrente entre os mais jovens. 24. Uso independente da faixa etária. 25. É falada por pessoas sem instrução; 26. É característica de uma fala elementar, rudimentar. 27. É característica de um falar caipira, interiorano, rural. 28. Característica do falar baiano ³⁷ . 29. Característica do falar paraense. 30. Característica do falar cearense. 31. Característica do falar pernambucano. 32. A dupla negação é falada em outras localidades, como Brasília. 33. Característica do falar maranhense. 34. Não realizada em São Luís (Atenas Brasileira). 35. Não é utilizada em Jamary. 36. Falada em Jamary.
<i>Neg3</i>	<i>Estrutural</i>	1. Falsa negação. 2. Afirma para depois negar, o que pode causar confusão, bloqueio. 3. Falar ao contrário. 4. É esquisita, estranho; 5. “Repetição desnecessária”. 6. Mania, vício de linguagem.

³⁷Optamos por não reunir sob mesmo título as crenças de número 28 a 32, identificadas como o falar de outra região, mesmo considerando que nesse grupo as referências são basicamente a falares nordestinos – baiano, cearense e pernambucano. Com relação à Brasília, que também poderia ter sido incluído nesse grupo, vale destacar que sua população é, em grande parte, oriunda do Nordeste ou é descendente de nordestinos. Agora, quanto ao falar paraense, que também representa o falar do outro, é uma das primeiras referências que têm os habitantes de Turiaçu, município em que se situa a comunidade Jamary dos Pretos, dada a proximidade do município com o Estado vizinho e os deslocamentos frequentes de turienses para o Pará e do Pará para Turiaçu. Para essa decisão, levamos em consideração nossa ideia de deixar bem demarcada cada localidade a que foi atribuído o uso da dupla negação como lhe sendo característico.

		7. Não aceitável na escrita. 8. Erro gramatical, resultado de pouca leitura. 9. Erro bastante recorrente. 10. Inadequada em estruturas interrogativas.
	<i>Contextual/Discursivo</i>	11. Dá margem para dúvidas, não é tão enfática. 12. Demonstra desinteresse, que a pessoa não quer conversar. 13. Demonstra chateação, ignorância, grosseria, falta de educação; indiferença, rispidez. 14. Curta, direta, rápida, descontraída, despachada. 15. Adequada ao estilo informal, popular, em uma conversa entre pessoas mais íntimas. 16. Inadequada a estilos mais formais. 17. Usada quando a pessoa está zangada, cansada.
	<i>Social</i>	18. Não utilizada por crianças e adolescentes. 19. Recorrente entre os mais jovens. 20. Recorrente entre os mais velhos e repetida pelos mais jovens. 21. Mais recorrente entre os mais velhos, que tem fala mais estigmatizada. 22. Não realizada entre os mais velhos. 23. Uso independente da faixa etária. 24. Falar caboclo. 25. Característica do falar interiorano, rural. 26. Característica do falar baiano. 27. Característica do falar cearense. 28. Falada em Jamary. 29. Não é realizada em Jamary. 30. Falada em São Luís. 31. Não é realizada no Maranhão. 32. Não realizada em São Luís (Atenas Brasileira).

Fonte: elaborado pela autora.

Vale ressaltar que os informantes faziam, por vezes, observações generalizadas a respeito das duas estruturas negativas não canônicas, manifestando sobre elas as mesmas crenças. Dessa forma, grande parte das crenças identificadas em Neg2 se repete em Neg3. Decidimos, então, sinalizá-las com sombreado cinza, para facilitar a visualização. Das 32 crenças sobre Neg3, 18 são compartilhadas entre as duas estruturas, sendo quatro pertencentes ao campo estrutural, quatro ao campo contextual/discursivo e 10 ao campo social.

Interessante ressaltar que grande parte das crenças demonstradas pelos informantes a respeito da estrutura foco estão inseridas no nível social, o que evidencia a relação direta da língua com a sociedade e como o julgamento de uma língua ou fenômeno linguístico reflete características também sociais da comunidade que a usa.

A fim de visualizar quais crenças estão mais enraizadas no imaginário dos falantes, isto é, as que mais foram comentadas por eles e quais situações-estímulo suscitaram seu aparecimento, organizamos o quadro a seguir com as crenças dos falantes e o número de

identificação do informante e das situações-estímulo nas quais as crenças e atitudes foram demonstradas.

Quadro 13 - Crenças e atitudes sobre Neg2 demonstradas pelos informantes e as SE que suscitaram seu aparecimento.

CRENÇAS A RESPEITO DE NEG2	ATITUDE	INFORMANTES (Situações-Estímulo)
CRENÇAS ESTRUTURAIS		
1. Denota uma afirmação: duas negações que resultam em uma afirmação.	Neutra	6 (SE2, 13)
2. Inadequada em estruturas interrogativas.	Neutra	15, 20, (SE 12)
3. Não tem boa sonoridade, é esquisito, estranho, anormal.	Negativa	8 (SE14) 3 (SE12) 17 (SE13) 8 (SE1) 12, 24 (SE5)
4. É um erro gramatical.	Negativa	3, 7 (SE5) 4 (SE3, 4, 6, 8, 12, 13, 14) 10 (SE2, 7, 8, 6, 10) 13 (SE2, 4, 5, 8) 12 (SE12)
5. Erro gramatical, resultado de pouca leitura.	Negativa	11 (SE11) 13 (SE13)
6. Errado para a Linguística.	Negativa	13 (SE5)
7. Não é um erro.	Positiva	14, 20 (SE1)
8. Inaceitável na modalidade escrita e característica, portanto, da língua oral.	Negativa	7 (SE8); 10 (SE6); 8 (SE 7) 13 (SE5, 7) 14 (SE6)
9. Repetição desnecessária, negação excessiva.	Negativa	4 (SE5); 7 (SE1); 10 (SE 3, 5, 11); 12 (SE 2, 3, 5, 13) 13 (SE 4, 5); 15 (SE5, 6);
10. É um vício de linguagem, mania.	Negativa	7 (SE8) 6 (SE5) 9 (SE7) 16 (SE14)
CONTEXTUAIS/DISCURSIVAS		
11. Encerra o assunto, indica que a pessoa não quer conversar, o que pode denotar certo aborrecimento.	Negativa	9 (SE6) 5, 22 (SE6); 22 (SE1)

12. Em contextos de perguntas, é utilizada quando já se presume uma resposta.	Neutra	9 (SE13)
13. É utilizada como mecanismo para convencer o interlocutor.	Positiva	5 (SE13)
14. É grosseira.	Negativa	19, 5 (SE2)
15. A dupla negação é mais leve, suave.	Positiva	4, 5 (SE1, 2) 5, 11 (SE8)
16. É um mecanismo de ênfase, reforço, reafirmação.	Positiva	5 (SE7); 6 (SE3); 7 (SE5); 16 (SE 6, 10); 19 (SE7); 22 (SE6); 8 (SE12); 14 (SE7)
17. Costume, hábito.	Positiva/Negativa ³⁸	17 (SE13); 22 (SE6); 8 (SE8, 14); 12 (SE5) 20 (SE7)
18. É utilizada na linguagem coloquial, espontânea.	Positiva	15 (SE 10) 7 (SE2) 8 (SE6)
19. É inadequada quando o contexto exige estilo mais formal.	Negativa	10, 15 (SE10)
CRENÇAS SOCIAIS		
20. Costume herdado dos mais velhos.	Positiva	22 (SE2)
21. É realizada por pessoas mais velhas, não sendo tão recorrente entre os jovens, pois a fala destes se aproxima mais à variedade padrão.	Negativa	19 (SE10); 22 (SE2),
22. Não realizada entre os mais velhos.	Negativa/Positiva	15 (SE 11); 20 (SE2)
23. Mais recorrente entre os mais jovens;	Positiva	15 (SE2, 14); 17(SE1, 10)
24. Uso independente da faixa etária.	Neutra	4 (SE14); 11 (SE2) 13 (SE13, 14) 16 (SE14)
25. É falada por pessoas sem instrução.	Negativa	10 (SE7, 11)
26. É característica de uma fala elementar, rudimentar.	Negativa	15 (SE2, 1)
27. É característica de um falar caipira, interiorano, rural.	Negativa	10 (SE10, 14) 13 (SE6, 7, 13) 12 (SE2) 16 (SE5) 15 (SE1)

³⁸Nas crenças 17 e 22 foram identificadas atitudes positivas e negativas, dependendo do ponto de vista de cada informante e, por isso, foram classificadas como “positivas/negativas”.

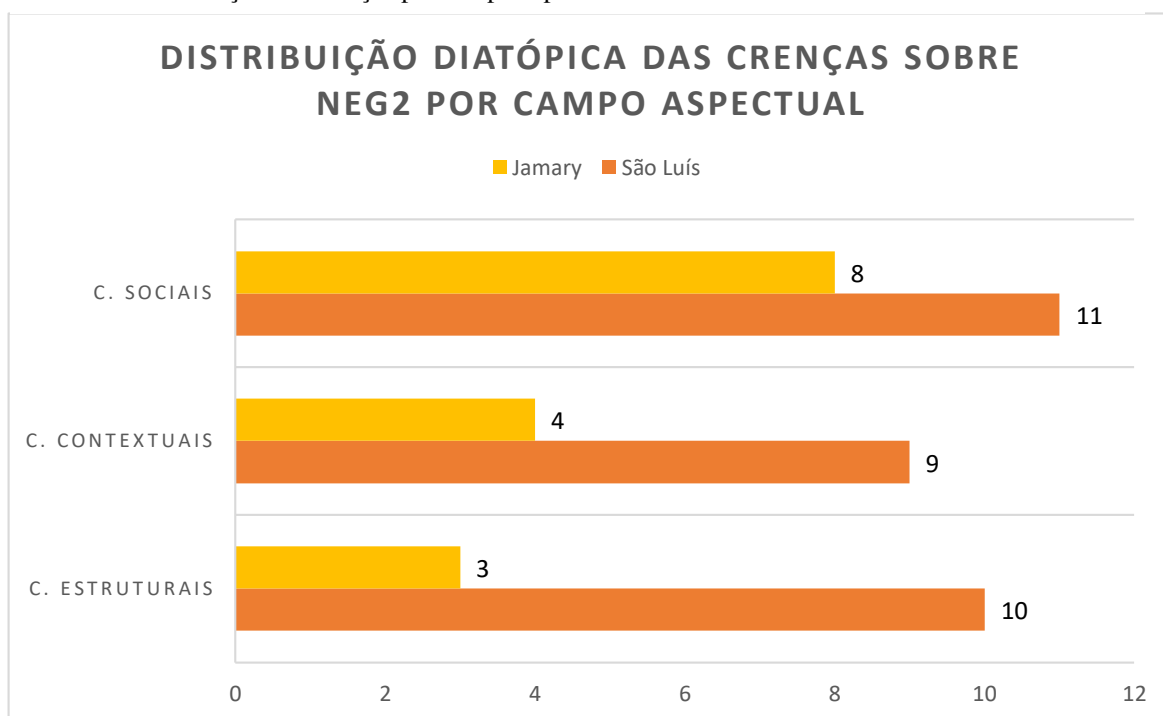
28. Característica do falar baiano.	Negativa	3 (SE14); 9 (SE14)
29. Característica do falar paraense.	Negativa	24 (SE5)
30. Característica do falar cearense.	Negativa	24 (SE5)
31. Característica do falar pernambucano.	Negativa	13 (SE7)
32. A dupla negação é falada em outras localidades, como Brasília.	Negativa	3 (SE14)
33. Característica do falar maranhense.	Positiva	16 (SE1)
34. Não realizada em São Luís (Atenas Brasileira).	Negativa	12 (SE2); 13 (SE3) 9 (SE14)
35. Não é utilizada em Jarmy.	Negativa	17 (SE5); 18 (SE3) 24 (SE3, 5)
36. Falada em Jarmy.	Positiva	19 (SE 1, 13); 20 (SE 1, 2, 14); 21 (SE 2); 23 (SE 1)

Fonte: elaborado pela autora

O Quadro 13 demonstra que a crença mais recorrente entre os informantes foi a de número 16 – *A dupla negação é um mecanismo de ênfase, reforço, reafirmação*, expressa por oito dos 24 informantes. Como observamos no Capítulo 3, essa é uma das explicações mais recorrentes para o uso da estrutura. Além desta, a Crença 3 – *A dupla negação é um erro gramatical*, também foi recorrente, sendo proferida por sete dos 24, seguida da crença 9 – *A dupla negação é uma repetição excessiva, desnecessária de não*, atribuída por seis falantes. Interessante ressaltar que, com exceção da ideia de ênfase e reforço, as outras crenças evidenciam atitude negativa dos falantes perante a variante. No entanto, as crenças 6, 12, 13, 20, 25, 26, 29, 30, 31, 32 e 33 foram proferidas por apenas um dos informantes.

A fim de observar a distribuição de crenças por campos aspectuais, esses dados foram organizados no gráfico 9, considerando as duas localidades investigadas isoladamente.

Gráfico 9 - Distribuição das crenças por campo aspectual em cada uma das localidades



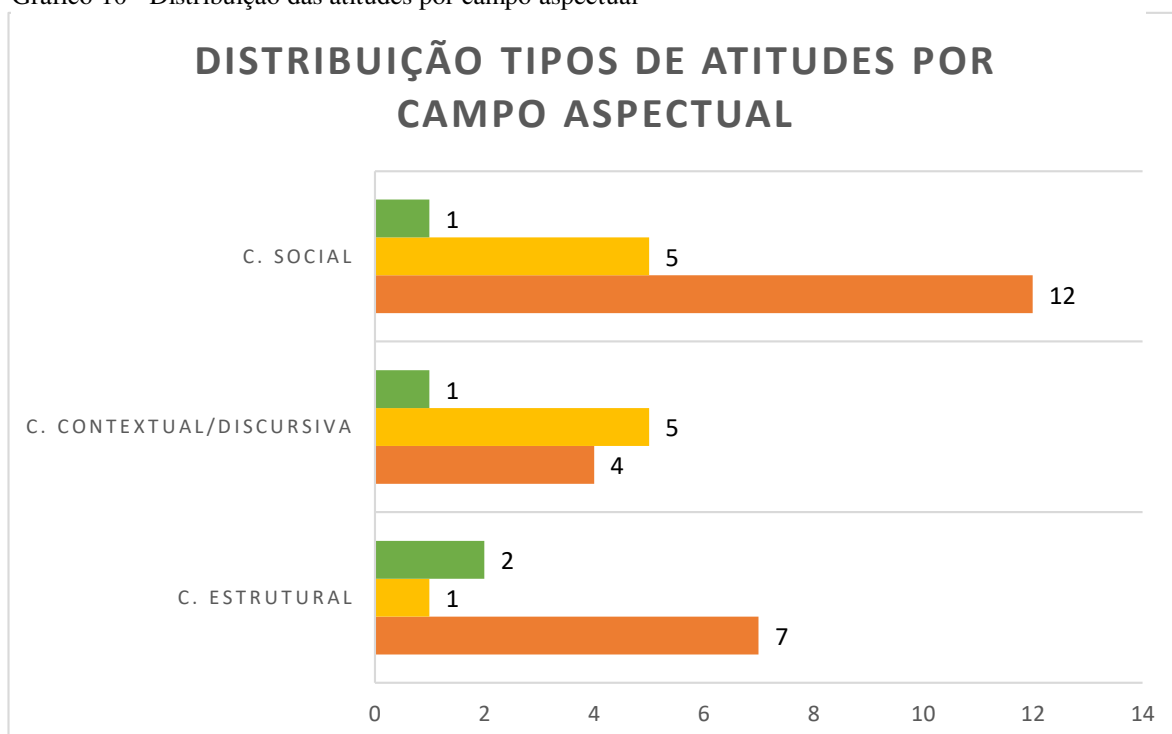
Fonte: elaborado pela autora

Como é possível observar, a maior parte das crenças encontradas é de natureza social, provavelmente por se encontrarem em um nível mais perceptível aos informantes. Assim, dentre os informantes de São Luís, foram registradas 11 crenças sociais, enquanto entre os de Jamary, apenas oito.

As crenças estruturais e contextuais discursivas, no entanto, apresentaram o mesmo número de estruturas: três em cada, em Jamary, e nove em cada, em São Luís. Vale lembrar ainda que em São Luís consideramos o dobro de informantes a fim de avaliarmos a variável grau de escolaridade e isso pode ter contribuído para o maior número de crenças encontradas nesta localidade – 30 crenças entre os falantes capital do Estado e 15 crenças, entre os de Jamary dos Pretos.

Além das crenças, é interessante observar os tipos de atitudes dos falantes perante a estrutura. Dessa forma, organizamos em um gráfico esses tipos de atitudes por campos aspectuais, com vistas a observar as atitudes em cada campo, separadamente. Vale lembrar que a atitude neutra não se enquadra como um tipo de atitude, mas sim como sua ausência (*cf.* Capítulo 2).

Gráfico 10 - Distribuição das atitudes por campo aspectual



Fonte: elaborado pela autora

Com base no Gráfico 11, verificamos que a maior parte das crenças denota uma atitude negativa perante o uso da dupla negação, apesar de parte dos falantes não se perceberem usuários da estrutura. Ao observar essas atitudes por campo aspectual, constatamos que as crenças sociais são as que mais denotam atitude negativa. Por vezes, conforme expomos na discussão dos dados, a dupla negação foi associada ao falar caipira, interiorano, de pessoas sem instrução ou estudo, o que nos faz perceber a estigmatização da estrutura. No entanto, o fato de muitos não perceberem seu uso espontâneo na língua nos faz classificar a variante não como um estereótipo, mas sim como um marcador linguístico.

Além das crenças comentadas anteriormente, constatamos que as crenças positivas se sobrepuseram levemente às negativas apenas no campo contextual/discursivo, evidenciando, portanto, que os falantes têm consciência dos efeitos de sentido que a estrutura pode causar no discurso e, por isso, a veem positivamente. Já dois terços das crenças estruturais denotam

atitudes negativas, provavelmente pelo fato de estarem relacionadas à visão normativa da língua, na qual se postula o que é correto e errado.

Com a finalidade de analisar cada crença a respeito da dupla negação presente no imaginário dos falantes maranhenses entrevistados, dividimos o seguinte tópico de acordo com os campos temáticos selecionados para a pesquisa. Vale lembrar que, mesmo que um trecho apresente mais de uma crença, optamos por comentá-las separadamente para facilitar a visualização e a análise dos dados.

5.3.1.1 Crenças estruturais acerca da dupla negação

O primeiro grupo de crenças que foi identificado a respeito da dupla negação corresponde a crenças estruturais, isto é, que remetem puramente à estrutura da dupla negação, sem envolver questões contextuais. No total, nove crenças estruturais foram identificadas; destas, seis denotaram atitude negativa, uma evidenciou atitude positiva e duas não denotaram atitude alguma. A seguir, as crenças estruturais e os trechos das entrevistas que comprovam sua identificação.

Crença 1 – A dupla negação denota uma afirmação: duas negações que resultam em uma afirmação

A lógica proposicional apresenta um teorema conhecido por dupla negação, elaborado por Russell e Whitehead (1962), que afirma que “proposição é equivalente a falsidade de sua negação”, cuja a fórmula é $A \equiv \sim(\sim A)$. No entanto, quando se trata dos estudos da linguagem em uso, nem sempre os princípios lógicos podem ser aplicados. A dupla negação, tal qual analisada nesta pesquisa, apresenta dois advérbios de negação “não” na mesma estrutura, mas com o mesmo escopo³⁹. Machado Filho ([1935] 1966) afirma ainda que essa dupla negação, em vez de indicar uma afirmação, indica um “elegante torneio enfático”, e Castilho (2008) ressalta que “as duas ocorrências de *não* realizam um único ato de negação, ou seja, não se anulam reciprocamente” (cf. Quadro 3).

³⁹ Há casos, como afirma Barthe (2005 *apud* ROCHA, 2013), que duas negações resultarão em uma afirmação, isto é, quando os operadores negativos da estrutura apresentarem escopos diferentes. Ex: [Eu não quero [não me lembrar do dia de hoje!]], que corresponde a “Eu quero me lembrar do dia de hoje!”, cujo escopo do primeiro não está no verbo *querer* e do segundo, no verbo *lembrar*.

O falante que apontou este princípio lógico, talvez pelo fato de ser um estudante universitário da área de ciências exatas, tentou relacioná-lo às situações apresentadas a ele, como mostra o trecho a seguir:

Trecho 20:

DOC.: É? Mas seria diferente se ele falasse “não vou não, tenho muita matéria pra estudar”?

INF.: Não. Mas se ele tá negando duas vezes não seria uma afirmação? Enfim...

DOC.: Tu acha que é uma afirmação, tu falar duas vezes?

INF.: É coisa de lógica, relaxa.

DOC.: Menos com menos dá mais? Ah, tá. Mas tu acha que fica assim, que dá impressão de afirmação?

INF.: “Não vou não”... (analisando a frase). Sim (ele conclui). Não, não, não (depois de um momento de pausa)). Pra mim é a mesma coisa, eu entenderia da mesma forma.

DOC.: (Risos) Menos com menos, negação com negação dá afirmação.

INF.: Isso! Exatamente!

(In.6)

No entanto, percebemos que o próprio falante, ao analisar a construção, percebe que, nesta situação, o princípio não se aplicaria, uma vez que a negação seria entendida, como ele mesmo afirma, da mesma forma, isto é, a construção se manteria como uma estrutura de negação.

Crença 2 – A dupla negação é inadequada em estruturas interrogativas

Segundo Schwenter (2015), para que a dupla negação seja permitida no discurso, a proposição necessariamente deve ser ativada, indireta ou indiretamente (cf. Capítulo 3). No entanto, para verificar se os falantes percebiam estranhamento ou agramaticalidade em situações cujas proposições não haviam sido ativadas, incluímos duas situações-estímulo (SE 5 e 12) no Teste de Percepção (cf. Apêndice 2) com informações novas no discurso, isto é, sem ativação prévia.

Cavalcante (2009), ao comentar os dados de Sousa e Lucchesi (2004), observa que, apesar de estruturas com “não” final serem favorecidas em contextos de perguntas, não há registros dessas estruturas em perguntas do tipo QU, mas apenas em perguntas do tipo sim/não. Daí a agramaticalidade de construções como: “Por que ele não saiu de casa não?” (CAVALCANTE, 2007, p. 34).

A observação feita pela informante 15, que não se reconhece usuária de Neg2, apesar de perceber o uso dessa variante em sua comunidade de fala, ratifica a ideia de Cavalcante

(2009). Para a informante, a dupla negação parece não ser adequada nesse tipo de contexto, embora não estranhe o uso de estruturas negativas não canônicas em frases imperativas.

Trecho 21:

DOC.: Mas a senhora já escutou pessoas fazendo perguntas dessa forma “Por que você não gosta da Maria não?”? Perguntas assim?

INF.: Não lembro... “Por que você não faz isso não?”. Eu já escutei assim “Faça isso não, menino”.

DOC.: uhn rum.

INF.: mas “Por que” aí eu não... não tenho esse registro assim, pelo menos não que eu lembre.

DOC.: Não, né? Então a senhoraalaria “Por que você não gosta da Maria?”?

INF.: É. “Por que você não gosta de fulano?” Por que... entendeu?

(Inf. 15)

Notamos que, ao ser questionada acerca da estrutura nesse contexto, a informante faz um esforço, buscando seu conhecimento linguístico para avaliar se tal construção seria possível. No entanto, conclui que a negação pré-verbal seria a mais adequada. Assim como ela, o informante 20, natural de Juary dos Pretos e com grau I de ensino, também demonstra estranhamento ao ver tal estrutura na mesma SE, e também sinaliza que o mais comum nesse tipo de situação, em sua comunidade de fala, é o uso da negação pré-verbal, como vemos a seguir:

Trecho 22:

INF.: “Por que você não gosta da Maria?”

DOC: As outras duas são estranhas?

INF: Eu acho estranho “Por que você não gosta da Maria não?” Até que a gente não usa essa palavra, usa mais é “Por que você não gosta da Maria?”

(In.20)

Supomos que esse estranhamento seja decorrente do fato de que perguntas do tipo QU geralmente apresentam uma informação nova no discurso; portanto, não ativada. Dessa forma, a dupla negação não seria permitida em tais contextos.

Vale ressaltar que, nessa situação, alguns informantes adaptaram a estrutura para sua realidade linguística, substituindo o uso do “você” pelo “tu” sem concordância verbal e retiraram o artigo diante do antropônimo Maria. Essas são marcas do falar maranhense, evidenciadas em estudos feitos com dados do Atlas Linguístico do Maranhão.

Crença 3 – A dupla negação não tem boa sonoridade, é esquisita, estranha, anormal

É fato consabido que tudo que foge ao padrão pode causar estranhamento às pessoas e, na língua, não é diferente. Geralmente, uma comunidade de fala tende a rechaçar variantes linguísticas que não são prestigiadas, o que pode, por vezes, desencorajar seu uso.

A dupla negação, provavelmente por ser uma estrutura não canônica no português e também por apresentar um elemento “a mais” na estrutura, é por vezes vista como estranha ou esquisita pelos falantes, além de “não apresentar boa sonoridade”.

O informante 8, que apresenta nível 3 de consciência, sinaliza que a dupla negação é utilizada em sua comunidade de fala, apesar de indicar que são “as pessoas daqui que falam assim”, isso quer dizer que ele, não necessariamente, utiliza a variante, o que denota certa insegurança linguística. Essa insegurança é confirmada mais à frente, quando o falante se reconhece como usuário da estrutura, apesar de afirmar que esta não apresenta boa sonoridade.

Trecho 23:

INF.: Acho que ele falaria... acho que as pessoas daqui falaria mais da primeira maneira.

DOC.: “E tu não queres ficar boa não?”

INF.: Isso.

DOC.: É? Mas, eh ...

INF.: Eu falaria dessa maneira “Tu não queres ficar boa não?”

DOC.: Uhn.

INF.: Mas acho que na hora da... a sonoridade num... não é muito legal, mas a gente costuma falar assim.

(Inf. 8)

O informante 3 também estranha a construção com o “não” em posição final, sinalizando que não fala dessa forma; entretanto, observamos que ele a usa. O uso da estrutura e o fato de o informante negá-lo, demonstram sua insegurança linguística, como exemplifica o trecho a seguir.

Trecho 24:

DOC.: Perguntaria como? (ÁUDIO)

INF.: “Maria não?” É eu nem... quase nem falo esse nome assim. “Maria não”. “Não”.

DOC.: “Por que que tu gosta de Maria não?” poderia falar assim, fazer essa pergunta desse jeito?

INF.: Não.

DOC.: Não? Não perguntaria assim?

INF.: Não, não.

(Inf. 3)

Os informantes 17 e 8 também declaram achar o uso da estrutura “estranho”. Vale ressaltar que o primeiro apresenta nível 2 de consciência linguística, e que optou por Neg1 em todas as SE, com exceção da SE7, na qual a dupla negação foi sinalizada como mais adequada; já o segundo informante, que tem nível 3 de consciência, optou pela dupla negação diversas

vezes durante o teste; no entanto, sinalizou que a estrutura é “estranha” na SE 13, talvez por se tratar de um contexto em que a dupla negação aparece em estrutura interrogativa.

Trecho 25:

DOC.: E alguém fala assim “E tu não fizeste?”

INF.: Não. “E por que tu não fez?”

(...)

DOC.: Ah sim... Aqui em Jamary falam desse jeito. Lá em São Luís também o pessoal fala assim ((referindo-se ao TU sem concordância)).

INF.: É. “Por que tu não fez?”

DOC.: “Por que tu não fez?” Agora “por que tu não fez não”?

INF.: Não, esse aí é estranho ((responde prontamente)).

(Inf. 17)

Trecho 26:

INF.: Qual a outra ((opção)) mesmo?

DOC.: “Não quero não, já comi”.

INF.: É estranho.

(Inf. 8)

Já o informante 24 – natural de Jamary, segunda faixa etária, grau I de escolaridade – sinaliza que o uso da dupla negação seria comum na fala de cearenses (*cf.* Crenças 28), o que mostra que ele remete o uso da estrutura a uma fala que não é a sua. Quando indagado se em Jamary as pessoas também seriam usuárias da estrutura, o informante responde negativamente, alegando que os falantes de sua comunidade não realizam a dupla negação, pois lá “as pessoas falam normal”. Assim como ele, o informante 12 – natural de São Luís, segunda faixa etária e grau I de escolaridade – sinaliza que o uso da dupla negação “foge da normalidade”:

Trecho 27:

DOC: E aqui em Jamary as pessoas não falam assim?

INF: Não, aqui as pessoas falam normal.

(Inf. 24)

Trecho 28:

DOC.: E o senhor não fala assim?

INF.: Não, pode ser até que eu fale assim, mas geralmente eu tenho muito cuidado, porque como eu acho aquilo muito fora do normal, eu tento falar aquilo que tá normalidade.

(Inf. 12)

Percebemos que, para os falantes, a ideia de normalidade está associada ao que é comum, corrente na variedade falada em sua comunidade. Essa crença denota uma atitude

negativa perante a dupla negação, uma vez que, apesar de presente no falar das duas localidades, o uso dessa estrutura ainda é rechaçado por alguns falantes.

Crença 4 – A dupla negação é um erro gramatical⁴⁰

Sete dentre os 24 informantes selecionados para esta pesquisa consideraram a dupla negação um erro gramatical, sendo esta uma das crenças mais presentes no imaginário de falantes maranhenses. Essa noção pode estar relacionada ao fato de que a dupla negação ser uma estrutura não canônica do português, e portanto, não inserida na norma padrão da língua (cf. ILARI & BASSO, 2016).

Curiosamente, como observamos no Quadro 3 (cf. Capítulo 2), das obras nele incluídas, nenhuma apresenta a dupla negação como um erro de português, tal como a avaliam alguns dos sujeitos desta pesquisa. As observações contidas nas obras elencadas no quadro aludem a noções de reforço, marca do falar brasileiro, “elegante torneio enfático”, dentre outras...

Parte dos falantes, no entanto, classifica negativamente o uso da estrutura, afirmando que esta foge do que é postulado pela gramática normativa. Considerando que, até onde pudemos investigar, a gramática não apresenta essa estrutura como um erro, supomos que os falantes relacionam essa noção ao que não é comum/normal em sua comunidade.

Para exemplificar essa asserção, destacamos aqui os julgamentos feitos pelos informantes 3, 4, 7, 10, 12 e 13. Vale destacar que todos os falantes que compartilham dessa crença são naturais de São Luís, condição que provavelmente lhes proporciona maior contato com meio externo e outras variedades linguísticas.

A informante 7 – primeira faixa etária, grau II de escolaridade, nível 3 de consciência linguística – apesar de não ter certeza se é ou não-usuária da estrutura, manifestou sua posição em relação à Neg2, classificando-a como erro.

Trecho 29:

INF.: Eu acho que é isso, um vício, sei lá, dizer não: “Não desliguei não”. Caso a pessoa não tenha escutado o primeiro não, o segundo pra não deixar escapar, pra reforçar. Mas isso é uma coisa que acontece muito.

DOC.: Tu escutas muito no teu bairro as pessoas falando assim?

INF.: Não. Eu acho que... sim. Mamãe fala isso, sei lá. Quem fala isso? Eu sei que falam. Vou prestar atenção agora.

⁴⁰Reunimos, neste tópico, as crenças 4, 5 e 6, uma vez que estas têm em comum a noção de erro.

DOC.: Tu sabes que já escutou, né? (risos)

INF.: Será que eu já falei isso?

DOC.: Não sei. E teu pai, que mora lá no Rio, será que ele fala?

INF.: Ah, ermã, meu pai não fala errado. Ele corrige todo mundo, então é meio difícil.

(Inf. 7)

A informante 3, primeira faixa etária e grau I de escolaridade, afirma que, por vezes, é corrigida por professores com os quais convive em seu ambiente de trabalho. Dentre essas correções, ela destaca o uso da interjeição “ixe” e da dupla negação.

Trecho 30:

DOC.: Fala assim “Desliguei o fogão não”?

INF.: É. Aí o pessoal diz assim “Tu é caboca?”.

DOC.: (risos)

AUX.: (risos)

DOC.: Ah, é?

INF.: “Tu é caboca?” Daí eu digo “Eu não”, tem hora que sai, tendeu?

DOC.: Que sai, né, essa forma de “Ixe, desliguei não”?

INF.: Porque eu trabalho com... um pessoal que é mah... só professor, né?, e aí que (inint.) “Tu é caboca?”.

DOC.: Ah, tá.

INF.: Tendeu?

DOC.: Mas porque o pessoal que fala assim é pessoal...?

INF.: Diz que é caboca. Tem hora que eu falo (inint.) eu acho que eu falo errado, né?

(...)

INF.: Eles me corrige...

INF.: Manda falar direito.

DOC.: E qual é o falar direito que a senhora disse?

INF.: Num falar desse “Ixe”, esse “Ixe”.

(...)

DOC.: Ah, é o “Ixe” que é coisa de... de... de gente caboca que eles dizem?

INF.: É, e esse outro ((fazendo referência a Neg2))(inint.).

AUX.: “Não desliguei não”.

INF.: “Não desliguei não”.

DOC.: Uhn...

INF.: Tendeu?

DOC.: Aí também é... eles chamam atenção?

INF.: Chamam atenção.

(Inf. 3)

O informante 4, também da primeira faixa etária e grau I de escolaridade, afirma ter frequentado pouco a escola. No entanto, ele mostrou grau 3 de consciência linguística, uma vez que, por meio de suas intuições, conseguiu fazer julgamentos a respeito do uso da estrutura, como podemos observar a seguir.

Trecho 31:

DOC.: as outras duas o senhor acha que num...?

INF.: é, eu acho que tá errado o português dele lá.

DOC.: Ah, tá. Ah, certo.

(Inf. 4)

Interessante ressaltar que no início da aplicação do Teste de Percepção, durante as duas primeiras SE, esse informante optou pelo uso da dupla negação como mais adequado. No entanto, a partir da SE3, o falante parece ter compreendido que se tratava de um teste linguístico e começou a avaliar as estruturas como certas ou erradas na língua. Assim, mesmo com pouco conhecimento sistematizado acerca da língua, entende que a negação pré-verbal é a correta e que as outras estruturas seriam provavelmente erradas.

Trecho 32:

DOC.: mas ela poderia falar assim “Ixe, não desliguei o fogão não”?

INF.: acho que tá errado, né, a pronúncia?

DOC.: o senhor acha que tá errada?

INF.: uhn uhn. (...)

DOC.: e... mais as outras duas, ela poderia falar?

INF.: qual é as outras duas?

DOC.: (AÚDIO)

INF.: é... a senhora quer pra mim explicar é?

DOC.: é, por que que o senhor acha que ela falaria assim? Por que que o senhor escolheu essa (INF.: uhn.) e não as outras?

INF.: é porque eu acho que é a mais certa a... a pronúncia, a... a... falagem, sei lá.

DOC.: uhn.

INF.: a gente podendo... a gente... a gente que sabe falar, a gente não vai... pelo menos o pouco que a gente sabe, a gente tem que esse... falar o... o... o... o necessário assim, bem explicado.

DOC.: uhn...

INF.: pra outras pessoa não olhar a gente também falando errado, pá falar errado também.

(Inf.4)

Ele sinaliza que se trata de um erro gramatical, afirmando que a “pronúncia”, a “falagem” estariam erradas. Interessante observar que o informante sinaliza reconhecer que “O discurso não é apenas uma mensagem destinada a ser decifrada; é também um *produto* que *entregamos* à apreciação dos outros e cujo *valor* se definirá na relação com outros *produtos* mais raros ou mais comuns.” (BOURDIEU, 1982 *apud* CALVET, 2002, p. 106).

Ele reconhece o uso da variante em sua localidade e também se reconhece usuário, apesar de inseguro linguisticamente, atribuindo esse uso a seu baixo grau de escolaridade, como observamos a seguir.

Trecho 33:

DOC.: e o senhor se... costuma é... escutar as pessoas falando assim “E tu não quer ficar boa não?”?
 INF.: a gente vê... a gente escuta.
 DOC.: “Eu não fiz não?”
 INF.: uhn uhn.
 DOC.: “Não sei não”? O senhor escuta?
 INF.: acho que até eu falo... falo assim mehmo, né, também. Eu, no caso, aqui. Eu não sei conjugar direito.
 DOC.: uhn...
 INF.: estudei pouco.
 (Inf. 4)

O informante 10, segunda faixa etária e grau I de escolaridade, apresentou nível 2 de consciência, uma vez que não se reconhece usuário da variante, mas percebe o uso desta na comunidade em se insere. Ele emite juízos de valor a respeito da estrutura, afirmando tratar-se de um erro, já que, por meio dela, se “afirma e, ao mesmo tempo, não reafirma”. Ele ainda é categórico ao afirmar que a negação pré-verbal – variante canônica – é “a verdadeira, a certa, o texto certo”, como exemplifica o seguinte trecho:

Trecho 34:

DOC: Mas porque o senhor considera certa? ((Neg1))
 INF: porque assim “Não vou”, ele foi diretamente a frase “Eu não vou, tenho muita matéria pra estudar”. Quanto a essas outras ele “Não vou não”, basta ele dizer “Não vou”. Ele afirma e, ao mesmo tempo, não reafirma “Não vou não”, entendeu?! Isso eu considero erro.
 DOC: Então “Não vou não” o senhor usaria?
 INF: Não, a primeira. Eu usaria a primeira, a verdadeira, a certa, o texto certo.
 (Inf. 10)

Interessante ressaltar que o falante utiliza a expressão “texto certo” ao remeter à negação canônica, o que nos faz inferir que, ao perceber que se trata de um teste linguístico, ele começa a trabalhar as noções de certo e errado fazendo uso da noção de texto, o que pode remeter à modalidade escrita da língua. Em diversos trechos da entrevista, o informante é firme diante de seu posicionamento a respeito das estruturas negativas não canônicas, o que mostra que ele parece não considerar os contextos nos quais elas estão inseridas, mas apenas as estruturas em si. A seguir, mais trechos da entrevista.

Trecho 35:

INF: a primeira é a certa.
 DOC: Por quê?
 INF: Porque ela volta a repetir os mesmos erros anteriores. “EU NÃO VOU NÃO, ESTOU CANSADA”. A outra é a mesma, a mesma pergunta, ela volta a cometer o mesmo erro. Sempre introduzindo o “não” no texto que não tem nada a ver.
 (...)
 DOC: Então o senhor acha que tem que tirar esse “não”?

INF: Exatamente! Lógico! Porque assim se torna um texto, uma pergunta, um texto errado.
(...)

DOC: Qual o senhor considera errado?

INF: Tudo que contém “EU NÃO SEI NÃO”. Então o certo...toda palavra que tem no texto “VOU NÃO” “EU NÃO VOU NÃO”, então tudo isso aí eu considero errado.

(Inf. 10)

O informante 12, tal qual o informante 10, também parece desconsiderar os contextos em que as estruturas estão inseridas:

Trecho 36:

INF.: É sempre a mesma coisa, tá sempre batendo na mesma tecla (risos)

DOC.: eh... porque a gente quer ver se nas situações diferentes vai mudar alguma coisa.

INF.: É porque sempre que você me faz essa pergunta, você sempre comete o mesmo erro, porque tá sempre repetindo uma mesma palavra duas vezes, que não tem necessidade.

(Inf. 12)

O informante 10 sugere que a estrutura é mais recorrente no falar de pessoas com pouca instrução, com as quais ele se relaciona em seu cotidiano. Embora declarando pertencer a um grupo de pessoas “com pouca instrução”, ele dá a entender que não comete o mesmo erro.

Trecho 37:

INF: Por mim, certo a última “NÃO FUI EU”, porque é a mesma coisa, ele volta a usar a palavra “não”. “NÃO FUI EU... NÃO”. Olha, você ver que não encaixa o texto, a palavra, a pergunta no texto “NÃO FUI EU NÃO” isso tá... é uma pergunta assim... elaborada pra iniciante.

DOC: O senhor acha que esse tipo de resposta é pra iniciante?

DOC: E o senhor já ouviu alguém falar assim?

INF: Já. Eu lido e tô em contato constantemente, até dentro da minha profissão mesmo eu lido com pessoas de pouca instrução, como eu, entendeu, que a gente ver muito esses erros. É no cotidiano.

(Inf. 10)

Apesar de ser categórico quanto à noção de erro, o informante 10 reconhece que os estudos linguísticos podem apresentar, atualmente, outra interpretação da estrutura, uma vez que seu contato com o estudo da língua portuguesa se deu há mais de 40 anos e pode ter sofrido modificações. Ele afirma que, apesar de ter estudado pouco, seus estudos foram suficientes para que pudesse avaliar a variante em questão.

Trecho 38:

DOC: Então essas formas aí o senhor considera como sendo erro?

INF: Eh...como eu tô te falando. Eu estudei pouco e onde eu...até onde eu estudei, eu considero erro de...pode ser até...vocês podem até dá outro nome, ou pode ser considerado hoje em dia no estudo moderno, porque eu estudei foi há quarenta anos atrás, então pode considerar erro, mas eu acho, particularmente falando, eu considero um erro gramatical, um erro de português, que, por sinal, pra

mim, eu considero grave, gravíssimo, porque a palavra não tá pedindo pra, o texto não tá pedindo pra você responder daquela forma “SEI NÃO”, você tá respondendo à pergunta ao mesmo tempo tá respondendo repetitivamente. Basta você dizer assim “VOCÊ VAI AO MERCADO?” / “NÃO SEI” ... soa mais bonito “NÃO SEI”. “SEI NÃO” ou “NÃO SEI NÃO”, então tá repetindo demais aquela coisa ali.

DOC: O senhor acha que tá repedindo muito “não”?

INF: Muito “não”. Logicamente! Eu acho que... considero um erro. Hoje, né, os estudos atuais do português, eu não sei, mas eu...quando eu estudei, me ensinaram a pronunciar, a responder dessa forma certa “EU NÃO SEI”, “EU NÃO VOU”.

(Inf. 10)

Interessante observar que o informante classifica o uso das estruturas negativas não-canônicas como “erro de português gravíssimo”, alegando que, em seus tempos de escola, ele foi ensinado a “pronunciar e a responder corretamente”. Notamos assim que ele também utiliza o termo “pronúncia”, assim como o informante 4, o que também pode estar relacionado com a crença comentada anteriormente de que a dupla negação apresenta “sonoridade ruim”, uma vez que a estrutura apresenta “‘não’ a mais”.

É válido lembrar que o ensino de língua portuguesa nas escolas vem passando por modificações: de um ensino bem mais normativo, busca-se atualmente maior contextualização no ensino de língua portuguesa, com vistas a proporcionar ao aluno a observação e o estudo da língua em uso, de modo a respeitar a variedade linguística, distanciando-se, portanto, da memorização de um conjunto isolado de regras.

A informante 13, segunda faixa etária, grau II de escolaridade, também apresenta nível 2 de consciência linguística, além de ser, assim como o informante 10, categórica quanto ao afirmar que a dupla negação representa um erro gramatical. Quando indagada sobre a adequação do uso da dupla negação na SE 2, a informante afirma: “pro meu português, eu acho que não deve ser”.

Trecho 39:

AUX.: E se ela falar assim: “Não vou não, tenho muita matéria pra estudar”. A senhora acha que tem alguma diferença?

INF.: De quê? “Vou não” ou “não vou”?

AUX.: “Não vou não”. Falar: “Não vou não, tenho muita matéria pra estudar”.

INF.: Ah, não, não. Se fosse “Não vou. Tenho muita matéria pra estudar”.

DOC.: Uhn run...

AUX.: Ah, então “Não vou não” a senhora acha que é...

INF.: Bom, pro meu português, eu acho que não deve ser.

(Inf. 13)

Mais à frente, na entrevista, quando questionada se é ou não usuária da dupla negação, a informante afirma ser professora de língua portuguesa, o que nos leva a inferir que não realiza tal estrutura, por considerá-la um erro gramatical.

Trecho 40:

INF.: Ela falou aí “Vou. Não.” Não?
 DOC.: “Não vou não”.
 INF.: “Não – Vou – Não.” Não vou.
 AUX.: A senhora costuma falar assim?
 INF.: Eu sou professora de português.
 DOC.: Ah... (risos)
 INF.: (risos)
 AUX.: A senhora ensina português?
 INF.: Ensinei de quinta a oitava muitos anos.
 AUX.: Ah... então, pra Gramática, isso tá errado?
 INF.: Eu acho.
 (Inf. 13)

Trecho 41:

AUX.: Mas a senhora acha que tem diferença quando a pessoa responde dessa forma: “Não vou não, estou cansada”? A senhora acha que dá uma ideia diferente quando ela responde desse jeito em vez de falar “não vou, estou cansada”?
 INF.: Eu acho que não dá a ideia da Gramática, digamos.
 (Inf. 13)

Apoiada, portanto, em uma visão normativa da língua, afirma que a estrutura negativa não canônica é errada não só para a Gramática, como também para a Linguística.

Trecho 42:

AUX.: Escutando a pergunta: “você desligou o fogão?”, a resposta:
 INF.: “Não desliguei o fogão”.
 AUX.: As outras duas...
 INF.: Não, tanta repetição de “não”!
 DOC.: Uhn run.
 INF.: Pra gente, pra nós, eu acho assim, pra nós... na Linguística, tá errado.
 (Inf. 13)

A Linguística, no entanto, é uma disciplina que estuda cientificamente a linguagem, analisando não só a estrutura das línguas, mas também “os processos que estão na base da sua utilização como instrumento de comunicação” (FURTADO DA CUNHA *et al*, 2015, p. 16). Isso significa dizer que a negação e suas estruturas – canônica e não canônicas –, assim como outros fenômenos linguísticos são, na verdade, objetos de estudo da Linguística e não devem ser vistos como “erro”, uma vez que são estruturas possíveis na língua.

A informante sinaliza ainda que este erro está relacionado com a falta de leitura e instrução dos falantes. Segundo ela, “até pessoas formadas e professores” fazem uso de tal estrutura.

Trecho 43:

INF.: Hoje você vê pessoas, pessoas formada! Colega, colega, colega, professor! Já feita num sei o quê, que fala tanta coisa... Claro que tu não vais corrigir, né? Mas aquilo não te sai...

DOC.: Uhn...

INF.: Ouve...

AUX.: Não soa bem, né?

INF.: De jeito nenhum! Não. Então não precisa! Vamos ler um pedacinho de jornal todo dia, vamos ouvir. Porque se você ouvir com atenção, você sabe direitinho como (inint.) as coisas.

(Inf. 13)

Vale ressaltar que, apesar de não se considerar usuária da estrutura e rechaçar com veemência seu uso, a informante 13 foi uma das informantes que mais realizou a dupla negação em discursos livres – das 33 estruturas negativas proferidas por ela, 19 foram de dupla negação –.

Crença 7 – A dupla negação não é um erro gramatical

Apesar de ser considerada por muitos um erro gramatical, houve dois informantes, dentre os 24 selecionados, que não compartilharam da crença de que a dupla negação é um erro gramatical.

O informante 14 – segunda faixa etária, grau II de escolaridade e nível 3 de consciência linguística – reconheceu Neg2 como adequada em sete das 14 SE que lhe foram apresentadas, como evidencia o exemplo a seguir:

Trecho 44:

DOC.: falaria, por exemplo, o “Não quero não, já comi”?

INF.: (é esse.) Sou cansado de falar essas coisas.

DOC.: ah, o senhor fala também?

INF.: Eu falo. Falo sim.

(...)

INF.: não, essa que eu tô dizendo, a segunda é a correta ((Neg1)).

DOC.: sim, mas (inint.).

INF.: “Não, já comi”. Não, também não tem erro não.⁴¹ Acho que não é errado não ((referindo-se a Neg2)).

DOC.: uhn.

⁴¹As marcações feitas em itálico representam as ocorrências espontâneas de dupla negação.

INF.: você entendeu?

DOC.: sim.

INF.: também não é errado. Tem a redundância como ela falou aí, mas não é errado.

(Inf. 14)

Interessante observar que, ao afirmar que não se trata de um erro, o informante faz uso da dupla negação duas vezes inconscientemente, o que comprova ser ele um usuário real da estrutura. Ele ressalta que, apesar de haver redundância na estrutura devido à presença de dois advérbios de negação, a construção, ainda assim está correta.

O informante 20, por sua vez, natural de Jamary, sinaliza que a maioria das pessoas na comunidade fala “certo” e que o certo seria o uso da dupla negação.

Trecho 45:

INF: Sobre linguagem aqui, eu não sei, mas tem umas pessoas aqui, quase a maioria, falam certo.

DOC: E o senhor acha que o certo seria como?

INF: NÃO QUERO NÃO.

(Inf. 20)

É válido observar que apenas esses dois informantes, homens, mas de perfis sociais diferentes, apresentaram esta concepção. Isso nos remete ao que postula Labov: as mulheres tendem a supervalorizar sua fala e a ser mais inseguras linguisticamente. Dentre todos os informantes selecionados para a pesquisa, apenas informantes do sexo masculino afirmaram que a estrutura não significa um erro gramatical.

Crença 8 – A dupla negação é inaceitável na modalidade escrita da língua e característica, portanto, da língua oral

Segundo os estudos de Furtado da Cunha (2001) apresentados no Capítulo 3, a dupla negação é uma estrutura não canônica característica da linguagem oral, não recorrente na modalidade escrita da língua. Durante as entrevistas experimentais (*cf.* Capítulo 4), um dos falantes apresentou estranhamento quando observou a estrutura em um texto escrito, ratificando assim, a ideia de Furtado da Cunha (2001). O trecho a seguir, extraído da entrevista da informante 13, comprova essa asserção.

Trecho 46:

INF.: Agora eu num sei, né? Porque tem outros... (interrupção telefone). Pois é isso aí, se vocês for fazer uma redação, qualquer coisa, você não vai tá tanto “não, não, não”. “Ixe, não desliguei o fogão não por isso, isso e isso”.

DOC.: Mesmo nessa situação, sendo uma pergunta bem direta, esse “não desliguei o fogão não”, a senhora acha...

INF.: Eu acho que a resposta é “Não desliguei o fogão”. Né? “Não desliguei o fogão... não” Por que esse não? Eu acho que seria “Eu não desliguei o fogão”.

DOC.: Uhn...

(...)

DOC.: Mas a senhora já viu alguém escrevendo assim?

INF.: Não, engraçado...

DOC.: “Não fui eu não”

INF.: Tem.

DOC.: Tem?

INF.: Mas, gente! A gente vê cada barbaridade que você fica de boca aberta!

(Inf. 13)

Provavelmente por ser professora de português, a falante ressalta que a repetição de palavras, neste caso o “não”, se torna desnecessária e inaceitável em uma redação. Quando indagada se observa pessoas escrevendo dessa forma, a informante insinua que a dupla negação seria uma das “barbaridades” que ela costuma ver em textos escritos, evidenciando, assim, uma atitude negativa.

Já o informante 14, que não considera o uso da dupla negação um erro gramatical, consegue fazer ponderações quanto aos contextos nos quais a dupla negação seria aceitável ou não. Para ele, o uso da estrutura seria: (i) inadequado, na escrita; em diálogos com pessoas de nível cultural mais elevado, o que exigiria um estilo mais formal; e (ii) aceitável, na linguagem oral, em que, segundo ele, pode-se falar “qualquer besteira”. Com este comentário, entendemos que o falante é consciente da grande variedade de fenômenos linguísticos presentes na língua oral e que, quando se trata dessa modalidade linguística, não se dá muita atenção ao como se diz. Portanto, variantes não canônicas seriam aceitas mais facilmente, nessa modalidade.

Trecho 47:

INF.: As duas estão corretas (Neg2 e Neg1), entendeu?

DOC.: (inint.) então as... as outras duas poderiam ser? Então qual que o senhor escolheria entre as duas?

INF.: a mais correta ((Neg1))... se eu tivesse escrevendo (DOC.: ah, sim.) ou tivesse falando com uma pessoa, de uma cultura mais (inint.) eu não ia falar, cê entendeu?, ia me retrair e dizer... ia falar o... o correto, você entendeu?

DOC.: sim... sim. É porque está falando (inint.).

INF.: (inint.) falando pessoalmente pode falar qualquer bobagem.

(Inf. 14)

O informante 8, primeira faixa etária, grau II de escolaridade, teve a mesma percepção no que concerne ao não uso da estrutura em textos escritos, nos quais apenas a negação pré-verbal seria adequada. Já em contextos de língua oral, ele opta pela dupla negação. Com isso,

verificamos que o falante demonstra certa segurança linguística em relação à estrutura, além de também se considerar usuário dela.

Trecho 48:

DOC.: Tu escolherias “Não fui eu”?

INF.: Foi.

DOC.: Mas tu falarias...?

INF.: “Não fui eu não”.

DOC.: “Não fui eu não”. Mas tu acha que tu falas muito assim? “Não fui eu não”?

INF.: Eu acho que na maneira de escrever, eu acho que f... se... se eu fosse... eh... escrever eu ia botar a terceira ((Neg1)), mas falando ia essa aí “Não fui eu não”.

(Inf. 8)

A informante 7, uma mulher, com mesmo perfil social do informante 8, também afirma que, na linguagem oral, a dupla negação “parece que sai, é automático”, isto é, espontaneamente, como provável mecanismo de reafirmação; enquanto na modalidade escrita, seria inadequado.

Trecho 49:

INF.: Então... eu acho que se fosse falando seria “Não vou não”.

DOC.: Por que será que falando seria “Não vou não” e escrevendo seria “Não vou”?

INF.: Não sei. Não sei, eu não tenho resposta, cara, não tenho. (risos)

DOC.: (risos)

INF.: Não tenho resposta (risos). Mas eu ainda tenho a impressão de que ser falado “Não vou não” parece que sai, é automático, é... sei lá, pra confirmar a negação. Bem confirmado.

DOC.: Uhn.

INF.: Se fosse por mensagem, a gente não escreve por mensagem “Não vou não”, “Não fui eu não”, “Fui eu não”. “Não fui”, entendeu?

(Inf. 7)

O informante 10, que foi enfático ao considerar a dupla negação como um erro gramatical (*cf.* Crença 4), afirmou que o segundo advérbio de negação “não” deveria ser retirado da estrutura, uma vez que torna o “texto” errado.

Trecho 50:

DOC.: Então o senhor acha que tem que tirar esse “não”?

INF.: Exatamente! Lógico! Porque assim se torna um texto, uma pergunta, um texto errado.

(Inf. 10)

Crença 9 – A dupla negação apresenta uma repetição desnecessária, excessiva de “não”

A negação pré-verbal, como observamos no Capítulo 3, é suficiente para realizar o ato de negar uma proposição, sendo permitida em todos os contextos discursivos, nos quais pode negar informações velhas ou novas no discurso (*cf.* SCHWENTER, 2005). A dupla negação, por sua vez, é uma estrutura que apresenta um segundo marcador negativo idêntico ao primeiro,

ao qual é atribuído, por vezes, a noção de reforço e ênfase sendo, portanto, nesses casos, opcional na estrutura. Se considerássemos a ideia defendida por Jespersen ([1917] 2012) a respeito do caráter evolutivo da negação, o PB estaria nos estágios 4 e 5 do processo cíclico por ele proposto, uma vez que o português permite o uso intercambiável das três estruturas negativas, sendo que a primeira delas, a canônica, continua sendo a mais recorrente tanto na língua oral, como na língua escrita (*cf.* Capítulo 3). Supomos que este seja o motivo pelo qual o segundo marcador negativo ainda não é considerado essencial na estrutura, salvo em certos contextos, nos quais se buscam efeitos de sentido diferentes no discurso.

Assim, tendo a negação pré-verbal como a padrão, parte dos informantes crê que o segundo “não” da estrutura é “excessivo” e “desnecessário”, o que denota uma atitude negativa perante a estrutura. Vale lembrar que apenas os informantes de São Luís compartilham tal crença, o que pode estar relacionado com o fato de que a realidade urbana tem mais contato com órgãos sistematizadores da língua, uma vez que, sob uma visão normativa, a repetição de palavras na mesma estrutura não é considerada adequada. A seguir, trechos que comprovam essa asserção.

Trecho 51:

DOC.: e agora, em vez da mãe perguntar desse jeito, a mãe vai perguntar assim “Minha filha, você desligou o fogão?”, e aí ela vai responder.

INF.: é... só essa... só isso... tá provável que... “Não desliguei o fogão”.

DOC.: uhn.

INF.: acho que não carecia esse “não”.

DOC.: não o quê?

INF.: não carecia esse “não”.

DOC.: o... o “não” aonde?

INF.: na... no último. “Não desliguei o fogão não”.

DOC.: ah, sim. Num... num... o senhor acha que não precisa?

INF.: Uhn uhn.

(Inf. 4)

O informante 4, apesar de ter frequentado pouco a escola, percebe diferenças estruturais entre as opções e sinaliza que o segundo “não” da estrutura Neg2 é desnecessário. Da mesma forma, a informante 7, grau II de escolaridade, afirma tratar-se de uma negação excessiva.

Trecho 52:

INF.: Não sei. Acho que sei lá... Tu tá negando demais “Não quero não”, “Não quero não” ((testando a variante)), “Não quero não”. Mas a gente costuma dizer isso, né, “Não, não quero não”?

(Inf. 7)

Para o informante 10, alvo de nossa análise sobre a crença 4 – *A dupla negação é um erro gramatical* –, a justificativa para o rechaço das estruturas que lhe foram apresentadas reside na repetição do “não”, sendo, portanto a negação pré-verbal a mais adequada. Vale lembrar que o falante hesita em relação ao julgamento que faz, ao afirmar que: “pode ser erro e ao mesmo tempo pode não ser erro”.

Trecho 53:

DOC: Mas assim, por que o senhor considera errada?

INF: Eu acho assim, pode ser erro e ao mesmo tempo pode não ser erro. Porque o seguinte, ele reafirma a frase, por exemplo, “EU VOU NÃO”, num é? ... “EU NÃO DESLIGUEI O FOGÃO NÃO”, basta ele ter dito “EU NÃO DELIGUEI O FOGÃO”, entendeu?! Eu acho que o certo seria essa...a última seria a certa. As duas primeiras...é os mesmos erros desses textos que eu vi agora, é os mesmos erros. Torna repetitiva, num é?

(...)

DOC: Então essas formas aí o senhor considera como sendo erro?

INF: Eh...como eu tô te falando. Eu estudei pouco e onde eu...até onde eu estudei, eu considero erro de...pode ser até...vocês podem até dá outro nome, ou pode ser considerado hoje em dia no estudo moderno, porque eu estudei foi há quarenta anos atrás, então pode considerar erro, mas eu acho, particularmente falando, eu considero um erro gramatical, um erro de português, que por sinal pra mim eu considero grave, gravíssimo, porque a palavra não tá pedindo pra, o texto não tá pedindo pra você responder daquela forma “SEI NÃO”, você tá respondendo a pergunta ao mesmo tempo tá respondendo repetitivamente. Basta você dizer assim “VOCÊ VAI AO MERCADO?” / “NÃO SEI” do que...com soa mais bonito “NÃO SEI”, “SEI NÃO” ou “NÃO SEI NÃO”. Então tá repetindo demais aquela coisa ali. (Inf. 10)

O informante 12, que apresenta o mesmo perfil social do informante 10, também afirma que não há necessidade de uma segunda partícula negativa na estrutura.

Trecho 54:

INF.: No caso, eu escolheria a primeira (Neg1).

DOC.: É? Por que o senhor escolheria a primeira?

INF.: Porque eu não usava... eu não repetia o termo duas vezes. Porque na segunda você disse: Não vou ((pausa)) não, porque tenho muita coisa pra estudar”. Você usou a palavra “não” mais de uma vez, sem necessidade.

DOC.: Ah! E não tem necessidade?

INF.: Não, porque você diz “Tu vai lá?”, “Não vou não.” Porque não há necessidade! Se você já disse não, por que o outro NÃO depois?

(Inf. 12)

A informante 13, grau II de escolaridade, também foi taxativa ao afirmar que a dupla negação, assim como a negação pós-verbal, são erros gramaticais, além de sinalizar que o segundo marcador negativo é desnecessário na estrutura, mesmo na negação pós-verbal. Entendemos, com isso que, para a informante, o erro não está apenas na repetição, mas também na posição pós-verbal do marcador negativo. Ela, conforme dito anteriormente, foi uma das informantes que mais realizou a dupla negação.

Trecho 55:

DOC.: Isso... E se, por exemplo, se falasse “Ixe, desliguei o fogão não”? A senhora usaria?

INF.: Não, eu não usaria. Porque, pra mim, “não desliguei o fogão”. Se eu já tenho “não” aqui, pra que repetir no fim da frase?

(...)

AUX.: Oh, escutando a pergunta: “você desligou o fogão?”, a resposta: (ÁUDIO)

INF.: “Não desliguei o fogão”.

AUX.: As outras duas...

INF.: Não, tanta repetição de “não”!

(Inf. 13)

Já a informante 15, de mesmo perfil social, não afirma explicitamente que a adição do segundo “não” à estrutura seria desnecessária, mas afirma que a dupla negação é menos direta e que a segunda partícula negativa “deixa um elo perdido” na construção. Isso nos leva a inferir que a informante não conseguiu perceber que ambas as partículas negativas têm o mesmo escopo.

Trecho 56:

INF.: eu ficaria com a do meio: “Não quero falar sobre isso”.

DOC.: desse jeito né?

INF.: é.

DOC.: por que que a senhora falaria?

INF.: porque (a gente) daria uma resposta mais... direta e não colocaria essa dúvida, porque na hora que vocês “Não quero falar sobre isso não”, você deixa assim uma... alguma coisa... algum elo assim perdido. “Não quero falar sobre isso não”, você tá colocando duas vezes o nega... o... a negação (DOC.: uhn rum.): “Não, falar sobre não.”

(Inf. 15)

Crença 10 – A dupla negação é um vício de linguagem, uma mania

Conforme afirmam Ilari & Basso (2016), dentre outros autores, a dupla negação é uma estrutura não canônica característica da língua oral, sendo a segunda estrutura negativa mais recorrente no PB, suplantada apenas pela negação pré-verbal. Provavelmente por ser característica da linguagem oral, é por vezes associada pelos próprios falantes à noção de erro, o que evidencia uma atitude negativa perante a estrutura (*cf.* Crença 8).

Talvez pelo fato de a considerarem um erro, falantes maranhense associam o uso da estrutura à noção de vício de linguagem, mania⁴², que evidenciam conotações negativas. Vale

⁴² Segundo CÂMARA JUNIOR (1973, p. 787), vício é “qualquer desrespeito à norma lingüística (v.), que não é um erro fortuito, mas um hábito inveterado, num dado idioleto (v.), por má assimilação dessa norma, no âmbito fonológico, morfológico ou sintático”. Gramáticas normativas, que adotam esta mesma concepção, por vezes dedicam seções a vícios de linguagem, como é o caso da Moderna Gramática Portuguesa (BECHARA, 2004). Em dicionários gerais da língua portuguesa como o Houaiss, Vício é “qualquer costume supérfluo, prejudicial ou censurável; 5 p.ext. erro contra as regras da linguagem ou de um outro saber” (HOUAISS & VILLAR, 2001, p. 2857); enquanto mania é “1. Hábito extravagante; prática repetitiva; costume esquisito, peculiar excentricidade;

lembrar ainda que esta crença foi identificada apenas na fala de informantes da capital do Estado, São Luís.

A informante 7, em um trecho já comentado anteriormente, justifica o uso da estrutura como um vício de linguagem que tem função reforçativa.

Trecho 57:

DOC.: Mas por que será que as pessoas falam... esse “não” duas vezes?

INF.: Sei lá. Acho que pra ficar bem dito que é não mesmo.

DOC.: Uhn...

INF.: Eu acho que é isso, um vício, sei lá, dizer não, “Não desliguei não”. Caso a pessoa não tenha escutado o primeiro não, o segundo pra não deixar escapar, pra reforçar.

(Inf. 7)

De igual modo, o informante 16, natural de São Luís e grau II de escolaridade, compartilha a mesma crença. Para ele, o uso da dupla negação em São Luís é decorrente do contato de pessoas da capital com pessoas do interior, que migram para a cidade trazendo consigo seus “vícios de linguagem”.

Trecho 58:

OC: E antigamente o senhor escutava o pessoal falando assim “TU NÃO QUERES FICAR BOA NÃO?”

INF: Escutava sim. Escutava, escutava. Porque às vezes as pessoas que trabalhavam ou que vem do interior pra trabalhar, elas têm outro sotaque, outra...vamos dizer, vício de linguagem, porque é da região, típico dali da região. Sai errado pra gente.

(Inf. 16)

Já o informante 6 indica certa insegurança linguística, uma vez que, mesmo se reconhecendo usuário de Neg2, atribui o uso da dupla negação a uma *mania* que ele tem. Assim como ele, a informante 9 também atribui à estrutura a mesma noção.

Trecho 59:

DOC.: Entenderia do mesmo jeito, né? Agora, uma garota e a mãe tão passeando no centro da cidade, e de repente, a garota lembra:.

INF.: É o Yoda⁴³? (risos) Eu falaria a segunda (“Não desliguei o fogão não”) porque eu tenho essa mania de ficar repetindo as negações ou as afirmações que eu faço.

(Inf. 6)

(...) 4. Costume nocivo, prejudicial; vício.” (HOUAISS & VILLAR, 2001, p. 1836). Diante da conotação negativa e significados semelhantes apresentados pelas noções de *vício* e *mania*, decidimos uni-las em uma mesma crença.

⁴³Yoda é um personagem da saga Star Wars, que, segundo o informante, tem o hábito de falar “ao contrário”. Para ele então, essas estruturas que possuem o advérbio de negação “não” em posição final se assemelham ao falar do personagem, uma vez que o natural seria o “não” em posição pré-verbal.

Trecho 60:

INF.: “Não fui eu não”

DOC.: E por que a senhora responderia assim?

INF.: Porque a gente já tem mania de falar assim “Não fui eu não”.
(Inf. 9)

5.3.1.2 Crenças contextuais/discursivas acerca da dupla negação

As crenças contextuais/discursivas a respeito da dupla negação indicam um nível mais alto de consciência linguística, uma vez que mostra como os falantes conseguem perceber os efeitos de sentido que cada estrutura pode causar no discurso, além de reforçar a colocação de Lavandera (1978) de que variantes de uma mesma variável, em um nível mais profundo da língua, nem sempre apresentarão o mesmo valor de verdade (*cf.* Capítulo 2).

Como visto, das 36 crenças identificadas a respeito da dupla negação, 9 são de natureza contextual/discursiva.

Crença 11 – O uso da dupla negação encerra o assunto, indica que a pessoa não quer conversar, o que pode denotar certo aborrecimento

O estudo de Roncarati (1996) a respeito da negação no português falado apresenta dados coletados por meio da aplicação de um teste de atitudes, realizado entre falantes universitários naturais da cidade de Fortaleza (*cf.* Capítulo 3). Nesse teste, falantes apontaram que a negação pré-verbal “nega prontamente”, “é mais formal” e “sugere que a pessoa vai falar ainda outra coisa”, isto é, que mais informações serão inseridas no discurso. Considerando essas colocações, percebemos que os falantes maranhenses apontam que a dupla negação, ao contrário da negação pré-verbal, encerra o assunto, não dando margem para a continuação de um diálogo.

Apoiamo-nos ainda em Furtado da Cunha (2001, p. 13) que, ao fazer uma análise funcionalista das estruturas negativas, conclui que os casos de dupla negação em seu *corpus* correspondem a uma “pausa temática, isto é, trechos em que há uma suspensão, interrupção ou digressão da cadeia tópica principal”.

Trecho 61:

INF.: Acho que essa “Não quero falar sobre isso não”, porque aí a pessoa não ia insistir. Se a pessoa falasse “Não quero falar sobre isso”, o outro podia dizer “não, mas...”. Se falar “Não, não quero falar sobre isso não”, já vai entender que a gente não quer mesmo.

(Inf. 9)

A informante 9 comenta que o uso da dupla negação, nesse contexto, sinaliza ao interlocutor que ela não quer dar continuidade ao diálogo e que esse efeito de sentido não seria alcançado com o uso da negação pré-verbal. Ela parece conseguir sistematizar com mais clareza seus julgamentos acerca da estrutura, enquanto o informante 20, como mostra o trecho seguinte, não apresenta tanta clareza, apesar de parecer compartilhar da mesma crença. É provável que isso aconteça pelo fato de a primeira informante ser de São Luís – área urbana –, enquanto o segundo é de Jamary, área rural, com menos acesso a agências normatizadoras da língua.

Trecho 62:

DOC.: O senhor escuta as pessoas falando assim “Não quero não”?

INF.: “Não quero não”, eu sempre escuto as pessoas falar. “Eu não quero, eu não quero não”.

DOC.: Uhn... e o senhor fala assim também?

INF.: Eu, às vezes. Quando às vezes a gente tá aborrecido. Aí, “rapaz, eu tenho tal coisa aqui pra ti.” “Não, eu num quero não”.

DOC.: Ah, é quando tá aborrecido...

INF.: Quando tá aborrecido

DOC.: ... que fala?

INF.: Aí é “eu num quero não”.

(...)

INF.: Aí, “não quero falar sobre isso não”, porque aí ela tava aborrecida, porque os outros fizeram tudo e ela não.

DOC.: Ah sim.

INF.: Tá vendo? Aí “Eu não quero falar sobre isso não”

DOC.: Ah, essa é do aborrecido que o senhor falou, né?

INF.: É sim. Ela tá aborrecida porque ela tá chocada, porque os outros fizeram e ela não.

DOC.: Uhn run.

INF.: Aí ela “Ah, não quero saber disso não” “Não quero mais saber dessa conversa mais” (risos)

(Inf. 22)

O informante 22 comenta que o uso da dupla negação é adequado quando se está aborrecido, em uma situação desconfortável. A estrutura é utilizada, portanto, para cortar o tema que está sendo discutido. A informante 5, diante da mesma SE, reage da mesma maneira, indicando que, sabendo de seu desconforto perante a situação, prefere mudar de assunto fazendo uso de Neg2.

Trecho 63:

INF: “NÃO QUERO FALAR SOBRE ISSO NÃO”, essa daí com certeza, porque eu já tinha... porque, assim... a não ser que eu tivesse tanta certeza das respostas, entendeu? Mas se eu estivesse respondido e tal, e marcado, eu “NÃO QUERO FALAR SOBRE ISSO NÃO”, porque já tinha percebido que eu já tinha errado.

DOC: Tu falaria como, que tu disse?

INF: “NÃO QUERO FALAR SOBRE ISSO NÃO”,

(Inf. 5)

Vale ressaltar que essa crença foi apontada por informantes diferentes diante da mesma SE, que foi elaborada justamente com base nos estudos de Roncarati (1996) e Furtado da Cunha (2001), a fim de verificar se, diante de uma situação aparentemente desconfortável ao falante, ele optaria pela dupla negação a fim de provocar mudança temática. Esta hipótese, como podemos observar, se confirmou.

Crença 12 – Em contextos de perguntas, a dupla negação é utilizada quando já se presume uma resposta

Além da SE 12, duas outras situações em que a dupla negação aparece como estrutura interrogativa foram incluídas no Teste de Percepção (SE 13 e 14), mas, nestes casos, como perguntas do tipo sim/não. Na SE 13, a proposição é ativada por meio da pressuposição de que os estudantes já haviam realizado uma atividade proposta a eles anteriormente. No entanto, a fala do locutor possibilita que seu interlocutor entenda que a tarefa não foi realizada. Assim, nega-se uma pressuposição de fundo, uma informação afirmativa compartilhada pelos falantes. Desse modo, o segundo falante faz a pergunta utilizando a negação de forma um tanto incrédula diante da situação.

A informante 9, nível 2 de consciência linguística, percebe que o uso da dupla negação e da negação pré-verbal causariam efeitos de sentido diferentes no discurso, como exemplifica o trecho a seguir.

Trecho 64:

DOC.: Acha estranha?

INF.: Eu não sei... Quando ele diz “E tu não fez não” ele tá afirmando que não fez?

DOC.: Tá afirmando? E quando pergunta “E tu não fez?”

INF.: Tá só perguntando.

DOC.: E se ele falar só “E tu fez não?” A senhora acha...

INF.: Num sei, tá estranho.

DOC.: A senhora falaria desse jeito?

INF.: Não!

DOC.: Qual desses três jeitos a senhora acha que falaria numa situação dessa?

INF.: Acho que “E tu não fez não!” (risos)

DOC.: Porque a senhora falaria assim?

INF.: Porque eu ia perguntar quase com certeza que ele não tinha feito, porque já faz tanto tempo, né?
(Inf.9)

Para ela, o uso da dupla negação sinaliza que a segunda pessoa do discurso já sabia que o falante não havia realizado a tarefa antes mesmo de que lhe fosse perguntado. Consequentemente, o uso dessa estrutura constata a pressuposição do inquiridor. Ela justifica que Neg2 seria adequada nesse contexto, pois a pergunta é formulada sem o objetivo de receber

uma resposta, mas apenas para causar certo efeito retórico, surpresa, talvez. Neg1, no entanto, não causaria o mesmo efeito. Para ela, o uso dessa estrutura indicaria que o falante deseja, de fato, saber se seu interlocutor realizou ou não a tarefa.

Crença 13 – A dupla negação é utilizada como mecanismo para convencer o interlocutor

A dupla negação, assim como diversas estruturas morfossintáticas da língua, apresenta propriedades pragmáticas diferentes em função dos contextos em que pode ser inserida. A informante 5, perante a SE 13, opta pela estrutura, justificando que se tratava de uma situação de convencimento.

Trecho 65:

INF: A segunda “E TU NÃO QUERES FICAR BOA?”

DOC: Por quê?

INF: Porque “queres” quase ninguém... Eu não falaria “queres”. “Queres” falaria Tia D. ((pessoa mais velha)), mas não, eu ia perguntar mais... eu ia tentar...até porque a gente tá numa situação de convencimento, entendeu, então eu tinha que perguntar mais tranquilo “E TU NÃO QUER FICAR BOA NÃO?”

DOC: Tirando o “queres”, qual desse tu falarias?

INF: “E TU NÃO QUER FICAR BOA?”

DOC: Por quê?

INF: Eu escolheria “E TU NÃO QUER FICAR BOA NÃO?”. Por causa do NÃO no final, porque eu ia perguntar pra ela já esperando que ela dissesse que queria, eu ia incentivar ela à resposta “E TU NÃO QUER FICAR BOA NÃO?”, pra deixar mais livre a resposta dela.

(Inf.5)

Verificamos que, assim como a informante 9 – que sinaliza que a dupla negação é adequada quando já se presume uma resposta –, a informante 5 também afirma que esta seria uma situação de pressuposição. A mãe, na SE 13, não pergunta à filha se ela quer ficar boa com o intuito de realmente saber a opinião da criança. Na verdade, ela reforça que, para ficar boa – algo que, com certeza, a criança deseja –, é preciso tomar a medicação. Isso nos leva a crer que, nesse contexto, a dupla negação transmite a ideia de convencimento.

Crença 14 – A dupla negação é grosseira

É fato consabido que a mesma estrutura/variante pode dar diferentes conotações, mesmo quando inseridas no mesmo contexto. As informantes 19 e 5, níveis2 e 3 de consciência linguística, respectivamente, apresentam realidades diferentes: ambas são mulheres da primeira

faixa etária, no entanto, a primeira é natural de Jamarý, com grau I de escolaridade, enquanto a segunda é natural de São Luís, com grau II.

Diante da mesma situação (SE2), elas tiveram reações diferentes acerca da dupla negação, como podemos verificar nos trechos a seguir:

Trecho 66:

DOC.: Uhn. Aí falaria assim “Vou não” é? E se falasse assim “Não vou não”?

INF.: Aí é muito... assim já é muito assim... sei lá, a pessoa vai... já vai se sentir ofendida.

DOC.: ah... ele ficaria ofendido, é?

INF.: É.

(Inf. 19)

Trecho 67:

INF: A segunda (Neg2), pela maneira de...por não ser ignorante, por responder ela, tentando responder uma maneira explicativa “Não vou não. Tenho muita matéria pra estudar”, pra não demonstrar que eu não queria ir por outro motivo, ou então por simplesmente não querer.

(Inf. 5)

A informante 19 considera que o uso da dupla negação, nesse contexto, causaria a impressão de que a pessoa que fala foi um tanto grosseira com seu interlocutor, o que poderia fazer o outro se sentir ofendido. Baseando-nos nas outras justificativas dadas pela falante ao longo do teste, supomos que essa observação pode estar relacionada a traços prosódicos, uma vez que ela aparenta não desenvolver com tanta clareza suas opiniões acerca da variante. Em contrapartida, a informante 5 crê que o uso da dupla negação suavizaria o tom da conversa, talvez por ser, segundo ela, mais explicativa e não-ignorante. Notamos que ela consegue justificar de forma mais clara o uso da dupla negação, talvez pelo fato de ter grau de escolaridade mais avançado e mais desenvoltura... Assim, seu julgamento acerca da estrutura parece estar mais voltado para questões discursivas, ultrapassando, portanto, as questões de natureza apenas prosódica.

Crença 15 – A dupla negação é mais leve, suave

Considerando ainda que a negação pré-verbal “nega prontamente” (cf. RONCARATI, 1996), buscamos observar o uso da estrutura em estilos mais formais. Para isso, elaboramos as SE 1 e 8 a fim de verificar se os falantes indicariam a dupla negação como mais adequada em tais situações.

A SE 1 envolve um diálogo entre duas pessoas com pouca intimidade, em que uma oferece um pedaço de bolo a outra e a oferta deveria ser recusada, por meio do uso de uma das três estruturas negativas. Por se tratar de uma situação de recusa, esperava-se que o informante sinalizasse àquela considerada por ele mais polida.

Diante dessa SE, os informantes 4 e 5 optaram pela dupla negação por esta ser mais “leve, suave”.

Trecho 68:

INF.: a primeira (Neg2).

DOC.: a primeira?

INF.: uhn uhn. Tá mais... tá mais leve... a outra... a outra já tá mais engrossando (Neg1).

DOC.: é?

(Inf. 4)

Trecho 69:

DOC.: ah, sim. E o senhor acha... o senhor diz que o senhor acha a primeira melhor por quê?

INF.: Porque é mais suave, né?, nas (inint.) ele só tá... só tá dizendo que ele não quer.

DOC.: ah, sim. Então, a primeira é mais suave do que as outras, né?

INF.: uhn uhn.

(Inf. 5)

O informante 4 faz uma comparação entre Neg1 e Neg2: o uso da primeira parece ser grosseiro, “tá mais engrossando”, sendo mais rude; e o da segunda dá leveza ao diálogo. A informante 5 também sinaliza que a opção com dupla negação é mais suave que as outras.

A SE 8 representa um diálogo entre duas pessoas íntimas – um casal de namorados – cuja fala tende a ser mais carinhosa e delicada. No contexto, o namorado faz um convite à namorada, que deve recusá-lo utilizando uma das estruturas negativas. As informantes 5 e 11, ambas mulheres, naturais de São Luís, mas de faixas etárias e graus de escolaridade diferentes, optam pela dupla negação, justificando que esta denota mais cuidado ao negar um convite de um namorado, algo que não aconteceria se fossem utilizadas as outras estruturas. A informante 11 sinaliza que este uso evidencia mais paciência e não-chateação, contrapondo-se ao uso de Neg3.

Trecho 70:

INF: Acho que a segunda “NÃO VOU NÃO”

DOC: Por quê?

INF: Porque eu teria um cuidado na hora de dizer “NÃO” pra ele, entendeu, porque ele tá com maior vontade de ir ao cinema, aí eu “NÃO VOU NÃO”.

(Inf. 5)

Trecho 71:

DOC: E NÃO VOU NÃO, ESTOU CANSADA, ela mostra que tá chateada?

INF: Ela mostra paciência, e esse aí VOU NÃO, ESTOU CANSADA ela mostra que tá chateada.
(Inf. 11)

Crença 16 – A dupla negação é um mecanismo de ênfase, reforço, reafirmação

Muitos estudos acerca da dupla negação justificam o uso e surgimento da estrutura associando-o à noção de ênfase, reforço e reafirmação (cf. JESPERSEN, [1917] 2012; UPPENDAHL, 1979; SCHWEGLER, 1991). Além de estudos específicos, gramáticas e demais obras de referência (cf. Quadro 3) também fazem essa associação. Das 11 obras apresentadas no quadro-síntese que versam sobre a dupla negação, seis delas justificam a estrutura como reforço ou ênfase à proposição negada (cf. Capítulo 3).

Esta, assim como a ideia de erro gramatical, é uma das crenças mais presentes no imaginário do povo maranhense, proferida por oito dos 24 informantes. Para a informante 5, diante da SE 7, Neg2 é mais adequada, pois deixa bem claro, dando a entender que essa é mais explicativa.

Trecho 72:

INF: a primeira “NÃO FOI EU NÃO”

DOC: Por que a primeira?

INF: “NÃO FOI EU NÃO”, porque seria jamais, porque eu tô deixando bem claro, eu nunca faria isso.
(Inf. 5)

Assim como ela, o informante 16 também afirma que Neg2 é mais adequada nesse contexto, uma vez que reafirma o que está sendo dito, sendo provavelmente a melhor opção em situações nas quais o falante está sendo desafiado ou desacreditado. Vale lembrar que, segundo Roncarati (1996), esse é um tipo de contexto que favorece o uso da dupla negação.

Trecho 73:

DOC: Poderia falar NÃO FUI EU NÃO?

INF: Poderia. Esse aí poderia em virtude da negativa de ser um segredo, uma coisa forte e eu tô reafirmando que NÃO FUI EU, porque aí é uma situação diferente, aí eu tô sendo inquisitado, tão fazendo uma inquisição comigo “Foi tu que contaste?” “RAPAZ, NÃO FUI EU NÃO”, aí esse sim.
(...)

INF: tudo tá no mesmo...NÃO LEMBRO. Até que o NÃO LEMBRO NÃO... NÃO LEMBRO DO BARQUINHO DE MADEIRA. Aquele NÃO FUI EU NÃO eu tô sendo acusado. Não sei se eu tô me fazendo entender, havia uma necessidade de eu me defender, de eu refirmar.
(Inf. 16)

Já o informante 6 afirma que o Neg2 é uma estrutura usual para ele, uma vez que, diante da necessidade de negar, ele considera importante ser enfático.

Trecho 74:

DOC.: Tu falaria...?

INF.: “Não desliguei o fogão não”. Porque eu tenho que dar ênfase pra mim mesmo e pra quem tiver perto que eu não fiz aquilo mesmo, por isso eu negaria duas vezes.

(Inf. 6)

A informante 7, ao refletir sobre o motivo pelo qual as pessoas utilizam a dupla negação, supõe que seja pelo fato de quererem pra ficar bem dito”. O segundo “não”, para ela, seria uma “garantia” da negação, que viria para reforçar o ato de negar.

Trecho 75:

DOC.: Mas por que será que as pessoas falam... esse não duas vezes?

INF.: Sei lá. Acho que pra ficar bem dito que é não mesmo.

DOC.: Uhn...

INF.: Eu acho que é isso, um vício, sei lá, dizer “Não, não desliguei não”. Caso a pessoa não tenha escutado o primeiro não, o segundo pra não deixar escapar, pra reforçar.

(Inf. 7)

O informante 8 – nível 3 de consciência linguística – diante da SE 12, afirma que a dupla negação poderia até ser utilizada em um contexto de pergunta, apesar de ter escolhido Neg1 nessa situação. No entanto, ainda segundo seu julgamento, em contextos de resposta, funcionaria como uma reafirmação da proposição que está sendo negada, como denota o trecho a seguir:

Trecho 76:

INF.: A segunda ((referindo-se a Neg1)). Da mesma maneira.

(...)

DOC.: Por que aqui tu escolherias essa?

INF.: Escolheria essa aí, não sei te falar o porquê.

DOC.: Não? Mas tu ainda... tu poderia escolher “Por que você não gosta da Maria não?”?

INF.: Isso.

DOC.: Poderia ser essa também.

DOC.: Poderia ser essa também.

INF.: Poderia, mas eu escolheria essa aí, a segunda (Neg2).

DOC.: A segunda. Tu falaria...?

INF.: Eu acho que assim... mas na resposta falaria mais reafirmando, entendeu?

DOC.: Uhn. Falaria com o “não” duas vezes.

INF.: Isso.

(Inf. 8)

O informante 14, que também apresenta nível 3 de consciência, compartilha da mesma crença e explica que, quando há a repetição do “não”, busca-se reafirmar aquilo que está sendo dito, como um mecanismo de ênfase, reforço.

Trecho 77:

DOC.: o senhor acha que entre essas três formas têm alguma diferença?

INF.: quando eu repito o “não” duas vezes (DOC.: uhn rum.) eu tô querendo reafirmar aquilo, cê entendeu?

DOC.: uhn rum.

INF.: tô querendo reafirmar.

DOC.: certo.

INF.: dar mais força, mais ênfase a (DOC.: uhn rum.)... à coisa, cê entendeu?

DOC.: certo.

INF.: é isso aí.

(Inf. 14)

Além destes, mais dois informantes –19 e 22 –compartilham da mesma crença. Observamos com isso que, apesar de Schwenter (2005) ressaltar que essas noções não são suficientes para justificar o uso da dupla negação no PB, por considerá-las um tanto vagas e intuitivas, Goldnadel *et al* (2013) ressalta que o caráter enfático da estrutura não deve ser descartado. Além disso, percebemos como estas noções ainda são associadas à estrutura tanto nas gramáticas e obras específicas, como no imaginário dos falantes usuários de Neg2.

Crença 17 – A dupla negação é um costume, um hábito

Apesar de taxada como um vício ou mania por alguns, à dupla negação também foi associada a noção de *costume* e *hábito*⁴⁴ por parte dos informantes, o que nos faz entender que estes, reconhecem o uso da estrutura como corriqueiro em sua comunidade. Os informante 8 e 17, ambos da mesma faixa etária, mas de localidades, sexo e graus de escolaridade diferentes, compartilham dessa crença.

⁴⁴Segundo o Dicionário Houaiss (HOUAISS & VILLAR, 2001), *costume* é “1 hábito, prática frequente, regular. 2. modo de pensar e agir característico de pessoa, grupo social, povo, nação etc. na contemporaneidade ou numa determinada época (mais us. no pl.); comportamento (p. 854); e *hábito* é “1 maneira usual de ser, fazer, sentir, individual ou coletivamente; costume, regra, modo. 2 maneira permanente ou frequente, regular ou esperada de agir, sentir, comportar-se; mania. (p. 1502). Para o Dicionário Crítico de Sociolinguística (BAGNO, 2017, p. 183), hábitos são “*práticas*, porque muitas das práticas sociais, individuais e coletivas, são o produto de inércias geradas por determinada experiência social. A experiência compartilhada por pessoas de um mesmo **grupo social** explica que tal grupo venha a ter esquemas de percepção, **avaliação** e ação semelhantes”. Decidimos, portanto, unir na mesma crença as noções de hábito e costume, uma vez que apresentam significados semelhantes.

Trecho 78:

INF.: Aqui... aqui o pessoal fala isso: “Não vou não, tô cansada”.

DOC.: Uhn run. Mas por que será que as pessoas falam dessa forma, desse jeito?

INF.: Não sei te falar.

DOC.: (risos)

INF.: Já é o costume, né?

(Inf. 8)

Trecho 79:

DOC.: Tem alguma ideia? Por que será que eles falam “eu num fiz não”...

INF.: Já tá no costume, né?

(Inf. 17)

O informante 22, o que mais optou pela dupla negação no Teste de Percepção em Jamary dos Pretos, alega que a estrutura faz parte do costume de sua localidade, herdado pelos mais antigos.

Trecho 80:

DOC.: Uhn... certo. E o senhor costuma falar mais como?

INF.: Eu costume falar nessa seguinte forma como eu tô dizendo, porque fui o costume da mãe, e pra melhor entender, da avó que me criou, aí era só desse jeito que ela falava que eu também falo.

(...)

DOC.: E se o senhor falar “Num quero falar sobre isso” não é aborrecido?

INF.: Não, num é muito aborrecido, porque alguém poderia entender, “Oh, rapaz, foi dizer uma coisa e ela falou uma palavra ao contrário” Mas, de qualquer uma maneira, foi assim que ela acostumou, foi assim que ela acostumou falar.

DOC.: Ah sim...

INF.: Aí ela diz: “Não quero saber disso não”.

(Inf. 22)

O informante 8, natural de São Luís, se assume usuário da estrutura e afirma tratar-se de um costume de sua localidade. No entanto, denota insegurança linguística, uma vez que deixa claro que, mesmo este sendo um costume seu, ele não o julga de forma positiva, pois comenta que a dupla negação tem “sonoridade não muito legal”.

Trecho 81:

INF.: Acho que ele falaria... acho que as pessoas daqui falaria mais da primeira maneira (Neg1).

DOC.: “E tu não queres ficar boa não?”

INF.: Isso.

DOC.: É? Mas é...

INF.: Eu falaria dessa maneira “Tu não queres ficar boa não?”

DOC.: Uhn.

INF.: Mas acho que na hora da... a sonoridade num... não é muito legal, mas a gente costuma falar assim.

(Inf. 8)

O informante 12 também demonstra atitude negativa ao afirmar que o uso de Neg2 é decorrente de um hábito. Para ele, o convívio com pessoas que falam dessa maneira leva o falante a adquirir os mesmos costumes, hábitos linguísticos.

Ele explica que o convívio com pessoas que possuem certos hábitos linguísticos, mesmo que você tenha conhecimento maior da língua padrão, isto é, tenha “certa bagagem”, faz com quem você adquira esses hábitos e repita palavras “sem necessidade, sem ao menos perceber”. Ressalta ainda que esse hábito afeta a fala, mas não a escrita.

Trecho 82:

AUX.: Mas por que que o senhor acha que as pessoas dizem duas vezes, esse “não”?

INF.: Pra mim é por uma questão de hábito, porque o sujeito começou a aprender alguma coisa e fez... por exemplo, tem pessoas... vamos dizer o caso, tem pessoas que tem até uma certa bagagem, mas ele viveu muito com essas pessoas e adquiriu os hábitos. Às vezes ele vai escrever, escreve certo a palavra, mas quando ele pronuncia, ele pronuncia errado, pelo hábito de se acostumar com aqueles termos. Tá entendendo?

DOC.: Uhn run.

INF.: Por exemplo, muitas pessoas falam: “Oh, meu amor” Quando as pessoas falam muitas vezes, elas estão se acostumando... elas tão se acostumando. Ele tá falando com você e ele tá repetindo muitas vezes uma palavra que não tem razão. Ele vai sempre repetindo aquilo ali, porque ele não tá observando que não há necessidade de repetir aquela palavra.

DOC.: Ah, então ele nem percebe, né?

INF.: Nem percebe, porque já tá acostumado.

(Inf. 12)

O informante 20, natural de Jamary dos Pretos, também sinaliza que a dupla negação faz parte de um costume de sua comunidade, compondo o “sotaque” da região. Interessante observar que, enquanto indicava que sua escolha diante da SE 7 seria Neg1, alguém que passava pelo local durante a entrevista, identificado aqui como CIRC., indicou que usaria Neg2 nesse contexto. Diante da situação, o informante explica que o pessoal da região costuma “falar errado” e que geralmente são criticados quando passam um período fora da comunidade e voltam com marcas do falar de outras localidades. Com isso, notamos que o informante crê que a dupla negação seja um erro gramatical, e que, provavelmente, não seria uma escolha adequada.

Trecho 83:

INF: NÃO FOI EU.

CIRC.: Pode dizer que é eu, né? Eu digo: Não fui eu que disse não. Ele ia perguntar: “Tu que disse?”, “Eu não! Não fui eu não.”

INF.: Não, porque assim esse modo de falar a gente fala assim quase iguais. Porque é pelo sotaque, né, ainda mais morando aqui já há muitos anos, né, e quando a gente sai daqui, quando a gente sai daqui e volta falando diferente, tem pessoas daqui que começam a caçar, critica, né, porque tá falando certo, acha que tá falando as palavras certas, acham que tá só querendo ser falando chiando.

DOC.: Ainda mais quem vem de Belém, né? Verdade... que vem chiando.

INF.: É. E aqui a gente fica nesse costume de ficar nesse costume, porque é só gente daqui, mesmo o pessoal falando errado pra ti, mas tu quer retornar a palavra do mesmo jeito, quase, né?

(Inf. 20)

Como podemos observar ao longo deste tópico de análise, a postura do informante 10 demonstrou sua insegurança linguística, haja vista a oscilação detectada em suas escolhas e julgamentos: ora declara que Neg2 é a forma correta e usual em sua localidade, sendo inclusive por ele empregada, ora afirma que o uso da estrutura representa um erro e que em sua localidade, “o pessoal fala errado”. Entretanto, ele justifica a escolha de Neg1 por ter tido a oportunidade de viajar e voltar falando diferente⁴⁵.

Crença 18 – A dupla negação é utilizada na linguagem coloquial, espontânea

Conforme dito anteriormente, a dupla negação, por ser característica da língua oral, caracteriza um estilo espontâneo, coloquial e informal. Os informantes 7 e 8, que possuem o mesmo perfil social, diferindo-se apenas no sexo – inf. 7, mulher e o inf. 8, homem – compartilham desta crença.

Os dois informantes sinalizam que fariam uso da estrutura “no calor do momento”, quando não estivessem “no racional”. Isto é, diante de uma fala espontânea e sem monitoramento, a dupla negação provavelmente seria a opção “eleita”, como evidencia o trecho a seguir:

Trecho 84:

DOC.: Uhn rum. Mas tu escolheria essa “Não vou”?

INF.: É... Mas no calor do momento, sei lá, “Não vou não (risos) ((DOC.: risos)), tenho muita matéria pra estudar”.

DOC.: Quando tu tá pensando na resposta...?

INF.: Eu acho que é.

DOC.: Aí tu fala...

INF.: Mas eu acho que, involuntariamente, eu acho que sai “Não vou não”, “Quero não”.

DOC.: Ah, sim.

INF.: Eu acho que sim. É uma forma mais... como é que é a palavra? Coloquial.

(Inf. 7)

⁴⁵ Fazer um breve histórico do informante.

Trecho 85:

DOC.: “Não vou não, tenho muita matéria pra estudar”.

INF.: Por que ele... tá falando “não” duas vezes aí, eu preferia falar... tipo, agora, aqui no racional eu falaria da primeira (Neg1), mas eu posso... posso dar essa resposta aí e nem me tocar.

(...)

INF.: Acho que a segunda (Neg1).

DOC.: A segunda “Não quero falar sobre isso”? Essa aí tu acha que seria a mais adequada aqui?

INF.: Mas eu acho que falaria a primeira (Neg2). (risos) “Não quero falar sobre isso não”. (risos)
(Inf. 8)

Os dois ressaltam que podem fazer uso da estrutura involuntariamente, apesar de julgá-lo, por vezes, como não adequado em estilos mais formais. Interessante observar que o informante 8 escolhe a negação canônica como a mais adequada, talvez por perceber que se trata de um teste linguístico e por estar fazendo essa escolha conscientemente, mas reconhece que, na fala espontânea, diante de uma situação de uso real da língua, optaria por Neg2.

Crença 19 – A dupla negação é inadequada quando o contexto exige estilo mais formal

Por se tratar de uma estrutura não canônica da língua, buscamos observar se os informantes optariam pelo seu uso em situações nas quais se exige mais formalidade. Para tanto, elaboramos a SE 10, que representa um diálogo entre uma reitora e um grupo de alunos⁴⁶, isto é, entre pessoas que não são íntimas e com papéis sociais distintos. Dessa forma, esse tipo de diálogo exigiria um estilo mais formal e polido, considerando tanto a pessoa com quem se fala, como a situação em que estão inseridos.

Os informantes 10 e 15, classificados com nível 2 de consciência, sinalizaram que a dupla negação não seria adequada nesse tipo de contexto. O informante 10 afirma que a negação canônica – pré-verbal – é a resposta correta na situação, por se tratar de um diálogo no qual a primeira pessoa do discurso deve tratar a segunda com cortesia e respeito. Para ele, a dupla negação, nesse contexto, daria a impressão de uma fala caipira.

Trecho 86:

INF: “NÃO SEI”

DOC: Então...

INF: É a resposta certa, porque a reitora faz a pergunta e lá alguém fala “NÃO SEI NÃO”. Eu considero assim, não é discriminando, nem preconceito, mas é um resposta muito da caipira.

(Inf. 10)

⁴⁶Conforme explicado nos Procedimentos Metodológicos, adaptamos algumas situações para a realidade dos moradores de Jarmy dos Pretos (cf. Capítulo 4).

A informante 15, que trabalha em um ambiente universitário e está em contato direto com alunos diariamente, comenta que acharia uma falta de respeito fazer uso das estruturas negativas não canônicas em um diálogo com uma reitora, uma vez que, por estar falando com uma autoridade, a pessoa deve ter uma fala mais monitorada.

Trecho 87:

DOC.: Mas a senhora... é... acha que algum alunoalaria assim com a reitora? Diria “Não sei não”?

AUX.: “Sei não”.

INF.: Eu sou bem mais velha do que vocês, eu acho que um aluno falar assim com uma reitora já é uma falta de... de respeito, porque de certa forma, você tá falando com uma autoridade, né?

DOC.: Sim.

INF.: Entendeu? Então... eu não... não concebo essa forma de falar como uma coisa normal.

DOC.: Uhn rum. Certo.

INF.: Certo. Não tô vendo aí só a colocação, a frase (DOC.: uhn rum.), mas eu tô vendo também a questão... respeito.

DOC.: Sim. Né, porque é a reitora... certo. E falando no meio de amigos...?

INF.: Ah, aí no meio de amigos, eles vão falar do jeito que eles... eles se entenderem bem (DOC.: uhn.). Meu filho diz pra mim “Vou nada, mãe”.

DOC.: (risos)

INF.: Entendeu?

DOC.: uhn rum.

(Inf. 15)

A informante, provavelmente por perceber que se tratava de um teste de natureza linguística, ressalta que, nesta situação, não está avaliando a estrutura isoladamente, mas o contexto e as pessoas do discurso. Em um contexto mais informal, isto é, em uma conversa entre pessoas próximas, essas estruturas seriam aceitáveis. Com isso, reconhecemos que ela tem consciência, apesar de não sistematizada, da variação estilística.

5.3.1.3 Crenças sociais acerca da dupla negação

Dentre as 36 crenças identificadas, 17 são de natureza social, sendo estas as mais recorrentes. cremos que isto se dê pelo fato de que características sociais são mais perceptíveis ao falante: as pessoas tendem a relacionar o modo de falar dos indivíduos com seus status social, cultura, personalidade, origem regional, entre outros. As crenças sociais identificadas nesta pesquisa estão principalmente relacionadas à faixa etária dos falantes e seus locais de origem.

Crença 20 – A dupla negação é um costume herdado dos mais velhos

No que tange à análise do fator faixa etária em estudos sobre a dupla negação, não há uniformidade na distribuição da realização da estrutura entre pessoas mais jovens e mais velhas. O falante 22, que apontou a dupla negação várias vezes como a mais adequada durante o teste, afirma que o uso da estrutura em sua comunidade é decorrente do falar de pessoas mais antigas, que foi herdado e permanece até os dias atuais.

Trecho 88:

DOC.: Ahn ran. Mas ela podia falar como?

INF.: A filha poderia dizer “Eu não desliguei o fogão”, mas, pelo costume da mãe, ela diz: “Não desliguei o fogão não”.

DOC.: Ah tá... Pelo costume da mãe

INF.: É. Pelo costume da mãe, ela aprendeu foi assim, aí ela diz é assim. (...) DOC.: uhn... certo. E o senhor costuma falar mais como?

INF.: Eu costumo falar nessa seguinte forma como eu tô dizendo, porque fui o costume da mãe, e pra melhor entender, da avó que me criou, aí era só desse jeito que ela falava que eu também falo.

INF.: Ah... quase tudo assim. É como eu tô dizendo, uma vez uma menina disse pra mim, “onte não, Ângelo, ontem!” (risos) É assim que é. “Cumpade não, é compadre!”

DOC.: Tentando mudar seu jeito de falar, né?

INF.: Tentando mudar! Mas é só assim que a gente acostumou, é só assim que a gente fala.

(Inf. 22)

Para ele, na SE 4, a garota responderia à mãe fazendo uso de Neg2 justamente por conta da convivência com ela, que também foi ensinada por seus antepassados a falar da mesma forma. O informante demonstra ainda certa insegurança linguística, pelo fato de se sentir julgado pelo modo como fala, no entanto, ele explica que assim lhe foi ensinado pelas pessoas antigas de sua comunidade e que permanecerá falando da mesma maneira.

Trecho 89:

INF.: Aí “Não sei não” (risos)

DOC.: Ah sim.

((Confirma-se que o falante tem uma atitude negativa a respeito de neg2, apesar de se reconhecer falante))

INF.: É, todas as palavra da gente, é tudo assim, é como eu tô dizendo, às vezes tem uns... “Aquele pessoal ali, eles falo tudo é daquele jeito” ((com desdém)) Mas é por causa dos costume dos velho.

DOC.: Uhn run.

INF.: Aí nós apredimo e isso ficou!

DOC.: Com certeza. Aí fica, né? O jeito de falar também é herança.

INF.: Também é herança, o jeito de falar. É! Tudo é herança! A mesma coisa é como eu disse, o tipo de dança, dança de tambor, num é?

DOC.: Uhn run.

(Inf. 22)

Esse depoimento pode remeter à hipótese crioulistica de que a dupla negação – e a negação pós-verbal – é uma das consequências do contato de línguas africanas com o português,

supõe-se que, a dupla negação seria mais recorrente na fala dos mais antigos, uma vez que seu uso seria passado de geração em geração, estando presente principalmente na fala dos mais velhos. Além disso, observamos que o informante equipara o jeito de falar à dança de tambor, uma das incontestáveis heranças africanas para cultura brasileira/maranhense, ao afirmar que ambos são heranças deixadas pelos mais velhos.

Podemos relacionar ainda essa colocação ao comentário feito pelo informante 12, natural de São Luís, acerca da origem da estrutura, no qual afirma que a dupla negação pode ser oriunda da forma precária como os escravos aprenderam a língua falada no Brasil no período escravagista:

Trecho 90:

DOC.: E o senhor escuta aqui em São Luís as pessoas repetindo o NÃO?

INF.: Olha, em São Luís se fala melhor o português, mas no interior, principalmente no sertão no Maranhão, não se fala a mesma coisa. Os termos são diferentes, porque foi se passando de pai pra filho (inint.). Principalmente, porque no sertão, no interior, é onde se localizava os escravos, aquelas pessoas que não tinham conhecimento, nada de leitura, essas coisas. E eles começaram a aprender o português, porque tiveram a necessidade de falar, mas sempre falavam mal, atravessado, essas coisas. E isso foi ficando, foi sendo adquirido pelo sertanejo que continuou vivendo assim. Isso é o que eu acho, não sei se é certo, porque é o que eu tô pensando, mas eu calculo que essa razão é justamente por falta desses conhecimentos.

(Inf. 12)

Crença 21 – A dupla negação é realizada por pessoas mais velhas, não sendo tão recorrente entre os jovens, pois a fala destes se aproxima mais à variedade padrão

O informante 22 afirma que a dupla negação é hábito não só herdado dos seus antepassados, como também uma prática atual entre os mais velhos. Ele, que faz parte do grupo da segunda faixa etária, se assume como usuário de Neg2 e afirma que seu uso não é tão recorrente entre os mais jovens.

Trecho 91:

DOC.: E eles costumam falar assim: “Num vou não. Tenho muita coisa pra fazer”?

INF.: Tem, tem muita coisa que eles digam. “Não, num vou não. tem muita coisa preu fazer”.

DOC.: Uhn...

INF.: Ainda digam assim: “Não, num foi ele que me convidou pra mim ir em tal parte, mas eu num vou não, tenho muita coisa pra mim fazer”

DOC.: Ah sim... Os mais velhos falam desse jeito, é?

INF.: Falam desse jeito.

(...)

DOC.: E os mais novos também falam assim?

INF.: Os mais novo, não. Os mais novo hoje já tem alguma coisa diferente pra dizer. D. chega lá em casa com os menino. Eu disse: “eu te olhei ontem”. Ela disse: “ontem não, Ângelo, ontem!” (risos) “Eu te olhei ontem!” Pois é, eles já não falam assim. Ontem! Eu digo “ontem”

DOC.: Ah sim.

INF.: Todo tempo eu digo assim. A mesma coisa... “cumpade”, é só assim que eu chamo, “meu cumpade”, né? Mas eu digo é “compadre”, né? (risos)

DOC.: Compadre, né? Os mais novos falam assim.

INF.: Compadre, e eu falo “cumpade”.

DOC.: E eles falam assim: “Eu num vou não”?

INF.: Eles falam “Eu num vou não, tenho alguma coisa pra fazer”, os mais velho. Os mais novo é algum, algumas veze quem diga.

DOC.: Ah tá, mas é mais os mais velhos, né?

INF.: É mais os mais velhos. Eu, no caso, é assim que digo.

DOC.: É?

INF.: “Eu num vou não, eu tenho alguma coisa pra fazer”.

(Inf. 22)

Verificamos que ele comenta que os mais novos, além de não serem usuários de Neg2, costumam “corrigir” os mais velhos, incentivando-os a fazerem uso da norma padrão. Com isso, supomos que, para o informante, Neg2 é considerada um desvio da norma, uma vez que ele o equipara à redução do ditongo final em ontem > /onti/ e outras variações fonético-fonológicas do PB que geralmente são estigmatizadas.

Vale ressaltar que, além do informante 22, a informante 19, também natural de Jamary dos Pretos, sinaliza que a dupla negação é uma estrutura mais recorrente entre os mais antigos.

Trecho 92:

DOC.: uhn. Os jovens aqui, eles costumam falar assim?

INF.: costumam.

DOC.: é? E os mais velhos também falam?

INF.: também.

DOC.: uhn...

INF.: os mais velho... os mais velho que fala.

DOC.: ah, é? Os mais velhos que falam desse jeito “Não sei não”?

INF.: é.

(Inf. 19)

Crença 22 – A dupla negação não é realizada por pessoas mais velhas

O informante 20, também de Jamary dos Pretos, ao contrário, afirma que a dupla negação é mais frequente entre os mais jovens. Embora tenha assinalado a dupla negação como erro gramatical em outro momento da entrevista, (cf. Crença 4), na SE 2 comentada a seguir, o informante afirma que a estrutura não é realizada entre os mais velhos, pois eles costumam “falar errado”. Vale ressaltar que o exame das opiniões (cf. Crença 17) emitidas por esse

informante, como visto, evidenciam sua insegurança linguística e isso se torna mais manifesto quando consideramos a SE 2.

Trecho 93:

INF: A correta, pra falar a verdade...

DOC: Não precisa ser a correta, mas qual o senhor falaria?

INF: NÃO VOU NÃO

DOC: E as pessoas aqui costumam falar desse jeito?

INF: costuma, costuma.

DOC: Os mais velhos também falam assim aqui em Jamary?

INF: Os mais velho é pouco pra acertar, fala realmente quase tudo errado.

(Inf. 20)

A observação feita por este informante contrapõe o comentário feito pelo informante 22 a respeito da estrutura: a dupla negação é um costume aprendido com os mais antigos e recorrente entre os mais velhos da comunidade (*cf.* Crença 20).

A informante 15, natural de São Luís, segunda faixa etária, que fez uso da dupla negação em discursos livres, declara que tanto ela, como suas irmãs da mesma faixa etária, não são usuárias de Neg2. Quando questionada sobre se seus pais seriam usuários da estrutura, afirmou: “esses termos, a gente não tinha em casa”.

Trecho 94:

DOC.: suas irmãs não falaria de outra forma?

INF.: normalmente, não. A gente tem mais ou menos o mesmo ritmo de... falar.

DOC.: uhn. Os seus... os seus pais eles falavam também assim? A senhora lembra? De em casa se a senhora escutava seus pais falando assim “Ah, não lembro não”?

INF.: Não, esse “Não lembro não”, “Faço isso não”, “Quero isso não”... esses termos a gente não... não tinha em casa.

DOC.: uhn rum. Não tinha, né?

INF.: não.

(Inf. 15)

Crença 23 – A dupla negação é mais recorrente entre os mais jovens

Os dados quantitativos desta pesquisa (*cf.* Tópico 5.1.2) mostraram que a dupla negação foi levemente favorecida na fala de informantes da primeira faixa etária (58% das realizações), apesar de, por vezes, não ter sido selecionada como relevante em outros estudos sobre a negação (*cf.* ROCHA, 2013; NASCIMENTO, 2014). Contudo, observamos que, entre os falantes entrevistados, principalmente os de São Luís, há a crença de que a dupla negação seria característica do falar de pessoas mais jovens. A informante 15, que realizou espontaneamente a dupla negação diversas vezes, afirma não ser usuária, mas reconhece esse uso na fala de seus filhos.

Trecho 95:

DOC.: mas a senhora costuma falar assim?

INF.: não.

DOC.: não, né?

INF.: não.

DOC.: uhn... então é mais... a senhora escuta mais... as pessoas mais...?

INF.: mais as pessoas mais novas.

(...)

DOC.: (risos) não falaria mesmo? (Neg2)

INF.: não.

DOC.: né?

INF.: não falaria mesmo.

DOC.: a sua filha falaria... de outra forma?

INF.: eu acho que a minha filha falaria assim “E tu não quer ficar boa não?”

(...)

DOC.: Mas a senhora escuta, por exemplo, os mais jovens falando de outra forma ou... aqui em São Luís?

INF.: eu... pelo... pelos meus filhos, em casa, eles usam o “Não vou não”.

DOC.: ah, é? (INF.: é.) Os seus filhos?

INF.: me... meu... meus dois mais novos falam “Não vou não”.

(Inf. 15)

A informante afirma perceber que seus filhos realizam a dupla negação quando estão em casa, o que nos leva a supor que ela associe o uso da estrutura a um estilo mais informal, espontâneo.

A informante 17, primeira faixa etária, natural de Jarmy dos Pretos, percebe o uso de Neg2 em sua comunidade, porém apenas entre os mais jovens. Durante o teste, ela escolheu a negação pré-verbal como a mais adequada em todos os contextos, com exceção da SE 7, o único contexto em que ela admitiria usar a estrutura. Supomos que este seja um indício de insegurança linguística, pois ela opta por uma estrutura que não considera característica do falar de sua geração.

Trecho 96:

DOC.: É? Mas eles costumam falar assim “Não quero não, já comi”?

INF.: Às vezes.

DOC.: Falam?

INF.: Uhn run.

DOC.: Tu escutas muito o pessoal falando?

INF.: Às vezes escuto.

((Afirma que os mais velhos são usuários de Neg1 e não Neg2, e sugere que Neg2 seja mais recorrente entre os mais novos))

DOC.: Os mais velhos falam assim também?

INF.: Não, falam do jeito que eu falei (Neg1).

DOC.: Ah, os mais velhos falam do jeito que tu falaste.

INF.: Uhn run.

DOC.: Os mais novos que falam assim, é?

INF.: É.
(Inf. 17)

Crença 24 – O uso da dupla negação independe da faixa etária

Em relação à faixa etária, constatamos uma tripartição entre o grupo de sujeitos da pesquisa: (i) alguns creem ser a dupla negação característica do falar de pessoas mais jovens; (ii) outros atribuem tal uso a pessoas velhas; (iii) e há ainda aqueles que creem que este uso independe da questão etária. Os informante 4 e 11, naturais de São Luís, com nível 3 e 2 de consciência linguística, respectivamente, representam o terceiro grupo:

Trecho 97:

DOC.: Assim, são pessoas mais novas (que realizam Neg2)?
INF.: é... mais nova, mais velha.
DOC.: todo mundo fala assim?
INF.: e num é?
DOC.: aqui em São Luís o senhor escuta muita as pessoas falando assim?
INF.: *tu não é de São Luís não?*
DOC.: sou.
INF.: ah...
(Inf. 4)

Trecho 98:

DOC.: Mas a senhora escuta as pessoas falando assim desse jeito NÃO VOU NÃO?
INF.: Escuto muito.
DOC.: São as pessoas mais novas, mais velhas?
INF.: Novo ou velho é tudo a mesma coisa.
(Inf. 11)

Os informantes 13 e 14 compartilham da mesma crença e afirmam, respectivamente, que o uso da estrutura está relacionado à falta de leitura e à origem regional dos falantes, como evidenciam os trechos a seguir.

Trecho 99:

AUX.: A senhora escuta mais é com pessoas mais velhas ou mais novas?
INF.: Tanto faz, minha querida! Porque se eu não leio, eu não sei conversar, eu não sei escrever, eu não sei nada.
AUX.: É mais então pra quem não tem leitura?
INF.: Justamente. Por isso que eu tava te dizendo que esse palavreado logo do começo a gente ouve muito, muito, mas dos meus menininhos que vêm do interior.
DOC.: Uhn...
INF.: Aí vem a mãe e tal e diz assim: “Maih muié! Ele num feh não, muié!”. E tu vai fazer o quê? São essas coisas... leitura, tem que ter leitura!
(Inf. 13)

Trecho 100:

DOC: E o senhor acha que tem diferença entre os mais velhos e os mais jovens?

INF: Não, eu acho que a linguagem, ela...é da região, do habitat da pessoa.

(Inf. 16)

Crença 25 - A dupla negação é falada por pessoas sem instrução

Há sujeitos que associam o uso da dupla negação ao falar de pessoas sem instrução, como o informante 10, de São Luís – segunda faixa etária e grau I de escolaridade. Para ele, a pessoa que responde a um questionamento fazendo uso de Neg2 é uma “iniciante”, isto é, alguém “que não tem um certo grau de instrução”. Isso nos remete ao comentário feito pela informante 13 (cf. Crença 4) que relaciona o uso da estrutura à falta de leitura.

Trecho 101:

INF: Por mim, certo a última “NÃO FUI EU”, porque é a mehma coisa, ele volta a usar a palavra “não”. “NÃO FUI EU... NÃO”. Olha, você ver que não encaixa o texto, a palavra, a pergunta no texto “NÃO FUI EU NÃO” isso tá... é uma pergunta assim... elaborada pra iniciante.

DOC: O senhor acha que esse tipo de resposta é pra iniciante?

INF: É, e pessoas que eu acho que não tem um certo grau de instrução, pouca instrução, não muita instrução. A pessoa responder uma pergunta desse tipo, dessa natureza.

DOC: O “NÃO FUI EU NÃO”?

INF: o “NÃO FUI EU NÃO”

(...)

DOC: E o senhor já ouviu alguém falar assim?

INF: Já. Eu lido e tô em contato constantemente, até dentro da minha profissão mesmo eu lido com pessoas de pouca instrução, como eu, entendeu, que a gente vê muito esses erros. É no cotidiano.

(Inf. 10)

Retomando os comentários do informante 10, vale destacar que, apesar de se incluir no grupo de pessoas sem instrução, ele não se reconhece usuário de Neg2, entretanto, afirma perceber o uso dessa estrutura em seu meio social, no qual, em sua opinião, “a gente vê muito esses erros”.

Crença 26 - A dupla negação é característica de uma fala elementar, rudimentar

A dupla negação foi apontada também por um dos falantes como característica de um falar elementar, rudimentar, provavelmente por não compor a norma padrão da língua.

A informante 15, que declarou ser a dupla negação mais recorrente entre os mais jovens, trabalha em uma universidade e diz estar em contato direto com essa geração, cotidianamente. No entanto, afirma que nem todos fazem uso da estrutura: os que mais a realizam, segundo crê, são aqueles de fala mais “elementar”, denotando uma atitude negativa perante a estrutura.

Trecho 102:

DOC.: mas a senhora costuma falar assim?

INF.: não.

DOC.: não, né?

INF.: não.

DOC.: uhn... então é mais... a senhora escuta mais... as pessoas mais...?

INF.: mais as pessoas mais novas.

DOC.: aqui no curso, os meninos chegam pra falar com a senhora, a senhora percebe que eles falam desse jeito?

INF.: alguns.

DOC.: uhn.

INF.: tem aqui... a gente tem duas... duas coisas diferentes. A gente vê uns alunos que falam bem mais melhorados e a gente vê outros que falam mais... de forma mais elementar.

(Inf. 15)

Em outro momento da entrevista, ela explica que considera não só o tom de voz do falante, mas também a estrutura em si que, para ela, é uma forma mais “rudimentar”, provavelmente por esta não ser a estrutura canônica de negação. A negação pós-verbal – outra estrutura não-canônica –, por sua vez, seria característica do falar rural, do campo, como evidencia o trecho a seguir extraído de seus comentários:

Trecho 103:

DOC.: Mas a senhora vê diferença nessas três formas?

INF.: olha, aí a diferença é mais o... o tom de voz das pessoas, certo? (DOC.: uhn.) Agora o... o termo, significado... o “Não quero não.” é uma forma mais... mais... como é que a gente pode dizer? Mais... mais rudimentar. “Quero não.” é mais... a fala mais... mais do campo... mais rural.

(Inf. 15)

Crença 27 - A dupla negação é característica de um falar caipira, interiorano, rural

A dupla negação, além de ter sido associada à linguagem coloquial e rudimentar, foi também apontada como característica do falar rural, interiorano, pelos falantes 10, 12, 13, 15, 16. Mello *et al*(1998), ao estudar as estruturas negativas no PB, afirmam que a dupla negação e a negação pós-verbal são recorrentes em dialetos rurais.

Os informantes 10 e 12, de mesmo perfil social, não realizaram a dupla negação espontaneamente em discursos livres e afirmaram que a estrutura é característica da fala de pessoas, do interior, “caboco”. Observamos, com isso, uma atitude negativa por parte destes dos falantes, evidenciada também pelo uso dos termos pejorativos “caboco” e “caipira”.

Trecho 104:

INF: “NÃO SEI”

DOC: Então...

INF: É a resposta certa, porque a reitora faz a pergunta e lá alguém fala “NÃO SEI NÃO”. Eu considero assim, não é discriminado, nem preconceito, mas é um resposta muito da caipira.

(Inf. 10)

Trecho 105:

INF.: Não, porque você diz “Tu vai lá?”, “Não vou não.” Porque não há necessidade! Se você já disse não, por que o outro NÃO depois?

DOC.: Ah sim. O senhor acha que não precisa, né?

INF.: Não, mas é um hábito que muita gente tem, principalmente o caboco do interior. Ele diz: “Cê gosta disso?”, “Não, eu num gosto não”, e às vezes ele repete três, quatro vezes o mesmo não”.

(Inf. 12)

A informante 13, professora de língua portuguesa, além de apontar o uso da dupla negação como decorrente de pouca leitura, crença que compartilha com os informantes 10 e 12, crê que o uso de Neg2 é mais recorrente na fala dos alunos que migram do interior para a capital. Na escola, na condição de professora, tenta moldar a fala do aluno à variedade padrão da língua que, evidentemente, não inclui a dupla negação.

Trecho 106:

DOC.: E a senhora já ouviu alguém falar....

INF.: Essas coisa aí??

DOC.: “Não quero falar sobre isso não”?

INF.: Mah menino!

AUX.: Na escola os meninos falam?

INF.: Não. É muito difícil. Geralmente é quando eles vêm de outros lugares assim, aí a gente vai dando um jeitinho aqui pra ele ir conversando melhor. Mas a gente conversa, tem gente que conversa é muito!

AUX.: Uhn run. Outros lugares como, assim?

INF.: Interior. Muito, muito... AUX.: Aí eles falam desse jeito, né?

INF.: “Eita, muié, num fez isso não?”

DOC.: (risos)

INF.: Eu tenho uma neta que fala assim (risos). “M.!” “Oxa, vó, desculpa. Num vou falar maih não.” “Num vou falar maih não” (avaliando a fala)

DOC.: Ela é de onde?

INF.: São Luís Gonzaga!

(...)

AUX.: A senhora escuta mais é com pessoas mais velhas ou mais novas?

INF.: Tanto faz, minha querida! Porque se eu não leio, eu não sei conversar, eu não sei escrever, eu não sei nada.

AUX.: É mais então pra quem não tem leitura?

INF.: Justamente. Por isso que eu tava te dizendo que esse palavreado logo do começo a gente ouve muito, muito, mas dos meus meninozinhos que vêm do interior.

DOC.: Uhn...

INF.: Aí vem a mãe e tal e diz assim: “Maih muié! Ele num feh não, muié!”. E tu vai fazer o quê? São essas coisas... leitura, tem que ter leitura!

(Inf. 13)

Vale observar que a informante, ao representar a fala interiorana, faz uso da dupla negação realizando ainda fenômenos fonético-fonológicos estigmatizados e geralmente associados ao falar interiorano.

A informante 15, conforme visto anteriormente, associa o uso da negação pré-verbal ao falar urbano, e o da negação pós-verbal, ao falar caipira. Para ela, ocorrências de Neg3 e de Neg2 seriam documentadas com mais frequência no interior. No entanto, vale lembrar que esta informante associou anteriormente o uso de Neg2 a uma fala rudimentar, mas não necessariamente interiorana.

Trecho 107:

INF.: o “Não, já comi” é uma forma mais... mais aqui pra nós.

DOC.: uhn... daqui da...

INF.: entendeu? Mais assim da pessoa do... do... mais da cidade. Eu vejo essa... essa diferença.

DOC.: ah, certo.

INF.: entendeu? O “Quero não” é uma forma que nós aqui, na vivência que a gente tem, a gente já não... não tem.

DOC.: uhn...

INF.: mas se você estiver num interior você vê isso com... mais facilidade.

DOC.: qual que a senhora disse que vê com mais facilidade?

INF.: “Quero não”, no interior.

DOC.: ah, o “Quero não”.

INF.: “Quero não”.

DOC.: e “Não quero não”?

INF.: Também.

(Inf. 15)

O informante 16, natural de São Luís, informa que a dupla negação não é usual em sua comunidade e crê que a estrutura é mais recorrente e no interior do Maranhão. Sugere, ainda, que o fato de a estrutura ser realizada em sua localidade está relacionado com o processo migratório, resultante do deslocamento de pessoas do interior para a zona urbana em busca de melhores condições de emprego. São esses imigrantes, segundo o informante 16, que, trazem consigo marcas de seu falar, que incluem vícios de linguagem, típicos de sua região. A dupla negação está, então, inserida nesse grupo de vícios.

Trecho 108:

INF: É a segunda NÃO QUERO FALAR SOBRE ISSO. Essa forma NÃO QUERO FALAR SOBRE ISSO NÃO não é usual pra gente, essa negativa duas vezes. Eu pelo menos não fui acostumado, mas não tô dizendo que não é usual, que tem em determinadas regiões que falam isso, falam assim dessa forma.

DOC: Quais regiões?

INF: Não sei te dizer, mas acho que no interior do Estado, do Maranhão mesmo, eu já ouvi gente falar. (...)

DOC: E antigamente o senhor escutava o pessoal falando assim TU NÃO QUERES FICAR BOA NÃO?

INF: Escutava sim. Escutava, escutava. Porque às vezes as pessoas que trabalhavam ou que vêm do interior pra trabalhar, elas têm outro sotaque, outra...vamos dizer, vício de linguagem, porque é da região, típico dali da região. Sai errado pra gente.

(Inf.16)

No entanto, conforme destacamos no início deste Capítulo, a frequência de uso da dupla negação em Jamary dos Pretos, área rural investigada nesta pesquisa, se assemelha à frequência observada na área urbana, São Luís – 13% e 19%, respectivamente –, o que não corrobora a crença de alguns falantes a respeito do uso da estrutura.

Crença 28 - Característica do falar baiano

De acordo com o teste de atitudes aplicado por Roncarati (1996), a dupla negação e a negação pós-verbal já foram consideradas nordestinismos por falantes cearenses. Entretanto, pesquisas mais recentes (cf. FURTADO DA CUNHA; 2001, ROCHA 2013, NASCIMENTO, 2014) comprovam que há registro da ocorrência concomitante das três estruturas negativas, com frequência similar, nas localidades brasileiras onde a negação foi investigada.

Todavia, a ideia de que a estrutura representa um caso de nordestinismo parece ainda estar enraizada no imaginário dos falantes, incluindo os próprios nordestinos. Considerando dados mais amplos desta pesquisa, verificamos que os falantes maranhenses não associam a estrutura ao falar sulista ou de outras regiões do País, senão a localidades da região nordeste, como a Bahia, conforme mostra o trecho, a seguir:

Trecho 109:

INF.: E eles lá tão... os gaúcho... tu é doido? Eu não consegui entender o gaúcho... (DOC.: Ah, tá.) o baiano... ai, tu falou igualzinho o baiano.

DOC.: Foi? O que que eu falei igual ao baiano?

INF.: É... “Não tem... eh... não tem aí não?”

DOC.: Ah, o baiano fala assim, é?

INF.: É, o baiano. Eu digo ((interferência barulho de moto)): “Olha, como o baiano fala”, que eu fui comprar o acarajé “Oh, menina vem aqui”.

(Inf. 3)

Vale ressaltar que a informante 3, classificada com nível 2 de consciência linguística, pareceu não perceber diferenças entre as opções oferecidas durante grande parte da aplicação do Teste de Percepção. Das 14 situações apresentadas, a informante aponta apenas duas em que a dupla negação seria adequada, mas sem justificar claramente sua escolha. No entanto, é interessante ressaltar que ela mesma realizou diversas vezes a dupla negação espontaneamente durante a entrevista, apesar de não se reconhecer usuária, atribuindo o emprego da estrutura a um falar diferente do seu, o que denota insegurança linguística.

Verificamos que essa informante, faixa etária I e grau I de escolaridade, consegue perceber diferenças e atribuir características a falares regionais, porém mostra insegurança linguística ao não se reconhecer usuária da estrutura e ao afirmar que esta não é recorrente em sua comunidade de fala.

A informante 9, diante da mesma SE – SE 2 – também relaciona o uso de Neg2 ao falar baiano e demonstra insegurança ao optar primeiramente pela negação pré-verbal e, posteriormente, mudar de opinião ao ser questionada acerca de sua escolha.

Mesmo tendo escolhido anteriormente a dupla negação como mais adequada, a informante sinaliza que Neg2 lembra o falar baiano e afirma que as pessoas de São Luís não são usuárias da estrutura. Após emitir essa opinião, ela reformula sua resposta e passa a afirmar que a estrutura padrão seria a mais adequada no contexto.

Trecho 110:

INF.: O segundo “E tu não queres ficar boa?”

DOC.: A senhora falaria assim?

INF.: Ahan

DOC.: Por quê?

INF.: (risos) A segunda então. “E tu não quer ficar boa não”, acho melhor.

DOC.: É? A senhora costuma falar desse jeito? “E tu não queres ficar boa não? E tu não quer ficar boa não?” A senhora fala assim?

INF.: Não, acho mais parecido com a fala do baiano (risos)

DOC.: É? Mas aqui em São Luís as pessoas falam assim?

INF.: Não.

DOC.: Qual mesmo que a senhora disse que escolheu? Não tô lembrando...

INF.: “E tu não queres ficar boa” (com firmeza).

(Inf. 9)

Crença 29 - Característica do falar paraense

A dupla negação, que já foi identificada como *nordestinismo* (RONCARATI, 1996) e *puro brasileiro* (AMARAL, 1976 [1920]) foi associada ao falar paraense (cf. nota 37) pelo informante 24, natural de Jamary dos Pretos.

Trecho 111:

INF: Olha, tem um lugar que as pessoas falam desse jeito ((referindo-se à Neg2)).

DOC: É. Aonde?

INF: No Pará a palavra é quase desse jeito assim.

DOC: Como é a palavra?

INF: Eu não fiz não.

(Inf. 24)

Interessante observar que informantes desta pesquisa, por vezes, apontaram Neg2 como característica de outros falares, não se identificando como usuários da estrutura, como o informante 24, ao afirmar que em Jamary não se usa a dupla negação.

Crença 30 - Característica do falar cearense

Os estudos de Roncarati (1996) sobre a negação em Fortaleza, como visto no Capítulo 3, comprovam que a dupla negação, é a segunda estrutura mais recorrente, com 18% de realizações. Esse resultado apontado por Roncarati, de certa forma, encontra eco, na fala do informante 24, que afirma que essa estrutura é recorrente no português falado no Ceará. Ele explica que o português falado no Ceará difere do falado em sua localidade, afirmando que eles “não combinam”.

Para ele, o cearense fala “a palavra toda”, enquanto, para o maranhense a palavra é “repartida um pouco”. Supomos, pois, que a “palavra toda” seja a dupla negação, talvez por ter um advérbio de negação no início e outro no final da estrutura, enquanto a “palavra repartida” remeteria à negação pré-verbal, que conta apenas com um “não” na estrutura.

Trecho 112:

DOC: A mãe pergunta “VOCÊ DESLIGOU O FOGÃO?”

INF: Olha, tem um lugar que as pessoas falam desse jeito ((referindo-se à Neg2))

DOC: É. Aonde?

INF: No Pará a palavra é quase desse jeito assim.

DOC: Como é a palavra?

INF: “Eu não fiz não”. Pra cá a gente escuta “tá tudo escangalhado”. O cearense é “Eu não sei não”.

DOC: Cearense fala desse jeito?

INF: “Eu não sei não, não faço não”.

(...)

DOC: E o senhor conheceu algum cearense que falasse desse jeito?

INF: O meu avô era cearense. Como é que eu não conhecia (risos).

DOC: Seu avô falava desse jeito?

INF: Ele tinha umas palavra, muitas palavra dele não combinava com o pessoal daqui e muito do pessoal daqui não combinava com ele. Porque cearense quer falar a palavra toda e já o maranhense a palavra já é partida um pouco

DOC: Então o povo de Jamarý não fala assim NÃO FIZ NÃO?

INF: Não, não tem esse arrastado assim não.

(Inf. 24)

O informante afirma que, em Jamarý, as pessoas não são usuárias dessa estrutura, pois na fala de sua localidade não tem “esse arrastado”, atribuição feita provavelmente pelo efeito sonoro decorrente do acréscimo de mais um elemento – “não” pós-verbal – na estrutura. Interessante observar que, para afirmar que em sua localidade as pessoas não são usuárias da dupla negação, ele realizou a estrutura: “não tem esse arrastado assim não”.

Crença 31 - A dupla negação é característica do falar pernambucano

Além de ser associada ao falar baiano, maranhense e cearense, a dupla negação também foi apontada como característica do falar pernambucano pela informante 13, natural de São Luís e professora de língua portuguesa.

Trecho 113:

INF.: Então vamos ver o que pode ser.

DOC.: Sim...

INF.: Porque gente do interior, pernambucano fala muita coisa... Oh, se tô dizendo que minha neta diz “Oxe, vó!” Oh! (analisando a fala) “Oxe, vó! Num fiz isso não, muié!”, “Que isso, M.?!”

DOC.: (risos)

INF.: “Ixe, vou falar maih não!” Vou falar maih não ((analisando a fala)).

(Inf. 13)

Esta informante, como foi possível observar nas crenças anteriores, associou o uso da dupla negação à falta de leitura, ao falar interiorano e também ao falar pernambucano. Para comprovar sua asserção, afirma que sua neta, provavelmente pernambucana, realiza a dupla negação. Imitando a variedade falada por sua neta, a informante 13 faz a seguinte construção: “Oxe, vó! Num fiz isso não, muié!”, em que há a ocorrência de fenômenos como a despalatalização seguida de iotização (mulher > /muié/), o uso da interjeição “oxe” (redução de “oxente”) apontada como brasileirismo do Nordeste (HOUAISS & VILLAR, 2001, p. 2096) e a redução do não > num, que contribuem para evidenciar atitude negativa da informante perante o uso de Neg2. Essa atitude é confirmada pelo fato de ainda julgar a usuária, fazendo a pergunta “O que é isso, M.?”, com tom julgador.

Crença 32 - A dupla negação é falada em outras localidades, como Brasília

Apesar de a dupla negação ser uma estrutura recorrente em localidades de diferentes regiões do Brasil, ela geralmente é apontada pelo falante como um *nordestinismo*. Atribuição feita inclusive pelos informantes da presente pesquisa, que atribuíram o uso da dupla negação apenas ao falar de localidades nas regiões Norte e Nordeste do País.

A informante 3, no entanto, atribuiu o uso da estrutura ao falar de Brasília, localizada na região Centro-Oeste, além de tê-lo atribuído também ao falar da Bahia. Para ela, o uso de Neg2 em Brasília se justifica pelo fato de esta ser uma cidade cosmopolita, que recebe pessoas de diferentes estados, o que resulta em uma mistura de dialetos.

Trecho 114:

DOC.: E... e... tu escuta as pessoas falando assim, C., por aqui assim “Eu não sei não”, “Não fiz não”?

INF.: Não. Eu já... do jeito que tu tá falando eu já vi muito lá fora.

DOC.: Foi? (INF.: Ah rã.) Onde?

INF.: Porque em Brasília tem muita gente de vários estado lá, né (DOC.: Uhn rum. Sim...), então tu vê muita gente de... uma língua que eu não entende é... gaúcho, gaúcho eu não entendo o que ele tá falando.

DOC.: Ah, é? E eles falam assim também?

INF.: É... quase isso. Mas um... assim eu não entendi o que eles falavo.

DOC.: Uhn rum.

INF.: Tendeu?

DOC.: Sim, é mais complicado de (INF.: Mais complicado.) (entender, de falar). Ah, tá?

INF.: Tendeu?

DOC.: Então é... tu escutas mais, por exemplo, lá em Brasília tu já ouviste as pessoas falando “Eu não sei não”...?

INF.: “Não sei não”...

AUX.: “Não fiz não”...

DOC.: Uhn rum. Mas aqui... (...)

DOC.: Uhn. Mas tu não costuma falar assim “Eu não sei não”?

INF.: “Não sei não... não... esse aí não.” (DOC.: Num fala.) Esse aí é sotaque desse povo daí de fora.

DOC.: Ah, sim. Nem teu filho, nem ninguém por aqui?

INF.: Não.

(Inf. 3)

Interessante observar que a falante afirma não perceber o uso da estrutura em sua comunidade de fala, pois esta faz parte do “sotaque de fora”. Entretanto, para negar esse uso, ela realiza a dupla negação.

Crença 33 - Característica do falar maranhense

O estudo de Sousa (2016) sobre a dupla negação no português maranhense e a presente dissertação comprovam que Neg2 é a segunda estrutura negativa mais recorrente no português falado no Estado. No entanto, verificamos que uma parte significativa dos informantes selecionados para esta pesquisa tem atitude negativa perante a variante e não se reconhece como usuários.

Dentre eles, o informante 16, em dado momento da entrevista, foi o único que, de forma positiva, considerou a estrutura tipicamente maranhense. Ele, que se reconhece usuário da estrutura, apontou a dupla negação como a mais adequada em cinco das 14 SE que lhe foram apresentadas durante o teste. Das três estruturas, ele afirma que Neg2 é a que ele escuta mais.

Trecho 115:

DOC: O senhor vê diferença nas três?

INF: Vejo. Na primeira tem a negativa “NÃO QUERO NÃO, JÁ COMI” repetindo duas vezes “NÃO QUERO NÃO, JÁ COMI”. A outra “NÃO QUERO, JÁ COMI” é muito...como se fosse assim “tu tá me chateando”, “já te disse que não quero”, acho grosseiro, e a outra ! “QUERO NÃO, JÁ COMI” afirmativa primeiro que quer e depois não. Eu ficaria com a primeira, eu acho mais maranhense “NÃO QUERO NÃO, JÁ COMI”.

DOC: O senhor acha mais maranhense?

INF: Mais maranhense.

DOC: O senhor escuta as pessoas falando assim?

INF: NÃO QUERO NÃO JÁ COMI, escuto mais.

(Inf. 16)

Crença 34 - A dupla negação não realizada em São Luís (Atenas Brasileira)

O estudo de Sousa (2016) a respeito da dupla negação no português maranhense mostra que, em São Luís, a estrutura teve ocorrência de 9,7% das realizações de estruturas negativas; já os resultados do presente trabalho apontam que Neg2 reúne 19% das ocorrências dessas estruturas. As pesquisas comprovam que, mesmo com a baixa porcentagem da estrutura, seus números são significativos e evidenciam que ela é a segunda mais recorrente no português falado no Estado, igualando-se aos padrões das outras localidades que já investigaram a estrutura. Entretanto, os informantes 9, 12 e 13 denotam uma crença que não condiz com essa realidade. Para eles, a dupla negação não seria utilizada por falantes de São Luís.

A informante 9, apesar de escolher a dupla negação como mais adequada em quatro das 14 SE, afirma que a estrutura não é utilizada pelos falantes de São Luís e que esta seria característica do falar baiano.

Trecho 116:

INF.: “E tu não quer ficar boa não”, acho melhor.

DOC.: É? A senhora costuma falar desse jeito? “E tu não queres ficar boa não? E tu não quer ficar boa não?” A senhora fala assim?

INF.: Não, acho mais parecido com a fala do baiano (risos)

DOC.: É? Mas aqui em São Luís as pessoas falam assim?

INF.: Não.

DOC.: Qual mesmo que a senhora disse que escolheu? Não tô lembrando...

INF.: “E tu não queres ficar boa” (com firmeza).

(Inf. 9)

Já os informantes 12 e 13, que estão na mesma faixa etária, mas graus de escolaridade distintos – 12, grau I, e 13, grau II –, afirmam que os ludovicenses não são usuários da estrutura, enaltecendo o português falado na localidade.

Trecho 117:

DOC.: Mas a senhora considera automaticamente correto aqui em São Luís ou no Brasil? ((após a informante afirmar que, em um prova, a dupla negação não seria aceitável)).

INF.: Não, porque temos palavras e palavras, né? Empregos e empregos de palavras. Porque uma palavra só tem diversos sentidos.

DOC.: Uhn...

INF.: Só que, pra nós, eu acho, eh... ludovicenses, a gente não fala assim. E quando você ouve, você se assusta. “Vixe, olha como fulano falou errado!”.

DOC.: Ah...

INF.: Entendeste?

AUX.: Sim. Ah, então quando a senhora escuta o povo falando assim, já acha estranho, né?

INF.: Claro, a gente acha!

AUX.: Uhn run.

INF.: A gente pode é não falar. Mas de achar, acha.

(Inf. 13)

A informante 13, ao afirmar que “nós, ludovicenses, a gente não fala assim”, se insere em um grupo de patamar aparentemente mais elevado do que o das pessoas que são usuárias da dupla negação. Para ela, os ludovicenses, além de não serem usuários da estrutura, ainda julgam o uso desta quando proferidas por outros falantes.

Já o informante 12 afirma que a dupla negação não é usada em São Luís, pois aqui se fala “o melhor português”. Ele explica que o falar da capital difere do falar do interior pelo fato de este ter sofrido grande influência dos escravos trazidos para o Maranhão no período escravagista. De acordo com este informante, o português aprendido pelos escravos, de forma precária, teria influenciado o português dos sertanejos e deixado marcas que permanecem até os dias atuais.

Trecho 118:

DOC.: E o senhor escuta aqui em São Luís as pessoas repetindo o NÃO?

INF.: Olha, em São Luís se fala melhor o português, mas no interior, principalmente no sertão no Maranhão, não se fala a mesma coisa. Os termos são diferentes, porque foi se passando de pai pra filho (inint.). Principalmente, porque no sertão, no interior, é onde se localizava os escravos, aquelas pessoas que não tinham conhecimento, nada de leitura, essas coisas. E eles começaram a aprender o português, porque tiveram a necessidade de falar, mas sempre falavam mal, atravessado, essas coisas. E isso foi ficando, foi sendo adquirido pelo sertanejo que continuou vivendo assim. Isso é o que eu acho, não sei se é certo, porque é o que eu tô pensando, mas eu calculo que essa razão é justamente por falta desses conhecimentos.

(Inf. 12)

Interessante observar que, mesmo sem ter conhecimento teórico a respeito da estrutura, o informante apresenta uma explicação similar a uma das correntes teóricas que busca explicar a origem da dupla negação no PB: a hipótese crioulistica.

Segundo essa hipótese, a dupla negação teria se originado do contado entre a língua portuguesa com as línguas de escravos africanos. Nessa perspectiva, a convivência entre africanos e portugueses teria ocasionado uma situação de bilinguismo, uma vez que os africanos tinham sua própria língua, mas tiveram de aprender a língua portuguesa e, nesse processo, algumas características das línguas africanas teriam sido transportadas para a língua portuguesa, entre elas, a dupla negação.

Mello *et al*(1998) afirmam que:

Estas estruturas negativas duplas e de final de predicado encontram paralelos num subgrupo de línguas crioulas, principalmente de base ibérica, por exemplo, no palenquero, no crioulo de base castelhana falado na Colômbia (Schwegler 1988, 1991d, 1993b, e no prelob) e nos crioulos de base portuguesa do Golfo de Benim (Holm 1987, 1992; Mello & Lorenzino 1992; Mello 1992; Schwegler 1993b e no prelo “b”; Günther 1973:78). Além disso, existem estruturas paralelas no português de São Tomé e Angola, e no castelhano da República Dominicana (Schwegler no prelo “b”) e das áreas de população negra na Colômbia (Schwegler 1993b e no prelo *b*). (MELLO et al, 1998, p. 105).

Os estudiosos fazem referência ao trabalho de Schwegler (1991), que concluiu a priori que a origem interna de Neg.2 e Neg.3 poderia ser europeia, porém em um estudo posterior, o pesquisador infere que essas estruturas podem ser resultado de uma possível influência de modelos afro-portugueses. A maior realização dessas estruturas foi registrada em Salvador, fato que pode estar relacionado com a grande concentração de pessoas de procedência afro-brasileira na região. Careno (1997), dentre outros autores, assume também a origem africana da dupla negação.

Verificamos, ainda, que a justificativa dada pelos informantes 12 e 13 pode estar diretamente relacionada com o antigo mito, presente não só no imaginário dos maranhenses mas também no imaginário de brasileiros oriundos de outros estados, que se materializa na ideia de que os maranhenses falam o melhor português do Brasil. Esse mito é aludido por Serra (1965), Couto (1986), Travaglia (1996). O primeiro, ao comentar a forte relação entre o português padrão e o povo da capital maranhense no século XIX, afirma que esse mito, que deu à cidade o título de Atenas Brasileira, surge devido ao grande número de maranhenses que viajavam a Coimbra na época:

Essa “influência” vem de longe, tem suas raízes na velha Coimbra, onde estudaram gerações e gerações de maranhenses, que foram seus filósofos, seus matemáticos, seus botânicos, seus romancistas, seus polígrafos de renome. Até hoje, o *estilo* do maranhense é oratório, é coimbrão. A velha cidade portuguesa enchia a cabeça dos jovens, que de lá voltavam com suas capas romanescas, suas cabeleiras empoadas, saturados de idéias revolucionárias. Toda uma geração de boêmios intelectuais deu à nossa gente “êsse” *espírito* de grande apêgo às letras e às artes. Essa tradição é o maior orgulho da terra. O maranhense sempre incha o papo quando diz: isto aqui é a “Atenas Brasileira”. Existe até no homem do povo, êsse orgulhinho cabloco. (SERRA, 1965, p. 17).

A seguir, mais trechos de entrevistas que também compartilham a crença de que em São Luís se fala o melhor português. A informante 3, por exemplo, que relaciona o uso da dupla negação com o falar baiano, relata um acontecimento enfatizando que os ludovicenses são conhecidos por falarem “tudo certinho, sem sotaque”.

Trecho 119:

INF.: Tanto que lá, quando eu cheguei lá o rapaz perguntou... eu fui no comércio, eu disse “Boa tarde”, aí ele disse “Você não é daqui, da onde você é?”, eu disse “Eu sou do São Luís do Maranhão”, porque tá falando certinho.

AUX.: Ah...

INF.: Tendeu?

DOC.: Ah, é?

AUX.: E no Rio de Janeiro, pra onde a senhora viajou?

INF.: É... eu já... eles... eles sabem logo que a pessoa fala...

AUX.: Eles costumam usar “Não sei não”?

INF.: Não, porque eles chamam muito.

DOC.: Ah, tá.

INF.: Tendeu?

(...)

INF.: Aí ele disse “Você não é daqui”, eu disse “Não, eu sou do São Luís do Maranhão”.

DOC.: Ah...

INF.: Tendeu? Fala certinho, não fala... com sotaque. (DOC.: Uhn...) Assim que ele me disse, tendeu?

DOC.: Ah, sim. Quando tu falou que era de São Luís, eles disseram que tu falava certinho?

INF.: Foi, que falava certinho. Não tem sotaque.

(...)

DOC.: E outras pessoas chegaram a falar isso pra ti lá em Brasília que tu falava certinho?

INF.: Já... tem... lá no mês de junho tem a festa do Nordeste (DOC.: Uhn.), e a gente... cada... cada estado tem a sua barraca (DOC.: Uhn rum), aí tinha a nossa do Maranhão, aí ele disse “Ah, a barraca que fala certinho”.

DOC.: (risos)

INF.: (inint.) que a gente não tinha sotaque.

(Inf. 3)

O informante 16, que afirma ser o uso da dupla negação independente da faixa etária do falante, declarou ainda que este uso está relacionado com o fator diatópico e que São Luís, por ser a Atenas Brasileira, teria o falar mais puro, preservado.

Trecho 120:

DOC: E o senhor acha que tem diferença entre os mais velhos e os mais jovens?

INF: Não, eu acho que a linguagem, ela...é da região, do habitat da pessoa. Às vezes a gente...também é dito que a gente fala um pouco cantando, mas não excessivamente como o baiano, como o pernambucano. Eu acho que da região Nordeste, Norte, nós somos...por isso que somos considerados a Atenas Brasileira, porque a nossa sonoridade é melhor, e ela é correta, com os pronomes, com colocação. A gente não canta, não verbera. Eu acho isso.

(Inf. 16)

O informante afirma ainda que o falar de São Luís tem “sonoridade melhor, é correto, que não canta ou reverbera”. Sabemos, contudo, que o português falado atualmente no Maranhão se distancia dessa visão; no entanto a ideia de que no Estado se fala o melhor português parece perdurar até os dias de hoje, ainda estando enraizada no imaginário de muitos falantes, fato evidenciado pelos dados de Miranda (2014), coletados também por meio da aplicação de um teste de atitudes a falantes de duas localidades maranhenses, e pelos dados deste estudo.

Crença 35 - A dupla negação não é utilizada por falantes de Jamary dos Pretos

Apesar dos dados apontarem que a dupla negação é a segunda estrutura negativa mais recorrente em Jamary – reunindo 13% das realizações – e de os informantes da pesquisa sinalizarem que se trata de um costume da comunidade herdado pelos mais antigos, há ainda aqueles que afirmam que a estrutura não é recorrente na comunidade.

A informante 17, que apontou a dupla negação como adequada apenas na SE 7, afirma que não percebe o uso da estrutura em Jamary.

Trecho 121:

DOC.: Assim não, né? E assim “Ixe, não desliguei o fogão não”?
 INF.: Não, assim também não.
 AUX.: Você acha estranha essa...
 INF.: Eu acho.
 AUX.: “Não desliguei o fogão não”?
 INF.: Eu acho.
 DOC.: Acha estranho, é? Será que onde o pessoal fala assim? Tu já ouviste alguém de fora falar desse jeito?
 INF.: Não.
 (Inf. 17)

A informante afirma que escuta, por vezes, as pessoas falando dessa forma, mas se declara não usuária, além de afirmar que os mais velhos também não utilizam Neg2 e que realizam apenas a negação pré-verbal, assim como ela.

Vale observar que a informante pareceu não estar muito confortável durante entrevista e apontou a estrutura canônica – negação pré-verbal – em 13 das 14 situações apresentados. A SE7 pareceu ser a situação com a qual a informante mais se identificou e, talvez por isso, tenha optado pela dupla negação como mais adequada, uma vez que foi a situação na qual demonstrou mais espontaneidade.

Crença 36 - A dupla negação é utilizada em Jamary dos Pretos

Conforme pudemos verificar no início deste capítulo, a dupla negação, apesar da baixa porcentagem do nível de ocorrências, é a segunda estrutura negativa mais recorrente no falar de Jamary dos Pretos. Falantes da comunidade considerados para este estudo, apesar de terem realizado pouco a estrutura – talvez pelo fato de não se sentirem muito confortáveis durante a entrevista – afirmaram que reconhecem a dupla negação em sua comunidade de fala e que esta pode ser considerada até um costume da região.

As informantes 19, 21 e 23, mulheres naturais de Jamary, declararam que percebem o uso da estrutura na comunidade. A informante 19 acrescenta ainda que sempre escuta as pessoas fazendo uso da estrutura, o que denota que a dupla negação é percebida por ela como uma construção recorrente no falar da comunidade.

Trecho 122:

DOC.: ah, então seria “Não quero não, já comi”?
 INF.: é.
 DOC.: as pessoas em Jamary falam assim?
 INF.: Falo, sempre eles falo.

(Inf 19)

INF: “NÃO VOU NÃO”

AUX: A senhora falaria assim? “Não vou não. Tenho muita coisa pra fazer”...

INF: Sim. Exatamente

AUX: Mas as pessoas aqui em Jamary elas falam desse jeito?

INF: Fala.

AUX.: Falam? Falam assim?

INF.: Falam sim.

AUX: É característico daqui?

INF: É! Tem muitas pessoa que fala assim: “Não vou não”.

(Inf. 21)

Trecho 123:

DOC.: e o pessoal em Jamary aqui fala mais como? Que a senhora escuta?

INF.: “Não quero não”.

DOC.: é?

INF.: é.

(Inf. 23)

A informante 21, da segunda faixa etária, justifica o uso da estrutura como característico da comunidade, argumentando que cada localidade tem seu modo de falar específico e que a dupla negação compõe o modo de falar de Jamary. Essa colocação nos remete também a uma das crenças que o informante 22, também pertencente ao grupo da segunda faixa-etária, destacou sobre a dupla negação – um costume herdado dos mais antigos de sua comunidade –, o que nos faz entender que o uso da estrutura pode também ser considerado por ele como típico da região.

Trecho 124:

INF: Eu não sei porquê. Porque é assim, ó, em cada cidade, cada povoado tem um modo de falar diferente.

AUX.: Uhn...

INF.: É.

AUX.: É diferente mesmo...

INF.: É diferente!

AUX: Agora aqui em Jamary... Isso é daqui, é? As pessoas falam assim.

INF: Eh, é o daqui.

(Inf. 21)

Trecho 125:

DOC.: O senhor escuta as pessoas falando assim “Não quero não”?

INF.: “Não quero não”, eu sempre escuto as pessoas falar. “Eu não quero, eu não quero não”.

DOC.: Uhn... e o senhor fala assim também?

INF.: Eu, às vezes. Quando às vezes a gente tá aborrecido. Aí, “rapaz, eu tenho tal coisa aqui pra ti.” “Não, eu num quero não”.

DOC.: Ah, é quando tá aborrecido, né?

(...)

DOC: Em Jamary as pessoas não falam assim?

INF: “NÃO QUERO NÃO”? Falaria, falaria.

(...)

INF.: É, todas as palavra da gente, é tudo assim, é como eu tô dizendo, às vezes tem uns... “Aquele pessoal ali, eles falo tudo é daquele jeito” ((com desdém)) Mas é por causa dos costume dos velho.

DOC.: Uhn run.

INF.: Aí nós apredimo e isso ficou!

DOC.: Com certeza. Aí fica, né? O jeito de falar também é herança.

INF.: Também é herança, o jeito de falar. É! Tudo é herança! A mesma coisa é como eu disse, o tipo de dança, dança de tambor, num é?

DOC.: Uhn run.

(Inf. 22)

Já o informante 20, da primeira faixa etária, parece perceber que se trata de um teste linguístico e, provavelmente, pelo fato de ter estudado pouco, sinaliza que não tem muito conhecimento sobre o assunto. No entanto, ele indica que grande parte das pessoas da comunidade fala certo, e o certo, para ele, seria o uso da dupla negação diante do contexto apresentado.

Trecho 126:

INF: Sobre linguagem aqui, eu não sei, mas tem umas pessoas aqui, quase a maioria, falam certo.

DOC: E o senhor acha que o certo seria como?

INF: NÃO QUERO NÃO.

(Inf. 20)

É possível observar que, diante das crenças identificadas nesta pesquisa, grande parte delas denota atitude negativa dos falantes perante a estrutura, apesar de muitos serem seus usuários, mesmo que inconscientemente. Entendemos com isso que, diante da classificação proposta por Labov, a dupla negação pode ser considerada um *marcador linguístico*, uma vez que os falantes, apesar de expressarem suas opiniões e crenças a respeito da estrutura, por meio da aplicação de um teste de percepção, eles não são totalmente conscientes desse uso e, por vezes não, se percebem seus usuários, apesar de sê-lo.

5.3.2 O nível de consciência dos falantes e suas crenças

Conforme explanado na Metodologia (cf. Capítulo 4), a identificação do nível de consciência linguística do falante torna-se relevante à medida que contribui para a ampliação do conhecimento linguístico acerca dos fenômenos em questão, além de auxiliar na compreensão dos processos de mudança linguística. Com isso, elaboramos o Quadro 7, a seguir, que identifica o nível de consciência de cada falante

Quadro 14 - Distribuição de crenças por informante e nível de consciência linguística

INF.	NÍVEL CONSCIÊNCIA	NÚMERO DE CRENÇAS		
		<i>Estruturais</i>	<i>Contextuais/discursivas</i>	<i>Sociais</i>
1	0	-	-	-
2	0	-	-	-
3	2	3, 4	-	28, 32
4	3	4, 9	14	24
5	3	-	10, 12, 13, 14, 15	-
6	1	1	15, 16	-
7	3	4, 8, 9	15, 16, 18	-
8	3	3, 8	15, 17, 18	-
9	2		10, 11, 16	28, 34
10	2	4, 5, 8, 9	19	25, 27
11	2	-	14	24
12	2	3, 4, 9	17	27, 34
13	2	4, 5, 6, 8, 9	-	24, 27, 31, 34
14	3	7, 8	15	-
15	2	2, 9	18, 19	22, 23, 26, 27
16	3	-	15, 16	24, 27, 33
17	2	3	17	23, 35
18	0	-	-	35
19	2	2	13, 15	21, 36
20	3	2, 7	17	22, 36
21	1	-	-	36
22	3	-	10, 15, 17	20, 21, 36
23	0	-	-	36
24	2	3	-	29, 30

Fonte: elaborado pela autora

O Quadro 7 mostra que os níveis 2 e 3 de consciência foram os mais recorrentes entre os informantes, uma vez que nove, dos 24 informantes, se enquadraram no nível 2, e oito, no nível 3. Supúnhamos que os informantes teriam níveis baixos de consciência uma vez que a dupla negação é uma variante de um fenômeno morfossintático da língua, que se caracteriza por ser um nível mais profundo de análise da língua e, conseqüentemente, menos perceptível.

Os informantes com nível 2 de consciência – aqueles que não se reconhecem usuários da variante em destaque, mas percebem seu uso em sua comunidade e conseguem, por vezes, fazer julgamentos a respeito de seu(s) uso/usuários – também foram os que mais demonstraram crenças estruturais a respeito da dupla negação. Vale destacar ainda que as informantes 13 e 15, da mesma célula e também com nível 2 de consciência, foram as que mais apresentaram crenças sociais negativas a respeito da dupla negação, apesar de serem usuárias da estrutura. Esse fato nos remete ao que postula Labov (1966), as mulheres geralmente se auto-avaliam como usuárias

mais frequentes da variante canônica, apesar de não o serem, enquanto os homens tendem a fazer uma auto-avaliação mais condizente com sua realidade linguística.

Já os informantes com nível zero de consciência demonstraram apenas crenças sociais, em sua maioria relacionadas com aspectos regionais, além de afirmarem não serem usuários da estrutura.

5.3.3 Teste de Falsos Pares: alguns comentários

Além dos testes já feitos por nós, decidimos fazer uma aplicação “piloto” de um teste de falsos pares a fim de verificar se obteríamos resultados similares aos encontrados com o auxílio do Teste de Percepção. Como o objetivo do teste era fazer apenas uma verificação, entrevistamos apenas três pessoas com o auxílio do instrumento.

Vale ressaltar que os três informantes entrevistados são universitários, que se inserem na primeira faixa-etária definida para este trabalho.

Diante dos resultados encontrados, vale destacar a pergunta 1 – *A pessoa que respondeu à pergunta é inteligente?* – que, diante da reprodução do Áudio 3 – contém realização da dupla negação sem complemento – foi a única respondida por dois informantes negativamente, o que indica que eles creem que o uso da estrutura estaria relacionado com o nível de instrução do falante, o que faz referência à crença 25.

Os informantes, diante desse mesmo áudio, também indicaram que o falante seria alguém do interior e que não fala corretamente – perguntas 2 e 8 –, além de dois deles crerem que o falante provavelmente sofre preconceito social.

Vale ressaltar que uma das informantes apontou os dois áudios em que a dupla negação é reproduzida – áudios 1 e 3 – como uma forma grosseira de falar, o que nos remete à crença 13, comentada anteriormente.

Diante disso, verificamos que os resultados encontrados com auxílio deste teste convergem com os resultados obtidos por meio da avaliação feita pelos falantes mediante a aplicação do Teste de Percepção. No entanto, observamos que apenas, o Teste de Falsos Pares não seria suficiente para avaliarmos a dupla negação de forma mais completa, observando por exemplo, as crenças contextuais/discursivas não contempladas por ele.

Síntese do capítulo

Neste capítulo apresentamos a discussão dos dados coletados com auxílio do Roteiro de Discurso Semidirigido, do Teste de Produção e do Teste de Percepção. Assim, além de mostrar a expressão da dupla negação em uso real, enfocamos principalmente as crenças e

atitudes dos falantes acerca da estrutura, além de relacioná-las com o nível de consciência linguística dos falantes, a fim de ampliar o conhecimento acerca da dupla negação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou identificar as crenças e atitudes a respeito da dupla negação, bem como observar o uso real da estrutura nas duas localidades investigadas – São Luís e Jamary dos Pretos. Com base nas observações, foi possível elencar pontos que se destacam na análise dos dados. São eles:

- Assim como observado nos demais estudos acerca da negação no PB, as estruturas negativas apresentaram percentuais similares nas duas localidades, não havendo grandes diferenças entre a expressão da dupla negação na realidade urbana e na quilombola, apesar de muitas pesquisas assinalarem que as estruturas negativas não-canônicas tendem a ser mais recorrentes em comunidades negras. Com base nos dados coletados por meio da aplicação do Teste de Produção, verificamos também que os falantes de São Luís apresentam maior variedade de estruturas negativas diante de um pedido de negação. Supomos que isso pode estar relacionado com o caráter mais globalizado da realidade urbana, que permite ao falante ter contato com diversas variedades linguísticas, o que expandiria seu leque de possibilidades para fazer escolhas linguísticas.
- Quanto ao fator escolaridade, notamos que nossos dados divergem do que geralmente é visto nas pesquisas. Esperávamos que a dupla negação fosse mais recorrente entre pessoas com menor grau de escolaridade; no entanto, foi maior a frequência entre os falantes de nível superior, e isso pode estar relacionado com o maior contato que esses falantes podem ter com o meio externo e, conseqüentemente, com outras variedades/possibilidades da língua. Relacionando esse resultado com os dados coletados com o auxílio do Teste de Percepção, registramos que, apesar de os informantes com nível universitário serem mais usuários da variante, muitos deles relacionaram o uso da estrutura com um falar rural, caipira, interiorano, de pessoas sem instrução, além de considerarem a estrutura um erro gramatical.
- A ideia defendida por Schwenter (2005) a respeito da necessidade de ativação da proposição, foi observada durante o Teste de Percepção. O fato de a dupla negação não ser permitida em discursos nos quais não houve ativação prévia da proposição foi “confirmado” por alguns informantes que afirmaram ser essa estrutura inadequada nas SE em que a negação trazia informação nova. Claramente, os informantes não apresentaram tal justificativa teórica para a inadequação da estrutura no contexto, mas demonstraram estranhamento e afirmaram ser impossível usá-la em dada situação.

- Constatamos que os informantes maranhenses, sujeitos desta pesquisa, em sua maioria, parecem ter atitudes negativas em relação à variante, ao avaliarem-na como erro gramatical, repetição desnecessária, além de outras crenças explanadas no Capítulo 4 – Descrição e Análise dos dados, apesar de estudos apontarem que a estratificação social não está relacionada com o uso da dupla negação.
- Das 82 crenças registradas, 36 referem-se à dupla negação, sendo 10 estruturais, nove contextuais/discursivas e 17 sociais. Supomos que as crenças encontradas foram em sua maioria sociais devido à associação bastante frequente que as pessoas fazem do modo de falar do indivíduo com seu status social, cultura, caráter, personalidade, origem regional. Isso, evidentemente, leva a impressão, avaliações, às vezes, superficiais, equivocadas.
- Apesar de parte dos informantes serem usuários inconscientes da estrutura, verificamos que a dupla negação parece ter seu uso estigmatizado na comunidade maranhense, considerando falantes tanto de São Luís como de Jarmar dos Pretos. Classificamos, portanto, a estrutura como um marcador linguístico, uma vez que os falantes têm consciência de sua variação social e estilística, além de serem capazes de fazer julgamentos a respeito da variante/fenômeno, mesmo que de forma não-sistemizada.

Observamos que os falantes maranhenses realizam com certa frequência a dupla negação e não a têm como uma variante de prestígio em sua variedade. Os comentários feitos pelos informantes a respeito da estrutura remetem-nos a um dos princípios postos por Labov (2003): os falantes que mais utilizam as formas estigmatizadas, em contextos informais, são os que mais estigmatizam essas formas linguísticas na fala dos outros. Estudos como este revelam que a análise de particularidades da língua não se resume apenas à observação de fenômenos linguísticos relacionados com características sociais e linguísticas, mas nos permitem enxergar, por meio dos *olhos do próprio falante*, esses fenômenos, observando ainda quais juízos foram formados em seu imaginário a respeito destes.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques; RODRIGUES, Angela Cecília Souza. (orgs.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v.2, p.105-112, 2008.
- ALKMIM, Mônica Guieiro Ramalho de. *As negativas sentenciais no dialeto mineiro: uma abordagem variacionista*. (2001) 261f. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa: curso único e completo*. 25ª ed. São Paulo: Saraiva, 1975.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. *Atitudes Lingüísticas de nordestinos em São Paulo*. 1979. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: HUCITEC, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. [1920]
- AMARAL, Marisa Porto do. Crenças e Atitudes lingüísticas. In: BRISOLARA, Luciene Bassols; TAGLIANE, Dulce Cassol (Orgs.) *Estudos da linguagem: diferentes olhares*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAGNO, Marcos. *Dicionário Crítico de Sociolinguística*. 1ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BATTISTELLA, Tarsila Rubin. *A relação entre a percepção, a produção e a consciência fonológica na aprendizagem do inglês como língua estrangeira*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte, v. 7, n.2, p. 109-138, 2007.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BEM, Daryl Jay. *Convicções, atitudes e assuntos humanos: tradução de Carolina Marusseli Bori*. São Paulo: EPU, 1973.
- BRITO, Ana Maria; LOHSE, Birger; OLIVEIRA NETO, Godofredo; AZEREDO, José Carlos de. *Gramática comparativa Houaiss: quatro línguas: português, espanhol, italiano, francês*. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BONVINI, Emilio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: PETTER, Margarida; FIORIN, José Luiz. (Org.). *África no Brasil: a formação da língua*. São Paulo: Contexto, 2008.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Crenças e atitudes lingüísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu. *Revista Línguas & Letras*, v. 12, p. 22, 2011.

_____. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a Sociolinguística. *SIGNUM: Estudos da Linguagem*. Londrina, n. 18/1, p. 102-131, jun. 2015.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 5 ed. Rio de Janeiro: J. OZON +, 1973.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARGILE, Aaron Castelan; GILES, Howard; RYAN, Ellen Bouchard; BRADAC, James J. Language attitudes as a social process: a conceptual model and new directions. *Language & Communication*, v. 14; n. 3, p. 211-236, 1994. Grã Bretanha: Elsevier Science Ltd.

CARENO, Mary Francisca do. *Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras*. São Paulo: Arte & Ciência, 1997.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

_____. (coord. geral) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

_____. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, Rerisson. *A negação pós-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes*. Dissertação (Mestrado em linguística). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

_____. A negação sentencial. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.) *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COUTO, Hildo Honório do. *O que é português brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CORBARI, Clarice Cristina. *Atitudes Linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 1969.

CUESTA, Pilar Vázquez; DA LUZ, Maria Albertina Mendes. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Martins Fontes Editora, [1971] 1980.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007, 4ª ed.

FURTADO DA CUNHA, Angélica; COSTA, Marcos Antonio; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.) *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *D.E.L.T.A.*, 17:1, p. 1-30, 2001.

_____. Grammaticalization of the strategies of negation in Brazilian Portuguese. *Journal of Pragmatics*. Amsterdam, v. 39, p. 1638-1653, 2007.

GÍVON, Talmy. *A compreensão da Gramática*. São Paulo: Cortez, 2012.

GOLDNADEL, Marcos; LIMA, Luana Santos de; BREUNIG, Gustavo; ESQUIVEL, Natália Alícia; LUZ, Joana Paim da. Estratégias alternativas de negação sentencial na Região Sul do Brasil: análise da influência de fatores pragmáticos a partir de dados do projeto VARSUL. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 21, n2, jul/dez 2013, p. 35-74.

GÓMEZ MOLINA, José R. Actitudes Lingüísticas en una comunidad bilingüe y multilectal: área metropolitana de Valencia. *Anejo XXVIII de Cuadernos de Filología*. Valencia: Universitat de València, 1998.

GRANDA, Germán de. Los Esclavos del Chocó: su procedência africana (siglo XVIII) u su posible incidência lingüística em el español del área. *Thesaurus: Boletín del Instituto Caro y Cuervo*. Bogotá, (tomo XLIII): Enero-Abril, 1988.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dialetológico*. *Revista Gatilho*, Universidade Federal de Juiz de Fora, ano VII, v. 13, set. 2011.

HORA, Dermeval da; HENRIQUE, Pedro Felipe Lima. Como as restrições sociais e estruturais compõem a identidade do falante. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 50, p. 96-104, dez. 2015.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUBER, Joseph. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986 (2006).

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. *Malhas Digitais*, 2015.

Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. *Catálogo de Imagens*, 2010.

JESPERSEN, Otto. *Negation in English and other languages*. Londres: Forgotten Books, [1917] 2012.

JUCÁ, Cândido. *O fator psicológico na evolução sintática*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953, 2 ed.

LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Cambridge: Cambridge University Press, [1966] 2006.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

_____. Estágios na aquisição do inglês *standard*. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema, F. *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

_____. Where does the sociolinguistics variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Texas Working Papers in Sociolinguistics* Austin: Southwest Educational Development Laboratories 44: p. 1-17, 1978.

LAMBERT, Wallace W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia Social*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

LAVANDERA, Beatriz R. "Where does the Sociolinguistics variable stop?". *Language in society*, 7:171–182, 1978.

LIMA, Luana Santos de. *A negação sentencial: uma abordagem pragmática*. Monografia (Graduação em Língua Portuguesa e Inglesa) Faculdade de Letras, Universidade federal do Rio Grande do Sul. 36f. 2010.

LINDBLOM, Camilla. *Negation in Romance languages: a micro-typological study on negation*. Monografia em General Linguistics. Departamento de Linguística – Universidade de Estocolmo, 2013.

- LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. 3. ed. Madrid: Gredos, 2004.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. RIBEIRO, Ilza. (Orgs.) *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MACHADO FILHO, Aires da. *Coleção Escrever Certo: principais dificuldades*. v.1. São Paulo: Boa Leitura Editora, 2 ed. 1966.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.
- MELLO, Heliana Ribeiro de; BAXTER, Alan Norman HOLM, John; MEGENNEY, William. O Português Vernáculo do Brasil. In: PERL, Matthias; SCHWEGLER (Orgs.). *América Negra: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 1998.
- MIRA MATEUS, Maria Helena; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FROTA, Isabel Hub Faria; MATOS, Gabriela; OLIVEIRA, Fátima; VIGÁRIO, Marina; VILLALVA, Alina. *Gramática da Língua Portuguesa*, 6ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- MILROY, Lesley; GORDON, Mathew. *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford: Blackwell, 2008.
- MIRANDA, Antonio Luiz. *Crenças, atitudes e usos variáveis da concordância verbal com o pronome TU*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 4ª ed., 2009.
- NASCIMENTO, Cristiana Aparecida Reimann do. *A negação no português falado em Vitória/ES*. Vitória, 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NOLL, Volker. *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo, 2008.
- NUNES, Luana Lamberti. *Motivações pragmáticas para o uso de dupla negação: um estudo do fenômeno em português europeu*. Monografia (Graduação em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.
- OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- PAIVA, Maria da Conceição de. SCHERRE, Maria Marta Pereira. Retrospectivasociolingüística: contribuições do PEUL. *Delta*, v. 15 n. especial, p. 201-232, 1999.
- PASTORELLI, Daniela Silva. Crenças e Atitudes Linguísticas em Região de Fronteira-Capanema. In: ALTINO, Fabiane Cristina. (org.) *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012.
- PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo P.; NASCIMENTO, Maria Fernanda B. do; MOTA, Maria Antónia C. da; SEGURA, Luísa; MENDES, Amália (orgs.) *Gramática do Português*. v. 1. Coimbra: Fundação Caloute Gulbenkian, 2003.

ROCHA, Rafael Stoppa. *A negação dupla no português paulistano*. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

RONCARATI, Cláudia *A negação no português falado*. In: MACEDO, Alzira Tavares de; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília. *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 97-111, 1996.

SABADIN, Marlene Neri. *Crenças e Atitudes linguísticas: aspectos e realidades na tríplice fronteira*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

RONCARATI, Cláudia. Ciclos aquisitivos da negação. In: RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria. C. *Variação e Aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 65-102, 1997.

WHITEHEAD, Alfred North; RUSSELL, Bertrand. *Principia Mathematica*, 2ed, Londres: Cambridge University Press [1927] 1962.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Edição Melhoramentos, 1965.

SANTOS, Georgiana Márcia Oliveira. *Um Saber Semioticamente Construído: a visão de mundo no léxico do quilombo Jamarý dos Pretos – Turiaçu/Ma. Ceará*, 2013. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará.

SANTOS, Giane Rodrigues dos. *Percepção e produção das vogais médias do espanhol por falantes do português brasileiro*. 2014. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Católica de Pelotas.

SCHWEGLER, Armin. Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese: a change in progress. *Orbis*, Leuven, v. 34, p. 187-214, 1991.

SCHWENTER, S. A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese, *Lingua*, Amsterdam, v. 115, 2005, p. 1427-56.

_____. Fine-Tuning Jespersen Cycle. In: BIRNER, Betty J.; WARD, Gregory Ward (Orgs.). *Drawing the boundaries of meaning. Neo-Gricean studies in honour of Laurence R. Horn*. Amsterdã e Filadélfia: Benjamins. 327-344, 2006.

SERRA, A. *Guia Histórico e Sentimental de São Luís do Maranhão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SILVA, Ana Cristina Conceição da. *A produção e a percepção do acento em pares mínimos de língua inglesa por aprendizes brasileiros*. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal do Ceará. 2005.

SILVA, Flávio Brandão; BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Crenças e Atitudes Linguísticas: o que pensam os alunos de Letras sobre o ensino de Língua Portuguesa. In: *Letras & Letras*. Uberlândia, v. 31/2, jul./dez. 2015.

SILVA-PORELI, Greize Alves. Crenças/Atitudes e Sociolinguística: um estudo das relações do português com línguas em contato em Pranchita/PR. In: ALTINO, Fabiane Cristina. *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012.

- SILVEIRA BUENO, Francisco da. Gramática normativa da Língua Portuguesa: Curso Superior. São Paulo: Edições Fortaleza Crédito Brasileiro S/A, 1973, 8ª ed.
- SOARES, Viviane dos Ramos. *A negação no contato entre dialetos*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SOUSA, Layane K. P. *A dupla negação no português no Maranhão: o que mostram os dados do Projeto ALiMA*. Relatório (Projeto de Iniciação Científica) – Universidade Federal do Maranhão, 2016.
- SOUZA, Arivaldo Sacramento; LUCCHESI, Dante. As estruturas de negação em uma comunidade afro-brasileira: Helvécia – BA, 2004. [online] Disponível em: <http://www.vercentes.ufba.br/souza.doc>. Acesso em: 07 jan 2017.
- TARALLO, Fernando. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. 1983. 273p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade da Pensilvânia.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.
- TRUDGILL, Peter; CAMPOY, J. M. Hernández. *Diccionario de Sociolingüística*. Madri: Gredos, 2007.
- WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press: 95-188. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.
- WHITEHEAD, Alfred North; RUSSEL, Bertrand. *Principia mathematica*. Cambridge: Cambridge University Press, 1962.
- YERO, Judith Lloyd. *Teaching in mind: how teacher thinking shapes education*. 2 ed. Hamilton, MT: Mind Flight Publishing, 2010.
- UPPENDAHL, K., *A negação em português*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1979.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Ficha de Acompanhamento

Data do inquérito: _____

Localidade: _____ **Código:** _____

Informante: _____ **Código:** _____

Inquiridores:

INQ: _____

AUX 1: _____

AUX 2: _____

Início do inquérito: ____ h ____ min **Término do inquérito:** ____ h ____ min

REALIZAÇÃO DA NEGAÇÃO

Roteiro Etnolinguístico:

Neg1: **Neg2:** **Neg3:**

Teste De Produção

Neg1: **Neg2:** **Neg3:**

Teste de Percepção

Neg1: **Neg2:** **Neg3:**

TOTAL DE REALIZAÇÕES

Neg1: **Neg2:** **Neg3:**

OBSERVAÇÕES

APÊNDICE 2

Roteiro e Testes de Produção e Percepção

ROTEIRO ETNOLINGUÍSTICO

1. Você nasceu em Belém (qualquer outra cidade)? Quais as diferenças entre o local onde você nasceu e sua cidade natal?
2. Você tem percebido um aumento ou uma diminuição de pessoas da comunidade/cidade? Deve-se a quê, na sua opinião?
3. Gostaria de morar em outro lugar, por quê?
4. Como se dava a educação dos mais velhos e como é tratada hoje em dia esta questão entre os jovens?
5. As oportunidades de estudo, trabalho e tratamento de saúde mudaram, melhoraram?
6. Como aconteciam/acontecem os casamentos na comunidade? Se de fora da comunidade, em geral, qual a origem do noivo(a)? Eram permitidas uniões entre parentes primos, etc.
7. Fale-me um pouco da cultura local (músicas, danças, festejos religiosos). O que mudou com o tempo? Quando e como são realizada/os? Você participa dela/es? Alguém da sua família participa?
8. Quais os tabus (proibições) e crenças religiosas da comunidade (na Semana Santa, quando morre alguém, no Natal, nas apresentações do Tambor de Mina)?
9. Quais brincadeiras você costumava brincar quando criança (amarelinha, futebol, peão, etc.)?
10. Você é membro, integrante de alguma das associações de Jamarý? Que cargo ocupa? Que função realiza? Costuma participar das reuniões e eventos promovidos por essas associações?
11. Você tem o hábito de se automedicar?
12. As pessoas usam medicamentos industrializados na sua família?
13. Seus familiares/ As pessoas procuram mais benzedeiras ou postos de saúde, hospitais?
14. Fale-me sobre sua infância. De quais brincadeiras você gostava e quais você não costumava brincar.
15. Fale-me sobre sua adolescência. Quais atividades costumava fazer? Praticava algum esporte?

16. Fale-me sobre algo muito ruim que tenha acontecido com você ou com alguém próximo. Qual seria sua atitude se pudesse fazer algo diferente?
17. Fale-me sobre um sonho que você ainda não conseguiu realizar.

TESTE DE PRODUÇÃO -REALIZANDO A NEGAÇÃO

Tudo que eu lhe perguntar, você irá **negar**. Mas não precisa negar diretamente. Complemente sua resposta de acordo, contextualizando-a, justificando-a.

1. Você se considera sortudo? Já ganhou na loteria? Ou algum outro prêmio?
2. E mentiras? Você já mentiu alguma vez? Em alguma situação séria?
3. Você gosta de ver matérias sobre o espaço? Já viu algum foguete pessoalmente?
4. Você acha que existe vida na Lua?
5. Gosta da cultura japonesa? Já viajou para o Japão?
6. Você já viajou para um lugar muito frio? Já esteve no sul do país?
7. Você se mudaria muito frio, como o Rio Grande do S? E para um lugar como a Índia?
8. Eu adoro sushi/pequi. E você?
9. E festas? Eu gosto bastante. Você gosta de dançar? E de beber?
10. Eu gostava de brincar de bonecas quando criança. Você também gostava?

TESTE DE PERCEPÇÃO

APLICAÇÃO DAS SITUAÇÕES-ESTÍMULO

Para o teste de percepção, o inquiridor deve mostrar as opções e perguntar ao informante:

- se ele as reconhece ou se as opções não fazem parte de sua realidade;
- se alguma lhe soa/parece estranha;
- se vê diferença entre elas;
- qual delas é mais comum na sua localidade;
- qual forma ele usaria nos devidos contextos e quais não poderiam ser utilizadas.

1. Em uma festa de aniversário, os pais do aniversariante/donos da casa perguntam: Quer um pedaço de bolo?
 - a) **Não quero não.** Já comi.
 - b) **Não quero.** Já comi.
 - c) **Quero não.** Já comi.

2. Dois amigos estão conversando. Um deles pergunta: Mas tu vais ou não pro cinema?
 - a) **Não vou.** Tenho muita matéria pra estudar.
 - b) **Não vou não.** Tenho muita matéria pra estudar.
 - c) **Vou não.** Tenho muita matéria pra estudar.

3. Uma garota e sua mãe passeiam no Centro da cidade. A garota lembra:
 - a) Ixi! **Desliguei o fogão não!**
 - b) Ixi! **Não desliguei o fogão não!**
 - c) Ixi! **Não desliguei fogão!**

4. Uma garota e sua mãe passeiam no Centro da cidade. A mãe pergunta: Você fez tudo o que eu pedi antes de sair de casa?
 - a) Ixi! **Desliguei o fogão não!**
 - b) Ixi! **Não desliguei o fogão não!**
 - c) Ixi! **Não desliguei fogão!**

5. Uma garota e sua mãe passeiam no Centro da cidade. A mãe pergunta: Você desligou o fogão?
 - a) Ixi! **Desliguei o fogão não!**
 - b) Ixi! **Não desliguei o fogão não!**
 - c) Ixi! **Não desliguei o fogão!**

6. Um grupo de amigos conversa sobre uma prova que acabaram de fazer. Um deles percebe que não foi tão bem quanto os outros e fica incomodado com a situação. Um amigo comenta: Acho que acertei todas... e você?
 - a) **Quero falar sobre isso não.**
 - b) **Não quero falar sobre isso.**

- c) **Não quero falar sobre isso não.**
7. Dois amigos conversam sobre um segredo que foi descoberto. Um deles pergunta: Foi você quem contou?
- a) **Não fui eu não.**
 - b) **Fui eu não.**
 - c) **Não fui eu.**
8. Dois namorados conversam. O namorado chama a namorada para ir ao cinema. Ela responde:
- a) **Não vou.** Estou cansada.
 - b) **Não vou não.** Estou cansada.
 - c) **Vou não.** Estou cansada.
9. Para tentar apaziguar o clima após uma briga, o namorado convida a namorada: Vamos ao cinema?
- a) **Não vou.** Estou cansada(o).
 - b) **Não vou não.** Estou cansada(o).
 - c) **Vou não.** Estou cansada.
10. Um grupo de alunos participa de uma reunião com a reitora da universidade/deputado/secretário de educação para pedir um auxílio-viagem. Ele(a) pergunta: Mais alguém viajará com vocês?
- a) **Não sei não.**
 - b) **Não sei.**
 - c) **Sei não.**
11. Em uma reunião familiar, irmãos conversam sobre os brinquedos com que costumavam brincar quando crianças. A irmã pergunta: E o barquinho de madeira?
- a) Uhn... **Não lembro.**
 - b) Uhn... **Não lembro não.**
 - c) Uhn... **Lembro não.**

12. Dois amigos conversam:

- a) **Porque você não gosta da Maria não?**
- b) **Porque você não gosta da Maria?**
- c) **Porque você gosta da Maria não?**
 - Porque ela não parece ser muito verdadeira.

13. Dois alunos conversam sobre uma atividade que a professora passou na semana anterior. Um deles diz: “Será que a professora vai cobrar aquela atividade? Faz bastante tempo que ela passou...”. O outro pergunta:

- a) **E tu não fizeste não?**
- b) **E tu fizeste não?**
- c) **E tu não fizeste?**

14. Uma garotinha está doente e se recusa a tomar o remédio: “Tem o gosto ruim!”. A mãe, com o remédio em mãos, pergunta:

- a) **E tu não queres ficar boa não?**
- b) **E tu não queres ficar boa?**
- c) **E tu queres ficar boa não?**

APÊNDICE 3
TESTE DE PARES FALSOS

ÁUDIO 1

A pessoa que respondeu à pergunta:

1. ... é INTELIGENTE?
☐ SIM ☐ NÃO
 2. ... é DO INTERIOR?
☐ SIM ☐ NÃO
 3. ... é GROSSEIRA?
☐ SIM ☐ NÃO
 4. ... está CHATEADA?
☐ SIM ☐ NÃO
 5. ... é DELICADA?
☐ SIM ☐ NÃO
 6. ... tem BOA CONDIÇÃO FINANCEIRA?
☐ SIM ☐ NÃO
 7. ... tem ESTUDO?
☐ SIM ☐ NÃO
 8. ... FALA CORRETAMENTE?
☐ SIM ☐ NÃO
 9. ... EXERCE QUAL PROFISSÃO?
-

10. ... é FEIA?
☐ SIM ☐ NÃO
11. ... SENTE VERGONHA DE FALAR ASSIM?
☐ SIM ☐ NÃO
12. ... GOSTA DE CONVERSAR?
☐ SIM ☐ NÃO
13. ... SOFRE PRECONCEITO SOCIAL?
☐ SIM ☐ NÃO

ÁUDIO 2

A pessoa que respondeu à pergunta:

1. ... é INTELIGENTE?
☐ SIM ☐ NÃO
 2. ... é DO INTERIOR?
☐ SIM ☐ NÃO
 3. ... é GROSSEIRA?
☐ SIM ☐ NÃO
 4. ... está CHATEADA?
☐ SIM ☐ NÃO
 5. ... é DELICADA?
☐ SIM ☐ NÃO
 6. ... tem BOA CONDIÇÃO FINANCEIRA?
☐ SIM ☐ NÃO
 7. ... tem ESTUDO?
☐ SIM ☐ NÃO
 8. ... FALA CORRETAMENTE?
☐ SIM ☐ NÃO
 9. ... EXERCE QUAL PROFISSÃO?
-

10. ... é FEIA?
☐ SIM ☐ NÃO
11. ... SENTE VERGONHA DE FALAR ASSIM?
☐ SIM ☐ NÃO
12. ... GOSTA DE CONVERSAR?
☐ SIM ☐ NÃO
13. ... SOFRE PRECONCEITO SOCIAL?
☐ SIM ☐ NÃO

ÁUDIO 3

A pessoa que respondeu à pergunta:

1. ... é INTELIGENTE?
☐ SIM ☐ NÃO
 2. ... é DO INTERIOR?
☐ SIM ☐ NÃO
 3. ... é GROSSEIRA?
☐ SIM ☐ NÃO
 4. ... está CHATEADA?
☐ SIM ☐ NÃO
 5. ... é DELICADA?
☐ SIM ☐ NÃO
 6. ... tem BOA CONDIÇÃO FINANCEIRA?
☐ SIM ☐ NÃO
 7. ... tem ESTUDO?
☐ SIM ☐ NÃO
 8. ... FALA CORRETAMENTE?
☐ SIM ☐ NÃO
 9. ... EXERCE QUAL PROFISSÃO?
-

10. ... é FEIA?
☐ SIM ☐ NÃO
11. ... SENTE VERGONHA DE FALAR ASSIM?
☐ SIM ☐ NÃO
12. ... GOSTA DE CONVERSAR?
☐ SIM ☐ NÃO
13. ... SOFRE PRECONCEITO SOCIAL?
☐ SIM ☐ NÃO

ÁUDIO 4

A pessoa que respondeu à pergunta:

1. ... é INTELIGENTE?
☐ SIM ☐ NÃO
 2. ... é DO INTERIOR?
☐ SIM ☐ NÃO
 3. ... é GROSSEIRA?
☐ SIM ☐ NÃO
 4. ... está CHATEADA?
☐ SIM ☐ NÃO
 5. ... é DELICADA?
☐ SIM ☐ NÃO
 6. ... tem BOA CONDIÇÃO FINANCEIRA?
☐ SIM ☐ NÃO
 7. ... tem ESTUDO?
☐ SIM ☐ NÃO
 8. ... FALA CORRETAMENTE?
☐ SIM ☐ NÃO
 9. ... EXERCE QUAL PROFISSÃO?
-

10. ... é FEIA?
☐ SIM ☐ NÃO
11. ... SENTE VERGONHA DE FALAR ASSIM?
☐ SIM ☐ NÃO
12. ... GOSTA DE CONVERSAR?
☐ SIM ☐ NÃO
13. ... SOFRE PRECONCEITO SOCIAL?
☐ SIM ☐ NÃO

APÊNDICE 4

Orientações para Transcrição

1. Cabeçalho

DATA DE INÍCIO E TÉRMINO DA TRANSCRIÇÃO:

LOCALIDADE:

CÓDIGO:

NOME:

CÓDIGO:

SEXO: IDADE:

LOCAL DE NASCIMENTO:

TEMPO DE PERMANÊNCIA NA LOCALIDADE:

2. A entrevista deve ser transcrita de forma grafematicamente, na íntegra, com exceção dos áudios de apoio tocados pelo Documentador no momento da entrevista. Neste caso, deve-se escrever “(ÁUDIO)” no momento em que estes forem reproduzidos.
3. Os participantes da entrevista devem ser indicados da seguinte maneira:
DOC.: (documentador)
INF.: (informante)
AUX.:(auxiliar)
4. O campo DATA DE INÍCIO E TÉRMINO DA TRANSCRIÇÃO do cabeçalho é o único campo a ser preenchido pelo transcritor.
5. Qualquer pausa acentuada deve ser marcada por reticências ..., assim como casos de hesitação.
6. A hipótese do que se ouviu deve ser registrada entre parênteses ()
7. A incompreensão de palavras ou segmentos deve ser sinalizada com a abreviação (inint.), entre parênteses.
8. Observações e comentários do transcritor devem vir entre parênteses duplos (()). Esses comentários serão relevantes para a análise dos dados, portanto, sinta-se livre para comentar possíveis reações ou impressões do falante percebidas durante a escuta do áudio.
Exemplo: ((Prontamente, antes mesmo de ouvir o áudio completo, o informante sinalizou que a opção A seria a adequada para o contexto))
9. Deve-se usar aspas para marcar os casos de discurso direto e as frases que foram reproduzidas nos áudios quando estas forem repetidas pelo informante ou documentador.
10. Deve-se registrar a aspiração de sons consonantais, como (mesmo – mehmo; tava – taha).

11. A marcação de risos na entrevista deve ser feita da seguinte forma: (risos)
12. Para preservar a identidade das pessoas citadas na entrevista e dos próprios falantes, deve-se marcar os nomes próprios apenas com a letra inicial, seguida de um ponto, com exceção de pessoas públicas. Exemplo: João → J.
13. Se surgir alguma dúvida durante a transcrição, faça uma observação entre parênteses duplos e indique os minutos do áudio que motivaram o questionamento. Exemplo: ((O falante falou NÃO ou NUM? – 33:56))
14. Com exceção dos casos assinalados, o texto deve ser pontuado conforme norma oficial.
15. As ocorrências de estruturas negativas e trechos importantes para análise devem ser marcados com **negrito**.

ANEXOS

ANEXO 1

Ficha da Localidade

1. NOME OFICIAL:
2. NOME ANTERIORES:
3. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES: a) pelos próprios: b) pelo IBGE
4. LOCALIZAÇÃO: 4.1 Distâncias a) do município para a rodoviária da capital (São Luís): b) da principal cidade:
6. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES: a) setor primário (agricultura, pecuária, extrativismo, aquicultura): • Agricultura: • Pecuária: • Extrativismo: • Aquicultura: b) setor secundário (indústrias): c) setor terciário (comércio, transporte): d) produtos exportados:
7. COMUNICAÇÕES (rodoviárias, ferroviárias, fluviais, marítimas, aéreas, etc.):
8. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):
10. NÚMERO DE HABITANTES:
12. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):

ANEXO 2

Ficha do Informante

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

1. NOME:		
2. DATA DE NASCIMENTO:	3. SEXO: A. () M B. () F	4. IDADE:
6. ENDEREÇO: CEP: E-MAIL:		
7. ESTADOCIVIL: A. () solteiro B. () casado C. () viúvo D. () outro		
8. NATURALIDADE:	9. TEMPO DE PERMANÊNCIA EM SÃO LUÍS:	
10. ESCOLARIDADE:	11. OUTROS CURSOS: A. () especialização B. () profissionalizante C. () outros	
12. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:	13. PROFISSÃO : 14. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: B. do cônjuge:	

CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

19. ASSISTE TV? A. () todos os dias B. () às vezes C. () nunca	20. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. () novelas D. () noticiários G. () outro B. () esportes E. () programareligioso C. () programa de auditório F. () filmes	21. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. () redegratuita B. () parabólica C. () tv por assinatura
22. OUVI RÁDIO? A. () todos os dias D. () parte do dia G. () enquanto trabalha B. () às vezes E. () o dia inteiro C. () nunca F. () enquanto viaja	23. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. () noticiário geral D. () noticiário policial G. () outro B. () esportes E. () música C. () programareligioso F. () progr. c/ participação do ouvinte	
24. LÊ JORNAL? A. () todos os dias B. () às vezes C. () nunca D. () semanalmente E. () raramente		
25. NOME DO(S) JORNAL(IS): A. () local B. () estadual C. () nacional	26. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. () editorial D. () programa cultural G. () classificados B. () esportes E. () política H. () outra C. () variedades F. () página policial	
27. LÊ REVISTA? A. () às vezes B. () semanalmente C. () mensalmente D. () raramente E. () nunca		
28. NOME/TIPO DE REVISTA: _____		

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
29. CINEMA	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
30. TEATRO	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
31. SHOWS	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
32. MAN. FOLCLÓRICAS	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
33. FUTEBOL	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
34. OUTROS ESPORTES	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()

35. OUTROS	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
36. QUERELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?				

PARA PREENCHER DEPOIS DA ENTREVISTA

37. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. () tímido B. () vivo C. () perspicaz D. () sarcástico		
38. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. () total B. () grande C. () média D. () fraca		
39. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. () cooperativa B. () não cooperativa C. () agressiva D. () indiferente		
40. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. () "A" B. () "B" C. () "C" D. () "D"		
41. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A. () grande B. () médio C. () pequeno D. () nenhum		
42. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. () sim B. () não		
43. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):		
44. AMBIENTE DO INQUÉRITO:		
45. OBSERVAÇÕES:		
46. NOME DOS INQUIRIDORES: INQ: AUX: AUX2:	47. LOCAL DA ENTREVISTA: CIDADE: UF:	48. DATA DA ENTREVISTA: 49. DURAÇÃO: